

# FÁBULAS

ESCOLHIDAS ENTRE  
AS DE **J. LA FONTAINE**,  
TRADUZIDAS EM VERSO PORTUGUÊS,  
SOBRE A EDIÇÃO FEITA EM LONDRES,  
E ACRESCENTADAS  
COM A VIDA E ELOGIO DE LA FONTAINE

TOMO VI

Traduzir em Português as Fábulas de La Fontaine, com o mesmo pico, e dar luz às multiplicadas alusões que nelas vêm, com a mesma singeleza do Original, sempre o tive por impossível, (ao menos para mim) e assim o declarei ao íntimo Amigo, que com honradas instâncias, me forçou quase a traduzi-las.

## AVISO DO EDITOR

TANTO merecimento das Fábulas de La Fontaine, como o do nosso bom compatriota, que as traduzira, moveu o ânimo dum amigo da Pátria, e da boa instrução dos seus Conterrâneos a de novo as imprimir acrescentadas com a Vida e Elogio de La Fontaine, que igualmente Filinto Elísio traduzira.

Deu este algum disvelo a compor com mais asseados atavios quantidade de versos, que lhe pareceram mui desalinados.

O Editor traçou imprimir em modo estas Fábulas, que lhe granjeasse a mais cómodo preço, mais copiosos Amadores da Moral, e da castigada Linguagem em que elas vertidas vão.

Espera que todos estes motivos darão preferência a esta nova edição sobre qualquer outra que não seja limada pelo nosso vate, que na idade de mais de 80 anos se não poupou a trabalho algum, a fim de que esta saísse com a maior perfeição, que lhe ele pode dar, etc.

## VIDA DE JOÃO LA FONTAINE

**N**ASCEU João La Fontaine em Château-Thierry aos 8 de Julho de 1621. Não demonstrou de si nos primeiros anos o que teria de parecer quando mais adulto. Mestres o educaram faltos daquela arte, que Sócrates intitula – *Arte de espartear o Ingenho* – faltos do talento de adivinhar com fino tacto, e instinto difícilimo de adquirir, qual era o toque do ingenho do Discípulo. Vinte e dois anos se lhe volveram numa tal inércia, que a ser ele mais mal sorteado pela Natureza, todo o lume da sua imaginação se lhe apagara; e os mais úteis, mais activos, e mais pujantes resforços da alma, que são o Interesse, e as Paixões, lhe teriam estalado. Há porém homens privilegiados, sobre os quais nem Preconceitos, nem Pedantismo, nem acanhadas intenções dos Pedagogos têm poder de embrutecê-los. Exemplos de alguns desses nos aponta a sociedade humana, e tal é La Fontaine.

Diz Montaigne, que as nossas almas disferem aos vinte anos o que hão-de ser depois, e desde então prometem as posses que hão-de ter. Inda diz mais, que alma que nesses anos não deu sinais evidentes da força que tem, nunca provas dará dela, com o tempo. Observação esta que muita vez é verdade; mas como regra não há que excepções não sofra, La Fontaine uma foi das mais assinaladas; pois que com vinte e dous anos de idade, era ainda na literária República desconhecido, e bem arredado ainda de dar suspeitas de que houvesse de ser depois um dos principais adornos dela.

Sucedeu acaso, que encantado de certa harmonia que lhe era alheia, maravilhados os ouvidos lhe intimaram que Poeta o tivera a Natureza conformado. São acasos que só aos homens de Ingenho têm cabimento, baldados em vulgares ânimos. São como a faísca, que acende a pólvora, e é morta no seixo, ou na água se extingue.

Nos ensaios que primeiros fez numa Arte, em que tinha de sobrepujar os que considerou como modelos, tão fielmente os imitou, em formosura, e até nos defeitos, que pouco falhou esgarrasse pelos vestígios dos que elegera por Mestres.

Deu-se depois a ler os antigos Poetas franceses para familiarizar-se com sua linguagem, e apropriar a seu estilo o fraseado deles. Encantou-se com a singeleza de Marot; sólido merecimento, que encostado a alguns Epigramas de bom sal, que nem os Epigramas mesmos de Rousseau, puderam escurecer, salvou até às Eras de hoje, as suas Obras (através das mudanças acontecidas na língua francesa, junto com as que nos princípios do Gosto, operado têm o progresso das ciências) do esquecimento, que ameaçara condená-las. Folgou, e muita vez La Fontaine arremedá-lo; e suas Fábulas indicam, que lhe ele é devedor; ele que não rejeita confessar-se-lhe por Discípulo.

De quantos avivaram em França o amor das letras, e com suas lidas esse sagrado lume entretiveram, lume (digo) à conservação do qual anda necessariamente presa a glória, e a prosperidade dos Impé-rios, quem ele sempre preferiu, foi Rabelais, ingenhoso escritor, a quem Boileau chamava a Razão trajada de máscara; delícias de La Fontaine, cujo dizem que, *com Rabelais endoudecia*. Facilmente se vê que um homem da índole de La Fontaine muito se devia afeiçoar a uma Obra, em que deparava c'um saber tão variado, erudição tão vasta, e tão original estilo; com máximas, tão políticas, tão morais, e tão cordatas, ainda às vezes severíssimas; com críticas atiladas, e vivas, e joviais dos vícios, dos ridículos, ou defeitos do seu tempo; com infindos Contos, e Anedotas, e graciosidades muito cortesãs, e discretas, que com prazer se recordam, e com agrado se escutam, quando citadas.

A Autores tais juntemos ainda o Bocácio, o Ariosto, a Astreia de M. d'Urfé, seu entretenimento, então completo. Um Parente seu, porém, homem instruído,

prudentemente lhe aconselhou, que não se acanhasse nos Autores da sua Nação; que lesse, que meditasse a fio Lucrécio, Virgílio, Horácio, e Terêncio; que segundo o parecer de Montaigne, ocupam de mui longe a primeira plana em Poesia, e cujos nomes bastam para crédito dos que se distinguem em algum dos géneros, em que eles lustraram. Útil lição! Dela lucrou La Fontaine, em modo, que sabia de cor as mais belas passagens de tais composições.

Quanto Latim se aprende nas classes se resume quasi na material, e mecânica inteligência dum quantia mais ou menos ampla de palavras, no conhecimento de certos boeios, certas desinências de frases peculiares a este ou aquele Autor; mas sentir viva e delicadamente o ritmo, e energia desse idioma, e os efeitos que produz o som e o colocado dos termos, da propriedade deles, de seu matiz, tão delicado às vezes, e que de maneira escapa, que pede tanta atenção, como pede apurado gosto, para alcançar que cada diversidade desse matiz quer exprimir diversa ideia; essa harmonia imitativa tão variada na linguagem Grega; e que do mesmo jeito que os acentos, a prosódia e certa ressonância que resulta da mor parte dos termos dessas línguas, as avantajam tanto às modernas; da Arte, com que os antigos diziam com termos simples conceitos grandiosos; como eram sublimes sem ser inchados, e naturais sem baixeza; verdadeiros sem ser perluxos; como erguiam na alma as mais extremas, as mais contrastadas sensações, e ideias. Oh que essas resultas tão importantes enquanto ao estudo das línguas Grega e Latina, perdidas ficam nos Discípulos; e quem sabe, se nos Mestres! Mui descuidada foi a educação de La Fontaine, nesse particular; o que porém falhou na escolha do ensino, realizou-o a Natureza, prendendo-o com delicado e sensitivo Ingenho: o resto lho completaram os estudos.

Começou-se-lhe a abater então o entusiasmo, que cobrara acerca de Malherbe; então avistou (sirvo-me da sua frase) *que pecava em nímio belo, ou antes em muito enfeitado*.

Deu-se depois a ler Homero, de quem a diferentes visos e a mui vários respeitos, lhe tinham dado Quintiliano e Horácio, tão alta ideia; e em seus Poemas se inteirou que eles eram o manancial, e o modelo da maior quantia das belezas, que na Eneida admirado tinha.

Plutarco enfim, e mais Platão (que não sei em que obra ele o chama *o maior dos divertidos*) contribuíram a lhe moldar o juízo e a lhe pautar as opiniões. Nem essa razão pura e sã, que na mor parte de suas Fábulas resplandece, essa afeição à boa ordem, ou ao que, em geral, chamamos *belo*, que (segundo o dito dum Autor antigo al não é, senão o brilho do que é bom) a bebeu ele em outros, ou (por que melhor o diga) a aperfeiçoou ele, do que leu em tão reforçados livros. Pôs em acção o preceito de Horácio, que recomenda a leitura dos Filósofos, soberanos guias na vereda da Moral; cujas únicas lições ajudadas da experiência (que nada há hi que a supra) nos podem adiantar os passos no conhecimento do homem, e do que lhe diz respeito; podem alçar o espírito a axiomas gerais, não menos úteis: que quando estes faltam, saem meras soalhas, os versos oucos de ideias.

Tais foram os Mestres, que na Arte de pensar, e de escrever sortira La Fontaine; e de propósito insisti nessa época importante da sua vida, pelo muito que ela influiu depois no merecimento, e índole das suas composições.

Dado que as poesias avulsas, pelas quais começou a dar-se a conhecer contenham particularidades agradáveis, e versos felizes; que mais podem elas valer, que a computar a distância em que se acham a respeito das suas Fábulas; porquanto a estas é que ele deve quase toda a sua reputação; ou quando menos a mais brilhante, e a mais bem assentada porção dela. Sim: que, soltando ali todas as velas do Ingenho, vimos, como erguendo-se de súbito dum profundo sono, abre ante os olhos do seu século um fecundo manancial de doutrina, e de prazeres; rasga novas estradas numerosas, em que já se lhe tinham os antigos adiantado; denuncia certo

talento ainda mais raro, qual é o de ser natural e original no assunto mesmo em que os imita, e de subir essa Arte a uma perfeição tal, a que ninguém, téqui, alcançou chegar.

Ainda que La Fontaine se considerasse inferior a Esopo, e a Fedro, daremos nós por bem sincera semelhante confissão? Parece-me que qual o emprego seja, a que exclusivamente o destina a Natureza, clama sempre no homem de talento, uma (digamo-lo assim) uma consciência, um movimento interno, mais espraído ou menos, da força de que é dotado; a qual consciência corresponde nele a toda a actividade do instinto, que ao animal lhe inculca qual seja a sua: e al não sendo, a modéstia, que o aturado reflectivo emprego dos meios mais aptos, com que aos outros se encubra a própria superioridade, o uso do mundo, a precisão, que em nós sentimos da estimação, e da amizade alheia, nos ensinam a não os ofender na sua vaidade, e (por assim dizer) a passar à ilharga de seu amor próprio, sem lho abalroar. Estes meios todavia não nos tolhem, que conheçamos o que em nós temos, e o quanto nós valemos e até mesmo, que desse valor se lembrem os que fossem tentados de se esquecerem. Talvez que La Fontaine seja a excepção dessas regras gerais que fundamentalmente são meras resultas da Natureza bem observada. Como se tinha, desde a infância acostumado a res-peitar os antigos por seus Mestres; capacitado de que a baliza, onde eles em todo o género pararam, era a derradeira, e que além dela nada mais havia, muito bem pode, em consequência dessa habitual prevenção, computar mal a distância, em que via esses reverenciais objectos. Motivo foi este que pôs na boca de Fontenelle o jovial dito, que tão agudamente exprime a extremosa simplicidade de La Fontaine; que *por sandice cedia esse autor a Fedro*. Com efeito, comparem um com outro e ficarão convencidos.

Por certo que Fedro nunca fala com tão verídica, e singela graciosidade, qualidades (mormente a singeleza) peculiarmente essenciais à Fábula; que nem tão rápido como ele é Fedro, nem relata tanto ao vivo. Tem puro e conciso estilo, mas uniforme, mas frio e sem colorido, com uns tais visos de grave, e de severo, que mais quadra com o poema didáctico, que com o apólogo; onde assenta bem o fraseado fácil, e um certo desdém, e até uma certa familiaridade; com seus limites porém, como bem compete em qualquer assunto que se trate. Não conhece Fedro a arte de interessar os seus leitores com quadros que recordem suaves sensações, nem debuxa certos fenómenos da Natureza tão difíceis de observar, como de descrever; não revela, com uma só palavra, segredos relativos entre objectos mui arredados, com que faça ressaltar dessas ingenhosas aproximações tanto mais discreta moralidade, e de tanto pico, quanto ela mais desviada vem, e mais inesperada. Fábulas de Fedro obra são dum Escriitor correcto e castigado, cuja alma hon-rada e recta, mas sempre igual e queda, nem se apaixona contra o vício, nem a favor da virtude; com gosto se lêem a primeira vez, mas não dão ânsia a querê-las ler segunda, terceira, e centésima vez, como as de La Fontaine. Este logra mais imaginação, mais estro, mais saber, do que Fedro; viu mor cópia de objectos, e os comparou; juntou mor tesouro de acontecimentos; observou mais miudamente certas conformidades, cujo lume compõe o que chamamos *verdade* em Poesia, como em Pintura; quaisquer que as suas Figuras sejam, sempre dizem o que em lances tais dizer deveram; soube dar ao seu diálogo a precisão, o natural, que é a qualidade mais rara até nos autores mais conspícuos, e a única talvez, que nem à força de estudo se consegue. Leiam-se-lhe seus versos, e ali conhecerão quanto regresso encontra na nossa língua, quem bem a estuda; de quão variadas formas ela é capaz, quando a meneia um homem de talento. Em muitas de suas Fábulas achareis a elegância e sensibilidade de Tibulo, e a harmonia de Virgílio, noutras a delicadeza, o espírito, o gosto de Horácio; e até a finura da reflexão, que faz tão úteis, e tão agradáveis as obras desse Poeta de Venusa. Numa palavra: possui La Fontaine todo o género de stilos, e em cada um

deles as belezas que lhe são próprias, sem que exceptuemos os movimentos da mais patética, e ainda os da mais impetuosa Eloquência.

Ainda se observe mais, que assim como Lucrécio foi o primeiro Romano que tratou em verso pontos de Filosofia, que no autor supõe (de necessidade) clareza de juízo, e profundeza em assuntos alheios (não raras vezes) da profissão Poética; na Fábula do *Animal na Lua* em que ele destrói um dos principais argumentos dos Pirrónicos, contra a certeza que adquirimos por meio dos sentidos corporais; no Discurso a Madame de la Sablière, no qual, exposta fielmente a opinião de Cartésio, acerca do motivo porque os Brutos obram, com raciocínios solidíssimos a refuta, e ainda por factos, que os maiores apaixonados do automatismo nunca poderão explicar; no Poema enfim da *Quina* em que com muita exactidão e clareza descreve bastantes fenómenos da economia animal, principalmente a Febre, – bastantes provas dá de que inútil lhe não fora o estudo da antiga, e da moderna Filosofia. E os frequentes entretenimentos que teve com o sábio Bernier altamente o tinham convencido que os factos não são menos a riqueza do Poeta, que a do Filósofo; e que se às vezes pode o Poeta insinuar ao Filósofo que sacrifique às Graças, também pode este emendar, multiplicar, e estender as ideias de Poeta, e recíproco insinuar-lhe a sujeitar-se à Razão.

Quanto à Moral (sem ela manca fica toda a Fábula) La Fontaine se me afigura muito superior ainda a Esopo, a Fedro, a Pilpay, e até a La Motte: nesse particular, as Fábulas são, como diz Montaigne nos seus Ensaios, *um dos últimos bons livros, em que se deve pegar, e o último que se deve largar*. Ambos logram a vantagem, que para si achava nos livros de Séneca, e de Plutarco, o Autor dos Ensaios: *ser lá tratada a Ética a rasgos soltos, que não requerem prolixo trabalho*; e talvez que assim releva que a ensinem: porquanto, sendo incerto o doutrinar-nos, e o corrigir-nos, sempre é essencial o divertir-nos. Razoador apurado, e conseqüente o La Motte, quanto subtil e metódico, e por tais causas frio, leva com aspereza os homens à verdade: La Fontaine, com mor manha, cobre de flores o trilho que a ela conduz. Nunca atéqui autor algum mostrar soube a virtude mais amável, nem mais ridículo o vício. Não é Demonstrador, mas dá bem a perceber, que Humanidade, Boa Fé, Beneficência, e Justiça são a mais firme escora dos Estados, e da felicidade dos que os governam: que a mais grata recompensa da Virtude se encontra sempre no íntimo coração de quem a pratica; que nunca uma acção ruim se sonega ao castigo; pela razão que a primeira que se comete inclina a cometer segunda, esta pende para as outras, até cair no péssimo absurdo de desprezar os seus semelhantes: e por fim, por mais venturosa que a contemplemos, a vida do ruim, em todo o fio seu é ela meramente um comprido erro de contas, e continuada luta dum só contra todos.

Confessemos todavia que (como judiciosamente notou Voltaire) quem não sabe reprovar o mal, não é digno de saborear-se do bem; e que assim o estilo de La Fontaine falta a miúdo, no tocante à nobreza, e à correcção; que certo fraseado vicioso, certos defeitos de linguagem que a desairam, são custosos de desculpar, num homem que tinha diante de seus olhos Boileau e Racine; que houvera de beber em seus escritos o preceito, e com ele o exemplo duma dicção sempre elegante, sempre harmoniosa, e pura. Enquanto às suas Fábulas, algumas me pareceram estiradas, outras de trivial moralidade, ou vaga, e indeterminada, e até contraditória, e de cujas se podem tirar ilações opostas às que ele tira, e talvez que mais bem fundadas; delas há finalmente, em que deparareis com máximas falsas, e das quais poderiam os que governam homens, tirar funesto préstimo, logo que um momento se deslembrassem de que a força não dá direitos; e de que não é arbitraria, e de pura convenção, a distinção entre justo, e injusto; mas sim que tem seu alicerce na natureza própria do homem, nas suas físicas precisões, e sociais liames. Defeitos estes são, que tanto mais ofendem quanto mais instruído é o Leitor, e mais usado a reflectir: portanto não me cabia dissimulá-los; até me lanço a apontá-los, porque assim o pede o interesse da

Filosofia, e o da Verdade; e até o bom Gosto (cujas regras tão severas e tão inflexíveis são) o requer assim do Homem Literato. Bem é contudo, que reparemos, que esses defeitos, os teria em grande parte evitado La Fontaine, a não ser o respeito supersticioso, com que ele acatava os Antigos; nem dele livrar-se poderá, sem muito custo, quem fizer desses modelos o seu único estudo, quem mormente menos cioso da sua reputação, como ele, tão *bandoleiro for em versos, como em amores*.

Se contemplamos o pouco brado que as suas Fábulas deram num século tanto *aliás* ilustrado como o de Luís XIV, pasmamos de primeiro; porquanto se não pode negar, que elas acertaram entre nós com mais admiradores, do que entre os contemporâneos do Autor; nós as lemos mais que eles; nós delas mais gostamos; maior preço lhe damos, e mais no sentido nos entranhamos delas. Todavia muito ao natural se pode explicar esse facto, e dar-lhe dous motivos. 1.º Um bom livro, num género, em que ninguém até então se exerceu; um grande descobrimento nas ciências, ou nas Artes; e, numa palavra, um homem de talento, ou já Poeta, ou Filósofo, Geómetra ou Maquinista, é um fenómeno, a quem importa aparecer em certas eras, e em certas circunstâncias: se aparece, quando os ânimos não estão ainda preparados, nenhuma sensação produz; apenas dão fé dele: é uma réstia de sol, que entra numa caverna, que a alumia um momento, e se esvaece logo. 2.º Na Época, em que La Fontaine publicou as suas Fábulas, conhecidas eram as de Esopo, e Fedro; mas ninguém tinha até então reflectido na índole, na forma, nem no escopo do Apólogo, no estilo próprio dessa espécie de Poema, no andamento que se há-de dar ao diálogo, nos enfeites que lhe quadram, nos meios com que se aperfeiçoa esse novo género: nenhuma ideia havia ainda da variedade de talentos, que ele requer, e que tão raras vezes se coadunam em um só homem. Ora para julgar sãmente uma obra de literatura, releva ter diante de si objectos que comparar-se possam; quero dizer, modelos de formosura, que tenham, ou já certa existência ideal, ou abstracta, no entendimento, ou já real, na Natureza, e nas Artes; releva, que depois de certas reflexões fundadas na experiência, e na observação, se tenham stabelecido certos princípios, regras, teórica; numa palavra, uma tal Arte poética desse tal género; e que antes que ela passe a ser a afilada medida, geral, e conhecida de quanto se haja de escrever nessa matéria, tenham sido examinados, e discutidos por Filósofos, e longo tempo expostos às objecções, esses princípios, e essas regras. Porquanto (como bem o nota um moderno Sábio) essas objecções são as que corroboram os bons sistemas, e que intimam a necessidade de admiti-los. Faltando todas estas precauções, e todos estes meios não andando juntos, tropeça em grandes perigos a Verdade, cujo centro, mormente em questões de gosto em literatura, é bem vezes tão mudável. Tanto aconteceu aos Autores do século de Luís XIV, que (se exceptuamos Molière, Racine, La Rochefoucauld, Fontenelle, Bayle, e outros ingenhos dessa classe) não fizeram justiça a La Fontaine; nem parece que puseram fito, nos estudos, em speculações assaz úteis, assaz filosóficas, que atinassem com o alvo (bem arredado às vezes) a que mirava La Fontaine em suas Fábulas; de sorte, que estendessem eles mesmos a moralidade delas, e a applicassem, a objectos mais vizinhos seus, e que de mais perto se lhes achegavam.

Segundo o Compilador da *Bolaeana*, dizia Despréaux, *que só depois que Molière e La Fontaine escreveram, é que começou a se encarar quão formosa é a Natureza e quão formosos os atavios dela*. Que motivo houve pois, porque o nome de La Fontaine se não encontre em obra alguma desse célebre satírico? – Mais. Por que razão a sua Arte Poética, que encerrar devia normas para quantos géneros há de Poesia, não contém uma só para o Apólogo, que para doutrinar os homens, diziam os Antigos, que do Céu descera? Em breves cláusulas dá Boileau a poética do Idílio, da Écloga, da Elegia, da Ode, do Soneto, do Epigrama, do Madrigal, e até do Vilhancico; e só exceptua a Fábula? E em que circunstâncias? Nas mais naturais e favoráveis em que se lhe deparava o ensejo de louvar o seu Amigo, e colocar o Elogio dele, num Poema,

que aposta durações co'a língua francesa. Com razão estranham todos os Leitores esse silêncio. Sei eu bem, que essa passagem, que eu citei da *Bolaeana*, não é a única, em que Boileau falou com estima de La Fontaine; mas além de que nessa mesma recopilação, se encontra uma passagem, em que se quer provar, que La Fontaine ficava muito abaixo da reputação, que tinha, não cabe todavia que em conversações particulares, que se não deram ao público, senão depois de La Fontaine morto, (e que Boileau não podia antever) se imprimiriam palavras soltas, e não fizesse esse Autor o Elogio do inimitável Fabulista, em Obras divulgadas, e destinadas por seu assunto, seu mérito, e sua utilidade, a virem a ser Clássicas, a servirem de guias à mocidade, que quisesse despejar a espinhosa carreira das Letras; a Obras (digo) desse género é que competia pagar aos que se imortalizassem, o tributo de devidos louvores.

Demonstrado é hoje, que La Fontaine nada inventara (evitemos o equívoco do termo *inventar*, e demos-lhe o sentido terminante); que La Fontaine, não inventou os assuntos que tratou. Muito tempo duvidei, enquanto não acertei com provas incontestáveis. Sei que muitas pessoas doutas cavaram este pressuposto, e tiraram dele iguais resultas. Porém, dado que mui difícil geralmente seja achar assuntos de Fábulas em que haja bastante pico, como o das Fúrias e das Graças (de Gellert) e dos três viandantes (de Sady), etc., afouto-me a dizer (sem menoscabar o mérito dos primeiros inventores, cuja glória se acha fundamentada na constante admiração de tantos séculos) que tanta imaginação talvez, e tanto talento é necessário para imitar, pelo modo com que La Fontaine o fez, quanto para inventar, como inventaram os antigos Fabulistas. A Fábula dos dous Pombos, a dos dous Amigos, ambas tão meigas, tão enternecidas, e escritas por La Fontaine na antiga simplicidade de stilo; lede-as em Pilpay, nenhuma impressão vos farão no ânimo: uma vos enfastiará por estirada, monótona, e seca; ficando-vos o desprazer, na segunda, de que não tirassem melhor cabedal de tão feliz ideia. Daí essas mesmas Fábulas a qualquer Poeta medíocre, a quem tenha negado a Natureza sensibilidade, e gosto, e a leitura delas vos motivará cansaço, e enojo. Não conhecem bem os homens, nem se esmeram em ser úteis, os que pouco ou nada se empenham em dar graça ao estilo; até se entendem tão mal no interesse da sua reputação, quanto no entranhar nos ânimos a Verdade. Sim é que pensam; mas baldos do talento (talvez mais raro ainda) de escreverem elegância, que não descaia, de dar tal harmonia e número, que irresistivelmente encante, expressam mal seus pensamentos; portanto no esquecimento caem. Toda a glória roubou a Van-Dale Fontenelle, quando se apoderou do seu trabalho. Virá tempo, em que o nome desse erudito Médico, tão desconhecido, tão ignorado entre nós seja, como já o são as suas Obras; ao passo que se estenderá pelas eras vindouras a voz do donoso Compositor que fez, que nascessem flores num terreno, por certo rico, mas de que este arroteou os tojos, e os espinhos, que o abrolhavam.

A Fábula (como a mor parte dos Poemas) é uma acção que tem sua andança, seu disferimento, seus progressos, sua duração, seus incidentes, e seu desfecho: nela se tem de ver um espaço decorrido, uma meta, e os meios de chegar a ela: merecimento, que nas Fábulas de La Fontaine se descobre. E nem é essa a única vantagem, que ele leva aos seus modelos; pois que os vence ainda no artifício com que disfarça a inverosimilhança de seus Contos; e com que às suas ingenhosas mentiras, dá todo o interesse, que só compete à verdade: dificultoso artifício, em que resumir-se pode toda a poética da Fábula, na sua maior largueza. Digo, que sob um título frívolo, sem se descuidar das esmiudadas graças e formosura, que esse género requer, e que lhe são peculiares, é talvez esta Obra, uma daquelas onde se assinala mais fortemente, e mais a miúdo o intervalo que vai do Ingenho ao Talento. Tem La Fontaine ampla quantia de boas Fábulas, entre as quais, com poucas se depara, em que não venham algumas dessas ideias gerais, que dão visos de terem sido ali



deitadas a caso, mas cuja delicadeza, e profundura, inclinam o espírito a meditá-las, ou dispõem a alma a certa melancolia, que não é destituída de grande prazer. Palavras, e ideias essas, que nunca um simples ingenho colheria, vista a distância em que lhe ficam, e as quais somente atinge o homem de talento, que ali mostra, que transpõe a baliza, que a outro o atalhara. Todas essas qualidades unidas são quem tolhe a imitação de La Fontaine; com elas cativa, e leva após si os seus Leitores, de maneira, que lhe não inquiram se tirou de sua lavra, ou de outro pecúlio os assuntos, que tratara. Que importa v.g. que Pilpay lhe desse a ideia da Fábula: – *O Homem, e a Cobra!* – Se um não tira dela outro préstimo, que o de não se fiar em palavras de seus inimigos, e o outro não só soube compor uma Fábula sublime, cheia de estro, de eloquência, e de razão, mas tirar dela ainda moralidade mais geral, mais quadrante com diversas circunstâncias da vida, e que me mostra a sorte que os Grandes reservam, a quem se afouta a lhes falar verdade; e a que extremos de demência, de ingratidão, e de ferocidade os leva o seu orgulho, a sua má criação, e os ruins conselhos dos que lhes fazem roda.

O mesmo digo de outras Fábulas, cujos assuntos tirou La Fontaine dos Orientais, dos Gregos; ¶ ou dos Latinos. Quantos novos lanços de intenção, quantos pensamentos delicados, quantas pinturas risonhas e mimosas, de que, nesses Autores, se não avista o menor vestígio? Quão variados, quão agradáveis os seus preâmbulos! Quão sóbrio o uso que faz da Mitologia, da História, e da Filosofia! Como diversifica os tons na lira, concordando-os com os objectos que dibuxa! Que gostosa eleição nas particularidades, que podem interessar os Leitores! Com que arte faz, que em toda a fábula domine a comoção que o penetra, e que ele faz que se transpasse aos alheios ânimos! Ainda agora se lêem, e tem de ler-se Esopo, e Fedro; porque, ainda que já se não fala, ainda se estudam as línguas que eles falaram: houvessem eles escrito em francês, muito há já que La Fontaine os faria deslembados.

Não averiguo, se, como atéqui se creu, (fundando-se na autoridade de Platão) convém divertir com fábulas os Meninos. Fora grande questão, que daria campo a reflexões importantes: entrem nela os Filósofos, que cuidam em aperfeiçoar a educação particular, e pública. Só direi que se esse uso antigo não for inconveniente para a infância, se nisso os quiseram igualar com os Déspotas, com quem muito em mil cousas se parecem; de desejar seria, que para recordar aos soberanos seus deveres, e os direitos sacros de seus Povos, nunca do véu da alegoria tivessem tirado préstimo. Foi Época fatal para os súbditos, e sua liberdade o instante em que se inventou essa língua convencional, com que insinuassem nos ouvidos dum Déspota desconfiado, e poderoso, as vozes da verdade. Subamos à origem do Apólogo, e veremos, que só escravos assoberbados com o carregamento de seus grilhões inventá-lo podiam; que o gostarem tão viva, e tão geralmente os Orientais de Fábulas, vem, como efeito natural, e necessário da tirania, sob que eles gemem depois de tão compridas eras. Todo aquele Povo em quem começa a calar semelhante gosto, corre a passo cheio à escravidão; quantas mais Fábulas, tanto mais a opressão medrou. Que bem compete o Apólogo a súbditos agrilhoados nas leis dum feroz Tirano: assim sussurra involuntário esse oprimido que nem falar ousa, nem calar-se pode; põe envoltório em seu queixume, e verte-se em Chocarreiro, ou Fabulista. Verdades nuas, para homens livres, só criadas foram.

Assim como nos jogos todos há certos lances de pressentimento na Natureza, fáceis de conceber, e quasi impossíveis de serem computados; talvez que o único modo de explicar essas inclinações mais ou menos activas, essas aversões mais ou menos fortes, a respeito de certos objectos, ou certos estados da sociedade, que em nós sentimos, antes que alguma experiência, ou alguma reflexão nos haja advertido; inclinações (digo) ou aversões, que não entram a alçada da escolha, nem do raciocínio, ou da observação, mas sim dum certo tacto, ou adivinhação, ou por assim dizer instinto; tal parece que foi o desvio que La Fontaine sentia em si acerca do

casamento; que é um estado, que à maneira de muitos outros, requer vocação particular. Todavia, por comprazer com os seus, e a seu mau grado, tomou esse jugo tão penoso, que mais de uma vez lhe desmanchou o seu sossego, e lhe banharia de amarguras, e consumições a vida inteira, se menos cordato, e menos submisso aos fados seus, não tomara o partido mais arrazoado de se ausentar mansamente da Esposa, a cuja felicidade ele não contribuía, e que à dele ela empecia. Nada é mais trivial que os exemplos de matrimónios mal sorteados, onde dois consortes igualmente honrados, e ainda mesmo virtuosos, mas mui diversos em gostos, em génio, em índole e capacidade, se atormentam recíprocos, enquanto vivem, e disgraciando-se uns a outros, tocam da vida a meta, detestando em seus chagados ânimos o instante que os unira. Essa união tão rara de certas qualidades, essas relações, e conveniências entre os defeitos, como entre as virtudes, relações tão difíceis de encontrar fizeram que dissesse o Duque de La Rochefoucauld, que *bons casamentos havia, mas deliciosos não*. O Consórcio de La Fontaine nem bom, nem delicioso foi: sirvamo-nos da sua definição.

J'appelle un bon, voire un parfait hymen,  
Quand les conjoints se souffrent leurs sotises.

De muitos lugares das suas obras se pode ainda colher que o ruim génio de sua mulher, e sua endiabrada virtude contrastavam estranhamente com os agradáveis rasgos de seu rosto, e que não se davam nela as mãos a Bondade com a Beleza. A Fábula do *Mal-casado* julgo-a eu pintura do seu consórcio (metamos de parte certas circuns-tâncias em que ele brosla a Fábula para melhor disfarce) e o donoso preâmbulo que lhe dá intróito; juntemos-lhe várias particularidades da sua vida, que nos são conhecidas, e teremos, sem tropeço algum de dúvida, a história da vida de La Fontaine.

Ele foi o único homem insigne de seu tempo, que nenhuma porção obteve nas beneficências de Luís XIV. Notável descuido, e bem difícil de lhe atinar co'a causa! Eu estranho em Voltaire, que dando-nos desse século notícias tão curiosas, quão pouco divulgadas, se não desse a explicar-no-lo; visto que a ninguém melhor que a ele caberia consegui-lo. Grande afeição à verdade, sagacidade em escolher, coragem para dizê-la com a moderação que dá tantas forças à Razão (qualidades, que todos notam nas suas composições históricas) e que ninguém lhe negará, sem injustiça; bastantes motivos nos dão para crermos, que se nada nos disse das causas porque Luís XIV assim procedeu com ele, é porque as não pode penetrar. Talvez que certas Fábulas, em que La Fontaine se ostentou melhor Filósofo, que Cortesão manhoso, nos elucidariam esse ponto.

Como quer que fosse, La Fontaine deparou com ilustres Mecenas, cujos subsídios generosos o resgataram da indigência, e repararam, dum certo modo, o descuido do Soberano, ou antes os efeitos de particulares vinganças do seu Ministro. A faltar-lhe esse recurso, ver--se-ia esse grande homem obrigado a despegar-se de parentes, de amigos, de quanto o seu coração prezava, e ir de terra em terra, buscar sustento; e voluntário fugitivo, cobrir de pejo, ante os olhos dos estranhos, a Pátria, que lhe fora ingrata. Lemos com certo prazer enternecido os nomes do Duque de Borgonha, o de Madama de la Sablière, e o de M. Hervart na lista dos que se adiantaram em acudir-lhe: nomes são, que recordam acções, que a Humanidade toma em honra.

Assistiu La Fontaine em casa de Madama de la Sablière quasi vinte anos, desembargado de todo o cuidado doméstico. Quão bem que quadrava esse descargo com a sua perguiça, e incapacidade total para negócios! Por certo que dessa indiferença enquanto aos dons da Fortuna, desse amor da liberdade e do remanso, dessa habitual disposição à vida precária, e sem pôr a mira no futuro, nem antever as precisões do dia de amanhã, e que Madama de la Sablière falava, quando um dia,

depois de ter despedido (dum lanço) toda a criadagem, dizia tão aguda, quão graciosa: *Só deixei comigo os meus três animais; o meu Cão, o meu Gato, e La Fontaine.*

Essa Senhora, de quem ele faz, na Fábula 15 do livro 12 o mais donoso elogio, morreu; e La Fontaine se recolheu então em casa de M. Hervart amigo seu. Ocasião foi esta em que ele proferiu aquele tão ingénuo, tão entranhável dito, que o podemos chamar índice da sua índole. Passados uns dias que morrera Madama de la Sablière, encontra-se com M. Hervart. «Caro La Fontaine (lhe diz esse estimável homem) bem sei a desgraça, que vos aconteceu. Moráveis em casa de Madama de la Sablière; como ela morreu, ia eu convidar-vos a vir morar comigo.» «Lá ia eu agora» (respondeu La Fontaine).

Outro dito, que é mais sabido, mas que não merece menos que o refiramos, foi, que ceando com La Fontaine Boileau, e Racine, com mais alguns amigos, La Fontaine mais distraído ainda que ordinariamente era, parecia engolfado em profunda meditação; para o tirarem dela, Boileau e Racine asperamente o motejavam: Molière achando que passavam além das balizas do gracejo, tirou de lado um dos do convite, e acelerado lhe disse: «Por mais que os nossos bem falantes se remexam, não têm de desluzir o *bom homem*».

Consagrou La Fontaine à devoção, e à penitência a mais austera, os últimos anos da sua vida. Versificou os Hinos da Igreja. Velho se achava então, e padecia; apagada era a luz do entusiasmo, fria como gelo a imaginação lhe deixara a Idade, desfalecida com doenças a cabeça, estancado o corpo com remédios, piores às vezes, que a mesma moléstia, foram causa, que ninguém hoje dá tino dessa tradução; quando vive sempre a lembrança de suas Fábulas, que em todas as quadras da vida, em todas as circunstâncias, e ensejos dela, com igual prazer são lidas; e Molière, Racine, La Fontaine, e Voltaire, são os quatro grandes Poetas cujos versos se sabem mais de cor, e que mais vezes são citados.

Para os que mais dignos são de renome, e que mais lidam pelo conseguir, lavra um como jogo de azar; onde o que se chama *ventura* não é menos conducente, que a ciência, e a manha. Observa Tácito, que homens há hi, a quem a ventura até virtudes vale; e com efeito nos prova a experiência, que os mais eminentes dotes (qual seja o género seu) nada são, se os não ajuda a Fortuna: ou (se mais o querem) se não concorrem com eles essas circunstâncias fortuitas, e inopinados acontecimentos, que patenteiam o mérito, e forçam a que nele reparem. Donde é óbvio imaginar o quanto é raro que um homem dotado de grandes talentos, com tanta filosofia porém, que mansamente aguarde que o venha o Renome procurar, logre por fim o fruto dos seus traba-lhos. Ainda o não tinha colhido La Fontaine, quando o colheu a Morte; e além do estreito círculo dos seus amigos, não se tinha estendido, quanto ele a merecia, a sua reputação. Tinha-lhe Saint-Evremont gran-jeado em Inglaterra alguns Protectores; mas protectores não são Contrastes; podem sustentar uma reputação estabelecida, podem (para assim dizer) dar-lhe maior área; mas não criá-la. Os Ingleses, menos familiares então do que agora, com a língua francesa, não podiam admirar La Fontaine, senão sobre palavra de Saint-Evremont; nem podiam ter acerca do Autor, e de suas Obras aquela íntima estimação, que lisonjeia o homem de talento, que a ela dá motivos; nem fazer honra ao discernimento dos que a tributam. Além de que (como diz Pérsio ) na Pátria, e por seus Concidadãos, e por seus Émulos é que o Autor quer, que com o dedo o apontem; esse é o elogio, que ele ouvir deseja. E ora mais conhecido era La Fontaine em geral, e talvez que mais nomeado, pelas suas distracções e por seus desmanchados disparates, pela extrema ingenuidade de suas perguntas, e suas respostas, que pelos seus escritos. Com o que se prova a perspicaz observação de Voltaire:

On amuse souvent plus par son ridicule  
Que l'on ne plaît par ses talents.

Sabiam todos o que ele (um mês depois de convertido) disse, em casa de M. de Sillery; e todos o repetiam, quando de suas Fábulas apenas se boquejava. A única Obra desse tempo, em que elas se achem citadas, são as Cartas de Madame <sup>[1]</sup> de Sévigné, publicadas muito depois da morte dessa Dama de merecida celebridade. Numa palavra, a vida de La Fontaine, se a consideramos em todas as suas circunstâncias, não oferece facto algum que caracterize uma ampla reputação; que não são os dele, como os que se notam nas vidas de Corneille, de Molière, de Racine, de Boileau e de Voltaire. Até o Povo, cujo interesse faz, que ele melhor julgue da bondade, que do ingenho; e em cuja linguagem sinónimos são *simpleza*, e *parvoíce*, o olhava como um homem de mui acanhada inteligência. Assim se infere dum dito da mulher que lhe assistiu na doença, de que morreu. Exortava-o a fazer penitência um Confessor com tanta ânsia, que compadecida a mulher, lhe disse: «*Não o atormente tanto, que mais tem ele de besta, que de mau; nem terá Deus coragem de condená-lo.*»

Esse homem, sempre sincero consigo mesmo em tão diferentes casos da sua vida, e que (para me servir das palavras de l'Abbé d'Olivet) *mereceu que a sua memória ficasse para sempre, sob o amparo dos varões honestos*, morreu em Paris, aos 13 de Março de 1693 e foi enterrado no cimetério <sup>[2]</sup> de Saint-Joseph, no mesmo sítio em que 22 anos antes fora sepultado seu amigo Molière.

EPITÁFIO  
QUE A SI MESMO COMPÔS  
O AUTOR

**J**EAN s'en alla comme il était venu,  
Mangea le fonds avec le revenu,  
Tint les trésors chose peu nécessaire.  
Quant à son temps, bien sut le dispenser:  
Deux parts en fit, dont il souloit passer,  
L'une à dormir, et l'autre à ne rien faire.

## ELOGIO DE JOÃO LA FONTAINE

Ingentem statuum posuere Attici.

PHEDR. *Lib. 2. Epilog.*

QUANDO La Fontaine modestíssimo entre os Autores escreveu: *O Apólogo é um presente que homens nos fizeram; mas quem no-lo fez merece que aras lhe ergam*; a si próprio (sem o cuidar) se fez o panegírico. Ele esse presente fez à Europa; e vós, Senhores, sois quem neste concurso solene, lhe ergueis, em honra sua o altar, que a nossa gratidão lhe deve. Afigura-se-me, que para vós se reservou desempenhar a Nação, a respeito dos seus dous mais illustres Poetas, e os mais amáveis. Esse que hoje associais a Racine, não menos se faz admirar em seus escritos, e se faz por sua pessoa ainda mais caroável, mais singelo, mais próximo de nós, companheiro da nossa infância, passando a ser nosso Amigo de todos os tempos. E oh quanto é donoso incumbir-se de o louvar! Tirar ao vivo a sua moral indulgente e encantadora, que se entranha no coração, sem magoá-lo! Que diverte o Menino e do Menino forma um homem! Diverte o Homem, para dele formar um sábio! E nos guiaria à Virtude, entregando-nos à Natureza! Quem nos descobrirá o segredo do stilo encantador, stilo inimitável, e sem modelo, que coaduna todos os tons, sem lhe ofender sua unidade? Quem saberá falar desse instinto feliz, que lhe endereçou o procedimento, como lhe endereçou as composições? Que igualmente dá sinal de si, na meiga facilidade de seus costumes, e de seus escritos, e duma alma tão singela, e dum ingenho tão subtil, formou tão chistoso e tão original composto. Discorrerei eu acerca do íntimo senso, dissertarei acerca das Graças, e enfadarei os Leitores, explicando-lhes o como La Fontaine encantava os seus? Fugindo as discussões do que mais vale senti-lo, e a oferecer-vos a análise da singeleza, só me esmero em vos fitar a vista no encanto da sua moral, na delicadeza esquisita do seu gosto, na singular concórdia que ambas tiveram sempre com a singeleza de seus costumes; e nos diversos prazos da sua vida, lançarei rápida mão dos rasgos principais que o caracterizam.

## PRIMEIRA PARTE

Sobe à mais alta antiguidade o Apólogo; pois que começou, logo que houve Tiranos, e que houve escravos. Rosto a rosto oferecemos a verdade a quem for nosso igual; a um senhor, só de perfil. Qualquer que a Época fosse dessa Arte; mal que ela se inventou, se apossou dela a Filosofia, tomando-a por instrumento da moral. Lokman e Pilpay no Oriente, e na Grécia Esopo e Gábrias, com o véu transparente do Apólogo vestiram a Verdade. Mas a narração dum breve factó, real, ou alegórico, tão difusa nos primeiros, quanto concisa e estreita nos segundos, despida dos encantos da Poesia, e íntimo senso, descobria mui friamente, posto que fosse com ingenho, a moral que apresentava. Fedro escravo também, como os três primeiros predecessores seus, não affectando nem o laconismo excessivo de Gábrias, nem ainda a brevidade de Esopo, mais elegante já, e mais ornado, como quem na corte de Augusto falava a língua de Terêncio; Faerno, (não falarei de Avieno muito inferior a Fedro, a quem Faerno dá visos de o ter imitado no seu latim do 16.º século) sem conhecer obras, que ignoradas eram nesse tempo, tem direito de agradar a todos os ingenhos cultivados; e as boas fábulas que eles compuseram assomariam à perfeição (nesse género) se a França não houvera dado à luz um homem único nos Anais da Literatura, que no Apólogo delineasse os costumes, e plantasse o Apólogo no campo da Poesia. Então é que a Fábula passou a ser Obra de talento, e que, com o nosso Fabulista, no entusiasmo, que essa bela Arte lhe inspira clamaremos: *por certo que é um encanto*. Sim; mas encanto, que só quando se lê La Fontaine se experimenta; porque nele é que teve princípio tal encanto.

Apenas, entre nós, luzia a Arte de fazer amável a Moral. Único Montaigne (que tenho eu que citar autores que ninguém lê já) profundara com agrado tão complicada ciência; que, para crédito da humanidade, nem ciência ser devera. Mas, fora o inconveniente de ser já antiquada a sua prosa, não poderá a sua filosofia audaz e, até, bem vezes, cínica, convir a todas as idades, nem a todos os ingenhos; e a sua Obra, a tantas luzes estimável, antes parece fiel pintura das inconsequências do espírito humano, que filosófico-prático Tratado. Necessitávamos dum Livro de Moral brando, amável, fácil, que a todas circuns-tâncias se applicasse, que a todos os Estados quadrasse, e às idades todas; e que, na educação da mocidade suprisse

Les quatrains de Pibrac, et les doctes sentences  
Du conseiller Mathieu. – MOLIÈRE.

livros que ordinariamente serviam para a educação. Busca La Fontaine ou depara com o género de Fábulas, que Quintiliano considerava como devolutas a doutrinar os ignorantes; e o nosso Fabulista, tão profundo para quem tem lume nos olhos, parece que adoptara a ideia de Quintiliano; pondo de lado tudo o que era aparato de ensino, toda a noção complicada; toma a sua filosofia nas opiniões universais, nas ideias geralmente aceitas, e (porque assim diga) na moral dos adágios, que (nada menos) são o produto da experiência de todos os séculos. Único meio esse de ser para sempre o homem de todas as Nações. Porquanto a ciência moral, que em si mesma é tão simples, passa a contenciosa quando a remontam aos princípios, donde derivam as suas máximas; e esses princípios sempre foram contestados. La Fontaine, partindo de noções comuns, e d'opiniões nascidas connosco mesmo, al não vê no Apólogo, mais que simples narração, que guia a uma moralidade fria: por isso compôs no seu livro

Une ample comédie à cent actes divers.

Contemplemo-las pois como verdadeiras Figuras dramáticas; e se não foi o que primeiro concebeu essa ideia tão ditosa, de tirar de diferentes espécies de animais a imagem de diferentes vícios, que na nossa espécie andam juntos; se eles podem dizer, como La Fontaine:

Le Roi de ces gens-là n'a pas moins de défauts  
Que ses sujets.

Só ele pintar soube os defeitos, que os outros só indicaram; como Conselheiros sábios que dizem, que nos estudemos. Desse estudo nos dispensa, mostrando-nos quais nós somos. Que diferença que então corre entre o Moralista e o Poeta! A lhanza real ou aparente com que dá nomes e sobrenomes, dá misteres aos indivíduos de cada espécie; que contempla essas mesmas espécies como Repúblicas, ou Reinos, ou já Impérios, é prestígio tal, que realiza aos olhos dos Leitores a fingida existência que ele lhes dá. Grande Capital é Ratópolis; e a ilusão em que ele nos põe, é o fruto da ilusão perfeita, em que ele entrou. Género de talento tão novo, de que não necessitaram os seus antecessores, para lançar as primeiras linhas das paixões; mas mui necessário a La Fontaine, quando nos quis representar ao vivo, o mais delicado desses vislumbres: outro carácter essencial, produto do talento de observação, que tanto admirava Molière no nosso Fabulista.

Bem pudera eu, Senhores, lançar mão duma quantia de paridades relativas entre La Fontaine, Molière, e outros; demonstrar entre elas frisantes similhanças, no andamento, e idioma das paixões: pondo porém de lado esmiudamentos desse género, me afouto a considerar, dum ponto mais sabido, o Autor dessas Fábulas. Sem contudo me deixar vencer do vão desejo de exagerar o meu assunto, infirmitade mui trivial nesta nossa era; mas percebendo muito bem o intervalo imenso, que separa a Arte singela do Apólogo, dessa Arte complicadíssima da Comédia; para ir justo com La Fontaine, tenho de observar, que sendo ele, e mais Molière os mais fiéis pintores da Natureza, e da Sociedade, devera esses dois grandes homens a glória uni-los. Dando Molière, em cada uma das suas Comédias, pintura dos costumes, tendente a filosófico objecto, dá à Comédia a moralidade do Apólogo. La Fontaine trasladando às suas Fábulas a pintura desses mesmos costumes, dá ao Apólogo uma das maiores formosuras da Comédia, que são os caracteres. Prendados ambos em sumo grau com o talento da observação; talento, que uma Razão superior dirigia, num, e no outro certo instinto não menos precioso, investigam ambos o mais profundo arcano de nossas fraquezas, e desmanchos: mas cada um deles, segundo a duplicada diferença do seu carácter, e do género que trataram, se exprime diversamente. Cabe ao pincel de Molière ser mais enérgico, e mais fino. Um lança grandes rasgos, com força tal, que o qualifica superior ao matizado; o outro matiza com tal sagacidade, que inculca nele a ciência dos grandes rasgos. Parece que o Poeta Cómico se esmerou no dar ridículo às figuras, e que às vezes debuxou da Sociedade as suas formas transitórias. O Fabulista descobre mais afinco contra os vícios, e ter pintado ainda mais em geral, a Natureza. O pri-meiro consegue, que eu me ria do meu vizinho; o segundo, sobre mim mesmo me retrai. Este me vingava mais amplo das parvoíces dos outros; aquele faz com que eu, mais sério, nas minhas imagine. Um contemplou nos homens o ridículo como um desar do decoro, ofensivo na Sociedade; o outro contemplou os vícios como um desmancho da Razão, enfadonho a nós mesmos. Leio o primeiro, e a pública opinião me assusta; leio o segundo, e da minha consciênci hei medo. Enfim, emende-nos Molière, perderemos o ridículo, sem perdermos o vicioso; mas se La Fontaine nos emendar, nem ridículos, nem viciosos ficaremos; arrazoados e bons, nos consideraremos virtuosos (como La Fontaine era filósofo) sem de tal termos concebido suspeita alguma.



Estes os rasgos principais, que caracterizam esses dous grandes homens; e se o enternecimento que semelhantes nomes nos inspiram, concedem juntar a este paralelo algumas circunstâncias estranhas ao seu merecimento, deixai-me notar, que nascidos um e outro em igual época, ambos sem rival, entre nós, e sem sucessores; travados, enquanto viveram, pela mais constante amizade, igual sepultura os uniu, depois de mortos; e que a mesma terra cobre os dous mais originais Escritores, que nunca França produzira.

O que porém distingue de todos os moralistas a La Fontaine, é a insinuativa facilidade da sua moral; é a sabedoria (tão natural como ele) que unicamente parece, ser um feliz disferimento do seu instinto. No que ele escreve, não se demonstra a virtude ladeada da assustadora comitiva, que de ordinário a acompanha; nada que nela aflija, nada que penalize. Se nos propõe exemplos de generosidade, ou sacrifício de vontades, ou de fazenda, dá-lhes por motivo, ou já a Amizade, ou o Amor, ou também alguma dessas intenções tão singelas, e tão meigas, que leva o sacrifício ares de felicidade. E quando geralmente desvia de lá todas as ideias tristes, de privação, de esforços, de sacrifícios, então se afigura, que desnecessários sendo à sociedade, não há caso que os requeira. De vós, e vós mesmos fala; e de suas lições, ou (antes) de seus conselhos emanaria a geral ventura. Quão superior que é essa moral à de tanto filósofo, que (parece) não escreveram para homens; e que (como diz Montaigne) *talham nossos deveres pelo molde de outro ente?* Tal é, com efeito, a miséria, e a vaidade humana, que aviltada pelos vícios, quer ainda alçar-se acima da Natureza, pelo reverencioso simulacro das virtudes, a que o homem se sentencia; e que se ele realizasse as quimeras de seu orgulho, o poria tão desconhecido a si mesmo pela sua cordura, quanto ele o é pelo seu desatino: e que tornando a si, depois de tão avultados forcejos, tornando à sua natural mediocridade, lhe clama o coração o dito dum verdadeiro sabedor: – *É gran crueza querer a tal perfeição subir o homem.* Fasto filosófico que se derriba aos pés da Razão de La Fontaine, tão luminosa, quanto simples. Dizia certo Autor antigo, que muitas vezes a Natureza combatia contra as Leis; e La Fontaine combate, contra as máximas excessivas da filosofia, com o instinto da Natureza; o seu Livro é a Lei da Natureza posta em prática; e a moral de Montaigne, depurada e com mais meiguice, rectificadora por mais ajustado senso, aformosentada com as cores de mais amável imaginação, mais brilhante, se menos reforçada.

Não espereis de La Fontaine fastoso menosprezo da morte, que entre algumas lições de coragem, muitíssimas vezes necessária aos homens, baforou tantos vaidosos absurdos filosóficos: exageradas opiniões não lhe prendiam na alma; sempre as desviou de si; até parecia que o meneio da sua índole o preservara delas. La Fontaine não é Poeta da Heroicidade; é Poeta da vida comum, e da vulgar razão; quanto ela ama, e dá a amar aos outros, é o Trabalho, a Vigilância, a Economia, a Prudência sem des-sossego, a vantagem de viver com seus iguais, a Precisão de viver c'os seus inferiores, a Moderação, e o Retiro. O Amor, assunto contra que tanto hão declamado. – *Mal, que é talvez um Bem* – (diz La Fontaine) mostra-o ele, como fraqueza natural, e enternecida: e sem afectar o desprezo da espécie humana, que afia a sátira mordaz de Luciano, que afouta se declara nos escritos de Montaigne, se descobre nas loucuras de Rabelais; e que ressumbra, às vezes, até na jovialidade de Horácio sem que haja nele essa austeridade, que (como em Boileau) chama a jocosidade, que venha socorrer a Razão severa; nem o misantropo desabrimento de La Bruyère, e de Pascal, que metendo a tocha pelos abismos do coração humano, lança temeroso lume em suas tristes profundezas. O mal que ele afigura, veio-lhe ao encontro; os outros foram buscá-lo. Os nossos ridículos tomam-nos eles por inimigos, e deles se vingam; La Fontaine considera-os, como passageiros incómodos; de que ele procura pôr-se a salvo; zomba deles, mas não os aborrece. Indulgente Censor de

nossas fraquezas, somente de todos os nossos desmanchos, a avareza, lhe aflige o seu natural bom senso; sem que, todavia, nem sinta, nem inspire

Ces haines vigoureuses,

Que doit donner le vice aux âmes vertueuses.

preservando ao menos seus leitores da peçonha da misantropia, ordi-nário efeito de tais rancores. Lê as suas Obras a alma, e repousada, e queda, e (para assim dizer) a refrescam, como quem volta dum passeio campestre e solitário, depara em si mesmo com certa branda compaixão da humanidade, c'uma descansada resignação na Providência, na Necessidade, nas Leis, na Ordem estabelecida; e finalmente uma ditosa disposição a suportar com paciência os defeitos alheios, e ainda os próprios: lição essa, que não é das menores, que a Filosofia dar-nos possa.

Senhores, este é o prazo, em que eu imploro a vossa indulgência, a mesma indulgência, que foi sempre a alma da moral das suas Fábulas; e, por certo, que o Autor delas obteve já de vós o perdão dos seus Contos, perdão, que os últimos instantes da sua vida solicitaram já. Arrependido o vejo imitar esse Herói, (que tanto o estimou) afigurado pelo Pintor, rasgando da História as folhas, que continham proezas, que as suas virtudes condenavam; e se ainda, por piamente severo arguia o Zelo a La Fontaine, erros, que ele chorou, observar-lhe-ia eu, que surdiram esses erros da extrema singeleza da sua índole; e que ele, mais ainda que Boileau,

Fit, sans être malin, ses plus grandes malices.

Tenho de notar, que composições desse género, foram muito tempo contempladas como passatempos do Ingenho como jocosas brincadeiras (tais as nomeia Rabelais) num livro muito mais devasso, e contudo, mimosa leitura dos homens mais cordatos desta Nação. Direi mais, que a Rainha de Navarra, Princesa de imaculado procedimento, e, mais que tudo, de austeros costumes, publicou muito mais dissolutos Contos, que se pelo assunto o não são mais, o são ao menos, pelo feitio; e não se afoutou con tudo a maledicência, e, mesmo a da Corte, a pôr mácula na sua virtude. Desistindo porém de justificar o que hoje difícil fora de empreender (pois que co'a devassidão dos costumes cresce o melindre no que se escreve) limitemo-nos em recordar que nos seus Contos deu La Fontaine o modelo da narração jocosa: e pois que tomo aqui licença de antecipar-me no que hei-de dizer do seu estilo, e do seu gosto, observemos que apesar da elegância, e pureza de língua de Petrônio, Maquiavel, e Bocácio, lhes ficou ele tão superior, quão superior ficou Boileau a Ariosto, na dissertação que compôs acerca de Jocondo. E quem dos sucessores seus se atreveria a comparar-se-lhe? Esse Vergier, esse Grécourt, cujos fracos estilos, descuidando-se de remir a liberdade desse género, com a decência da expressão, se deslembaram que as Graças, ainda quando depõem o véu, nunca se despem do pudor?... Esse Senecé, digno de estima, porque se não foi de rastos pelas pegadas de La Fontaine, ainda que lhe ficou muito inferior?... Esse Autor da Metromania, feliz sim, no seu modo original, mas às vezes desvairado?... Por certo que não. Que necessário é remontar até ao maior Poeta desta nossa era? O que para La Fontaine é bem gloriosa excepção; nem por tal ele desnegaria o conceito que lhe ditou um dos seus mais lindos versos:

L'or se peut partager, mais non pas la louange.

Onde é, que, antes dele, ao menos no mesmo grau, residia essa arte de preparar, estabelecer, como a descuido, os incidentes, generalizar as pinturas locais, dispor para o Leitor os lances inopinados, que são a alma da Comédia, animar a narrativa

com o festivo do estilo, que é um matiz de estilo Cómico, dando-lhe relevo por meio de engraçada e leve Poesia, que aparece, e vai fugindo? – Que direi dessa arte donosa, com que conversa com o Leitor, brinca com o assunto, torna em belezas os defeitos, diverte-se com as objecções, e co'as inverosimilhanças? Esse talento só cabe num ingenho superior às Obras que ele mesmo produz; e quem o não possui, inferior lhes fica muitas vezes. Tal é a porção dessa glória, que La Fontaine quisera sacrificar, e cuja lembrança quisera eu também sonegar aos meus Juizes, se eles como homens de gosto, não admirassem o que, por motivos respeitáveis, reprovam; e se, demorando-me acerca do estilo desse Autor immortal, me sentisse obrigado a falar de seus Contos, de companhia com os seus Apólogos.

## SEGUNDA PARTE

La Fontaine servirá de exemplo, que manifeste, a que ponto se pode alçar um Autor pelo merecimento do estilo, e pelo artifício da composição. Lavra na Literatura uma espécie de convenção, que assinala os postos, conforme a conhecida distância, entre os diferentes géneros, quasi como a Ordem civil assinala as classes na sociedade, conforme a diferença das qualificações; e dado que a consideração que se faz dalgum mérito superior faça derogar essa Lei, assim, dado que um Autor, quando perfeito num género mais somenos, se ache a miúdo preferido a outros Autores de mais realçado género; e que se deixe em descuido Estácio, por Tibulo, esse mesmo Tibulo nunca o pomos ao lado de Virgílio. La Fontaine foi o único, que achando-se ladeado de Escritores, cujas Obras oferecem quanto há hi que possa despertar a ideia de Talento, Invenção, Combinação de planos, Força e Nobreza de estilo, La Fontaine (digo) aparece com Poemas de curta página, cujo assunto raras vezes o inventou ele, e cujo estilo é, de ordinário, fami-liar; e ei-lo colocado entre esses Corifeus da Literatura (como o tinha adivinhado Molière) com o lauro de inimitável. Ele é que produziu essa revolução nas ideias então correntes; e que talvez só acerca dele terá efeito; mas que, ao menos prova que (sejam quais forem as convenções literárias, que distribuem os postos) reserva o Génio distinto assento para qualquer que venha instruir e deleitar os homens, em qualquer género que se depare. Que faz, serem as Obras desta ou daquela classe, quando elas manifestam belezas da primeira plana? Tocavam outros no seu género o ponto da perfeição? O nosso Fabulista alçou o género que exerceu, ao cume de seu talento.

Talvez, que na história literária de todos os séculos, seja o estilo de La Fontaine o que mais assombre. Sim, porque só a ele estava reservado dar a admirar na curteza dum Apólogo o concerto dos matizes mais vivos, e a harmonia das cores mais opostas. Bastantes vezes, numa só Fábula se encontra a singeleza de Marot, a jovialidade engenhosa de Voltaire, rasgos da mais alta Poesia, e muitos desses versos de tão enérgico sentido, que para sempre se estampam na memória. Nenhum Autor logrou mais que ele a flexibilidade da alma, a da imaginação, que se inclina a todos os movimentos do assunto. Sendo ele o mais familiar de todos os Autores, súbito, e de seu próprio natural o vedes tradutor de Virgílio, ou de Lucrécio; com frases nobres, e bem deparadas, dá relevo, e faz dignos da Epopeia, os objectos da vida comum. Tão inge-nhoso é o seu estilo, que todas essas belezas dão mostra de serem elas mesmas quem se veio assentar na narrativa, sem lhe atalhar, nem interpolar a derrota. Vezes há, em que a mais rica, a mais brilhante descrição é ali necessária, como na Fábula do *Carvalho e do Caniço*, na do *Sol e Bóreas*, em que ela parece ser a exposição do assunto. Senhores, sinto que o Poeta das Graças me atalha aqui, e me tolhe, em nome delas, sequidões duma análise. Se, como de Montaigne já disseram: mostre-se (dizem de La Fontaine) mas não se pinte, transcreva-se, mas não se descreva, sentença é essa, que não se há-de aplicar ao nosso Fabulista. Com efeito, quantas vezes se não transcreveu já? Desculpar-me-ão os meus Juizes, se à sua admiração lhes ofereço quantidade de rasgos, que lavram na lembrança de todos os Leitores, e andam repetidos em quantos livros correm consagrados à nossa educação, como o Livro de que nasceram? Suponho, que os meus Contendores exalçam, um a feliz aliança de suas expressões, a afouteza, e novidade das suas figuras, tanto de maior admiração, quanto elas são mais singelas; outro dá quilates ao contínuo encanto de seu estilo, que desperta um montão de sensações diversas, que aformosenta com tão ricas e variadas cores todas as contraposições, que o seu assunto lhe apresenta; que me inte-ressa em renovos estragados por um escolar; me enternece por essa Águia a quem quebraram *seus ternos ovos, doce esperança sua*; virá ainda outro elogiar o

agrado, e pico da sua jovialidade, que tão naturalmente avizinha grandes objectos aos pequenos; que ora vê num Raposo, um Patroclo, um Ajax, um Aníbal; num Gato, um Alexandre; na briga de dous Galos, a Guerra de Tróia motivada por Helena; põe Pirro de nível com a Saloia do Leite; na tão jovial como Poética disputa entre as duas Cabras, tão ufanas da sua prosápia, representa Luís XIV, e Filipe IV medindo os passos para a Ilha da Conferência. Todos os que vos oferecerem semelhantes rasgos, que notas assinarão, que triviais não sejam, ou quando muito floridas pelo mérito da expressão? Como poderão retratar-vos um Poeta que a miúdo, descuidando-se, como se folgadoamente conversasse, cita Ulisses à conta das jornadas duma Tartaruga? E que fica mui pasmado de deparar lá com ele? – Poeta, cujas belezas, parece virem-lhe algumas vezes ali de encontro, e lograrem (para usar da palavra de que ele muito gostava) *as graças do repente*. Poeta que inventou uma língua, e uma Poética particular; singelo na frase, quando é engenhoso o conceito; simples na expressão, quando é valente a ideia; dando relevo às graças naturais, com o picante incentivo, que lhe presta o que a fisionomia ajunta à formosura; que de contínuo brinca com a sua Arte mesma; que a propósito da tardonha maternidade da Calhandra, me dibuxa as delícias da Primavera, os prazeres, os amores de todos os viventes, e põe em contraposição da viuvez duma Ave, o encanto da Natureza?

Eu, que em tão variadas belezas não insisto, contento-me com indicar as fontes principais donde o Poeta as viu correr; observo, que o seu carácter distintivo e a aptidão pasmosa com que apresencia a acção que nos refere; com que dá a cada figura sua índole particular, cuja unidade lhe conserva na variedade de suas Fábulas, e lha dá a conhecer em tudo. Outro manancial porém de mais superiores belezas, é a Arte com que, dando mostras de que se entretém com ninharias, com uma única palavra vos transfere a cousas de grande porte. Quando v.g. o Lobo ao lado do Leão enfermo acusa o Raposo de lhe ser indifere-n-te tão preciosa saúde:

Daube, au coucher du roi, son camarade absent.

Não creio eu que me acho na cova do Leão? Não estou eu na Corte Leonina? Quantas vezes não faz o Autor, que dos assuntos mais frívolos na aparência, nos brotem particularidades anexas a pontos os mais importantes da Moral, aos maiores interesses da sociedade? Não é jocosidade afirmar que a disputa do Coelho com a Doninha, que se apossou de covil, ausente o Dono, esta alegando o direito de *primi occupantis*, e mofando dos pretensos direitos de João Coelho; ele reclamando o jus de sucessão transmitido ao mencionado João, por Pedro, e Simão seus avós, nos não ofereçam precisamente a resulta de tantos volumaços sobre a propriedade dos bens? E La Fontaine que faz que diga a Doninha:

Et quand ce serait un royaume?

Ele que noutra passagem diz

Mon sujet est petit, cet accessoire est grand.

Não me constrange ele a admirar com que destreza me manifesta as aplicações gerais do seu assunto, no joco-sério mesmo do estilo seu? Este é um dos seus segredos, por certo; e daí vem que a sua Leitura prende ainda os ingenhos mais elevados: sim, porque à conta dum Insecto, se acha (mais naturalmente que se não crê), ao lado duma grande ideia; e que falando da Formiga orça pelo sublime. Dar-me-ia eu por descaminhado, se grande admirador de La Fontaine, me afoutasse a dizer que o sistema abstracto de – *Tudo vai bem* – parece talvez mais verosímil, e

mormente mais claro, quando Garo discorre na Fábula da Lande e da Cabaça, que quando se leu Leibnitz, e ainda o mesmo Pope?

Se ele assim, às vezes assingela as mais enleadas questões, com que facilidade não virá a Ética ordinária pousar em seus Apólogos? Vem ali, como nascendo, e sem fasto algum; porque se não dá por Filósofo, La Fontaine; antes se encolhe de o parecer: tanto importa aos Poetas dissimulá-lo! e não dar a saber o seu segredo. Quando muito, que o adivinhem Leitores assíduos, e como admitidos no íntimo da sua confiança. Por tanto não quer La Fontaine passar por mais que um homem, e homem ordinário. Pinta ele os encantos da formosura?

Un Philosophe, un marbre, une statue,  
Aurient senti *comme nous* ces plaisirs.

Quando mormente nos argue algum desmancho; então é que ele folga de entrar em causa comum, connosco, e a passar por discípulo dos Animais, que pôs na cena. Se satiriza algum vício, conta simplesmente o que o vício faz obrar à pessoa, que dele se acha eivado; e eis toda a sátira. Do diálogo, das acções, dos afeitos dos Animais é que saem as lições, que nos ele dá. Se connosco directamente fala, quem nos fala é a Razão, e essa, com mansa, e modesta dignidade. A, que nas suas Obras tanto interesse espalha, bondade singela, o retrai de contínuo ao género de poesia simples, que mitiga o brilho dalguma ideia grande, e a pende para o vulgo; pela expressão familiar, com que lhe facilita melhor acesso, lhe adquire maior persuasão. Como se sente penetrado do que diz, serve-lhe de eloquência a boa fé com que fala; e produz assim essa verdade de stilo, que comunica a quem o lê todos os movimentos do Escritor. Se o assunto o guia a derramar a plenidão de seus pensamentos, abre então portas à abundância de seus afeitos; como se vê, na Fábula dos dous Pombos, em que o quadro de sua mútua felicidade, de lanço em lanço lhe vai enternecendo a alma, quando lhe recorda as mais saudosas lembranças, e lhe inspira o pesar das ilusões que perdera.

Não ignoro, que um vulgar preconceito imagina, que avulta assim a glória do Fabulista, quando o representa como um Poeta, que governado por involuntário, e cego instinto, o dispensou a Natureza de achegar algo aos dons, que ela lhe fez; e cujo venturoso desmazelo colhia, ao desdém, flores, que nunca cultivara. Por certo que La Fontaine deveu muito à Natureza, que foi pródiga com ele, da mais amável sensibilidade, e de todos os tesouros da imaginação. Por certo que a *Fabuleira* tinha nascido para dar Fábulas, mas quantos disvelos não custou o cultivo dessa árvore preciosa? Recordemos a quantia de preceitos acerca do gosto mais delicado, e de mais requinte, que derramados correm nas suas obras, e nos prefácios delas; recordemos esse tão venturoso verso, que Apolo diz:

Il me faut du nouveau, n'en fût-il plus au monde.

Quem há-de duvidar que La Fontaine o não procurou? E que a Glória, (que é como a Fortuna) não vende o que aí crêem que ela dá? Se quem o lê, induzido pela facilidade dos seus versos, se nega a conhecer neles os disvelos da Arte, conseguiu o Poeta o que mais desejava. Negar o trabalho que lhe custou, e segurar-lhe a mais formosa recompensa. Oh La Fontaine, avulta a tua glória, e triunfa a tua Arte, quando menos a conhecem!

Quem não dá tento a seus progressos, e a seus estudos, quando considera o andamento do seu Ingenho? Olho para esse homem extraordinário, dotado dum talento, ignorado (certo é) por ele até à idade de vinte e dous anos... Vejo-o inflamar-se de súbito, quando lê uma Ode de Malherbe, como Mallebranche, quando leu um livro de Descartes, sentir na alma o entusiasmo, e ao ver de perto a glória, pasmar de que para ela foi nascido. E qual foi o motivo, porque Malherbe obrou esse prodígio,

que não conseguira a leitura de Horácio, nem a de Virgílio? Foi, que La Fontaine os via em grandíssima distância de si. Foi, que eles lhe não apontavam, como o Poeta francês, o préstimo que ele podia tirar dessa língua, que ele tinha de tanto ilustrar, um dia. Tomou para modelo a Malherbe, a quem devia (digamo-lo assim) o seu poético nascimento; conhecendo porém que o pico, e a aguda singeleza eram a índole do seu Ingenho, deu-se a cultivar Rabelais, Marot, e outros contemporâneos seus; com o que deu mostras de atrasar a língua, cujos progressos adiantavam Bossuet, Racine, e Boileau, com a elevada nobreza de seu estilo. Nem por isso se enriquecia ela menos em poder de La Fontaine, que lhes restaurava os bens, que ela deixara desbaratar; e que ajuntando, como alguns Curiosos, quantidade de moedas antigas, compunha para si verdadeiro tesouro. Em nossa linguagem antiga cavou essas expressões imitativas, ou pitorescas, que ostentam o pensamento com todo o colorido que lhe compete; que não há hi Autor, que tivesse o talento de *expor* como ele, a *alma à vista do Leitor*: frase de que se serve La Fontaine para exprimir um dos atributos da Poesia. Toda a sua Poética se cifra nessa frase, à qual (parece) que sacrificou ele todos os preceitos da Poética ordinária, e os da nossa versificação, cujo modelo são as suas composições; ainda quando a miúdo lhe quebranta as regras. E será possível, que as quebrante o bom gosto, quando a Equidade sobe acima das Leis?

E ora nascera Poeta o nosso Fabulista; mas nas Obras, em que ele então se ocupava, não podia espriar-se essa porção dos seus talentos, que ele cultivava, lendo os modelos da literatura Italiana, antiga ou já moderna; e estudando a Natureza, e os que pintar-no-la souberam. Sem que dissimule, que o maior Poeta que hoje existe nega a La Fontaine, escritor tão raro, a prerrogativa de saber pintar... Sentindo como é justo, o peso de tamanha autoridade, confesso que o Panegirista de La Fontaine seria indigno de admirar tão grande Crítico, se não tomasse a liberdade de lhe observar, que o Autor das Fábulas, bem que não multiplique os quadros, em que de propósito o Pintor se dá a conhecer por tal, não lhe é vedado merecer esse nome: pois que pinta com um só rasgo; pinta pelo movimento que dá a seus versos; pinta pela variedade das medidas e cesuras deles, e mormente pela harmonia. Verdadeiro nas figuras, e que ferem nos olhos; dado que pouco as borde, e lhes não ponha molduras; eis La Fontaine. Desleixado, quanto é amável desleixada a sua Musa, recorda essa risonha pintura da Aurora, num dos seus Poemas, onde ele afigura essa mimosa Divindade embalouçando-se nos ares:

La tête sur son bras, et son bras sur la nue,  
Laisse tomber des fleurs, et ne les repand pas.

Donosa descrição, que responde à crítica, e dá o quilate da sua Poesia.

Assim se foram, por essa gradação, formando os diversos talentos de La Fontaine, que por fim se coadunaram todos nas suas Fábulas, que deviam ser frutos já maduros. Porquanto pedem tempo certos ingenhos para se inteirarem de diversas qualidades, cuja aliança compõe seu verdadeiro carácter; combiná-las, sorteá-las, fortificar os primitivos rasgos, imitando Autores, que com eles têm alguma verosimilhança; e enfim pôr-se inteiramente à vista, num género capaz de nele espriar a variedade dos seus talentos. Comparai-o com um Atleta bem reforçado, que ainda não aprendeu a tomar o desplante, em que possa disferir todo o vigor. Além de que, Obras tais, como as Fábulas de La Fontaine, requerem grande conhecimento do coração humano, e do sistema da Sociedade; requerem ingenho, que o estudo, e a experiência lho hajam amadurecido; mas que sendo também manancial fecundo em reflexões, de contínuo recorde a si o Leitor, a quem manifesta belezas novas, e a mais larga cópia de bom senso, à proporção, que pela sua própria experiência, engrossou ele o cabedal das suas ideias. Que assim voltamos nós a miúdo às Obras de Montaigne, de Molière, e de La Fontaine.

Tais são os mais qualificados merecimentos dessas Obras,

Toujours plus beaux, plus ils sont regardés. – BOILEAU.

que alçando o Autor das Fábulas acima do seu mesmo género, me salvam de memorar aqui a quantidade de imitadores, já estranhos, já franceses, que se dão por mui honrados de o terem seguido de longe; e se ele, como diz M. de Fontenelle teve a tontice de se pôr abaixo de Fedro; tiveram eles juízo em se porem abaixo de La Fontaine, e de, até na modéstia, imitem esse grande Poeta. Houve porém um mais confiado, e que se afoutou a lutar com ele; e essa afouteza, não menos que o seu bem fundado merecimento, pede talvez certa excepção. La Motte, que derramou universalmente o ingenho seu, porque o seu talento a nada o arrebatou, fez Fábulas... Oh La Fontaine, não tinha um século já revolvido manifestado à França quão raro era um talento como o teu? Passou esse momento de ilusão: e então é que se viu que um Filósofo friamente ingenhoso, que à finura não achegava, nem o natural, nem a *Graça, mais formosa que a mesma formosura*; que não possuía o *que agrada além dum dia*; que sobre a Moral, sobre a sua Arte dissertava; e o orgulho que nele revê, quando, até nós ele descer consente; ao mesmo tempo que La Fontaine tão naturalmente toma lugar a nível de nós: La Motte forceja por ser singelo, estando-nos afirmando que é forçoso que nos agrada; é frouxo, quando excogitado, ao passo que La Fontaine só por negligência o é? Como pudera La Motte ser émulo dum Poeta singelo, muita vez sublime, sempre verdadeiro, e que, no coração, deixa a lembrança de quanto a Razão ditou? Que ajunta à *Arte de agradar*, a Arte de que *em tal não cuida*? Cujos defeitos, às vezes felizes, fazem que se lhe aplique o que ele disse a uma amável Dama:

La négligence, à mon gré, si réquise,  
Pour cette fois fut sa dame d'atours!

Pelo que, as longuras, e as incorrecções, que lhe arguiram, não afrouxam o encanto que a ele de contínuo nos atrai; que faz, que todas as Nações, e todas as idades o amem, e ainda mesmo a da Infância. Ora qual é o prestígio, que assim lhe segura todos os gostos, e todos os ingenhos? Que é o que comove os Meninos, tão incapazes de lhe per-ceber tantas belezas? O seu fraseado simples, em que eles deparam com a linguagem da conversação; e a representação quasi teatral dessas cenas tão curtas, e tão animadas: e o interesse; que ele lhes insinua que tomem nessas figuras, pondo-lhas como diante dos olhos. Ora essa ilusão não a encontram eles nos seus imitadores; que por mais que chamem Beltrão a um Bugio, e Ratão a um Gato, nem Gato, nem Bugio lhes amostram. Que é o que os Povos todos comove? A universal Razão, espalhada pelas suas Fábulas. O tecido dessas lições convenientes a todos os estados da vida. A íntima conexão de objectos em si ténues, com verdades de porte. Que não nos atreveremos nós a imaginar, que todos os entendimentos possam perceber as graças de seu estilo, que na tradução se esvaecem. Leiam La Fontaine, na língua original, e digam se é verosímil que estrangeiros, por mais subido conhecimento que da língua francesa lhes suponhamos, conquistem as graças do estilo, como cabe a um Povo, onde o espírito da sociedade, verdadeiro carácter da Nação, achega (sem as confundir) as diferentes classes: onde para agradar, o superior, sem que muito se abaixe, e o inferior, sem que se avilte; onde o hábito de comunicar com tantas qualidades de Amor próprio, sem ofender, por que o não ofendam, dá ao ingenho certa rapidez de tacto, certa sagacidade subitânea, que concebe o mais ligeiro matiz da ideia alheia, e as suas patenteia com mais conveniente claridade; faz com que avalie as Obras agradáveis, as agudezas da língua, o decoro do estilo, e suas conformidades gerais, cujo íntimo senso se apura no grande trato da Sociedade? Isto assim sendo, como poderiam os estrangeiros, superiores a nós, enquanto a muitos outros objectos, sobre serem aliás tão merecedores de respeito... Como posso eu aventurar semelhante opinião, quando ela



se acha lá refutada pelo exemplo dum estrangeiro, que ante os olhos da Europa inteira, assinala o quanto admira a La Fontaine! Sem dúvida que esse estrangeiro ilustre, entre nós tão bem naturalizado, percebe todas as graças desse feiticeiro estilo; e a preferência que ele outorga ao nosso Fabulista sobre tantos Autores egrégios, e o zelo com que venera a sua memória, é suficiente prova; a menos, que em parte, se lhe não atribua ao interesse, que o seu carácter, e que a sua pessoa inspiram.

## TERCEIRA PARTE

O homem, que em seu coração tivesse amáveis afecções, que as exprimisse com os toques que La Fontaine lhes dá nas suas composições, dar-se-ia a querer a quantos o conhecessem: ainda mais os atraía o nosso Fabulista, com ser tal, qual saíra das mãos da Natureza; encanto esse que nós não perdemos por inteiro. Parece que o plasmou ela para o contrastar com o homem, que a Sociedade molda a seu jeito; e que para avultar o fenómeno, e mais assinalar o singular contraste, o dotou do seu ingenho, e do seu talento. Até o último instante da sua vida conservou toda a singeleza, que supõe inocência ele costumes, e brandura de alma. Na sua Novela de Psyquis delineou em parte a sua índole, quando representa o de que fazia gosto, sob nome de Polifilo, que gosta *de jardins, de flores, de frescas sombras, de música, de versos, e coaduna em si quantas meigas paixões que enchem o coração de certa ternura*. Essa geral benevolência que em todos os entes sensíveis o interessa, revê no seguinte verso:

Hôtes de l'univers, sous le nom d'animaux.

em que ele como tais os contempla; e esse hábito de ver nos animais os membros da sociedade universal, progénie do mesmo Criador (estra-nha disposição, segundo nossos costumes usuais, mas vulgar nos séculos atrasados, como bem se vê em Homero, e dura ainda entre Povos do Oriente)... Esse hábito (como digo) faz que enterrecendo-se de ver morrer os animais numa inundação, que veio castigar os crimes humanos, diz pela boca dum Ancião:

Les animaux périr! car encore les humains  
Tous devaient succomber sous les célestes armes.

Até às plantas mesmas se estende essa sua sensibilidade que as anima ele, não somente com atrevidos rasgos, que aos olhos dum Poeta dão vida a toda a Natureza, e que são unicamente figuras de expressão; mas também pelo tom affectuoso, pelo activo interesse, que ele affecta, quando vendo o Veado, que rói na cepa que o salvara, clama indignado:

.... Que de si doux ombrages  
Soient exposés à ces outrages !

E seria possível que não sentisse ele em si o preço dessa porção da sua índole, e que avisado pelo bom successo que ela produziu, não a cultivasse disvelado? Por certo, não. Esse homem, que julgaram desconhecido de si mesmo, formalmente declara, que de contínuo estudava o gosto do Público, e todos os meios de lhe agradar. Verdade é, que dado que ele acerca da Arte formou para si agudíssima, e profundíssima teórica; dado que recebesse da Natureza, o mesmo acume de olhos, que granjeou a Molière o nome de *Contemplador*, a sua filosofia tão prodigiosa nos des-refolhos do coração humano, se não alteou até os princípios gerais, que formam os sistemas; de lá procedem certas incertezas nos axiomas, certas fábulas repreensíveis nas resultas, e nas quais parece que foi a Moral sacrificada à Prudência. De lá vêm certas contradições sobre diversos pontos de Política, e de Filosofia; e deixar indecisas as questões espinhosas; e raras vezes pronunciar acerca desses problemas, cuja solução nem no coração jaz, nem na alçada da universal Razão. Em todos esses pontos que absolutamente demoram fora dele, se refere de boa vontade a Plutarco, e a Platão, sem entrar nas disputas dos Filósofos: mas quando toca no seu modo de sentir pessoal, então consulta com o seu coração, sem que grandes nomes,

nem grandes palavras o acanhem. Sêneca, invective, inculque, como opróbrio o dito de Mecenas, que quer viver, e gotoso, e tolhido, e impotente; La Fontaine não se leva das invectivas; com donairoza boa fé, admira o dito, e o dá por digno da posteridade. A seu parecer Mecenas foi um homem de porte, e aí reconheço aquele que muita vez declara, seus desejos de viver quando menos, um século.

Entrava essa incerteza até no seu mesmo proceder: sempre recto, sempre bom, sem forçar seu natural, nada tinha que lutar consigo mesmo; mas se no ânimo lhe rebenta repreensivo movimento, ei-lo que fraqueia, e cede sem combate. Notou-se-lho na dissensão, que teve com Furetière, e com Lulli, que o logrou; e que (como ele diz) o *enqui-naudou*: nem é para dissimular que o Autor das Fábulas fizera Óperas pouco conhecidas. O ressentimento que ele concebeu contra a má fé desse Italiano, fez com que ele deparasse com a *ténue bilis*, que tinha, e que essa lhe servisse para compor uma violenta sátira. Sirva de glória a La Fontaine, que de tal pasmassem os que o conheciam. Passada porém essa borrasca, tornou La Fontaine a ser quem dantes era; tornou à sua índole fixa, que era a *duma criança*; e cólera de criança a sua foi. Tem seu apego o espectáculo, em que se observam os movimentos *duma alma*, que conservando no bulício do Mundo os primeiros rasgos da sua índole, parece que só ao instinto da Natureza obedecera de contínuo. As paixões sim as conheceu, sim as experimentou; mas enquanto Moralistas as consideravam como inimigas do homem, ele as reputava como reforços da nossa alma; e até se declarou Apologista delas. Já Filósofos inimigos dos Estóicos, tinham vulgarizado essa ideia, na antiguidade; contudo pareceu nova; e se o Autor das Fábulas algumas vezes fez gosto de a desenvolver, nasceu-lhe de ter por verdadeira opinião, que paixões moderadas são instrumentos da Dita. Esse filósofo, que rígido e severo as quis aniquilar em si, certo é que foi porque elas o levavam de rojo; porque as temia como o Glutão teme, às vezes, os banquetes. La Fontaine, como a Natureza o tinha resguardado de abusar de seus donativos, sem susto se deixava guiar pelas inclinações, que às vezes o transviaram, mas que nunca o avizinharão do despenho. O Amor, paixão que entre nós se compõe de tantas outras, tomou nele a singeleza que lhe era natural: fiel ao objecto de seu agrado, mas inconstante em seus prazeres, insinua que o que ele mais nas Damas estimava, era o que elas mais ambicionam, a formosura. A comoção porém que ela lhe inspirou, adoçando-se ao jeito da alma que a recebia, se aformoseou com as graças de seu ingenho, e co'a mais terna galantaria. Quem viu cousa que mais lisonjeasse a formosura, que o affecto que exprimem os seguintes versos:

Ce n'est point près des rois que l'on fait sa fortune.  
Quelque ingrate beauté qui nous donne des lois,  
Encore en tire-t-on un souris quelquefois.

A gostosa inclinação às mulheres em quem de contínuo, como Ariosto, fala, em bem, e em mal, foi quem lhe ditou os Contos, e que sem perigo, e com tanta venustidade se reproduz até nas Fábulas, lhe meneou a pena na novela de Psyquis, nova Deusa, a quem o ingenhoso Conto de Apuleio não pode associá-la às antigas Divindades da Poesia; mas La Fontaine com o brilhante da sua imaginação, lhe deu existência igual à que aos outros Deuses deram Homero e Hesíodo, e que como eles teve o lauro do criar um Númen. Fez gosto de nela única coadunar todas as fraquezas femininas, ou como lhes ele chama, os três senões seus de maior vulto, que são, presunção, curiosidade, e sobejo ingenho; as quais ele aformoseou com todo o venusto desse feiticeiro sexo. Colocou-a no centro dos prodígios da Natureza e da Arte, que junto dela seu preço perdem. Esse triunfo da formosura, que ele tão de vontade dibuxou, pede, e alcança mercê para as Sátiras em que se desmandou contra as mulheres; sátiras (contudo) gerais. Nessa mesma Psyquis, põe ele no Tártaro

Ceux dont les vers ont noirci quelque belle.

Portanto seus versos, como sua pessoa acharam sempre igual aga-salho nesse amável sexo, que se deu por bem vingado da maledicência, pela paixão donde ela procedia. Notaram que três Damas foram suas Benfeitoras, entre elas a famosa Duquesa de Bouillon, que embuída pelo esp'rito de partido, flagelo da literatura, tão alto se declarou contra Racine; pela razão, que esse grande Trágico, que depois chamaram o Poeta das Damas, não poude alcançar o voto das Senhoras mais celebradas no seu século, que interessavam todas no aplauso de La Fon-taine. Ora o aplauso foi uma das suas mais constantes paixões, como ele mesmo no-lo insinua quando diz:

Un vain bruit et l'amour ont occupé mes ans.

Pois que até nas mesmas ilusões de amor, essoutra paixão no peito lhe lavrara

Adieu, plaisir, honneurs, louange bien aimée.

Assim clamava saudoso, nos instantes, que dava por perdidos para a sua reputação. Essa paixão não lhe foi infeliz; antes essa glória tão prezada, e tão bem sucedida, o colocou na pauta desses homens raros, a quem a pública opinião dá foros de se louvar a si, sem apai-xonar o amor próprio dos outros. Conceda-se que tal qual vez usou dessa regalia; e que, entre assombros da sua singeleza La Fontaine não foi Poeta falto de vaidade. Louvando-se porém somente para prometer a seus amigos *um templo, nos seus versos*, e para que mais digno deles fosse o seu incenso: razão porque mais caroável fosse a sua presunção, e somente se ostentasse, como amável efusão duma alma singela, que quis associar à sua fama os seus amigos. Quando se afouta a dizer:

Qui n'admettrait Anacréon chez soi?  
Qui bannirait Waller et La Fontaine?

Quem há hi que considere que o Fabulista quis reclamar contra os retratos que tiraram da sua pessoa? É verosímil que aquele homem que tinha entrada em casa dos Príncipes de Conti, e Duques de Vendôme, e em tantas sociedades ilustres, fosse tal, qual no-lo representa um ridículo encarecimento, estribado na fé de algumas respostas que saíram da sua singeleza, e das suas distracções? A Grandeza anima, quando a Soberba protege; a Vaidade cita um Autor egrégio, mas a Sociedade somente admite a quem sabe agradar: e os Chaulieu, os La Fare, com quem ele familiarmente tratava, não ignoravam o antigo método de desprezar a pessoa, estimando-lhe as Composições. A social amizade sua, as dádivas dos Conti e dos Vendôme, e após esses as do augusto aluno de Fénelon recompensaram o merecimento de La Fon-taine, e o consolaram do descuido da Corte, se com efeito ele em tal cuidou.

Notável singularidade é ver um Autor, como ele, nascido na era dum Rei, cujos donativos iam assombrar os Sábios do Norte, viver descuidado, morrer pobre, e quasi pronto a ir, caduco, requerer, longe da sua Pátria, os socorros necessários à sua simples subsistência. Tal pena em toda a vida lhe valeu o seu apego a Fouquet, inimigo de Colbert! Ah! que não fora deslustroso a esse insigne Ministro, deslembrar-se de punir um reconhecimento, e coragem que ele estimar devera! Talvez, que entre os Escritores, cujos nomes ele apresentava à munificência d'El Rei, não desdissesse o nome de La Fontaine; e não exprobrasse a posteridade à memória dele, o ter entregue ao benéfico zelo da Ami-zade, um homem, que foi um adorno do seu século, que na Academia lhe sucedeu depois, no posto, onde o louvou de ter sido o Protector das Letras.

Uma vez, que dele se descuidaram, descuidado ficou para sempre; que esse é o uso: nem o merecimento de La Fontaine era de qualidade, que empenhasse activamente a Luís XIV. Talvez que os Reis, e que os Heróis andam muito alongados da Natureza, para poderem apreciar Autor semelhante; atendem mais a painéis de História, que aos de paugagens. M Luís XIV que à natural grandeza de sua alma, mesclava certo matiz da hombridade Espanhola, que de sua Mãe lhe vinha; Luís XIV, tão apaixonado pelo mérito de Corneille, de Racine, e de Boileau, não deparava consigo lá nas Fábulas. Grande defeito num século, em que Despréaux deu como preceito na sua Arte poética, que todos os Heróis da Tragédia se moldassem pelo Francês Monarca: e ora a descrição da passagem do Reno importava mais a El Rei, que os debates do Coelho, e da Doninha.

Apesar dessa deslembração d'El Rei, que até atrasou ser recebido na Academia o Autor das Fábulas, apesar de seu medíocre haver, La Fontaine foi feliz, e folgamos de assim o crer; mais feliz que nenhum desses grandes Poetas contemporâneos seus. Se não teve o respeitável brilho anexo aos nomes de Racine, Corneille, e Molière; também se não viu exposto à desenfreada Inveja, a quem irritam sempre aplausos de Obras de Teatro. O seu génio pacífico o salvou dessas contendidas Literárias, que atormentavam a vida de Despréaux. Caro aos maiores talentos do seu século, querido do Povo, viveu em paz com os Autores medíocres; cousa que mais difícil parece. Pobre, mas sem mau génio, e como a ocultas dele mesmo; livre de pesares domésticos, nada inquieto do seu fado; senhor do seu sossego, de meigos devaneios, e do *dormir folgado* de que tanto elogio faz, os dias lhe corriam tão descuidados, como os seus versos. Assim, em despeito do muito que amava a soli-dão, e do muito que gostava de viver no Campo, gosto tão favorável às Artes, a quem oferece os modelos de mais perto, em toda a parte se achava sempre bem. No arrebatamento de seu conceito, clama, que ama os Campos e a Cidade, que tudo era para ele o sumo Bem:

Jusqu'au moindre plaisir d'un cœur mélancolique,  
Les chimères, le rien, tout est bon.

Em toda a parte encontra, o que em si mesmo leva, e cujas inesgotáveis fontes são a inocente simpleza do seu ânimo, e a sensibilidade dum imaginação ligeira, e flexível. Pára a vista, e com delícias pousa na perspectiva dum homem, que num Mundo enganador, suspeito, e agitado de paixões, e de interesses diversos, anda com o desleixo da pacífica seguridade, e acha a seguridade na sua confiança mesma, e se abre acesso em todos os corações, sem usar doutro artifício mais que o de abrir com franqueza o seu, de dar largas a todos os movimentos dele, deixar que nele até as suas próprias fraquezas, ali lhe sejam como abonadoras de sua amável indulgência para com as alheias. Por essa razão inspirou sempre La Fontaine esse interesse que involuntariamente concedemos à infância. Um se lhe encarrega da educação e da fortuna de seu Filho (condescendendo com a vontade da sua família, se achou certa noite casado); outro, em sua casa, lhe dá asilo; e La Fontaine imagina que vive no meio de Irmãos. E com efeito assim vieram a ser; porquanto a sociedade retoma as virtudes da idade de ouro para com aquele, que dela possui a boa fé, a singeleza. Recebe donativos, e tem jus a eles; porquanto, daria ele quanto tivesse de seu, que não se daria por quite. Génios há hi que nobremente ingénuos se elevam naturalmente acima da ombridade; e sem que eu argua certo Filósofo, que desvia de si o Benfeitor (por se não cativar a um Tirano) que se priva, sofre, e cala; não é talvez mais guapo, ou ao menos mais brando ver La Fontaine declarar suas precisões a um Amigo, com o mesmo semblante, com que lhe declara os seus pensamentos? Entregar à Ami-zade os preciosos foros, que ela reclama, é obsequiá-la pelos bens que dela se recebem. O seu agradecimento consistia em amar; e assim o demonstrou acerca do infortunoso Fouquet. Por certo que admiro, que assim o devo, como Obra-prima em Poesia, e em sensibilidade a maviosa Elegia que ele compôs a esse famoso desvalimento; quando porém o vejo depois de dous anos da queda do seu Benfeitor,

chorar, só de ver o Castelo em que esteve preso Fouquet, parar involuntário à roda dessa prisão, arrancar-se custosamente dela... se eu dessa sensibilidade encontro não já num Poema dado à luz monumento muitas vezes duma gratidão fastosa, mas sim a efusão de amigável correspondência; nesse caso amo o Autor, ainda mais do que o admiro. Oh La Fontaine, enxuga as lágrimas; escreve a tua Fábula dos *dous Amigos*, que eu já agora sei, onde tu acertas com a eloquência do coração, e com o sublime do íntimo senso: reconheço o Mestre dessa Virtude, que tu com expressão nova chamas o *dom de ser amigo*. Quem, melhor que tu, recebeu da Natureza esse raro dom? Quem experimentou as ilusões desse afeito? Com que interesse, com que boa e singela fé, associando numa mesma colecção muitas de suas imortais composições, com a tradução de algumas Orações antigas, obra de seu Amigo Maucroix, se não entrega ele às esperanças duma imortalidade que lhes seria comum?

Que há hi que suba acima da maneira com que ele se votava pelos seus Amigos, a não ser a nobre confiança que neles punha? Senhores; <sup>[M]</sup> vós, que tanto estimais sua lembrança, que tanto prezais, tanto concebeis o inefável encanto da facilidade nas virtudes (quinhão de antigos costumes), qual de vós, senhores, indo oferecer a seu Amigo, pousada em sua casa, não experimentaria a mais suave comoção, e igual transporte de alegria, quando ouvisse aquela tão enternecida, quão inesperada resposta: *lá ia eu agora!* Palavra tão simples, expressão tão singela dum desleixo sem reserva, que é o obséquio mais digno que se tributa à generosa humanidade: nem Benfeitor (digno de o ser) recebeu nunca, do benefício que fez, tão grato prémio.

Este o retrato, que fracos os meus olhos puderam contemplar nas suas Obras mesmas, e melhor nelas, que em certa tradição, tão recente, quanto infiel; que fundando-se na fé de algumas jocosidades de sociedade, folgou demonstrar como extravagante brinco da Natureza, um homem que ela formou para prodígio de sua arte, que deu ao Mundo o contraste dum excelente Moralista, e Autor de Contos mais que libertinos; que recebeu em partilha o mais agudo ingenho, e foi o modelo de toda a singeleza; que possuiu o talento de saber bem observar, e ainda o da Sátira, quem sempre passou por bom homem; que com ares de descuido (às vezes verdadeiro) encobriu o artifício da mais sábia composição; fez que a arte tivesse parecenças com o natural; e ainda, às vezes, com o instinto; que à força de talento escondeu o talento que tinha; que para esse mesmo talento tirou lucros da oposição do seu ingenho e de sua alma; e que no século dos grandes Escritores, se não o principal entre eles, foi ao menos o de maior assombro. Em despeito de todas as faltas, que eu nem no seu mesmo Elogio disfarcei, será sempre La Fontaine o Autor, que mais lido, e mais relido tem de ser, e abrangerá a pessoa, o interesse, que inspiram as suas Obras; pela razão, que essas mesmas faltas, têm parte às vezes, nas amáveis qualidades que lhes deram origem; e que pelas suas qualidades habitualmente dominantes, é que julgamos nele o Homem, e o Autor. La Fontaine, bom, e por bom reconhecido (notável parença com Virgílio) conservará como Autor o apelido de inimitável; título que já lhe era atribuído antes que bem apreciado fosse; título que a admiração dum século inteiro lhe confirmou já, e que tem (para assim dizer) de andar inseparável de seu nome.

# FÁBULAS ESCOLHIDAS ENTRE AS DE J. LA FONTAINE

## AO DELFIM DE FRANÇA

**C**ANTO Heróis, cujo pai já fora Esopo,  
Cuja história, não sendo verdadeira,  
Contém lições porém, que são verdades.  
Tudo, nesta Obra, até os Peixes, fala,  
E a todos cabe o que nos eles dizem.  
Valham-me os Animais a instruir Homens.  
Ramo ilustre dum Rei, dos Céus querido,  
em quem os olhos fita agora o Mundo,  
Que curvando as cervizes mais soberbas,  
Tantas conquistas conta, quantos dias;  
Quem te diga, haverá, com voz mais forte,  
Acções de teus Avós, dos Reis virtudes;  
Eu menores proezas, leves quadros  
Te exporei nos meus versos. Se consigo  
Divertir-te (inda que não ganhe o prémio)  
Já, de tê-lo empreendido, abranjo a honra.

# LIVRO PRIMEIRO

## FÁBULA PRIMEIRA

### *A Cigarra, e a Formiga*

**A** Cigarra, a cantar passara o Estio;  
Eis que assopra o Nordeste, e se acha balda;  
Sem migalha de mosca, nem de verme.  
Vai, gritando lazeira,  
À Formiga, pedir, sua vizinha,  
Que lhe empreste algum grão, para ir vivendo,  
Té que a nova Estação, bem vinda, aponte.  
Diz-lhe: «À fé de Cigarra, antes de Agosto,  
Pagarei tudo, principal, e juros.»  
Não ser fácil no empréstimo,  
É na Formiga a mácula mais leve.  
Com que diz à que vem pedir prestado:  
«Em que lidavas do calor na quadra?»  
(CIG.) «Ai! faça-me favor, Eu, noite e dia,  
Cantava a quantos iam, quantos vinham.»  
(FORM.) «Cantavas? Muito folgo. Dança agora.»



## FÁBULA II

### *O Corvo, e o Raposo*

**A** Ambrósio Corvo, empoleirado na árvore  
Com um queijo no bico,  
Gil Raposo, que mui lampeiro acode  
Ao faro, quasi quasi que assim fala:  
(RAP.) «Bons dias, Senhor Corvo.  
Como é guapo! Que lindo me parece!  
Bofé, se a voz tem garbo igual às plumas  
Não há hi Fénix tal, nestas devesas.»  
Não cabe em si de gáudio, ao logro, o Corvo.  
Abre de par em par o bico, e cai o queijo.  
Logo o Raposo empolga.  
(RAP.) «Aprenda (assim lhe diz) meu Senhorzinho,  
Que todo o Lisonjeiro  
Vive à custa de quem lhe dá ouvidos.  
Certo, que esta lição bem vale um queijo!»  
Triste, e torvado o Corvo  
Jurou (mas tarde!) não cair mais noutra.

## FÁBULA III

### *A Rã, que quer quadrar c'o Boi na corpulência*

VIR uma Rã um Boi formoso, e nédio,  
E ela, que em talhe (ao muito) um ovo iguala,  
Estende-se, invejosa, incha-se, esforça-se;  
    Quer c'o Boi confrontar-se;  
Já diz: «Mana, olhai bem; ombreio c'o ele?  
    Ou falta quasi nada?»  
(MANA) «Oh que não.» (RÃ) «Mais assim?» (MANA) «Nada.»  
(RÃ) «Eis-me agora.»  
(MANA) «Nem por sombras.» Fez tanto a tal brutinha,  
    Que enfim arrebentou.  
De almas tão párvoas anda o Mundo cheio.  
Um Burguês quer Palácio, como um Duque;  
Quer cada Principote Embaixadores;  
    Cada Marquês quer Pages.

## FÁBULA IV

### *Os dous Machos*

CAMINHAVAM dous Machos carregados,  
Um com sacos d'aveia;  
Com os dinheiros, o outro, da alcavala.  
Este ufano co'a carga preciosa,  
Ovante na andadura,  
Repicava o chocalho.  
Eis que acodem Ladrões ao cheiro do ouro.  
Vão-se ao Macho do Erário, as rédeas tomam.  
Respinga o Macho, rasgam-no de golpes.  
Ei-lo, que diz, gemendo, e suspirando:  
«Estas são as promessas tão seguras?  
O Macho, sócio meu, salvo de p'rigo,  
E eu nele caio, e acabo.»  
«Meu amigo (lhe diz o camarada)  
Nem sempre val d'ufano emprego a posse.  
Se a um Moleiro, como eu, servido houveras,  
Tão mortal te não viras.»

## FÁBULA V

### *O Lobo, e o Cão*

**U**M Lobo, que só tinha a pele, e os ossos,  
(Graça à boa atalaia dos rafeiros!)  
Encontra um Cão de fila nédio, e forte,  
Que por descuido, errara seu caminho.  
Acometê-lo o Lobo, e pô-lo em quartos,  
Com bem gana quisera. Mas membrudo

Tinha o Mastim vidonho  
De não dar mui barata a acometida.  
Chega então acanhado o Lobo a ele,  
Trava conversa, e em parabéns lhe empurra,  
Que é pasmo o quanto é gordo.  
(CÃO) «Nas suas mãos está de ser tão gordo,  
Senhor meu, como eu sou: querê-lo basta.  
Deixe (e verá que muito ganha) as brenhas.  
Tem mais, que olhar como andam os seus sócios,  
Mortos de fome, esguios, esgalgados,  
Pelhancras, e carepa?  
Venha trás mim, melhorará de fados.»  
(LOBO) «E em que ofício me emprega?»  
(CÃO) «Bem pouca cousa, ou nada.  
A quem trouxer bambu, dar-lhe alta coça;  
Alta coça a mendigos;  
Mas à gente de Casa muita festa.  
E inda mor festa ao Dono.  
Bons restos de banquete, ossinhos tenros  
De Pombos, Franguinhas  
São salário, e de sobra afagos, mimos...»  
Já o Lobo vai forjando  
Certa ventura, e solta alegres lágrimas;  
Vai andando. Eis que vê pelada a nuca  
Do Cão, e diz: (LOBO) «Que é isso?» (CÃO) «É nada, quasi nada.»  
(LOBO) «Mas que é?» (CÃO) «Talvez me venha da coleira,  
Que me prende, o que vê.» (LOBO) «Prende! E não corres  
A bel prazer?» (CÃO) «Nem sempre. E isso que importa?»  
(LOBO) «Tanto importa, que eu desses teus sobejos,  
Nem provar quero, nem tesouros quero  
A preço tal. Adeus.»  
Disse, e correndo parte, e ainda corre.

## FÁBULA VI

### *A Novilha, a Cabra, a Ovelha associadas com o Leão*

C'UM Leão feroz, certa Novilha, e Cabra,  
Com sua Irmã a Ovelha,  
Dizem, que outrora entraram em partido,  
Pondo em comum os ganhos, mais as perdas.  
Na armadilha da Cabra  
Caiu preso um Veado.  
Chama ela os Sócios; e eles vindos, conta  
O Leão pelas unhas:  
«Somos quatro (lhes diz) para as partilhas.»  
(E parte o Veado em quatro.)  
«A mim, como a Senhor, cabe a primeira:  
E eu sou Leão; não há que replicar-me.  
Por certo jus também tomo a segunda.  
Bem sabeis, que esse jus é o do mais forte.  
Por mais valente cabe-me a terceira:  
E quem tocar a quarta,  
(Coitado dele) torço-lhe o gasnete.»

## FÁBULA VII

### *Os Alforjes*

«VENHAM, (diz Jove, um dia) quantos vivem,  
E ante os meus pés divinos compareçam.  
Se algum achar senão em seu composto,  
Sem susto o diga, e eu lhe porei remédio.  
Vem Mono (e eu sei porquê) fala ante os outros.  
Vê-me esses animais; suas belezas  
    Compara-as co'as tuas.  
Estás contente?» (MONO) «Eu, porque não?  
    Não tenho  
Eu quatro pés, tão bons, como esses todos?  
Ninguém pôs téqui pecha em meu retrato.  
Quanto a meu Mano, o Urso, esse inda é esboço,  
Que nunca, a bem me crer, dirá que o pintem.»  
    Acode o Urso, e o cuidavam  
Dar-se por agravado: foi engano;  
    Que antes com muitos gabos  
De si, chascos lançou contra o Elefante.  
(URSO) «Massa informe, que ele é, sem ar sem garbo,  
Bem podiam cercear-lhe das orelhas,  
    Com que emendar-lhe o rabo.»  
    O Elefante, que o ouve,  
Dá, apesar da prudência, que lhe imputam,  
    Outras tais badaladas,  
Quando diz que a Baleia, por enorme  
É para o prato seu manjar sobejo.  
Eis que Dona Formiga, que a respeito  
    Do Ouçã, se crê colosso,  
Guapa o taxou de Anão. Jove, que a todos  
    Os viu de si contentes,  
E a escarnicar dos outros despediu-os.  
Ora é para contar, que entre os mais loucos  
    Campou a nossa espécie.  
Tudo nos perdoamos, nada aos outros,  
Vemos, c'um olho, a nós, aos mais, com outro.  
    O Eterno Fabricante  
Os Homens do outro tempo, e Homens de agora  
Alforgeiros nos fez, num mesmo molde.  
Na sacola de trás pôs nossas faltas,  
E pôs, na dianteira, as dos mais Homens.

## FÁBULA VIII

### *A Andorinha, e os Passarinhos*

**N**AS viagens, que fez, muito aprendera  
Certa Andorinha.  
Muito pode ficar a quem viu muito!  
Esta antevia  
A menor tempestade; e dela aos Nautas  
Daria anúncios,  
Antes que ela rompesse. Ora era o tempo  
De semear-se  
O Cânhamo; e ela viu certo Campónio,  
Com a Linhaça,  
Muitos regos cobrir. Aos Passarinhos  
Diz: «Não me agrada.  
Coitadinhos de vós! Que eu, por mim, neste  
Perigo extremo,  
Viverei, daqui longe nalgum canto.  
Vedes, nos ares,  
Passear essa mão? Virá um dia  
(Dia não longe!)  
Que a morte vos trará no que ele espalha.  
Ali se geram  
Armadilhas, que tenham de enredar-vos,  
Laços que apanhem,  
E muito, e muito ingenho, que em tal quadra  
Serão discrime  
Entre morte, ou prisão – tacho, ou gaiola.  
Crede o que eu digo:  
Comei-me esse grão todo.» – Os Passarinhos  
Zombaram dela;  
Que hartos sustento achavam pelos Campos.  
Medrou o linho.  
«Colhei (diz-lhe a Andorinha) os talos todos,  
Sem que um só fique,  
Se a vossa perda não quereis segura.»  
Os Passarinhos:  
«Profeta de maus fados (lhe retrucam)  
Tarameleira,  
Rico emprego nos dás. Nem mil pessoas  
A sementeira  
Deram cabo a esbulhá-la.» – Já medrada  
Toda a Linhaça,  
A Andorinha falou: «Mau vai o caso.  
Ruim semente  
Cresce a palmas. Que pois vós fosteis surdos  
Ao que eu vos disse,  
Coberta que vejais toda essa terra,  
Nem lide a gente

No seu trigo, e só cuide em fazer guerra  
Às Avezinhas,  
Com redes, com costelas, que vos colham,  
O vosso voo  
Daqui, dalém não seja: encantoai-vos,  
Ou mudai clima.  
As Ádens imitai, Grous, e Narcejas.  
Não tendo meios  
De ir, como nós, além de ermos, e mares,  
Ver outros Mundos,  
O partido mais salvo, que imagino,  
É de encasar-vos  
Nalgum boeiro, ou toca de pardeiro.»  
Os Passarinhos  
Enfadados de ouvi-la, chilrearam;  
Com tal barulho,  
Qual a Cassandra ergueram os Troianos,  
Apenas que ela  
Abria a boca. O mesmo fim a todos  
Lhe sobreveio,  
Presas se acharam muitas Avezinhas.  
Só bem ouvimos  
Quem nos fala a sabor. Só no mal cremos,  
Quando ele chega.



## FÁBULA IX

### *O Rato da Cidade, e o Rato Camponês*

O Rato da Cidade fez convite  
Mui civil, com sobejos de Cencramo,  
    No Rato aldeão, outrora.  
Mesa posta em tapete de Turquia,  
Lá vos deixo a cuidar os dous amigos  
    Que gáudio desfrutaram  
Nada ao bródio faltou: cabal regalo!  
Se não foi, que alguém veio aguar-lhe o gosto,  
    No mor sabor da festa.  
Na porta do Salão rompe um ruído  
Eis toma o tole o Rato da Cidade,  
    O outro lhe segue a pista.  
Foi-se quem ao ruído a causa dera;  
E um Rato, e outro vêm. Diz o da Corte:  
    «Demos cabo do assado.»  
Torna o Aldeão: «Stou farto. Amanhã vinde  
Jantar comigo. Eu cá não sou bazófia;  
    Não dou régia iguaria.  
Mas quando janto, nada me alvorota;  
Janto em sossego. Leve o Demo a festa,  
    Se a destempera o susto.»

## FÁBULA X

### *O Lobo, e o Cordeiro*

**M**ELHOR razão foi sempre a do mais forte:

Já o ponho em pratos limpos.

Na clara veia dum regato, a sede

Um Cordeiro matava.

Chega esfaimado um Lobo, andando a corso.

(LOBO) «Quem te deu auso (diz em raiva aceso)

De vires enturvar a água, que eu bebo?»

(CORD.) «Oh não se agaste vossa Majestade;

Mas antes considere,

Que, além de passos vinte, estou mais baixo,

Bebendo na corrente:

E não posso turvar-lhe, em conseguinte,

Por modo algum a veia aonde bebe.

(LOBO) «Que a enturvas digo; e sei que o ano passado

Disseste mal de mim.» (CORD.) «Como o podia

Eu, que nado não era; eu, que inda mamou?»

(LOBO) «Pois disse-o teu Irmão, se o não disseste.»

(CORD.) «Não tenho Irmão.» (LOBO) «Pois disse-o um teu Parente.

Que vós, e vossos Cães, vossos Pastores

Não me poupais em ditos.

Ouvi-o a muitos: tenho de vingar-me.»

Nisto, ao cerrado mato o leva o Lobo;

Sem mais processo o come.

## FÁBULA XI

### *O Homem, e sua Imagem*

**H**OMEM que a si (rivais não os tinha) amava,  
Se creu, dos Homens do Orbe, o mais formoso.  
Sempre enraivou de tudo o que era spelho,  
Vivendo no erro seu mais que contente:  
Erro profundo! Oficioso o Acaso  
Por dar-lhe ao vício cura, a cada passo  
    Aos olhos lhe of'recia  
    Os mudos Conselheiros  
    De que usam nossas Damas.  
Spelhos nas Casas, espelhos pelas Loges,  
Spelhos nas algibeiras dos Peraltas,  
Spelhos té nas Carteiras das Senhoras!  
    Que faz o tal Narcisso?  
Por se salvar de espelhos acintosos,  
Vai-se encantoar nos sítios mais escusos,  
    Que rastrear-lhe coube.  
Mas deu fé (por seu mal) lá nesses ermos,  
Dum Canal, que reluz em clara linfa.  
Viu-se nele: agastou-se. Irada a vista,  
Tem por imagem falsa o que vê nela.  
Por fugir do Canal que não faria?  
Mas tão belo Canal, oh não se deixa  
    Sem saudade penosa.  
Vês onde eu quero vir? Com todos falo.  
Este error sumo é um mal, que nós com gosto,  
    Folgamos de entretê-lo.  
Nossa alma é como esse home', esse Narcisso.  
Asneiras doutros são a rodo espelhos,  
Spelhos, e inda Pintores de erros nossos,  
E Pintores fiéis. Sabemos todos,  
Que o Canal é das Máximas o Livro.

## FÁBULA XII

### *O Dragão de muitas cabeças, e o Dragão de muitas caudas*

DO Grão Turco o Enviado, (di-lo a História)  
Do Imperador nos Paços, preferia  
De seu Amo, às do Império, um dia as forças;  
Um Alemão acode:  
«Tem o Príncipe nosso tão potentes  
Soberanos em sua dependência,  
Que a fulminar exércitos bastara  
Um só co'as forças próprias.»  
Torna o Chiaoux, que era homem de juízo.  
«Por fama eu sei quanta um Eleitor pode  
Milícia pôr em campo, e isso me adverte  
Dum caso estranho, que com tudo é certo.  
Dum sítio (em salvo) eu vi passar um dia,  
Por um Valado, uma Hidra centípite;  
Gelava-se-me o sangue,  
(Para gelar bastara menos susto.)  
Mas no susto parou o meu mal todo,  
Que não poude o Dragão, rompendo a sebe, ,  
Vir onde eu stava. Inda eu pensava o lance,  
Outro Dragão, que tinha  
Uma cabeça só, mas muitas caudas,  
Eis que aponta a passar. Eis novo susto!  
Passa a cabeça, e corpo, e cauda, e cauda,  
Sem empeço, que abre uma o passo às outras,  
O vosso Imperador, e mais o nosso  
Estão no mesmo caso.»

## FÁBULA XIII

### *Os Ladrões, e o Jumento*

**B**ULHAVAM dous Ladrões: queria um deles  
Conservar um Jumento, que roubaram;  
    Quería o outro vendê-lo.  
Enquanto andavam em tarefa os socos,  
Chega um Ladrão terceiro, e pilha o Burro.  
    Ora o Jumento é símbolo  
    Duma pobre Província,  
E os Ladrões serão tal, e tal Sob'rano,  
Como o Húngaro, o Turco, o Transilvano.  
(Quería achar só dous, com três acerto,  
Que dessa mercancia há hi que farte)  
    Bem vezes nenhum deles  
    Conquista a tal Província:  
Que outro vem, que deita água na fervura,  
    Gadanhando o Jumento.

## FÁBULA XIV

### *Simónides pelos Numes preservado*

TREÉS há, que nunca são assaz louvados;  
Numes, e Reis, e Damas.  
Malherbe o disse; e assino-me eu em baixo.  
Máximas são mui boas!  
O Encómio nos lisonja, e ânímos ganha.  
Duma formosa Dama  
Os favores nos vêm talvez por prémio.  
Vejamos como os Deuses  
Às vezes os pagaram.  
Empreendera Simónides o encómio  
Dum Atleta, e no assunto a mão provando,  
Achou nu quanto vinha ali a jeito.  
A linhagem do Atleta escura, e ténue;  
O Pai Burguês, sem méritos de estrondo.  
Stéril, mesquinho assunto!  
Que faz o Vate? Entrança o Herói no exórdio;  
E, gasto quanto dele dizer pode,  
Põe-no de parte e o voo estende aos Numes  
De Castor, e Polux;  
E lá dá larga ao Estro. Ei-lo descreve  
Quão glorioso fora o seu exemplo,  
Na areia, aos Lutadores,  
O sítio aponta, em que os combates deram,  
E onde mais tais Irmãos se assinalaram.  
Dos dous Numes o encómio,  
Da Ode os dous terços bons pejava ufano.  
Dar um talento o Atleta prometera;  
Mas, quando a viu, um terço,  
Posto em retranca o Guapo, deu da paga,  
Dizendo: «O mais, Castor; Polux to inteirem,  
Teus louvores te pague o par Celeste,  
E cearás comigo por acréscimo;  
Que há grande bródio, guapos Convidados,  
Meus melhores amigos e Parentes.  
Entra na função nossa.»  
O Vate o prometeu. Talvez temendo,  
De que, além dos dous terços desfalcados,  
Do encómio seu perdesse o louvor grato.  
Chega: começa o gáudio; os dentes lidam,  
Todos alegres, dá recado um servo,  
Que à porta dous sujeitos  
Falar já, e logo querem com Simónides.  
Da mesa se ergue, e em tanto os Convidados  
Martelam co'as queixadas.  
Os dous sujeitos eram Castor, Polux,  
Que agradecer-lhe vinham o elogio,

E, em galardão dos versos,  
Mandar-lhe, que se salve da pousada,  
Anúncio, que foi logo ali cumprido!  
Falha um pilar, desaba o tecto, esmaga  
Pratos, copos, Copeiro de pancada.  
E o que inda foi pior, e deu completa  
A vingança do Vate,  
Foi que uma viga as pernas quebra ao Atleta,  
E aleija a maior parte dos Convivas.  
Tomou a Fama a si semear o Caso.  
Todos gritam: «Milagre!» E a paga dobram  
Aos versos dum Poeta,  
Que priva assim c'os Numes:  
Nem vem de boa gente, quem não manda  
Para os Maiores seus, engenhar Odes,  
Ao Vate, e a mais subido preço as pague.  
Venho ao meu texto, e desde logo o digo,  
Que é saudável louvar, grandioso, os Numes,  
E os que se lhe assemelham;  
Nem trágica Melpomene derroga,  
Quando, do seu lavor tira algum lucro.  
Digo, que é bom nossa Arte pôr em preço;  
Que os Grandes se honram, quando nos acolhem;  
E que o Parnasso, e o Olimpo outrora foram  
Irmãos, e bons Amigos.

## FÁBULA XV

### *A Morte, e o Disgraçado*

CHAMAVA um Disgraçado, os dias todos,  
Em seu socorro, a Morte.  
«Oh Morte, e quão formosa me pareces!  
Vem, oh vem: finda os meus cruéis desastres.»  
Tanto clamou, que a Morte,  
Por mercê, acudiu a seu chamado.  
Bate à porta, entra em casa. – Ei-la com ele.  
(DESGRAÇ.) «Que é o que eu vejo? Arredem-me spectro,  
Como é feio! Que horror me causa, e susto!  
Não te chegues a mim. Vai, vai-te oh Morte.»

Homem capaz Mecenas foi; e disse  
Em certa parte: «Eu *cu-gamela*, eu manco,  
Impotente, gotoso, mas com vida,  
Sou de sobejo alegre.»  
Tem-no por dito, oh Morte. Ah! nunca venhas.



## FÁBULA XVI

### *A mesma, por outro feitio*

DE feixes de motano assoberbado  
Pobre Mateiro, que co'a carga verga,  
Vinha gemendo, a passos mal seguros,  
Em busca da palhoça fumarenta.  
Mais não podendo já, débil, ansiado,  
Deita os feixes no chão, recorda penas.  
(MATEIRO) «Sube eu, dêz que hei nascido, o que era gosto?  
Há quem mais pobre que eu, no mundo seja?  
Nunca hora de descanso, e o pão nem sempre!  
Mulher, Filhos, Tributos, e Soldados,  
Credor, Labor sem paga,  
São pintura cabal dum desgraçado.»  
A Morte chama: – E a Morte não remancha.  
Ei-la que lhe pergunta:  
(MORTE) «Que desejas de mim?»  
(MATEIRO) «Que me ajudes, e muito diligente,  
A pôr-me às costas estes feixes todos.»

## FÁBULA XVII

### *O Homem de meia idade, e duas Damas suas*

COM meia idade, e já meio grisalho  
Certo Homem assentou, que era já tempo  
De cuidar numa Esposa. Ora ele tinha  
*Cum quibus;*  
E quem os tem, escolhe ao tabuleiro.  
Todas em agradar-lhe se esmeravam;  
Mas não tinha tanta ânsia o Namorado:  
No acerto estava o ponto.  
Quem mor quinhão porém tinha em seu seio  
Duas Viúvas eram;  
Uma já bem madura, outra inda verde.  
A madura, com arte, remendava  
Stragos da Natureza.  
Ambas rindo com ele, ambas brincando,  
Animando, anediando-lhe o cabelo,  
Tirava a Velha quantos pretos via,  
Para ajeitar o Amante à sua idade:  
A Moça, com mais gana se ia aos brancos.  
Tal recado se deram na melena,  
Que ficou nua. O tal, que deu fé da obra:  
(HOMEM) «Senhoras, que tão bem me encalvecesteis,  
Mais ganhei que perdi. Dou-vos mil graças.  
De esposar não tratemos;  
Que entendi da calvice, que cada uma  
De vós quer, que a seu gosto,  
E não ao meu, eu viva.  
Calvo ou não calvo, fico-me obrigado  
Da lição que me deram.»

## FÁBULA XVIII

### *O Raposo, e a Cegonha*

O Compadre Raposo fez seu gasto,  
E à Comadre Cegonha deu convite;  
Convite apoucadinho, e sem amanhã:  
Um papas. Não vivia o Raposo  
    A la grande,  
E num prato as tais papas pôs na mesa.  
C'o longo bico seu picava o prato  
A Cegonha, mas nada recolhia.  
Gil Raposo, co'a língua varredoura,  
O prato alimpa em duas lambidelas.  
    Por se vingar do logro,  
    Deixa passar uns tempos,  
E o convida a Cegonha. Eis ele logo:  
(RAP.) «Com muito gosto. Eu cá, c'os meus amigos  
    Cerimónias não uso.»  
À hora dada, à casa vai correndo  
    Da hóspeda Cegonha.  
Louva-lhe a cortesia; bem guisada,  
    E a ponto acha a comida.  
Nunca a Raposos falha a boa gana.  
Já só c'o cheiro lhe regala a carne  
Cortadinha em miúdos comezinhos.  
Não stá hi tudo. Acode um embeleco,  
    Que é vir à mesa a carne  
Num vaso de gargalo mui comprido.  
    E a Comadre ir picando  
    C'o bico até ao fundo;  
Mas a tromba de Gil tendo outro talhe,  
Foi-lhe força em jejum voltar à toca,  
    Tão Vergonhoso, e murcho,  
C'o rabinho entre as pernas, cabisbaixo,  
Qual Raposo agarrado por Galinhas.

Burlões, convosco falo:  
Esperai outro tanto.

## FÁBULA XIX

### *O Menino, e o Mestre da escola*

**N**O que ora conto, mostrar quero um tolo,  
Que intempestivo máximas espalha.  
Brincando à borda do ribeiro Sena,  
Por descuido, um Menino caiu na água.  
Quis o Céu, que um Salgueiro ali se achasse,  
Que c'um ramo o salvou (de Deus abaixo!)  
Como digo, agarrado no Salgueiro,  
Ao Mestre, que vê vir, grita o Menino:  
(MENINO) «Acuda-me, que morro.»  
Volta o Mestre a tais brados: e a desoras  
Com tom grave em arguí-lo se espaneja:  
(MESTRE) «Bem vês, Rapaz traquinas,  
O que a tolice rende.  
Ora tomai de tais maraus cuidado!  
Que infelizes são Pais, Parentes, quantos  
Têm a seu cargo olhar por tais marmanjos!  
Que lidas! que velar! Quanto os lastimo!»  
Findo sermão, tirou o Rapaz da água.

No espelho deste Conto é bem se mirem  
Tagarelas, Censores, e Pedantes,  
Três relés, que três grandes Nações formam,  
Relés, que Deus tem muito abençoado:  
Que o que elas cuidam mais, em todo o ensejo,  
É em dar à taramela.  
Tira-me já do p'rito, Amigo honrado,  
Depois solta a parlenda.

## FÁBULA XX

### *O Galo, e a Pérola*

**D**EPAROU c'uma perla o Galo, um dia;  
Foi ter c'um Lapidário:  
(GALO) «Eu fina a julgo,  
Mas dera mor valia a um grão de milho.»  
Leva ao Livreiro um manuscrito um néscio:  
(NÉSCIO) «Tenho-o por bom; mas creio que um cruzado  
Mais préstimo me tem, que o melhor livro.»

## FÁBULA XXI

### Os Tavões, e as Abelhas

LOGO na obra se vê quejando é o Obreiro.  
Certos favos de mel não tinham dono:  
Tavões os reclamaram.  
Em demanda as Abelhas consentiram,  
Que a Vespa o Juiz fosse.  
Árduo de sentenciar se achava o pleito:  
Depunham testemunhas que aos tais favos,  
Com zumbido rondaram longo tempo  
Alados animais, um tanto longos,  
Cor sub-obscura, como as das Abelhas.  
Ora Abelhas, em cor, Tavões semelham.  
A Vespa, que se enleia  
Nos depoimentos, quer nova devassa;  
E para mor clareza, os ditos ouve  
Dum formigueiro *in totum*.  
Nó cego era inda assim o nó do caso.  
«A que serve (então diz muito sabida  
Certa Abelha) todo este espalhafato?  
Seis meses há, que a causa está pendente,  
Sem dar mais passo, que o primeiro dia,  
E em tanto o mel se estraga.  
Tempo é que o Juiz avie.  
Já nos tem de sobejo, tosquiado.»  
«Sem tantas contraditas,  
Sem tanto interloc'tório, e mais trapaças,  
Mãos à obra, os Tavões, e nós Abelhas:  
Ver-se-á quem sabe, com suave suco,  
Lavrar tão guapas celas.»  
Nisto, os Tavões, não assinando, mostram  
O seu curto saber, e a causa perdem;  
Que a Vespa o mel julgou à Parte contra.  
Oxalá todo o pleito assim julgassem,  
E dos Turcos o método seguissem:  
O Bom senso de Código servira;  
Não nos comeram, não nos estafaram,  
Com custas, nem mirraram com delongas.  
Que a armaram eles tal que o Juiz chupa  
A Ostra, e atira a casca aos Litigantes.

## FÁBULA XXII

### *O Carvalho, e o Caniço*

O Carvalho, ao Caniço, disse um dia:  
(CARVALHO) «Nada tens que te queixar da Natureza,  
Que, c'os pés dum Picanço, frágil vergas:  
Um bafejo de vento, quanto baste  
A encrespar a flor da água, te assoberba;  
Enquanto, igual ao Cáucaso, eu, co'a fronte,  
Não farto de atalhar ao Sol os raios,  
Dos negros vendavais arrosto as fúrias.  
Nórtias, com que anseias, são meus Zéfiro.  
Se ao menos te abrigaras c'o estas folhas,  
    Que esses contornos cobrem,  
    Tanto não padeceras;  
E eu contra os temporais te dera amparo.  
Mas vocês nascem nessas ribas húmidas  
Aos escarcéus do vento avassaladas...  
Com vocês foi injusta a Natureza.»  
(CANIÇO) «Vem de boa alta o dó, que de mim mostras:  
    Mas cesse esse cuidado.  
Menos que a ti me é temeroso o Vento,  
Que eu curvo-me, e não quebro. Tu tegora, <sup>[vii]</sup>  
Sem vergares o tronco, hás resistido  
    Às mais rijas refregas.  
Vejamos até o fim.» Palavras ditas,  
Eis do horizonte arranca furioso  
    O mais terrível filho,  
Que o Norte em seus quadris téqui trouxera.  
Verga o Caniço, tesa-se o Carvalho;  
Reforça o repelão o vento, e alcança  
Descarnar a raiz de quem ufano  
    Roçava os Céus c'o a fronte,  
    C'os pés calcava o inferno.

## FÁBULA XXIII

### *Contra os Ruins de contentar*

QUANDO, ao nascer, Calíope me desse  
Os dons, com que regala os seus amantes,  
Eu de Esopo às mentiras os sagrara.  
Mentiras, Versos, sempre amigos foram.  
Mas do Pindo não me hei por tão querido,  
Que ornar saiba de Esopo as ficções todas.  
Pode ao que ele inventou dar-se algum brilho.  
Pode.... Eu tento-o: mais sábio, que eu, o faça.  
Contudo fiz téqui, com língua nova,  
Falar o Lobo, responder-lhe o Anho.  
Fiz mais: que fiz que as Árvores, e as Plantas  
Palrantes Criaturas fossem. Digam-me  
Se isso não tem de encanto seu resabio?  
Mas Críticos me dizem;  
Que de cinco, ou seis Contos  
De Crianças, magnífico lhes falo.  
Censores, quereis Contos mais autênticos,  
De stilo mais alçado? Ei-lo. Os Troianos,  
Junto aos muros, dez anos, guerreando  
Tinham cansado os Gregos,  
Que por mil modos, mil arremetidas,  
C'ó esse Ilion fero nada concluíam.  
Eis que Minerva inventa  
De lenhos um Cavalo, que com nova  
Astúcia, em seus quadris, aceita enormes  
A Ajax impetuoso, ao sábio Ulisses,  
E Diómedes valente,  
Que, com seus esquadrões, havia em Tróia  
Tão monstruoso Colosso despejá-los,  
E dar-lhe ao seu furor por preza os Numes.  
Stratagema inaudito, que a constância,  
E a lida compensou de tais Obreiros!  
«Basta, basta (dirá qualquer dos Críticos),  
Perco o fôlego, em períodos tão longos;  
E o Cavalo de pau, e Heróis, Falanges  
São traquinada, e Conto mais estranho,  
Que o Raposo, que a voz do Corvo gaba.  
Além de que, esse stilo  
É para ti mui-alto.» Ora abaxemos  
A cantiga dum tom. Filis ciosa  
Cuidava no seu Tirso;  
Julgando, que sós tinha por ouvintes  
Seus Anhos, seu Rafeiro;  
Lereno, que a avistara, coleando-se  
Entre os salgueiros, lhe ouve estas palavras,



Que ao muito brando Zéfiro, a Pastora  
Endereçava adrede,  
E a seu amante as leve ansiosa pede...  
«Devagar co'essa rima  
(O meu Censor me atalha)  
«Que nada val, nem frisa em consoante.  
Esses dous versos tornem à bigorna e....»  
E não te calarás, Censor maldito?  
Deixa acabar o Conto.  
Muito arrisca, o que agrados seus pertende.  
Esses nímio-mimosos,  
Que infelizes que são! Nada os contenta!

## FÁBULA XXIV

### *Conselho, que entre si tiveram os Ratos*

CERTO Gato, por nome Rodi-lardo  
Tinha nos Ratos tal estrago feito,  
Que milagre era ver surdir um Rato;  
Tantos tinha mandado à sepultura!  
    Os poucos que ficaram,  
Não ousando sair de suas tocas,  
Tocavam muito às almas, lá, c'os dentes.  
E Rodi-lardo entre esses miseráveis  
Passava, não por Gato, mas por Demo.  
    Um dia que aos telhados  
Foi a fêmea buscar, cheio de cio;  
E enquanto co'ela deu gritos do inferno,  
Juntaram seu Capítulo, num canto,  
    Sobre este caso urgente,  
    As relíquias dos Ratos.  
Logo o Deão, pessoa mui prudente,  
Opinou, que importava, e muito prestes,  
Pôr cascavel pendente a Rodi-lardo;  
Que, quando andasse a corso, os advertisse  
    E eles se soterrassem:  
    Nem lhe via outro meio.  
De Monsenhor Deão seguiu o voto  
Cada um dos Deputados, e o conselho  
Ser saudável pareceu a todos.  
    Um só empacho havia.  
Quem esse cascavel iria atar-lhe?  
(UM RATO) «Eu por mim não vou lá. Não sou tão asno.»  
(OUTRO) «Não me amanhã com tal.» E ei-los que siscam,  
Sem nada concluir. Eu vi Capítulos  
Bastantes, não de Ratos, sim de Monges,  
    Inda mesmo de Cónegos  
    Parar em água ruça.  
Para deliberar não falham votos;  
Executar....! Aí torce a Porca o rabo.

## FÁBULA XXV

### *O Lobo pleiteando contra o Raposo, perante o Mono*

UM Lobo se queixava, que o roubaram:  
Foi citado o Raposo, seu vizinho  
De mau procedimento:  
E, em razão do pretense latrocínio,  
Se pleiteia ante o Mono,  
Cada parte por si, sem mais Letrados.  
Dês que Monos se lembram, nunca Témis  
Em processo lidou mais intrincado.  
No Tribunal suava o Magistrado!  
Bem contestada a Causa,  
Bem réplicas, bem gritos, bem balbúrdia,  
Bem certo o Juiz das malhas dum, e doutro:  
(JUÍZ) «Amigos, pagareis ambos a multa;  
Que eu sei quem sois. Tu, Lobo, vens queixar-te  
Sem que te hajam roubado. E tu, Raposo,  
Pilhaste o que te pedem.» Pertendia  
O Juiz, que não falha, quem condena  
A torto, ou a direito um malfazejo.

## FÁBULA XXVI

### *Os dous Touros, e a Rã*

**S**USPIRAVA uma Rã, vendo dous Touros  
Brigar, sobre qual deles possuiria  
Certa Novilha, e o Império Tauri-crate.  
Um tal Fuão, bom grasnador plebano  
Lhe perguntou que tinha. (RÃ) «Ai! vós não vedes,  
Que há-de parar a briga  
No desterro dum deles;  
E em que o mais forte o expulse, e o gozo perca  
Destes floridos campos?  
Que não reinando na erva dessa várzea  
Virá reinar nos juncos destes charcos?  
E que a seus pés pisando  
Ora uma Rã, ora outra, nestes lodos,  
Soframos nós da briga, de que fora  
A Madama Novilha causadora?  
Susto era arrazoadado  
Este da Rã; que o Touro lá vencido,  
Na pousada das Rãs veio esconder-se.  
E bem à custa delas:  
Que vinte, a cada hora, as esmagava.

Ai! que em toda era vimos  
Das asneiras dos Grandes  
Sofrerem os Pequenos.

## FÁBULA XXVII

### *O Morcego, e as duas Doninhas*

**N**UM ninho de Doninha deu de golpe  
Um Morcego Ora a Dona, muito havia,  
Que contra Ratos cólera cevava.  
Vai-se a ele às dentadas:  
(DONINHA) «E ante os meus olhos ousas vir mostrar-te;  
Quando tua relé meu mal engenha?  
És tu Rato, ou não és? Dize a Verdade.  
Tanto és tu Rato, como eu sou Doninha.»  
(MORCEGO) «Eu Rato! Nunca fui dessa progénie.  
São ditos de praguentos.  
Graças dou ao Factor deste Universo;  
Que Ave sou. Vê-me as asas.  
Viva a gente, que sulca a azul campina.»  
Seu discurso agradou, genuína a prova  
Deu franqueza à saída.  
Eis, dous dias depois, que esse estouvado  
Se introduz cegamente numa toca  
Doutra Doninha, que Aves detestava.  
Outro p'riego de vida!  
Como a Pássaro, a Dona da vivenda  
Contra ele, c'o focinho agudo, investe.  
Mas protesta ele, que é atroz agravo  
Imaginar que é Pássaro.  
(MORCEGO) «As plumas são quem dá a insígnia às Aves,  
Rato sou. Vivam Ratos!  
Jove confunda os Gatos.»  
Duas vezes com arдил salvou a vida.

Mudando assim de tope, escapam muitos  
Dos p'rigos, e armam logro a dous partidos.  
Segundo o ensejo o sábio  
Gritará: «Viva El Rei! ou «Viva a Liga!»

## FÁBULA XXVIII

### *A Ave, que uma seta ferira*

**C**RAVADA mortalmente,  
Por alado farpão a seu fado mísero  
Uma Ave deplorava:  
Sofrendo em dor acréscimo, dizia:  
«Contribuir nós mesmas  
Em nosso próprio dano! Homens iníquos,  
Tirais de nossas asas  
Com que as farpas mortais o voo estirem!  
Mas não zombeis de nós, ímpia progénie;  
Que sorte, à nossa igual, se vos deposite!  
Dos filhos de Japet sempre a metade  
Deu armas contra a outra.»

## FÁBULA XXIX

### *A Podenga, e sua Companheira*

JÁ próxima a parir, certa Podenga,  
Não vendo onde pousar tão grosso fardo,  
Tanto fez, que por fim a Companheira,  
Consentiu em prestar-lhe o seu casebre.  
Toma a Podenga posse.  
Passados dias quinze,  
Vem a inquilina antiga:  
A parida outros quinze mais lhe pede;  
Pois que inda os Cachorrinhos não andavam.  
*Paucis.* Foi-lhe outorgado.  
Findo o prazo, vem requerer a Dona  
Morada, quarto, e cama.  
Diz-lhe a Podenga (arreganhando os dentes):  
«Pronta a sair estou, mais a família,  
Se podes pôr-nos fora.»  
Fiava-se nos filhos já taludos!

O que a ruins se dá, sempre se chora.  
Para haver o prestado  
Força é vir às punhadas,  
Pôr pleitos, ter disputas.  
Tomaram pé de entrada,  
Não há quem os arranque.

## FÁBULA XXX

### *A Águia, e o Escaravelho*

**A**NDAVA a Águia à caça  
De Mestre João Coelho,  
Que a correr ao covil se desunhava.  
Dum Scaravelho deparando o couto  
(Se o couto era seguro,  
Julgai-o vós, Leitores.)  
João Coelho, melhor não acertando,  
Ali se embetesgou. A Águia, sobre ele  
Rui, e desdenha o asilo.  
Roga-lhe o Scaravelho:  
«Oh Princesa das Aves, é-vos fácil,  
Meu mau grado, empolgar esse coitado;  
Oh! semelhante afronta  
Me não façais, vos peço.  
Pois que a vida vos pede João Coelho,  
Outorgai-lha, ou tirai-no-la a nós ambos.  
Coelho é meu vizinho,  
Meu vizinho, e compadre.»  
A Ave de Jove, sem dizer palavra,  
Dá co'a asa um safanão no Scaravelho,  
Que o atordoa, e embaça;  
E empolga João Coelho.  
Na ausência da Águia, vai-se ardendo em iras,  
Ao ninho dela o Scaravelho e esmaga  
Os ovos, – ternos ovos!  
Dulcíssima esperança!  
Nem um só lhe escapou. Eis que a Águia volta;  
Vê tal destroço, azoia o Céu com gritos.  
Por mais crescença de iras,  
Não atina em quem caiba  
Vingar-se desse agravo padecido:  
Geme em balde, e os gemidos leva o vento.  
Mãe afligida, este ano  
Cabe-te assim passá-lo des-filhada!  
No seguinte, seu ninho pôs mais alto;  
Mas Scaravelho, espreira lanço, e vinga,  
Nos outros pobres ovos,  
De João Coelho a morte.  
Novo dó para a Mãe! mais de seis meses  
O Ecos esses bosques não dormiram  
A Ave, que a Ganimedes rebatara,  
Auxílio implora, enfim, ao Rei dos Numes:  
No grémio lhos depõe, e lá seguros  
Os ovos crê; que Jove há-de ampará-los,  
Por interesse próprio  
Bem audaz tem de ser quem for tomar-lhos!



Não lhos tomaram, certo. O Scaravelho  
Mudou de clave. Deixa  
Cair do seu traseiro um escorralho,  
No regaço de Jove, que o Deus logo  
Sacode ao chão. E os ovos se esmigalham.  
A Águia, quando deu fé de tal fracasso,  
Ameaçou o Númen,  
Com dar costas à Corte, e co'ir-se aos ermos,  
Com deixar dependências,  
E extravagâncias tais. Jove coitado  
Calou-se, e só mandou, que o Scaravelho  
Ante o seu tribunal comparecesse.  
Disse este suas razões, contou o agravo.  
Foi intimado à Águia,  
Que procedera injusta.  
Negando os pleiteantes vir às boas,  
Deu acórdão dos Deuses o Monarca  
Que andasse a Águia c'o cio,  
Na quadra, em que entra em seus quartéis do inverno  
Scaravelho povo,  
E em que, oculta a Marmota, ao Sol se esquiva.

## FÁBULA XXXI

### *O Leão, e o Mosquito*

«VAI-TE, excremento do Orbe, vil insecto!»

(Ao Mosquito dizia o Leão um dia)

Quando, clamando guerra

Respondia o Mosquito:

«Cuidas que tenho susto, ou faço caso

De que Rei te intitulas? Mais potente

É um Boi, que tu não és, e eu dou-lhe o amanhã

Que me dá na vontade.» Assim falando

Trombeta de si mesmo, e seu Herói,

Toca a investir; e pondo-se de largo,

Lança as linhas, e atira-se ao pescoço

Do Leão, que enlouquece,

Que escuma, e que nos olhos relampeja.

Ruge horrendo, e pavor em roda infunde,

Tão rijo, que estremece, e que se esconde

Toda a gente. E era obra dum Mosquito

Tão insólito susto.

Atormenta-o essa esquirola de mosca,

Que ora belfas lhe pica, ora o costado,

Ora lhe entra nas ventas.

Então lhe sobe ao galarim a sanha,

Então triunfa, e ri do seu contrário

O invencível, de ver no irado bruto,

Que dentes, garras, em lavá-lo em sangue,

Seu dever desempenham.

O coitado Leão se esfola, e rasga,

Dá num, noutro quadril, c'o a cauda estalos,

Fere, a mais não poder, co' açoite os ares.

Desse extremo furor, que o cansa, e quebra,

Fica prostrado, e torvo.

Eis que o Mosquito, ali blasona ovante:

Qual a investir tocou, vitórias toca;

Pelo Orbe as assoalha;

Pavoneando gira. Mas no giro

Certa Aranha, que estava de emboscada,

De sobressalto o colhe,

E lhe chapa a ufanía.

Doutrinas serviçais há nesta Fábula.

Ei uma: Que o que mais, entre inimigos

Devemos de temer são muitas vezes

Os mais pequenos deles.

Outra é: Que alguém escapa aos grandes p'rigos,

Que em menor lance acaba.

## FÁBULA XXXII

### *Os dous Jumentos*

COM seu ceptro, na mão, como um Romano  
Imperador, guiava um Burriqueiro  
Dous pujantes Corcéis long-orelhudos.  
O Burro, que de esponjas leva a carga,  
Qual Postilhão, a estrada despejava.  
Queria-se rogado o Companheiro.  
Disseras: «*Leva vidros nas enxarcas.*»  
De sal era o carrego.  
Por veredas, por montes, e por vales  
Nossos guapos Romeiros  
Deram por fim c'ò vau duma ribeira.  
Ei-los bem empachados!  
O homem do ceptro, que a vadeava afouto  
Cada dia, montou no asno de esponjas;  
Guiando ante si o outro asno,  
Que, levado da sua má cabeça,  
Se despenhou num fojo.  
Mas veio acima, a salvo;  
Que passadas bem poucas nadaduras,  
E derretido o sal completamente,  
Pojou, com leve lombo, em terra, o Burro.  
Quis copiá-lo o sócio das esponjas;  
Como ele mergulhou. Que assim Carneiros  
Saltam todos, seguindo o do chocalho.  
Ei-lo na água o tal sócio,  
E na água até às clinas;  
Ele, e seu Condutor, e as tais esponjas,  
Bebendo todos três, tanto uns, como outros,  
Saúdes o Asno, e Asneiro  
Às esponjas fazendo.  
Ora estas, prenhes de água  
Tanto em seu peso medram,  
Que o Burro afraca, e não abica à margem.  
Já com ele se abraça o Burriqueiro,  
Como que vai morrer de morte certa.  
Vieram-lhe acudir. Quem foi, não curo.  
  
Daqui se vê, que não é bem que todos  
Igual método sigam. E este é o ponto,  
A que eu vir desejava.

## FÁBULA XXXIII

### *O Leão, e o Rato*

OBRIGA a quantos haja, no que possas;  
Que às vezes os mais ténues servem muito.  
Ser bem verdade o mostro em duas Fábulas:  
Tanto as provas sobejam!  
Saiu estonteado um certo Rato,  
Da toca, e vem cair do Leão nas unhas.  
O Rei dos animais mostrou quem era,  
Neste súbito lance,  
Concedendo-lhe a vida. –Benefício,  
Que perdido não foi. Há hi quem crera,  
Que um Leão dependesse dum Ratinho!  
Ora ouvi. De seus bosques  
Saindo o tal Leão, foi numas redes  
Colhido, e nunca pode desprender-se,  
Por mais que ali rugiu. Mas eis que o Rato  
Tanto c'os seus dentinhos  
Trabalhou, que rompeu uma das malhas,  
E por esta des-deu os nós das outras;  
Que longura de tempo, e Paciência  
Val mais, que força, e raivas.

## FÁBULA XXXIV

### *A Pomba, e a Formiga*

**T**IRO o outro exemplo de animais menores.  
Bebia uma Pombinha  
Sobre a beira dum límpido regato:  
Eis que certa Formiga,  
Por muito debruçar-se, caiu na água.  
Quem nesse Oceano a visse,  
Bracejar, para vir tomar a praia...  
Mas caridosa a Pomba,  
Deita uma ervinha na água. Um Promontório  
Em que aborde a Formiga,  
E em que se salve, foi. Passava acaso  
Um Caçador descalço,  
Com sua besta, e bispa a Ave de Vénus.  
Já na alma dá repiques,  
Já na panela a cuida. Enquanto a aponta,  
O calcanhar lhe pica  
A Formiga, e lhe faz torcer a mira,  
Co'a dor da picadela.  
Em tanto voa a Pomba, e deixa em branco,  
Pobrete, a tua ceia.

## FÁBULA XXXV

### *O Astrólogo, que caiu no poço*

DEIXOU-SE, um dia, resvalar num poço,  
Certo Astrólogo; e a gente lhe dizia:  
«Enquanto, onde os pés pões, apenas olhas,  
Pobre animal, e pões a ler nos Astros!»  
Este é um caso que sem ir mais longe,  
    À mor parte dos homens  
    Pode servir de ensino.  
Deste mundo inquilinos, há mui poucos  
Dentre nós, que não gostem muito a miúdo,  
De ouvir dizer, que há homens tão ladinos,  
Que sabem ler no livro dos Destinos,  
Livro, que Homero, e mais os seus cantaram.  
    O Acaso é dos antigos?  
    Ou antes Providência?  
Se Acaso? para acasos não há ciência:  
E no caso de havê-la, fora injúria  
Nomeá-la Fortuna, Caso, ou Sorte:  
Tudo isso é muito incerto. Ora a Sob'rana  
Vontade de quem faz, e regra tudo,  
    Quem, senão ele, a sabe?  
    Quem lhe alcança o desígnio?  
Pôs rótulos nas testas das estrelas  
Deus, do que em véus encerra o escuro Tempo?  
E a que fim? Dar tarefa à ideia a quantos  
Da sfera, e mais do Globo compõem laudas,  
Que inevitáveis males nos evitem?  
    E o gozo nos desbotem  
    Do Bem no almo seio?  
E o prevenido Bem des-saboreando,  
Transmudar-no-lo em mal, antes que aponte?  
Tal crer, não só é erro, mas é crime.  
Move-se o Firmamento, os Astros giram,  
O Sol nos traz a Luz todos os dias,  
E as Sombras cada dia, co'ela espanca:  
Sem que outra ilação mais dali tiremos,  
Que esclarece, que luz, que assim lhe é força  
Trazer as Quadras, madurar os germes,  
Certos influxos espargir nos corpos.  
Em que ajusta co'a Sorte sempre vária,  
O que no Orbe se vê, regrado curso?  
Charlatães, e os que horóscopos dais certos,  
Deixai as Cortes de Europeus Sob'ranos,  
Levai convosco, à uma, os Alquimistas,  
Que mais fé não valeis, do que eles valem.  
Tomei sobeja ardência. À história volto  
    Do Astrólogo espreitante,

Que sem sede bebeu. Concluo, e digo:  
Seus gestos vão, seus gestos fermentados  
Me dão ares de quem lida em quimeras,  
Quando p'riga por si, por seus negócios!

## FÁBULA XXXVI

### *A Lebre, e as Rãs*

LÁ no covil cismava certa Lebre.  
(Que faz, na cama, quem não dorme? Cisma.)  
De si, é triste a Lebre; o medo a mina.  
(LEBRE) «Coitado, quem medrosa índole obteve  
Nunca bocado come, que lhe preste!  
Sem cabo os sustos, prazer puro nunca!  
Tal é a minha vida. Este maldito  
    Medo dormir me veda;  
E se durmo, sempre é com o olho alerta.  
*Emenda-te* (dirá algum bom texto)  
Quem é que emendou medo? Antes bem creio,  
E à boa fé, que os homens, como eu temem.»  
    Tal discorria a Lebre,  
E, discorrendo, sempre à espreita estava:  
Inquieta, ambígua, um sopro, a sombra, um nada  
Lhe acendia, de susto, o sangue em febres.  
Melancólica, assim cismando, a tola  
    Ouve um leve ruído.  
Ei-la a fugir, para o covil correndo.  
E acertando pisar margens dum lago,  
Vê saltar muita Rã, mergulhar n'água,  
E nas profundas grutas agachar-se.  
(LEBRE) «Ai! que lhes faço o que outros a mim fazem.  
    C'o meu vulto as espanto,  
E dou rebate à tropa! Donde obtive  
Tamanha valentia? Porque acerto  
Tremem os animais à minha vista?  
    Sou pois raio de guerra?»  
Bem vejo que não há cobarde no Orbe,  
Que não dê com maior cobarde, que ele.



FÁBULA XXXVII  
*O Galo, e o Raposo*

DESTRO, e matreiro, estava de vigia,  
Num ramo, um Galo idoso.  
Diz-lhe um Raposo (a fala amaciando)  
(RAPOSO) «Finda é entre nós a guerra:  
Que a Paz universal é concluída,  
E eu venho anunciar-ta.  
Desce, desce; que abraços dar-te quero.  
(Por tua vida) não tardes;  
Que longas léguas tenho de andar hoje,  
Tu mais os teus bem podem,  
Sem susto algum tratar de seus negócios.  
Como Irmãos prestaremos,  
Haja, esta noite, festa, haja fogueiras.  
Vem receber o beijo  
De amor fraterno.» – O Galo então responde:  
«Eu não podia, amigo,  
Ouvir nova melhor, nem mais suave,  
Que essa de paz, que dizes:  
E de a saber de ti, me dobra o gosto.  
Lá dous libréus avisto,  
Que, dessas novas, postilhões os creio,  
Cá mandados: – e correm  
Tão rijo, que, num *Amen*, são connosco,  
Já desço. E... por folgados  
Nos beijarmos...» (RAPOSO) «Adeus, que estou de pressa,  
E tenho que andar muito!  
Virá dia, em que nós, do alegre caso  
Tomemos regozijo.»  
E nisto toma o *tolle*, e vai siscando  
Descontente da treta.  
Que lograr, a quem vem para lograr-nos,  
É duplicado gáudio.

## FÁBULA XXXVIII

### *O Corvo, arremedando a Águia*

UM Corvo presenciou, que a Ave de Jove  
Arrebatara aos ares um Capado;  
Glutão como ela (mas de rins mais frouxos)  
    Quis logo arremedá-la.  
Dando volta ao rebanho, entre cem reses,  
Deitou olho à mais gorda, à mais formosa,  
Rês; vítima mui guapa, e reservada  
    Para o dente dos Numes.  
Galhardo o Corvo a masca já c'os olhos.  
«Não sei quem tua Ama foi; mas comezinha  
Te creio a polpa, e guapa, em meu repasto,  
    Tens de ser iguaria.»  
Ao balante animal rijo se arroja.  
Mas muito mais que um queijo, a Capadócia  
Criatura pesou. Por mais descrença,  
    Co'a espessa grenha, os velos  
Se emaranhavam, quasi como as barbas  
De Polifemo; e tanto se enredaram  
Do Corvo as unhas, que das lãs (coitado!)  
Deslindá-las não pode.  
Nisto vem o Pastor, que lindamente  
O colhe, e o engaiola, e por joguete  
O dá aos seus meninos. Clara prova,  
    Que cumpre tomar antes  
O pulso às posses. Vai, dum Ratoneiro  
A cadimo Ladrão, grão trato. O Exemplo  
Traz risco, e logração. Nem quantos comem  
    As miserandas gentes  
São grandes Potentados. Nessa teia  
Da Aranha, que rompeu folgado a Vespa,  
Emaranhado fica, sem recurso  
    O coitado Mosquito.

## FÁBULA XXIX

### *O Pavão, que se queixa a Juno*

**N**A queixa feita a Juno, o Pavão disse:  
«Não sem motivo, oh Deusa,  
Murmuro, e me lastimo. Desagrada  
A toda a Natureza  
O Canto, que me deste. Como entoa  
O Rouxinol cantigas!  
Quão transcendente canta, e quão suave  
Tão miúda Avezinha!»  
Juno irada responde: «Ave invejosa,  
Melhor fora calares-te,  
Invejares a voz da Filomela,  
Tu que a coleira enfeitas  
C'ó sérico matiz das cores do Íris!  
Que disferes ufano  
Uma cauda, que aos olhos alardeia  
Dum Lapidário a lógea!  
Há hi Ave, nos Céus, melhor prendada!  
Que animal há no Mundo,  
Que os dons da Natureza todos logre?  
Diversas qualidades  
Tem cada um. Alguns têm grandeza, e força;  
Rápido o Falcão voa:  
Tem altos brios a Águia. O Corvo espalha  
Presságios a Agoueiros;  
Do mal futuro avisos grasna a Gralha;  
Cada um em seu gorjeio  
Se apraz. Ou não te queixes, ou castigo-te,  
Dispo-te a olhuda pluma.»

## FÁBULA XL

### *A Gata transmutada em Mulher*

CERTO sujeito amava a sua Gata  
Estremecidamente.  
Que mui Filis, mimosa, e linda a achava.  
Tinha um miar tão meigo,  
Que mais doudo, que os doudos, co'ela andava!  
Tanto fez com seus rogos,  
Com lágrimas, encantos, sortilégios,  
Que a alcançou do Destino  
(Certa manhã) feita mulher, a Gata:  
E nessa manhã mesma,  
O meu Patola-mor casou com ela,  
Louco de amor extremo  
Quem teli de amizade andava louco;  
Nunca a mais bela Dama  
Tão meiga embelezou o seu Amante,  
Como esta nova Esposa  
Ao seu muito estrambótico Marido.  
Todo mimos com ela,  
E ela co'ele lisonjas, mais lisonjas,  
Nada na Esposa encontra  
De condição gatal. Seu erro o arrastra,  
Por tudo, e em tudo, a crê-la  
Mulher. Eis que uns ratinhos, que na esteira  
Roíam, esvaneceram  
O prazer dos tais noivos. Que, ei-la a Esposa  
Em pé, co'a orelha à escuta...  
Mas, desta vez, não veio a furo a espreita.  
Tornam a vir Ratinhos  
Torna a noiva a agachar-se, e a pôr-se alerta,  
E dessa vez fez preia:  
Que (em mulher transmutada) os meus Ratinhos  
Não tinham dela sustos.  
Foram-lhe engodo os Ratos. Tanta força  
Tem sempre a Natureza!  
Ela de tudo zomba. Quando volvem  
Certos anos, o vaso  
Se embebe; toma festo o pano, e é inútil  
Tratar desavezá-lo  
Do ordinário teor. Por mais que faças,  
Não lhe obterás reforma.  
Venhas com loros, venhas com forcados,  
Não lhe mudas o vezo;  
Bastão de General, de Juiz vara,  
Que tragas, não o domas.  
Dá lhe embora co'as portas nos narizes,  
Pelas janelas te entra.

## FÁBULA XLI

### *O Leão, e o Jumento à caça*

**P**OR folga, o Rei dos animais, um dia,  
E dia de anos, quis andar à caça,  
Pardais, para Leões, são caça ténue;  
    Sim bons veados, Corços,  
Possantes Javalis. Para este empenho  
Surtir melhor usou do ministério  
Do zurro de Stentor dum forte Burro,  
    Que fez de trompa o ofício.  
Posto na espera, e oculto nos silvedos,  
Lhe ordenou Monsenhor Leão, que zurre;  
Bem certo, que sons tais aos menos tímidos  
    Dos covis arrancassem.  
Não tinham de costume inda esses brutos  
Ouvir trovoada tal. Com o espantoso  
Estrugido esses ares rimbombavam,  
    E se apossava o susto  
Dos hóspedes das selvas. Fogem todos,  
E caem na emboscada inevitável,  
Em que os espera o Leão. Ovante o Burro,  
    Dando-se grandes gabos,  
Dizia ao Rei: (BURRO) «Não vês quanto hei servido?»  
(LEÃO) «Sim, zurraste tão rijo, que a não seres  
Tu, e tua relé de mim sabida,  
    A mim mesmo espantaras.»  
Bem que assaz tinha o chasco merecido,  
A ter auso, o Jumento se agastara.  
Quem há, que as roncadas sofra dum Jumento,  
    Que sai da sua sfera?

## FÁBULA XLII

### *Testamento, que Esopo explica*

SE é certo o que de Esopo se nos conta,  
Da Grécia ele era a Oráculo.  
Nele se achava mais sabedoria,  
Que em todo o Areópago.  
Sirva de amostra uma gentil história,  
Que ao meu Leitor contente.  
Três filhas tinha um Pai: cada ama delas  
De índole bem diversa.  
Uma amante da cepa, outra Loureira,  
Outra chapada avara.  
Segundo as Leis municipais deixava  
O Pai em testamento,  
Em partilhas iguais, os seus bens todos;  
E para a Mãe um tanto,  
Que pago lhe seria, quando, delas,  
O seu quinhão cada uma  
Não possuísse já. Mal que o Pai morre,  
Acodem as três fêmeas;  
Pegam no testamento, aforoar lidam  
Do Testador a mente.  
Actos nulos! Quem compreender podia  
Que apenas despossuídas  
Cada uma das Irmãs da sua herança,  
Pagasse à Mãe a verba?  
Não ter bens, e pagar não anda a jeito.  
O Pai que intenção tinha?  
Bem consultada a verba, e em mil maneiras  
Virada, e revirada,  
Atiram c'os barretes os Doutores,  
E se dão por vencidos;  
Conselhando às herdeiras, se aquinhoem  
Sem bulha, e a verba esqueçam.  
Quanto à Viúva, assenta-se em consulta,  
Que cada Irmã se encargue  
Dum terço à Mãe pagar, a arbítrio dela,  
Ou constituir-lho em renda,  
Que, do dia do morto, corra em cheio.  
Concordes já no ponto  
Partem-se os três quinhões. Leva uma Adegas,  
Mesas emparreiradas,  
Tabuleiros de copos, cestos prenhes  
De festivais garrafas,  
Baixela argêntea, canjirões, bacias,  
Guloso escaparate!  
Noutro lote, ustensis do galanteio,  
Co'as asas da Cidade

Móveis guapos, Eunucos, Toucadoras,  
Bordadoras, e jóias,  
Trajes de custo. No terceiro lote  
O recheio da Casa  
Quintas, Servos, Casais, Gados, pastios  
E animais de Lavoura.  
Lotes feitos, talvez que, a tirar sortes,  
Haja Irmã, que não ame  
O que lhe caiba. Assim, tudo avaliado,  
Toma cada uma o lote  
A que mais se inclinou. Ora este caso  
Sucedeu em Atenas,  
E Grandes, e Pequenos aprovaram  
As partilhas, e escolhas:  
Só Esopo achou, que após terem perdido  
Sobeja lida, e tempo,  
Tinham todos tomado pelo avesso  
O testamento *in totum*.  
(ESOPO) «Com quanta causa a Atenas o estranhara,  
Se ora vivera, o Morto!  
Como um Povo, que de subtil blasona,  
Perante as Nações do Orbe,  
Tão mal entende as últimas vontades  
Dum Testador?» Dizendo,  
E fazendo, reparte avesso os lotes,  
A cada Irmã entrega  
Lote, que mais contrário de seu gosto,  
Menos lhe conviesse.  
Nenhuma Irmã tem cousa, que lhe agrade!  
A Loureira a recâmara  
Dos que às cepas dão honra, dão valia;  
Rebanhos para a bêbada,  
E para a filha avara as Bordadoras.  
Tal foi do Frígio o acórdão;  
Dando o tal meio pelo mais seguro  
De que os lotes vendessem;  
E casadas então com guapos Noivos,  
Senhoras do dinheiro,  
Sua Mãe pagariam de contado,  
Não stando já de posse  
Da legítima, e as verbas se cumpriam  
Do Testamento. O Povo  
Admirado ficou, de que um só homem  
Soubesse mais que tantos.

## FÁBULA XLIII

### *O Moleiro, o Filho, e o Burro*

DAS Artes a invenção sendo um morgado,  
À Grécia antiga o Apólogo devemos.  
Campo que nunca foi tão bem ceifado,  
Que algum grão se não colha mais serôdio.  
Nas terras da Ficção inda há muito ermo;  
Cada dia harto Autor país descobre.  
Dir-te-ei um rasgo assaz bom inventado,  
Que Malherbe a Racan contou outrora.  
Como se achassem sós em certo dia  
Contando seus cuidados, suas vidas  
Estes, de Horácio, dous rivais, e herdeiros  
Da Lira sua, Alunos do Deus Febo,  
(E por que melhor diga) nossos Mestres;  
Começa assim Racan: «Dizei, vos rogos,  
Vós que da vida nossa entendeis tudo,  
Que por, todos os graus tendes passado,  
E que a tais cãs, nada há, que escapar possa,  
Que rumo hei de eu tomar, Tempo é que o cuide.  
Nobreza, ingenho, e bens sabeis quais tenho.  
Cabe-me nas Províncias pôr morada?  
Tomar posto no exército? Na Corte?  
Seu mel seu fel, tem tudo no Universo.  
Na Guerra há seu prazer, no Hímen seus sustos.  
A meu gosto seguir, sei onde eu dera:  
Mas contentar os meus?... a Corte?... as Gentes?...»  
(MALHERBE) «Contentar todos?... Antes que responda,  
Um Conto ouvi, que eu li, (não me lembra onde)  
Um Moleiro, e seu Filho iam à feira,  
Vender um Burro. O Pai homem de idade,  
O Filho, rapagão (se eu bem recorde)  
Rapagão de quinze anos. Por que o Burro  
Chegue mais fresco, e tenha melhor venda,  
Atam-lhe os pés; e o Pai, e mais o Filho,  
Qual lustro de cristal, suspenso o levam.  
De riso se escangalha, o que primeiro  
Viu o trafego: *Olhai os parvos* (disse)  
*Os rústicos idiotas! A que teatro*  
*Vão dar esse entremez? Ora o mais Burro*  
*Dos três, não é por certo o que o parece.*  
Aqui viu o Moleiro a asneira sua;  
Apeia a besta, e põe-na a seu caminho.  
Gostara o Burro mais da outra andadura;  
E, orneando, se queixou: mas disso ao Velho  
Mui pouco se lhe deu. Manda que monte  
O Filho, e à pata o Pai lhe vai na cola.  
Três bons Mercantes passam por acaso,



E do que vêem se enojam; grita rijo  
 O mais idoso ao Filho: *Desce, desce.*  
*Olá, Rapaz, não queiras, que o repita.*  
*Tão moço, e com Lacaio de alvas barbas!*  
*Cabe ao Velho montar, e a ti segui-lo.*  
 (MOLEIRO) «Bem é, senhores meus; que eu vos contente.»  
 Apeia-se o Rapaz, e monta o Velho.  
 Eis vêm três Raparigas, e diz uma:  
*Que vergonha! Ver esse Cachopinho*  
*Estafar-se, indo a pé, e esse Papalvo*  
*Teso e crespo ir sentado, como um Bispo,*  
*No Burro, e ter-se em conta de sabido!*  
 (MOLEIRO) «Achai-lo vós Papalvo, com cãs brancas!  
 Muchacha, ide aonde ides, vos-lo digo.»  
 Tanta pecuinha ouviu, retrucou tanto,  
 Que no erro deu. Pôs na garupa o Filho.  
 Mal passos trinta andou, que eis outro rancho,  
 Que passa, lhe diz lérias, *Fora, tontos!*  
*O pobre Burro esmicha. O último arranco*  
*Dará a tais bordoadas.*  
*Tanta carga um triste animalejo,*  
*Sem terem dó dum servidor antigo!*  
*Vender-te só, na feira pele querem.*  
 (MOLEIRO) «Bem tolo é quem pretende a gente toda,  
 E seu Pai contentar. Porém tentemos  
 De o conseguir por algum meio.» – Eis descem  
 Ambos, e o Burro vai diante deles  
 Grave, como um Prelado. Mas um certo,  
 Que os encontrou, lhes diz: «É moda agora  
 Ir o Burro assim leve, e o Dono à pata?  
 Cabe ao Dono o cansaço, ou cabe ao Burro?  
 Porque o não trazem cá num Reliquário?  
 Gastar as solas, por que o Burro poupem!  
 Não assim Nicolau, que diz a Copla;  
*Que quando vai ver Joana*  
*Na sua besta monta.*  
 Três guapos asnos são.» (MOL.) «Convenho; e é certo  
 Que asno sou: Mas desd'ora mofem, louvem,  
 Digam muito os praguentos, digam nada,  
 Seguirei meu bestunto.» Assim foi feito:  
 E fez mui bem. Por vós, ou sigais Marte,  
 Sigais o Amor, sigais vosso Monarca,  
 Vades, venhais, corrais, fiqueis na Corte,  
 Nas Províncias, caseis, sejais Abade,  
 Governador, ou Beca,  
 Tem que falar de vós, por certo, o mundo.

## FÁBULA XLIV

### *Os Membros, e o Estômago*

DEVERA esta Obra em Reis tomar princípio;  
Deles dá Monsieur Gáster certos visos;  
    Que se ele há mister de algo,  
    Todo o mais corpo o sente.  
De trabalhar para ele já enjoados,  
À fidalga viver, sem fazer nada,  
    (Tomando exemplo em Gáster)  
    Resolveu cada membro.  
«Sem nós, que se sustente de ar (diziam)  
Nós lidamos, suamos, como azêmelas,  
    Para quem? só para ele;  
    Sem proveito algum nosso.  
Por disvelo, por alvo só miramos  
Co'a papança acudir-lhe. Haja sueto.  
    Dele quer que aprendamos;  
    Arremedemos-lhe o ócio.»  
Foi dito, e feito. As mãos em nada mexem,  
Braços não bolem, não caminham pernas.  
    Dizem todos a Gáster:  
    *Vai-te em busca.* – Desse erro  
Os Membros bem se arrependeram! Que ei-los  
Os Pobretes começam de afracar-se;  
    Não se engenhava o sangue  
    No coração; sofria  
Cada Membro; prostrava-se-lhe o alento.  
Então é que os Rebeldes deram tino  
    Que esse ocioso, e sorna,  
    Mais que eles alentava  
O Bem comum. Cabe este exemplo ao Régio  
Trono que aceita, e dá; e igual é o caso.  
    Todos para ele afanam;  
    Sustenta o Trono a todos.  
Sustenta o oficial, que bem trabalha,  
Enriquece o Mercante, paga o Beca,  
    Dá ao Lavrador manutenção,  
    Ao Militar dá soldo;  
Soberanas mercês copioso esparge,  
O Estado inteiro anima. Oh bom Menénio,  
    Quão bem que então falaste,  
    Quando a Comum, da Cúria  
Se desatou; arguindo-a, que abarcava  
Ela o Império a si só, poderes, honras,  
    Tesouros, dignidades;  
    E sobre o pobre Povo  
Fundia todo o mal, guerreiras lidas,

Tributos, censos. Já fora dos muros  
A Comuna acampava,  
Pela mor parte pouso  
Traçando estranho. Eis que Menénio inculca  
Quanto aos Membros semelha assim o Povo;  
E c'ó este insigne Apólogo,  
Ao seu dever os trouxe.

## FÁBULA XLV

### *O Lobo, que se deu por Pastor*

UM Lobo, a quem se agorentava o apanho,  
Nas vizinhais Ovelhas,  
Fundou-se em adquirir Vulpina pele;  
E papel de Raposo  
Representando, amplo pelico enverga,  
E qual Pastor se traja.  
Dum pau, que encontra, engenha o seu Cajado,  
Sem que o arrabil <sup>[VIII]</sup> lhe esqueça.  
Quisera ele, por mais cravar a astúcia,  
Escrito na monteira  
Por rótulo levar: *Eu sou Bieito,*  
*Pastor deste rebanho.*  
Neste formal levanta os pés dianteiros,  
Do cajado aos dous terços,  
O Sicofanta Bieito, e vem mansinho.  
Sobre a relva estendido  
O Bieito não fingido alto dormia;  
Também, pela mor parte,  
Dorme o Gado, o arrabil, dorme o rafeiro.  
Quedos os deixa o hipócrita;  
Que achou, matreiro, entrar-lhe mais em conta,  
Por dar co'a grei nas brenhas,  
Juntar ao trajo a fala. Essa vendeu-o;  
Que arremedar não pode  
De Bieito a voz. Tão rijo deu o grito,  
Que estrondeou nos bosques;  
Deu em seco a maranha: ao grito acordam  
Pastor rafeiro, reses.  
Por mui longo o pelico, em tal fracasso,  
Empacha o pobre Lobo,  
Que nem pode fugir, nem defender-se.  
Que dão sempre os velhacos  
Ansa, a que pilhem. Verba é certa, que obre  
Como Lobo, o que é Lobo.

## FÁBULA XLIV

### *As Rãs, que pedem Rei*

DO estado Democrata as Rãs cansadas  
Tanto clamaram; que, a Monarca, Jove  
    As submeteu.  
Dos Céus lhes caiu Rei manso, e pacífico;  
Manso, mas que, ao cair, fez tal arruído,  
    Que se escondeu  
O Povo Rã, (povo asno, povo tímido)  
Nas águas, entre juncos, e caniços,  
    Nos lamaçais;  
Sem ousar, longos tempos, ver a cara  
Do que entendiam ser novo Golias.  
    Um pau, não mais  
Era o Rei, que deu susto à que, primeira  
Saiu da toca, e a ver-lhe a gravidade  
    Se aventurou.  
Esta treme; mas chega. Outra vem logo;  
Vêm depois tantas, que uma mó sem conto  
    Lá se formou.  
Tal confiança as Rãs c'ó Rei tomaram,  
Que lhe saltam no lombo descocadas.  
    O manso Rei  
Ficava quedo, e tudo lhes sofria.  
Eis que os ouvidos vão quebrar a Jove:  
    «*Oh concedei,*  
*Deus supremo, outro Rei que se remexa.*»  
O Deus mandou-lhe um Grou, que as trinca, e engole,  
    E a bel prazer  
Dá cabo delas. Eis que vão queixar-se;  
E Jove que lhes diz: «Às suas leis cuida  
    Vosso querer  
Nos sujeitar? Guardásseis o Regente  
Que primeiro vos dei: Rei justo e pio  
    Bom é guardar.  
Bem é que padeçais do que ora tendes,  
Por que inda não venhais, com peor sorte  
    A deparar.»

## FÁBULA XLVII

### *O Raposo, e o Bode*

**A**O capitão Raposo acompanhara  
O seu amigo Bode alti-cornífero;  
Falto este curto, e rombo de talento,  
Quanto o Raposo é Juiz do ofício em tretas.  
Ambos com sede, encontram poço, e baixam,  
E bebem à vontade, e bem bebidos  
Diz o Raposo ao Bode: «Aqui é ela.  
Não stá tudo embeber. Sair é o ponto.  
Pés a pino, Compadre, a pino os cornos,  
E encosta-os na parede: eu trepo a jeito  
Pelo espinhaço teu, então levantas  
Os cornos; co'esse engenho, saio, e tiro-te.»  
(BODE) «Por estas barbas juro, dás na fina.  
Louvo os que, como tu, têm cachimónia.  
Confesso, que em tal trincho, nunca eu dera.»  
Salvo o Raposo deixa dentro o Bode;  
Com sermão longo o exorta a ter paciência:  
(RAPOSO) «Se em cascos te abastasse o Céu, por dita,  
Como em barbas te honrou, nunca desceras  
Ao poço tão de leve. Eu stou já fora:  
Vê se sais; põe nisso todo o empenho.  
Tenho negócios, tardar mais não posso.  
Em tudo sempre é bom ver-lhe a saída.»

## FÁBULA XLVIII

### *A Águia, a Javarda, e a Gata*

LÁ no cimo duma árvore escavada  
A Águia, c'os seus filhinhos,  
Na raiz a Javarda, e a Gata entre ambas,  
(Partilha em boa avença!)  
Mães, e filhos faziam seus amanhos,  
Que a Gata, com enredos,  
Destruiu. Eis que trepa, e enzona a Águia:  
(GATA) «Não tarda a nossa morte,  
Ou (que é para Mães morte!) filhos mortos,  
Vedes vós como escarva  
A Maldita Javarda, à finca abrindo  
Covas! Oh, que é por certo  
Para desarraigat este Carvalho;  
E preparar ruína,  
Mal que o Carvalho caia, aos filhos nossos:  
Certa em que há-de trincá-los.  
C'um só, que me ficasse, a dor minguara.»  
Deixando em transes a Águia,  
Vai-se a pérfida, e desce onde a Javarda  
Estava inda de parto:  
(GATA) «Dou-te um conselho, aqui de manso, oh minha  
Vizinha, e boa amiga.  
Mal que saias; atira-se a teus filhos  
A Águia. Guarda segredo:  
Que se ela o sabe, em mim disfere a raiva.»  
Mal que as famílias ambas  
Em sustos deixa a Gata, volta à toca.  
Por que os filhinhos prova,  
De alimento, ir dali a Águia não ousa.  
Menos inda a Javarda.  
Tolas! que ignoram, que o mais são disvelo  
É o de evitar a fome.  
Uma, e mais outra em não sair ateimam;  
Deixam morrer-se à míngua,  
No caso que haja mina, o, que haja assalto.  
Da raça Javalina,  
Nem da Aquilina um só fugiu à Morte,  
Co'a luzidia fouce  
Ela tudo ceifou. Que amplo granjeio  
Para os senhores Gatos!  
Que não pode enredar traidora língua,  
Com pernicioso lábua!  
Dos infortúnios, que de si lançara  
De Pandora a boceta,  
O que o Mundo abomina com mais causa,  
A meu sentir, é o dolo.

## FÁBULA XLIX

### *O Bêbado, e sua Mulher*

CADA um seu sestro tem,  
Em que avezado embica,  
De que nem medo o cura, nem vergonha.  
Lembra-me, acerca, um Conto;  
(Que eu não falo, que exemplos não me escorem),  
Um Confrade de Baco  
Estragara a saúde, o siso, a china....  
(Nem correm esses Melros  
Meia estrada, que a bolsa não lhe escorra),  
Cozido em chá de parra,  
Dum canjirão no fundo  
Deitara o meu Bargante o seu juízo.  
Eis que a Mulher mo encaixa num esquite,  
Onde, à larga cozeu a cabeleira.  
Desperta; acha-se envolto  
Num lençol, – vê tocheiras, caldeirinha.  
(BÊBADO) «Pois que vai! Minha sposa está viúva.»  
Ela entra então, em trajas de Megera,  
C'um hediondo semblante, e voz mudada;  
Chegando-se ao Caixão,  
Dá-lhe açorda guisada para o Demo:  
Então crendo o Marido  
Que já no Inferno mora:  
(BÊBADO) «Dize quem és Fantasma;  
(Que eu, da parte de Deus requeiro o digas.»  
(MULHER) «Eu sou de Satanás Refeitoreira,  
Dou de comer aos que entram nesta furna.»  
(BÊBADO) «Maldita mondongueira, [x]  
Trazes a côdea, e esqueces-te da pinga!»



## FÁBULA L

### *A Gota, e a Aranha*

QUANDO a Gehena pariu a Aranha, a Gota:  
«Podeis gabar-vos (disse) oh Filhas minhas,  
Que a prole humana há-de a la par, temer-vos.  
Cuidemos ora em que habitar vos cabe  
Pobres palhoças, e dourados Paços;  
Que os dispus eu para morada vossa.  
Ou convinde entre vós, ou lançai dados.»  
(ARANHA) «Palhoças!!! Tir-te lá.» E vendo a Gota  
Recheados de Médicos os Paços,  
Não achou, a seu cómodo, a pousada.  
Desfaz-se deles; toma de aposento  
O artelho dum pobre home', e lá blasona.  
(GOTA) «Não temo que me dêem cá sobressaltos,  
Nem que a daqui sair me cite Hipócrates,  
E a que o meu fato mude.» Em tanto a Aranha  
Vai-se apossar dum artesão dourado;  
Que tomou quasi a foro vitalício,  
E na teia, que lavra, as moscas caça.  
Mas leva tudo a Moça, na vassoura:  
E a nova teia, vassourada nova.  
Cada dia se muda a animaleja.  
Tudo tentando em vão, vai ter co'a Gota,  
Que habita os campos mais disgraciada  
Mil vezes do que a Aranha; que o seu hóspede  
Ora levava a partir lenha, e ora a  
Cavar, sachar. Que a Gota, bem lidada,  
Tem meia cura (dizem). (GOTA) «Mais não posso  
Resistir. Ah! troquemos, Mana Aranha...»  
Esta aceita. Não o disse a Gota a surdos.  
Vai-se à Palhoça, e zomba das vassouras;  
E a Gota vai-se às juntas dum Prelado,  
Que condena a não mais se erguer da cama.  
Cataplasmas a flux; que não se peja  
De que a pior, vai o mal quem dele trata.  
Ambas fizeram bem, de mudar casa,  
Que cómodo agasalho ambas acharam.

## FÁBULA LI

### *O Lobo, e a Cegonha*

COMEM Lobos à sôfrega:

De lá vem, que em função se achando, um Lobo  
Comeu tanto de súbito,  
Que um osso lhe ficou atravessado  
Bem na gema da goela.  
Foi dita dele, (que gritar não pode),  
Passar Cegonha errática,  
Que entende o aceno, e acode ao engasgado.  
Pondo-se à obra acérrima,  
E, o osso arranado, bom salário pede  
Do bem surtido préstimo.  
(LOBO) «Salário!!! Estás zombando. Não te basta,  
Comadre linda, e lépida,  
Dos meus colmilhos ter tirado a salvo  
Do teu gasnete as vértebras?  
Vai-te, ingrata; e nas unhas me não caias.»

## FÁBULA LII

### *O Leão, a que um homem derribara*

**N**UM exposto painel traçara o Apeles  
Um Leão desmesurado,  
A quem um homem só prostrou por terra.  
Os mirões se ufanavam.  
Eis passa um Leão, que essa ufanía açaima:  
(LEÃO) «Bem vejo, que a Vitória  
Aqui vos deu o artífice logreiro:  
Fingiu com francos foros.  
Ah! com que mais razão nós triunfáramos,  
Se Leões pintar soubessem!»

## FÁBULA LIII

### *O Raposo, e as Uvas*

**C**ERTO Gascão Raposo,  
(Há quem Normão o diga)  
Estalando com fome, viu uns cachos  
Vermelinhos, com cara de maduros.  
Com bem gana o meu guapo  
Para o jantar colhera-os:  
Mas curto ele dos nós, alta a parreira.  
(RAPOSO) «Estão verdes. Que as comam os garotos.»

## FÁBULA LIV

### *O Cisne, e o Cozinheiro*

**N**UM pátio, em que criavam mil plumíferos,  
Vivia um Cisne, e um Pato:  
O Cisne regalava os olhos do Amo,  
E o paladar o Pato.  
Comensal do Jardim um se espaneja,  
O outro de o ser da casa.  
As cavas transformando em galerias,  
Um a par doutro os viras  
Nunca cheia a seu gosto a vontadinha.  
Nadando, mergulhando,  
Correndo à tona da água. O Cozinheiro  
Que além da marca um dia,  
Os copos empinara, empenha o colo  
Cisneu, pelo do Pato.  
Tocando a degolar, o ia dispondo  
Para a sopa. Eis que adverte,  
E dá no engano. (COZ.) «Eu sopas de tal músico...  
Oh Deus mo não permita!  
Garganta que tais sons nos dá, não corto.»  
Muito val meiga fala em tantos p'rigos.  
Que andam em nosso alcance.

## FÁBULA LV

### *Os Lobos, e as Ovelhas*

MIL anos, e inda mais, de guerra activa,  
Entre Lobos e Ovelhas, paz travaram,  
Que, aos dous partidos, de útil ser deu visos.  
    Se infinda rês os Lobos  
    Desgarrada comiam,  
    Surrões de infinda pele  
Talhavam os Pastores. Liberdade  
Lhes não davam os Lobos para os pastos,  
Nem cessavam Pastores de escoimá-los:  
    Gozando com tremuras  
    Dos sós bens que logravam.  
    Pazes por fim se firmam.  
Os Lobos, em reféns, seus filhos deram,  
As Ovelhas, seus cães. A troca feita  
No teor ordinário, e bem regrada  
    Por Comissários, passam  
    Certos tempos; e apenas  
    Lobinhos meus senhores  
São já Lobos, gulosos de carniça  
Espreitam lance, em que os Zagais se ausentem  
Do redil; e a metade dos mais gordos  
    Anhos esganam, levam-nos  
    Nos dentes, para os matos  
    Se retiram, já tendo  
Dantemão avisado os do seu bando.  
Os Cães, que em boa fé seguros dormem,  
Sem pressenti-lo, os Lobos dão fim deles,  
    E em pedaços os rompem,  
    Sem que um só lhes escape.  
    Que concluir devemos?  
Façamos guerra a ruins, guerra contínua.  
A Paz é boa, mas de que serve ela,  
Quando o nosso inimigo a fé não guarda?

## FÁBULA LVI

### *O Leão avelhentado*

**T**ERROR da selva outrora, então caído  
Em anos um Leão, priscas proezas  
Recordando com lástima, assaltado  
Se viu por seus Vassallos próprios; fortes,  
Que o viam fraco. – Chega, e um couce atira-lhe  
O Cavallo, dentada. – Triste, e taciturno  
O mísero Leão, cortado de anos,  
Pode apenas rugir; seu fado espera,  
Sem dar um só queixume. Mas, um Burro  
Vendo, que ao seu covil correndo vinha:  
(LEÃO) «É de mais. Venha a Morte; que teus couces  
Sofrer, é duas vezes sofrer morte.»

## FÁBULA LVII

### *Filomela, e Progne*

**P**ROGNE Andorinha, de seu pouso, outrora  
Se arredou, e estendeu seu voo longe  
Das cidades, a um bosque, onde cantava  
A pobre Filomela.  
(PR.) «E como passas, Mana? Há centos de anos,  
Que nos não vemos; nem me lembra quando  
Vieste aqui morar, lá desde a Trácia:  
Nem sei que intento é esse;  
Não deixarás este ermo solitário?»  
(FILO.) «Mo deparas mais brando?» (PR.) «Dares música  
A Brutos! Quando muito a algum Campónio!  
Dotou-te a Natureza  
De tão guapo talento, porque cantes  
Num deserto? Brilhar vem nas cidades,  
Com prodígios de canto. Olha que os bosques  
Te hão recordar, que outrora  
Furioso violou teus incentivos  
Tereu.» (FILO.) «Lembrar-me eu desse ultraje é causa  
Que eu te não siga. Basta ver os homens,  
Para agravar-me a mágoa.»



## FÁBULA LVIII

### *A Mulher afogada*

**N**ÃO sou desses que dizem: *Não é nada;*  
*É mulher afogada.*  
Digo que é muito, e que a mulher bem vale  
Que a lastimemos. Ela  
Nos dá prazer; e o que eu desta vos conto,  
Da tenção não desmente:  
Pois que duma Mulher trata esta Fábula,  
Que em ondas a seus dias  
Deu deplorável fim. Buscava-a o Sposo,  
Por, do jazigo as honras  
Lhe dar neste desastre. Ei-lo que chega  
Às margens infelizes  
Do Rio causador dessa aventura.  
Pergunta aos que passeiam:  
Se de sua Mulher rumor sabiam.  
Eles que o caso ignoram,  
Um lhe responde: «Segui o fio da água.»  
Outro, em contrário, acode:  
«Não sigais tal; arripiai a veia,  
Água acima; que ainda  
Que o pendor dela incline, o spr'ito fêmeo,  
Que a revés sempre torce,  
Por acinte fará, fará por teima,  
Que contra a veia suba.»  
Chasqueava o tal, bem fora de propósito.  
Quanto à índole avessa  
Tinha alguma razão. Seja, ou não seja  
Essa índole defeito,  
Na fêmea, e queda inata, quem com ela  
Nascer, com ela morre:  
Há-de contradizer até à morte,  
E ainda além, se é possível.

## FÁBULA LIX

### *A Doninha, num Celeiro*

**M**ADEMOISELA Doninha, que saía  
Duma doença, definhada, esguia,  
Entrou, por uma fisga, num celeiro.  
Lá, a bel prazer vivendo, a minha guapa  
Comeu, roeu.... Deus sabe a vida à larga,  
Que ela ali desfrutou, quanto toucinho  
Tasquinhou neste ensejo! Ei-la por cabo  
Já gorda, já façuda, e recheada.  
Finda a semana, e bom jantar na pança,  
Quer sair pela fisga, (que ouviu ruído).  
Não pode repassar, crê-se lograda.  
Dá voltas, e revoltas.... (DONINHA) «Este é o sítio,  
Por que, há cinco, ou seis dias entrei dentro!  
Estou pasmada.» Um Rato, vendo-a aflita:  
(RATO) «Tínheis então vazio o ventre, Mana;  
Magra deveis sair; que magra entrastes.»  
O que o Rato lhe disse quadra a muitos.  
Mas, por muito escarvar, não confundamos  
Negócios nossos, c'os negócios dela.

## FÁBULA LX

### *O Gato, e o Rato velho*

**N**UM certo Fabulista lido tenho  
Que um tal Gato (qual outro Rodilardo  
Dos gatos o Alexandre, o cruel Átila,  
Flagelo cru dos Ratos,  
Os trazia na espinha.  
Li mais no Fabulista,  
Que esse chapado Cérbero,  
Assolador Bichano  
Duma légua em contorno era temido,  
De Ratos despovoar queria o Mundo!  
Noz vómica, [x] ratoeiras,  
Costelas, e aboízes, [xi]  
Se com ele os confrontas, eram brinco.  
Fácil se vê, que em suas tocas presos,  
Ratos, Ratinhos jazem; nenhum ousa  
Sair: baldava o Gato o andar à caça.  
Faz-se morto o Malvado:  
Prende os pés entre as cordas dumas vigas,  
E deixa-se pender cabeça abaixo.  
Posto na forca o crê o povo Rato,  
Por assado, ou por queijo ladroado,  
Porque arranhou alguém, ou quebrou louça:  
Que ali pagava o pícaro o mau feito.  
Já os Ratos (como digo)  
A lhe rir nas exéquias se aprestavam,  
Deitam nariz ao vento, deitam frente...  
Súbito em seus buracos se recolhem,  
Depois dão quatro passos,  
Depois vão squadrinhando...  
Eis rompe outro festejo. Ressuscita  
O da pendura, e em pé caindo a prumo  
Agarra os mais ronceiros,  
Os masca, e diz por chança: [xii]  
«Mais tretas sei do que uma;  
Esta de hoje, treta é trivial, cediça:  
Nem nos oucos covis vos deis por salvos,  
Que tendes, quantos sois, de cair todos  
No alçapão da barriga.»  
Que grão Profeta foi o tal Murganho!  
Com fina astúcia inda outra vez os logra.  
Enfarinhado o pêlo, se disfarça,  
(Mascarada aventesma),  
E em arca de farinha se solapa.  
Refinada maranha!  
O Povo *pisa-curto*  
Ali achou seu brete.

Um certo Rato só, muito matreiro,  
Que era um poço de tretas, que em batalhas  
Tinha perdido o rabo,

O único foi, que ao general dos Gatos,  
Sem lhe tomar o faro, diz de longe:  
«Bem mal me cheira o enfarinhado ensalmo; <sup>[xiii]</sup>  
Que ali há falcatrua hei grã suspeita.  
Que te val ser farinha?  
Foras saco, que eu nunca a ti chegara.»  
Bem disse o Rato, louvo-lhe o bom tino.  
Por experiência mestra  
Soube, que a Desconfiança  
Pariu Seguridade.

FIM DO LIVRO PRIMEIRO

## LIVRO SEGUNDO

### FÁBULA PRIMEIRA

#### *O Leão namorado*

SÉVIGNÉ, cujas prendas, e incentivos  
Modelo às Graças dão; Vós que nascestes  
Formosa, mas com sombras de indiferente,  
Dareis Vós brando ouvido  
Aos brincos inocentes duma Fábula?  
E um Leão domado vê-lo-eis vós sem susto?  
Domou-o o Amor; Amor, Amo strambótico.  
Feliz quem só de ouvida  
O sabe, e os tiros seus! Se vos ofende  
A Verdade, de a ouvir, sofrei-a em Fábula  
Quando ela a vossos pés vai ofrecer-se  
Por Gratidão, por Zelo.  
Quando os Brutos falavam; pertenderam  
Travar os Leões (entre outros)  
Connosco aliança. E porque não? A sua  
Relé valia a nossa  
Então. Tinha corage, inteligência,  
E outrosi <sup>[xiv]</sup> guapa fronte.  
Foi o caso. Leão de alta prosápia,  
Passando por um prado,  
Certa Zagala viu mui de seu gosto,  
E Esposa foi pedi-la.  
Quisera o Pai menos feroz o Genro.  
Bem duro lhe era o dar-lha;  
Mas também o negar-lha mal seguro;  
E que inda a ser possível  
Negar-lha, é de temer não venha a lume  
Clandestino consórcio;  
Que amava os valentões a Mocetona.  
De grado se encasquetam  
As Moças, de estofadas cabeleiras.  
O Pai, que não se atreve  
A despedir o Amante tanto às claras:  
(PAI) «Minha Filha é mimosa,  
E vós podeis entre esponsais carícias  
Arranhá-la co'as unhas:  
Consenti um cerceio em cada garra,

E em cada dente a lima;  
Porque os beijos lhe sejam menos ásperos  
E a vós mais voluptuosos.  
Que, sem tais sustos, há-de minha Filha  
Prestar mais meiga a boca.»  
Consente o Leão: desmantelada a praça  
Falta de unhas, e dentes,  
Lançam-lhe os Cães; vai-se o Leão – sem unhas  
Como há-de resistir-lhes?  
Quando, Amor, nos agarras, bem podemos  
Dizer: «Adeus Prudência.» Os teus conselhos  
O Leão enfeitiçaram; no inimigo  
Creu. – Ai! Como farias Tu, que os Brutos  
Gente fossem, se a Gente Brutos fazes?

## FÁBULA II

### *O Pastor, e o Mar*

DOS lucros dum Rebanho, longos anos  
Vivia, sem cuidados, satisfeito  
De Neptuno um Vizinho.  
Segura, bem que estreita, tinha a renda.  
Tanto o tentam porém certos tesouros,  
Que descargar na praia  
Viu – que o rebanho vende; e traficando  
C’o ele, o arrisca por mar, onde um naufrágio  
Os cabedais lhe sorve.  
De senhor de rebanho descaído,  
De Ovelhas guardador ora é Bieito;  
Não Coridon, não Títiro,  
Que seus Carneiros nas ribeiras pasce.  
Ganhou, c’os tempos, cobres; e lanígeros  
Animais re-comprando,  
Um dia, em que os assopros represando  
Os ventos, manso as Naus ao porto vinham,  
Disse: «Senhoras Ondas,  
Quereis dinheiro? Ide pedi-lo aos outros.  
Fazei-me esse favor; que, quanto ao nosso,  
Não tendes de gramá-lo.»  
Não é Conto, que a bel prazer invento.  
Fundado eu na Verdade, na Experiência  
Mostro, que vale mais, quando é seguro,  
Um Cruzado, que cinco, que se esperem.  
Co’a condição, que tem, cada um se amanhe,  
Tape bem os ouvidos a conselhos  
De Ambição, e de Mar. Por um que lucra,  
Lamentam mil. Promete montes de ouro.  
Fias-te? Eis os Ladrões contigo, e os Ventos.

## FÁBULA III

### *A Mosca, e a Formiga*

**S**OBRE quem valha mais, Formiga, e Mosca  
Debatiam «Oh Jove (a Mosca exclama)  
Que tanto cegue os ânimos Filáucia,  
    Por tão estranho modo!  
Que um Verme vil, rasteiro ouse parelhas  
Comigo pleitear, dos ares Filha!  
Eu, que Paços de Reis frequento, e co'eles  
    Assento às mesas tomo!  
Se um Boi te imolam, tomo-lhe o ante-gosto;  
Enquanto vive mísera, e mesquinha  
Três dias essa triste, duma aresta  
    Que à toca a rojo trouxe.  
Dizei, Mana, pousais vós, por ventura  
Na face a Imperador, a Rei, a Dama?  
E eu pouso, e beijo, quando quero, o seio  
    Mais lindo; e entre madeixas  
Me divirto. Realço um branco rosto.  
Dá a última demão à formosura,  
Com pôr sinais, Mulher, que se abalança  
    A conquistar vontades:  
Nem, com vossos celeiros me deis seca...»  
«Tendes dito (a Forreta lhe replica)  
Cursais Paços. Mas lá vos amaldiçoam.  
    Do que se of'rece ao Nume  
O ante-gosto chupais? Pondes vareja.  
Franca a entrada. Tal têm os mais profanos.  
Na face a Reis pousais. E na dos Burros.  
    Convosco estou de acordo;  
E disso muitas vezes vos procede  
Morte súbita, em prémio de importuna.  
Sinais, que *moscas* chamam, formosentam  
    Por pretos. Pretas somos  
Eu, e vós. Porque é dar tamanho brado?  
Nem blasonar de méritos? Chamados  
São *moscas* os Parásitos. Dai cabo  
    A falas tão vazias,  
Descartai-vos de ideias tão vaidosas.  
Moscas de Corte, há lá quem as enxote.  
Os *Moscardos* têm força. Vós, oh Mana  
    Quando se arreda Apolo,  
Morreis de fome, e frio, e de miséria,  
Quando eu de minhas lidas logro o fruto;  
Sem ir por esses montes, esses vales,  
    Expor-me ao vento, à chuva.  
Isenta de cuidados, sem tristeza



Viverei, a vós outras dando máximas  
Do que é a falsa glória, e a verdadeira.  
E adeus; que perco tempo,  
Tenho que trabalhar: que o meu Celeiro  
Não se atulha, nem se enche o meu armário  
Com deitar por aí vozes ao vento.  
Adeus, vou-me à tarefa.»

## FÁBULA IV

### *O Quintaleiro, e o Senhor de terras*

DE horta, e Jardim curioso  
Fuão, meio burguês, meio campónio  
Possuía em certa Aldeia,  
Um Casal, com Jardim, Vergel, e Hortas,  
Valado de silvedo.  
Bem medrada ali vinha a Azeda, a Alface;  
Flores assaz, que aos anos  
De Maricota um ramilhete engnhem.  
Jasmins de Itália poucos,  
Serpil em barda. Tal ventara a Lebre  
Desmanchar veio. O Dono,  
Indo ao Senhor da Aldeia lamentar-se:  
(DONO) «A maldita da Lebre  
Vem cada dia, de manhã, de tarde  
Tomar sua pitaça;  
Dos laços zomba, ri de paus, e pedras.  
É bruxa, é feiticeira.»  
(DONAT.) «Feiticeira!... Diabo que ela fora,  
Libreu tem de agarrá-la,  
Mau grado a quantas tretas use a Lebre.  
Meu Ginja, eu cabo dela  
Darei, por vida minha.» (DONO.) «E quando?»  
(DONAT.) «À finca amanhã, não mais tarde.»  
Justa a função, vem ele, e a corja toda.  
(DONAT.) «Almocemos. São tenros  
Os teus frangãos? Muchacha, vem, vejamos-te.  
Quando é que a casaremos?  
Quando é, meu Ginja, que teremos Genros?  
Para então, sem refúgio,  
Dará sangria à bolsa, a Filha noiva.»  
Assim dizendo, a assenta  
Junto de si, e intrancia co'ela trava.  
Palpa as mãos, palpa os braços;  
Do lenço do pescoço ergue um cantinho...  
Asneiras, a que a Moça,  
Com resguardos se esquiva. Já suspeitas  
Ao triste Pai combatem.  
Vai na cozinha em tanto grande azáfama!  
(DONAT.) «E há quanto há, que os presuntos  
Stão curados? De bons me dão vidonho.»  
(DONO) «Estão às suas ordens.»  
(DONAT.) «De bom grado os aceito.» – Eis que ele almoça  
Almoça a mais matula,  
Servos, Cavalos, Cães de voraz dente.  
Na Casa alheia ordena,

Bebe-lhe o vinho, toma liberdades,  
Conta lérias à Filha...  
Depois do almoço, vem dos Caçadores  
O distúrbio, os preparos:  
Tanto estrugem as trompas clangorosas,  
Que se azoina o bom Ginja.  
Peior foi inda o estrago que fizeram  
Nos porros, nas Chicórias,  
Que a panela privaram do recheio.  
Tinha por couto a Lebre  
Uma tronchuda couve. Dão com ela,  
Vão-lhe sobre, ela escapa  
Por um furo.... não furo; horrenda brecha,  
Que no desmantelado  
Valado abrir mandara o Donatário.  
Que o não sair dessa horta  
Montado, e guapo – o houvera por desaire.  
«São farfúncias de Príncipe.»  
(Dizia o Ginja) e o vento as vozes leva.  
Numa hora os Cães, e a Corja  
Fizeram mais destroço, que em cem anos  
Fazer não conseguira  
Quanta Lebre aí há pelas Comarcas.  
Pequenos Soberanos,  
Debatei, entre vós, vossas querelas.  
Recorrer aos Monarcas  
É gran tontice. Nunca em vossas guerras  
Consintais, que eles entrem;  
Nem que os pés ponham nos domínios vossos.

## FÁBULA V

### *O Burro, e o Cão fraldeiro*

**F**ORÇAR talento?... É nada obrar com graça.  
Por mais que faça, nunca  
Passará por Galã, quem nasceu Lorpa.  
Poucos há, que ame, e brinde  
O Céu, com esse dom infuso na alma.  
Deixemos-lho; e não vamos  
Semelhar-nos, na Fábula, c'o Burro,  
Que por mais dar-se ao Dono  
A querer, quis também fazer-lhe festa;  
E discorreu profundo:  
(BURRO) «Com Monsieur, e Madama, por fraldeiro  
Desfrutará paelhas  
O Cãozinho, e eu terei as bordoadas?  
Quais são as prendas suas!  
Dá o pé. – Madama o beija. – Se me cabe,  
Porque iguais mimos logre,  
Fazer o mesmo, a cousa é muito fácil.»  
Firme no agudo invento,  
Mal viu vir ledado o Dono, alçou sem garbo  
O desenhado casco,  
E com meiguice lho impingiu no rosto:  
Juntando a seu descoco,  
A do seu zurro airosa melodia.  
(DONO) «Que canto! e que meiguice!  
Meu Arrocho, onde estás?» – O Arrocho acode;  
Cessa o Asno, e finda a Farsa.

## FÁBULA VI

### *O Combate dos Ratos, e das Doninhas*

**A** Nação das Doninhas,  
Mais a Nação dos Gatos  
Nenhum bem quer aos Ratos:  
E, a não ter a rateira estreita a porta,  
Fizera neles grande estrago, creio,  
O ossi-mole animal. Ora em certo ano,  
Ano de grande safra,  
Ratopon, Rei Gatesco  
Pôs exército em campo.  
As Doninhas também pelo ar desfraldam  
Seu estandarte, e (a dar à Fama crédito)  
Foi ambígua a vitória. Algumas leivas  
Engordaram c'ó sangue  
De mais duma ala. A perda  
Porém foi mor no Povo  
Ratinheiro: em quasi as filas todas  
Inteira a ruína foi; por mais que obrassem  
Artapax, Psicarpax, Meridarpax.  
Longo tempo cobertos  
De pó não indecoro  
Dos inimigos a luta  
Sustentaram. – Fadigas malogradas!  
Cumpriu ceder aos Fados! Cabos, e hoste  
Foge, a quem tem mais pé. Todos os Príncipes  
Morrem. Sem grandes lidas,  
Salva a gentalha, couto  
Achou em seus buracos.  
Os Grandes afrontados com cocares,  
(Por brasão de honra, ou por meter mais medo  
Às Doninhas), levavam seu desastre  
Nas plumas, não achando  
Fenda assaz ampla, ou toca,  
Ou furo, onde embutir-se;  
Quando, na menor fisga, se sumia  
O refugio do exército. A juncada  
Principal foi dos Ratos mais graúdos.  
Dão empacho cabeças  
Com cocar: e inda às vezes  
Soberbas equipagens,  
Se a esmo em certos sítios se embetesgam,  
Sofrem pausa; e as Pequenas se deslindam,  
Onde, a miúdo as Grandes se emaranham.

## FÁBULA VII

### *O Macaco, e o Delfim*

USO entre os Gregos foi, levar nas viagens  
Monos, Cães, e Farsantes. Um Navio  
    Nafragou junto a Atenas.  
    E tudo perecera,  
Se Delfins, animais amigos do homem  
(Plínio assim o diz; devemos crê-lo)  
    Não salvam quanto podem.  
    Até, neste agro ensejo  
Quasi, que lhes devera a vida, um Mono;  
(Que o creu home' o Delfim, nas parecenças!)  
    Nos lombos, o escarranchara...  
    Disseras, pelo grave,  
Que ali ia Anfião, Cantor famoso!  
Perto de pô-lo em terra, lhe pergunta  
    O Delfim, por acaso:  
«És tu da grande Atenas?»  
«Sim (diz o Mono) e sou mui conhecido.  
No caso, que tu tenhas lá negócio  
    Não tens mais que valer-te  
    De mim, e do meu préstimo.  
Servem nos mores postos meus Parentes,  
E o Senescal de Atenas é meu Primo.  
    Diz-lhe: "Vivas mil anos".»  
O Delfim: «E nessa honra  
Também entra o Pireu? Tu a miúdo  
Lhe falas, creio!» (MONO) «Um dia só não falho  
    Em conversá-lo, e vê-lo,  
    Que é uma amizade antiga.»,  
Por esta vez tomou o Mono um porto  
Por um homem: e dessa gente há muita,  
    Que Vaugirard aí tomam  
    Pela Cidade Roma;  
Taramelam a flux, palram de tudo,  
Sem terem nada visto. O Delfim, rindo,  
    Volta a cara, olha o Mono;  
    Vê que tirou do pego  
Um mostrengo, e vaza-o de mergulho  
No mar, e vai buscar homem, que salve.

## FÁBULA VIII

### *O Homem, e o Ídolo de madeira*

TINHA um Pagão um Deus de pau, em casa,  
Desses, com dous ouvidos, Deuses moucos.  
Mil bens, dele, o Pagão se prometia;  
Por tanto ofrendas, votos, sacrifícios  
Lhe eram de Bois, de flores grinaldados,  
Ofrecidos a flux. Mais que três Deuses  
Lhe custava o tal Deus. Nunca algum Ídolo  
Mais gorda houve a ucharia. E nem por isso  
Ganho ao jogo, Mercê, Tesouro, Herança,  
Por tais cultos, caiu em sorte ao Hóspede.  
Antes, se em sítio algum se anuviavam  
Dez réis de vendaval, tinha ele sete;  
E na bolsa o sentia, sem que o Nume  
Sentisse na pitança algum desfalque.  
De nada obter do Deus, trava, agastado,  
Duma alavanca, e estira-o em cavacos.  
Recheado em ouro o viu. (HOMEM) «Pudeste nunca,  
Quando eu te ameiguei tanto, um ceutil dar-me?  
Põe-te na rua, busca outros altares.  
Às índoles semelhantes desastrosas,  
Estúpidas, grosseiras; de quem temos  
Só a poder de arrocho, algum serviço.  
Quanto eu te enchia mais, mais desprovidas  
Me via as mãos. Bom foi mudar de clave.»

## FÁBULA IX

### *O Gaio enfeitado com as plumas do Pavão*

TOMOU o Gaio as penas  
Dum Pavão, que mudava;  
E co'elas se amanhando,  
E dando-se por linda personagem,  
Foi, entre os mais Pavões, pavonear-se.  
Ei-lo que é conhecido. Ei-lo apupado,  
Zombado, assobiado,  
Chasqueado, escarneado;  
E à finca depenado  
Pelos Milords Pavões. Busca acolhida  
Entre os seus; mas os seus por Gaio o enjeitam.  
Como ele, há de dous pés infindos Gaios,  
Que a miúdo se enfeitam  
Com despojos alheios;  
Seu nome é *Plagiários*.  
Mas chiton. Que eu motivo dar de enojo  
Não pertendo a ninguém. Nem também quero  
Meter a fouce na seara alheia.



## FÁBULA X

### *O Camelo, e os Paus boiantes*

QUEM primeiro a um Camelo viu, benzeu-se  
Da col' alta bisarma;  
Chegou-se-lhe o segundo; ousou terceiro  
Engenhar-lhe um cabresto.  
Uso, e trato a quanto há nos habitua:  
Quanto nos parecia  
Raro e terrível, se se atura em vê-lo,  
Se amansa, e adoça à vista.  
Ora pois que caímos nesse assunto...  
Viram, de longe na água,  
Certas Vigias postas, certo objecto,  
Que foi nulo atalhar-lhes  
Que por Nau alterosa o apregoem:  
Dali a pouco o alcunham  
Brulote, e depois Barca, e logo Bote  
Por fim – uns Paus boiantes.  
Muitos conheço, a quem bem quadra o Conto;  
Que de longe são muito, ao perto nada.

## FÁBULA XI

### *A Rã, e o Rato*

TAL (como diz Merlin) cuida dar ópio,  
Que ele é o opiado, às vezes.  
Para arribar ao ponto, que eu pertendo...  
Um rato bem cevado  
Bem gordo, e rechonchudo, que do Advento  
Nem da Quaresma tinha  
Nova, ou mandado, à borda da Lagoa  
O ânimo espairecia.  
Chega uma Rã, e em língua de Rãs, diz-lhe:  
(RÃ) «Vem-me ver onde eu moro;  
Dar-te-ei banquete.» Aceita-o o Milord Rato,  
Sem que mor prosa gastem.  
Dum banho lhe alegava ela as delícias;  
Quão grata, quão curiosa  
A viagem, e ao longo ver do vasto charco  
Raridades aos centos,  
Que aos filhos seus contar folgasse, um dia;  
E os sítios tão formosos,  
Os usos e costumes dos que aí moram;  
Da aquática República  
O governo também. Ao nosso Adónis  
Um ponto só o empacha...  
Nada um pouco... mas haja quem o ajude...  
Co'a ajuda a Rã depara.  
C'um junco ata ao seu pé o pé do Rato.  
Luta a levar ao fundo  
O parvo hóspede seu, a Boa Peça;  
Pertendendo daninha,  
Contra o jus das Nações, e a fé jurada  
Gozar de *boa chira*.  
Vidinho tinha de manjar celeste!  
E já a minha Comadre  
Em seu ânimo o trinca. O Rato adjura  
Os Deuses, e a Velhaca  
Zomba: – escoucinha o Rato, a Rã mergulha. –  
Viu a peleja estranha  
Milhano, que nos ares se peneira;  
Viu que o triste entre as ondas  
Se debate. Eis rui neles, e a ambos leva  
Presos no mesmo junco.  
Preia dobre, que ao Pássaro dá gáudio;  
E teve desse lanço,  
Para o bródio da Ceia, peixe, e carne.  
  
A mais urdida teia  
Empece ao Urdidor, e cai no pérfido  
Bem vezes a perfídia.

## FÁBULA XII

### *Tributo que os Animais mandaram a Alexandre Magno*

CORREU na Antiguidade certa Fábula.  
Porque motivo? Ignoro-o.  
Ei-la aí nua, e crua;  
Tire-lhe o moral dela o Leitor pio.

Tinha por climas cem vulgado a Fama,  
Que um Rei, dito Alexandre,  
Progénito de Jove,  
Não quis livre, neste Orbe, deixar nada:

Que, sem mais esperar, já as ordens dera,  
Que a seus pés todo o Povo  
Viesse avassalar-se,  
Homens, Vermes, Quadrúpeos, e Elefantes,

E até mesmo, a República das Aves.  
A Deusa das cem bocas,  
Tendo (como vos digo)  
Derramado o terror por toda a parte,

Do novo Imperador pregoando o Edito,  
Os Animais, e toda  
A mais espécie lígia  
Do que só lhes requer seu apetite,  
Por esta vez ficaram bem de acordo,  
Que a outras leis lhes cabe  
Curvar-se. Os covis deixam  
Cada um, e em certo ermo vão juntar-se.

Diversos votos dados, se resolve,  
Se conclui, mandarem  
Vassalage, e tributo.  
Ora em quanto à maneira de enviar-lho,

Dela ao Bugio encargam, por escrito  
Lhe dão a fala, que há-de  
Expor, como Enviado.  
O que lhes dá mais cisma é o tributo.

Que tributo?... Dinheiro. O havê-lo é ela.  
Um Príncipe oficioso,  
Que tinha em seus Domínios  
Minas de ouro, acudiu com todo o importe.

Ao tratar de quem leve esse tributo  
Se ofrece o Burro, o Macho,

O Cavalo, o Camelo;  
E ei-los os quatro já, que a estrada encetam.

Bugio, Embaixador de nova laia  
Vai no rancho. Eis topa  
Em certo sítio a Cáfila  
Com Monsenhor Leão, e não lhe gosta.

(LEÃO) «Bem acertado encontro! Companheiros  
Iremos de jornada;  
Que ia eu sozinho andando  
Meu presente ofertar. Ele é bem ténue.

Mas não me agradam pesos. Far-me-eis graça  
Cada um de vós levar-me  
Um quarto dele. Peso  
Não é que empache, e em sobrecarga avulte.

Desembargante fico, dado caso  
De despejar combates,  
Se Ladrões vos salteiam.»  
Mandar embora Leões não stá em uso.

Com boa sombra o admitem, o aliviam;  
E mau grado do Herói,  
Feitura do alto Jove,  
Se regalam. Quem paga? A bolsa pública.

Entram num prado, que ribeiros cercam,  
Que de flores se esmalta,  
Onde infindo Carneiro  
Tratava de viver. Ali dos Zéfiros

Era a Pátria, e era o pouso da Frescura.  
Mal que o Leão lá chega;  
Ei-lo enfermo, e dorido:  
(LEÃO) «Continuai a Embaixada; sinto arder-me

Nas veias certo fogo... Verei se acho  
Erva que mate febres.  
Não percais tempo; dai-me  
O meu ouro: talvez que o necessite.»

Desenfardam; e o Leão, em altos brados,  
Que a alegria malsinam:  
«Oh Céus! As minhas Moedas,  
Que de filhas, olhai, não têm parido!

E grandes, como as Mães! Em bom direito  
Devem de pertencer-me.»  
E arrecadou-as logo  
Todas, ou quasi. O resto não foi largo.

Torvadas as Azémelas, e o Mono,

Sem boquearem réplica,  
Seguiram sua estrada.  
De Jove ao filho se queixaram; (dizem.)

Mas não desfez o agravo. Que faria  
Leão contra Leão?  
Não tira grão proveito  
Corsário, que combate com Corsário.

## FÁBULA XIII

### *O Cavalo, que do Veado quer vingar-se*

PARA os homens servir nem sempre foram

Nascidos os Cavalos.

Quando, com comer lande,

Se dava por contente a humana prole;

Burros, Cavalos, Mulas

Nas selvas habitaram;

Nem, como na era de hoje, havia tanta

Albarda, sela, arneses

Para as guerras, nem tanta sege, e coches,

Tanta boda, e banquetes:

Então teve o Cavalo certa crela <sup>[xv]</sup>

C'o Veado velocípede.

Não podendo alcançá-lo na carreira,

C'o homem vai ter, e implora-lhe a destreza

O homem arma-lhe um freio, e em cima salta;

Nem sossega, que o Veado não apanhe,

E a vida lhe não roube.

Completo o feito, ao Benfeitor, ao Homem,

Rende o Cavalo as graças.

(CAVALO) «Sou seu Criado; adeus.

Vou-me aos meus matos.»

(HOMEM) «Devagar. Que há por cá melhor vivenda

Pois te conheço o préstimo,

Comigo ficarás. Terás bom penso,

De retraço alta cama.»

Ai triste! E de que servem bons manjares,

Faltando a Liberdade?

Avistou o Cavalo a asneira feita:

Mas já não era tempo – armada, e pronta

Stava a cavalhariça,

Onde morreu, as rédeas arrastando.

Com mor siso esquecera leve ofensa.

Por mais delícias que a Vingança traga,

Mui caro compra um bem, quem o assim compra

Por um tão raro preço;

Que, sem ele, os mais bens de nada valem.

## FÁBULA XIV

### *O Raposo, e o Busto*

**P**ELA mor parte os Grandes  
São máscaras teatrais. Com a aparência,  
Impõem ao Vulgo idólatra.  
Feitos vê, que ajuizar não sabe o Burro;  
Mas o Raposo, a fundo, os examina;  
    Vo-los vira, e revira;  
    E se dá fé, que neles  
    Não há hi mais que o alarde,  
Lhe aplica o dito, que muito a propósito  
    Já impingira a um Busto  
Maior que um rosto natural, mas ouco,  
O Raposo, louvando o primor da arte:  
«Que formosa cabeça a ter miolos!»  
  
Quantos Grandes são Bustos neste ponto!

## FÁBULA XV

### *O Lobo, a Cabra, e o Cabritinho*

**D**EITA a tranqueta à porta, e vai-se ao pasto  
De nova relva, a Cabra, a encher as tetas,  
Que beijam terra e avisa ao Cabritinho:  
(CABRA) «Não abras (que te vai a vida nisso)  
Sem que a senha te dêem: *Que leve o Demo*  
*O Lobo, e a relé sua.*»  
O Lobo acaso passa, ouve-a, e recolhe  
O dito a bom resguardo.  
Não vira a Cabra (como é bem se creia)  
O Lobo. Que mal viu distante a Cabra,  
Mudando a voz, o tom adocicando,  
Diz que lhe abram, e cuida que em dizendo  
*Que Leve o Demo o Lobo* entrará logo.  
Suspeitoso o Cabrito  
Por uma fenda espreita, e diz ao Lobo:  
(CABRITO) «Não abro, sem que mostres pata branca.»  
(LOBO) «Pata branca é bem rara entre nós Lobos.»  
Azoado do que ouvira,  
Tornou como viera.  
Que fora do Cabrito, se na senha  
Que o Lobo acaso ouvira, se fiara?  
Mais, que uma, valem duas seguranças;  
Nem por Carta de mais então se perde.



## FÁBULA XVI

### *O Lobo, a Mãe, e o Filho*

**T**RAZ-ME à memória o Lobo da outra Fábula  
Um Lobo, que não foi tão bem livrado;  
Antes achou cadoz. [xvii] Eis como o contam.  
Morava um Aldeão longe da Aldeia,  
E Milord Lobo à porta  
Cuidava achar bom lanço. Vê que saem  
Reses de todo o lote,  
Bezerrinhas de mama, Anhos, Ovelhas,  
Batalhão de Peruns – grossa despensa!  
Já o pícaro a enojar-se  
Começava... Um Menino ouve, que grita;  
E a Mãe, que ralha, e que ameaça dá-lo,  
(Se não se cala) ao Lobo.  
Ei-lo já de alcateia, e agradecendo  
Tão bom acerto aos Numes.  
Porém a Mãe, que amima o caro Filho  
Lhe diz: «Não chores. Se cá vem o Lobo  
Daremos cabo dele.»  
«Pois que vai? (diz o tragador de Ovelhas)  
Ora diz uma cousa, ora diz outra?  
As gentes, cá como eu, assim se tratam?  
Tratar-me de basbaque?  
Venha o tal marmanjinho  
Apanhar avelãs, por esses matos...»  
Inda falava, quando  
Da casa sai a gente, e sai com ela  
Um Cão de fila, e o colhe.  
Vêm Chuços, vêm Forcados,  
Com que lhe espetem a alma.  
«Que vinhas cá buscar?» (lhe perguntavam)  
E o Lobo lhes contava o caso inteiro.  
(MÃE) «Coitadinha de mim! Comer meu filho?  
Porque te mate a fome,  
O trouxe eu nas entranhas?»  
Dão fim do triste Lobo; e um dos pastranos  
A cabeça lhe corta, e o pé direito,  
Que o Donatário, que o pregou na porta,  
Orlou com este lema  
Em Língua de Picardos  
*Senhores Lobos, não deis nunca ouvidos  
A Mãe, que ralha c'ò chorão do Filho.*

## FÁBULA XVII

### *Dito de Sócrates*

**N**UMAS Casas, que Sócrates erguia,  
Cada um lhes punha pecha.  
Este a achacava de interior não digno  
(A falar-lhe a verdade)  
De tão digno Varão; o frontispício  
Desaprovava aquele.  
Mas, em que eram os quartos acanhados  
Todo o Censor convinha.  
«Que cochicholos para tal pessoa!  
Mal nos mexemos dentro.»  
(SÓCRATES) «Prouvera ao Céu, que tais quais são, se enchessem  
De amigos verdadeiros!»

Razão tinha o bom Sócrates; sobeja  
Julgava a Casa, que os  
Recebe tais. Cada um se inculca amigo:  
Louco é quem nisso fia.  
Que trivial que é dizer – *Sou vosso amigo?*  
Quão raro um leal amigo!

## FÁBULA XVIII

### *O Velho, e os Filhos*

**F**RACO é todo o poder, se união falece.  
Ouvi, sobre esse ponto o Frígio Escravo.  
Se à ideia dele algum feitio ajunto,  
    Não é, por certo inveja  
Dessa ambição nunca hei sentido assomos.  
    Só quero dar retrato  
    Do que é nosso costume.  
Por se dar ufanía, a miúdo, Fedro  
Carga o invite. De meu modesto ingenho  
    Tais gabos desdiriam.  
    Comecemos a Fábula  
    (Melhor dissera História)  
Do homem, que unidos quis seus Filhos todos.

Perto de ir onde a Morte o chama, um Velho:  
(VELHO) «Caros Filhos, quebrai-mos, nesse lio  
Esses dardos. Direi depois o senso,  
Que aí se encerra.» Toma-os o mais Velho,  
Empenha a força toda, e diz, largando-os:  
«Quem mais que eu possa os rompa.» Eis que o segundo  
Se atira ao feixe, e pondo-se em desplante,  
Forceja em vão. Põe peito à empresa o último.  
Tempo perdido! O lio fica inteiro;  
Dos dardos juntos nem um só estala.  
(VELHO) «Fracos sois. Vede em mim quanto me ajudam  
Poucas forças, e o como desempenho.»  
    Cuidavam que zombava;  
    Sorriam, – Que ignorantes!  
Separa o Velho os dardos, quebra-os todos.  
(VELHO) «Vedes quanto a Concórdia val? Meus Filhos,  
Oh sede sempre unidos; Laço amante  
Vos prenda.» Enquanto o mal lhe deixou vida,  
    Não tomou outro assunto.  
Vendo enfim perto o termo de seus dias:  
(VELHO) «Vou ter com nossos Pais. Adeus meus Filhos;  
De viver como Irmãos heis prometer-me.  
Concedei essa graça a um Pai, que morre.»  
Cada um dos Filhos três, chorando, o jura  
Nas mãos do Pai, que em pouco morre. Os Filhos  
    Acham mui grossa herança,  
Mas espinhada de embaraço infindo;  
    Um Credor faz penhoras,  
    Arma um Vizinho pleitos...  
De primeiro, os meus três deslindam tudo;  
    Mas curto, quanto raro  
    Foi esse amor fraterno:

Os nós que o Sangue dera  
Des-deu-lhos o Interesse.  
Entraram de rondão pelas partilhas.  
Já se altercam debates;  
Passa o Juiz sentenças  
Contra este, contra aquele:  
Um Vizinho, um Credor renova pleito;  
Este por erro, aquele por defeito.  
Os Irmãos desunidos  
No parecer discordes,  
Um quer-se conchavar, outro recusa...  
Perderam quanto tinham;  
Querendo, mas quão tarde  
Proveitar-se dos dardos, ora unidos,  
Ora à parte singelos.

## FÁBULA XIX

### *O Oráculo, e o Ímpio*

**T**ERRA querer lograr o Céu? Loucura!  
Não guarda o coração, no labirinto  
De seus refolhos, cousa  
Que os Numes, à primeira, não avistem:  
Quanto o Homem obra, aos olhos deles o obra;  
Inda o que o cuida obrar do mor segredo.  
Um Pagão, dos que cheiram já a chamusco,  
Que, a benefício de Inventário (usemos  
Desse termo) em Deus cria,  
Foi consultar a Apolo.  
Mal que entra no santuário:  
(ÍMPIO) «Tem vida, ou não, o que eu na dextra encerro?»  
Tinha um Pardal, a jeito  
De afogar, ou soltar o pobre pássaro,  
Por dar a Apolo falha.  
Mas o Deus, que o vidonho lhe penetra:  
(APOLO) «O teu Pardal amostra, morto, ou vivo;  
E trempe me não armes,  
Que sairás mal dela:  
Que ao longe avisto, e dou alcance ao longe.»

## FÁBULA XX

### *O Avaro, que perdeu o seu tesouro*

**B**EM possui quem goza. Vós que somas  
Amuais sobre somas, cobiçosos,  
Dizei-me que vantagens  
Lucrais, que iguais não lucre qualquer outro?  
Tão rico é no outro Mundo  
Diógenes, como Creso;  
Cá, tão pobre, como ele, o Avaro vive.  
Esse, que Esopo, em Fábula,  
Nos propôs escondendo o seu tesouro,  
Nos servirá de exemplo. O desastrado  
Esperava outra vida,  
Para gozar do seu tesouro à larga.  
Não possuía o ouro;  
O ouro é que o possuía.  
Certa soma enterrara em certo campo;  
Nem na alma lhe lavrava outro deleite,  
Que ruminar na soma, noite, e dia,  
Ter por sagrado o cabedal sepulto.  
Que ele venha, ou que vá, que coma, ou beba  
Bem o tem de atrancar quem lhe o ouro esqueça,  
Ou o jazigo do ouro.  
Tanto ele andejou lá, que um tal Coveiro  
Suspeitou ali mércia;  
E concho lha tirou do esconderelo.  
O Avaro vem um dia,  
E vê vazia a cova...  
Ei-lo que chora, que suspira, e geme,  
Se rasga, e se atormenta.  
Eis um Viandante, que pergunta a causa  
De lástimas tão cruas. (AVARO) «O tesouro  
Que mo roubaram!» (VIAND.) «Qual tesouro?  
E onde?»  
(AVARO) «Vizinho desta pedra.»  
(VIAND.) «Porque veio você tão longe pô-lo!  
Nem que em tempos de guerra... Com mais siso  
Tê-lo em casa você num bom armário,  
Fora, sem mudar pouso,  
Deparado a usar dele a qualquer hora.»  
(AVARO) «A qualquer hora? Oh Céus! E há quem tal diga?  
Nem que o dinheiro, entrasse, como sai!  
Eu tocar nele? Nunca.»  
(VIAND.) «Diga-me então, porque se aflige tanto?  
Se nunca punha as mãos em tal dinheiro,  
Calhaus, na cova, foram de igual préstimo.»

## FÁBULA XXI

### *O Olho do Dono*

**S**ALVOU-SE, num curral de Bois, um Cervo.  
Dizem-lhe os Bois, que busque melhor couto.  
(VEADO) «Manos, não me vendais, que eu pingues pastos  
Vos mostrarei; serviço, que algum dia,  
Poderá ser-vos útil; dele nunca  
Tereis de arrepender-vos.»  
Os Bois, a todo o acaso,  
Lhe prometem segredo.  
Esconder-se o Veado vai num canto,  
Lá respira, e cobra ânimo.  
Forragem, erva fresca, à tarde trazem,  
Como usam de contínuo.  
Criados vão, e vêm, dão lá mil voltas,  
Até veio o Feitor. Nenhum, por caso,  
Da armadura deu fé, deu fé do corpo,  
Nem por cabo, do Cervo.  
Já agradecia o morador das selvas  
Aos Bois... já no curral estava à espera,  
Que às lidas Cereais algum tornando,  
Lhe depare a sair azado meio.  
Um dos Bois ruminando:  
(Boi) «Não vai mal atéqui. Mas não fez inda  
O homem dos olhos cem sua revista.  
A vinda te receio;  
Até então, não te gabes, pobre Cervo.»  
Nisto entra o dono, dá revista a tudo.  
(DONO) «Como assim? Nessas manjedouras todas  
Não há erva bastante; é velha a palha  
Da cama desses Bois.  
Dêem-lhes, d'ora em diante, melhor penso.  
Que custa aos aranhóis dar-lhe um basculho?  
Jugos, colares, porque os não arrumam?»  
Mirado tudo, avista  
Certa cabeça estranha das do albergue;  
É conhecido o Cervo, cada um trava  
Dum chuço, e o animal abre seu furo;  
Sem que lhe valham lágrimas,  
Nem da morte o resgatem.  
Já o levam, já o salgam, já regala  
Com ele harto vizinho, o Dono, em bródios.  
Para ver (diz com muito chiste Fedro)  
Nada há, como o olho do Amo,  
E a meu sentir, eu digo:  
Como o olho dum Amante.

## FÁBULA XXII

### *A Calhandra, os seus Filhinhos, e o Dono dum Campo*

**F**IA-TE em ti somente (diz o Adágio):  
Vejamos, como Esopo lhe deu voga.  
Fazem ninho as Calhandras, entre os trigos:  
    (Quer dizer, nessa quadra,  
Em que no Orbe ama tudo, e tudo brota.  
    Focas, no mar profundo,  
    Nos Campos as Calhandras,  
    E os Tigres nas florestas.)  
Ora houve uma Calhandra, que metade  
Deixou passar da Primavera, amores.  
Vernais jejuando; mas por fim dispôs-se  
A ser Mãe, e imitar a Natureza.  
    Edificado o ninho,  
Põe, choca, e a dar à luz se apressa.  
Mui bem téqui. Eis madurece o trigo,  
Antes que cobre forças a ninhada  
    Nem se erga ao ar, nem voe.  
Árduos disvelos minam a Calhandra.  
Vai buscar pasto aos filhos, e os avisa,  
    Que estejam sempre à escuta.  
(CALHANDRA) «Se o Dono vem, (como há-de vir) e o Filho,  
    Atentai no que dizem,  
E, à conta disso, tomaremos rumo.»  
Mal se ausenta a Calhandra, da família,  
    Vem, com o Filho, o Dono:  
(DONO) «Maduro é o trigo, a quanto amigo temos  
Vai pedir, que amanhã venham co'a fouce,  
    Logo ao romper do dia,  
    Cada qual ajudar-nos.»  
Volta a Calhandra; acha a ninhada em sustos.  
(FILHINHOS) «Disse o Dono: amanhã, mal se erga a Aurora.  
    Os amigos virão que nos ajudem.»  
(CALHANDRA) «Se não disse mais que isso,  
Nada nos força a que mudemos pouso.  
    Amanhã sim, pôr bem o ouvido alerta;  
    Por ora dai vos gáudio;  
    Temos comida a rodo.»  
Come a Mãe, comem Filhos – Dormem todos,  
Estende a Aurora a luz. – Amigos?... Nada.  
    Talha a Calhandra os ares,  
Vem o Dono, e (como usa) ronda os trigos.  
(DONO) «Não devera este pão star inda a prumo  
Andam mal os Amigos; e muito erra  
Quem descansa em tamanhos perguiçosos.  
Vai, meu Filho, pedir que nos ajudem



Nossos Parentes todos.»  
Mais que nunca entra então no ninho o susto.  
(FILHINHOS) – «Mãe, falou nos Parentes. E ora... e ora...»  
(CALHANDRA) «Filhos, dormi em paz. Não me mudo inda.»  
Disse a Calhandra bem; que ninguém veio.  
Terceira vez toma o caminho o Dono  
De ir de volta à seara.  
(DONO) «Bem tonto sou; que espero que outros venham.  
Amigo, nem Parente  
Há hi melhor que nós. Finca-te nisto,  
Oh Filho; e me ouve o que fazer nos cumpre.  
Que é virmos co'a família,  
E pegarmos cada um na sua fouce.  
Nada há mais curto: e darmos cabo à ceifa,  
Quando melhor possamos.»  
Quando a Calhandra lhe alcançou o intento:  
(CALHANDRA) «Agora, Filhos meus, não há regresso.»  
Verias, adejando, e ora tombando  
À finca os Passarinhos,  
Ir dali à surdina escapulindo.

## FÁBULA XXIII

### *O Lenhador, e Mercúrio*

**M**OLDEI esta Obra pelo gosto vosso  
Cujo voto ganhar foi meu disvelo.  
Quereis, que do perluxo ali se afastem,  
E dos ornatos vão, ambiciosos.  
Eu, como vós, o quero;  
Por consegui-lo, estudo, e desagrado.  
Que é certo, estragar a Obra,  
Todo o Autor, que obra em tudo com esmero.  
Certos rasgos há hi de agudo senso,  
(Rasgos, que vós amais, e eu não desamo)  
Não se lhes dê degredo.  
Quanto ao alvo, em que põe principal mira  
Esopo, eu nele caio  
O menos mal que posso.  
Se enjojo, alfim se em versos não doutrino,  
Não dependeu de mim; não é nó-nada.  
Como, o que em mim mais lavra, não é a força,  
Como eu, com braços de Hércules,  
Não posso arcar c'ó Vício,  
Trato de o marear com o ridículo.  
Nisso o ingenho apurei: não sei se basta.  
Ora, narrando, pinto a asnal vaidade,  
Que a la par com a Inveja,  
São os dous Pólos hoje,  
Em que a vida rodamos, parecidos  
C'ó píffio animalejo, que alrotava  
Parelhas com o Boi, na corpulência.  
Confronto às vezes, com dobrada imagem,  
O Vício, co'a Virtude,  
E co'a Tolice, o Siso;  
E os brandos Anhos, c'os rapaces Lobos,  
E co'a Formiga, a Mosca;  
Neste Livro ingenhando  
Estirada Comédia de cem Actos  
Diversos, a quem dou por cena o Mundo.  
Onde fazem papel Homens, e Deuses,  
Animais – e até Jove, como os outros.  
Hoje o Deus introduzo,  
Que escritinhos do Pai às Moças leva:  
Mas desse emprego o dispensamos hoje.  
Um Lenhador perdeu seu Ganha-vida,  
Seu machado.  
Era cortação da alma ouvir seus prantos.  
Ferramentas?...  
Não era ele homem, que de sobra as tenha;  
Que se encerra,

Nesse machado só, quanto possuí.  
Toda em choros  
Lavada a face, e sem ver onde ponha  
A esperança;  
«Machado, meu Machado tão querido  
(Disse a brados)  
Torna-mo, Jove, a dar; dar-mo-ás duas vezes.»  
Foi ouvido  
Seu queixume no Olimpo. Eis vem Mercúrio  
(MERCÚRIO) «Não o perdeste.  
Conhecê-lo-ás tu bem, se ora to mostro?  
Aqui perto  
Creio, que dei com ele.» E nisto, um de ouro  
Lhe amostrava.  
(LENHADOR) «Não o requeiro.» Eis logo vem, trás esse,  
Um de prata,  
Que é rejeitado. Aponta o de madeira.  
(LENHADOR) «É meu esse:  
Por contente me dou, se havê-lo posso.»  
Diz-lhe o Nume:  
«Todos três os terás. Do leal termo  
Sejam prêmio.»  
(LENHADOR) «Tomo-os; pois que assim é.» Vulgou-se o caso,  
Num momento;  
E eis Mateirinhos a perder machados;  
E a dar brados,  
Que ao Monarca dos Deuses desatinam.  
Vem ainda  
Mercúrio, filho seu, ter c'os bradantes.  
Machado áureo  
Mostra a cada um. Cada um (por não ser tolo)  
Lhe diz: «Ei-lo.»  
E em vez de dar-lho, o Deus desandou coques  
Nas cabeças.  
Contentar-se c'o seu, não mentir nunca  
É o mais seguro. O Bem alheio tenta;  
E em bem mentir se põe então o fito.  
Mentir que val? A Jove não o logram.

## FÁBULA XXIV

### *A Panela de barro, co'a Panela de ferro*

#### **A** Panela de ferro

À Panela de barro fez convite.  
De ir de jornada co'ela. Ela escusou-se,  
Com dizer-lhe, que lhe era mais prudente  
O ficar na lareira. O menor toque,  
O mais leve, a poria logo em cacos,  
Sem que um só pedacinho são lhe deixe.  
«Vós que tendes o couro  
Mais duro do que o meu, ide folgada.»  
(PANELA DE FERRO) «Dar-vos-emos amparo; e se algum tronco,  
Ou seixo ameaça estrago,  
Entre ele, e vós me meto de permeio,  
E vos dou sã e salva.»  
Oferta foi, que obteve persuadi-la.  
Põe-se a seu lado a férrea Camarada  
E ambas, c'os seus três pés, coxas, coxeando,  
Vão vencendo caminho.  
Da topada menor, que uma dá noutra,  
A de barro padece. Mal cem passos  
Andaram, que a abalroa a Companheira,  
E a quebra em mil pedaços;  
Sem que azo às queixas fique.  
Junta-te a teus iguais, e nunca aos outros;  
Ou teme te aconteça  
O que à Panela térrea.

## FÁBULA XXV

### *O Peixinho, e o Pescador*

**P**ESCADINHA virá a ser Pescada,  
Se Deus lhe alargar vida:  
Mas tenho, que é loucura,  
Esperar até então, e lá deixá-la,  
Quando é incerto, que a pescá-la tornes.

Pescou um Pescador, na aba dum rio,  
Um Solho, que mal era cagarria.  
E, olhando a grossa avença,  
Dizia o Pescador: «Tudo enche papo.  
Começos são de bródio, e de folgança.  
Vai dar estreia ao saco.»  
Torna-lhe em seu idioma o triste Solho:  
«A que posso eu prestar-te?  
Eu que à boca mal dou meio bocado?  
Deixa que eu medre, e Solho corpulento  
Repescado por ti, grossa ganância  
Te alcance, se me compra por bons chicos  
Algum rico Assentista.  
Cabe que apanhes cem da minha igualha,  
Se vulto queres dar a qualquer prato.  
E que prato, inda assim? Prato bem pífiio!»  
«Pífiio, ou não pífiio (o Pescador retruca.)  
Peixinho Pregador, sartã <sup>[xviii]</sup> te espera;  
Nem mais tarde, que à noite.  
Que mais, que *dar-te-ei*, me vale um *toma*.  
Este é seguro, e tem mil negas o outro.»

## FÁBULA XXVI

### *As Orelhas da Lebre*

**C**ORNÍGERO Animal, com certos toques  
Ofendeu o Leão, que cheio de ira,  
Por que lhe não suceda igual desmancho,  
Baniu de seus domínios  
Quanto animal, na testa alçasse cornos.  
Cabras, Carneiros, Touros  
Logo dali mudaram de aposento;  
A qual mais presto. Os Gamos, os Veados  
Vão buscar outros climas.  
Viu certa Lebre a sombra que faziam  
As orelhas; temeu que, por mui longas,  
Algum Inquisidor lhas interprete  
Por cornos, em razão do comprimento.  
(LEBRE) «Adeus, vizinho, vou-me;  
Que estas orelhas passarão por cornos.  
Passarão (muito o temo)  
Por cornos; inda que mais curtas fossem,  
Que orelhas de Ema.» (GRILO) «Julgas-me algum tolo?  
Deus orelhas tas fez, não tas fez Cornos.»  
(LEBRE) «Di-las-ão cornos, cornos d'Unicórnio.  
Temo que quanto eu diga, e lhes proteste,  
Se não remeta à Casa dos Orates.»

## FÁBULA XXVII

### *O Raposo derrabado*

**R**APOSO, velho sim, mas dos mais gírios,  
Grão trinca-pintos, Nero dos Coelhos,  
    Que, de lá duma légua,  
Dava sinal de si, de suas manhas,  
    Caiu por fim num cepo.  
Por bom lanço, do cepo saiu solto,  
Mas franco não; que o rabo em penhor deixa.  
Posto em cobro, (vos digo) mas sem rabo,  
    Querendo (olhai a astúcia)  
Ter por sócios Raposos derrabados,  
    Um dia, que com outros  
    Em Conselho se achava:  
(RAPOSO) «De que nos serve este carrego inútil,  
Vassoura de lameiros, quando andamos?  
De que nos serve o rabo? Eia, cortemo-lo.»  
«Não é peço esse alvitre: (algun do rancho  
Lhe retrucou) mas vira-nos as costas,  
    E então responderemos.»  
Tal apupada, e vozes tais recrescem,  
    Que ao triste agorentado  
    Ninguém lhe dá ouvidos.  
Perdeu tempo em querer, que os rabos cortem:  
    Inda hoje o rabo é moda.

## FÁBULA XXVIII

### *A Velha, e as duas Servas*

**D**UAS Criadas tinha certa Velha,  
Tão destras fiandeiras,  
Que à sua vista as Parcas, mais que fio,  
Destrigavam tomentos,  
Nem linha a Velha mais roaz empenho,  
Que despartir tarefa  
Às Moças, mal que a Febo auri-comado  
Despedia a alva Tétis,  
Elas à faina, e os fusos a dançarem,  
De empreita, e sem repouso:  
Dá-lhe, e que dá-lhe. Apenas sobe a Aurora  
No apavonado carro,  
Que a ponto fixo um Galo de mau sestro,  
Cantava, e a ponto a Velha,  
De mais mau sestro ainda, se encoeirava  
Num mantéu sujo e indigno;  
Acendia a candeia, ia-se à cama  
Onde a prazer folgado,  
Onde, a mais não poder, dormiam juntas  
As pobres das Criadas.  
Uma abre os olhos, outra se esperguiça,  
Dizendo mal contentes:  
«Por certo morrerás, maldito Galo.»  
Foi dito, e feito. Colhem  
O ruim Despertador, e o descabeçam.  
Mas nem com degolá-lo,  
Ganharam madrugadas: pelo avesso  
Mal que as duas se deitam,  
Velha, com temor, que a hora lhe escoe,  
Corre por toda a casa,  
Como um Trasgo. Que assim corre a miúdo;  
Por nos tirar a salvo,  
Dum lance ruim, cravar-nos mais no fundo.  
Tomemos por abono  
A paga, que essas duas recadaram;  
E o como, em vez do Galo,  
A Velha as fez cair de tombo em tombo,  
De Caribdis em Scila.



## FÁBULA XXIX

### O Sátiro, e o Passageiro

UM Sátiro, e seus filhos, lá no côncavo  
Duma lapa selvática,  
Iam sopas comer, e pôr-se a peitos  
Com certa palangana.  
Viras lá, sobre o musgo o Sposo, a Sposa,  
Satirinhos em barda;  
Sem tapete, ou coxim, mas desfrutando  
Todos grande apetite.  
Entra resfriado um Viandante orbi-vago,  
A abrigar-se da chuva.  
E eles lhanos convidam, com a açorda  
O Hóspede inopinado.  
Segunda citação não foi preciso  
Fazer-lha o hóspede nosso:  
Ele a aquecer começa, de primeiro,  
C'o bafo, os frios dedos.  
Logo o manjar por seu melindre assopra.  
Eis diz pasmado o Sátiro:  
«Nosso hóspede, e qual é dos dous assopros  
O variado préstimo?»  
(VIAND.) «C'um sopro a sopa esfrio co'outro sopro  
As mãos desenregelo.»  
(SÁTIRO) «Ide com Deus, tomai de novo a estrada;  
«Nem Deus jamais consinta  
Que eu durma, e vós também, na mesma casa.  
*Vade retro* a malvada  
Ruim boca, que assopra, a seu arbítrio,  
Ora quente, ora frio.»

## FÁBULA XXX

### *O Cavalo, e o Lobo*

QUANDO tépidos Zéfiros remoçam  
Na Primavera, as ervas; quando as Feras  
Desamparam covis, e buscam vida,  
Certo Lobo, saindo  
Dos rigores do Inverno, viu de longe  
Um Cavalo, que tinham posto ao verde.  
Que achado! Que ganância! A vós o deixo,  
Que o imagineis de passo.  
(LOBO) «Boa caça! Quem te houvera na fateixa!  
A seres um Capado, eras gualdido.  
Mas és tamanho!... Cabe usar de treta.  
Lancemos treta aos mares.»  
Disse: e a passos, chegando, mesurados,  
De Hipócrates, alega, que era Aluno;  
Sabe qual tem virtude, e propriedades,  
Quanta erva há nessas veigas.  
Sabe (sem se adular) dar pronta cura  
A quanta doença hi há. Que se quisesse  
O Senhor Dom Corcel manifestar-lhe  
A sua infirmitade,  
De graça o curaria. Que (segundo  
Lhe ensina a Médica Arte) andar pastando,  
Sem peias, pelos prados, indicava  
Doença manifesta.  
O animal Cabalino lhe responde:  
«No casco deste pé tenho postema.» [xix]  
Diz-lhe o Doutor: «Meu filho, não há parte  
Mais atreita a moléstias.  
Bem que me honre em servir Nossos Senhores  
Os Cavalos de Médicos, nada obsta  
Que eu também não exerça a Cirurgia.»  
Punha o fito o meu Traste  
Em pôr-se a jeito de gramar o enfermo.  
Mas este, que o vidonho lhe percebe  
Um couce lhe sacode, que as queixadas  
Lhe pôs em marmelada.  
«Bem feito! (diz consigo o triste Lobo)  
Cada qual na sua Arte se exercite.  
Meter-me a Ervanário... eu, que fui sempre  
Chapado magarefe!»

## FÁBULA XXXI

### *O Lavrador, e seus Filhos*

**T**RABALHAI, afanai; que essa é a renda  
Que menos falha.  
Um rico Lavrador, sentindo a morte  
Quasi vizinha,  
Chamou seus Filhos; stando a sós com eles,  
Assim lhes disse:  
«Oh não vendais a vossa avita herança.  
Tesouro encerra:  
Mas não sei onde jaz. Se o peito pondes,  
Dareis com ele.  
Certo, que o descobris, se o vosso Campo,  
Mal passe Agosto,  
Cavais, fossais, que um palmo só não fique,  
Que o não revolvam vossas mãos.» Eis morre  
O Pai. Já os Filhos  
Daqui, dalém surribam todo o Campo.  
No fim desse ano  
Já o Campo rendeu mais. Dinheiro oculto?...  
Nada. Mostrou-lhes,  
Com siso, em vida, o Pai, ser o trabalho  
Vero tesouro.

## FÁBULA XXXII

### *A Montanha, com dores de parir*

TÃO altos gritos dava uma Montanha,  
Com as dores de parto, que, ao ruído  
Corria a gente, à espera que parisse  
Cidade mais graúda, que Lisboa.  
Eis que pare um Ratinho.

Quando observo o fingido desta Fábula,  
(Genuína em seu bom senso; me dibuxo  
Autor, que arrota: – *Cantarei a Guerra  
Dos Titãs contra Júpiter tonante.*  
Roncas, que em vento estalam.

## FÁBULA XXXIII

### *A Fortuna, e o Menino*

**S**OBRE a borda dum poço bem profundo,  
Estirado ao comprido, alto dormia  
Um studantinho.  
Tudo é leito, e colchões para estudantes.  
Em caso semelhante, um home' honrado  
Daria um tombo  
De vinte braças. Passa ali vizinha,  
(Por gran Dita!) a Fortuna, que de manso,  
O acorda, e diz-lhe:  
«Dou-te ora a vida salva, meu Brinquinho;  
Mas dize, à boa fé, tua imprudência  
Foi meu capricho?»  
Disse, e partiu. O que ela disse aprovo.  
Nada acontece no Orbe, que o desmancho  
Não se lhe impute.  
Tudo ela paga, em tudo é a fiadora.  
Quanta aventura aí há, quanta louquice,  
E destempero,  
Medidas mal tomadas, eis-nos safos  
Com culparmos a Sorte: em suma, sempre  
Peca a Fortuna.

## FÁBULA XXXIV

### *Os Médicos*

!A *Tanto-peior* ver um Enfermo,  
A quem *Tanto-melhor* seu Camarada  
Visitava também. Este esperanças  
Lhe dava de melhoras;  
Mas o outro assegurava, que o Doente  
Iria os Avós seus ver, numa tumba.  
No curativo os dous disparatando,  
Pagou à Natureza  
O tributo devido o nosso Enfermo,  
Porque em *Tanto-pior* se confiaram.  
Este blasona, e, exclama: «Eu bem o disse:  
Prova é que aí jaz morto.»  
*Tanto-melhor* não menos triunfava.  
«Ah! Se aos Récipes meus crédito dessem,  
Inda o pobre Doente hoje se vira  
Desfrutando saúde.»

## FÁBULA XXXV

### *A Galinha, que punha Ovos de ouro*

TUDO perde a Avareza  
Quando quer ganhar tudo.  
Para abono só tomo essa Galinha  
Fabulosa, que punha os Ovos de ouro.  
Crendo o Dono, que tinha  
No ventre ela um tesouro,  
Matou-a; abriu-a, e viu-a igual às outras  
Que ovos comuns lhe punham. Defraudou-se  
Do melhor bem, que tinha.  
Que lição para Mirras!  
Nesta era o vimos. Pobres d'onte, a hoje,  
Por sôfregos de ser, dum pulo, ricos..

## FÁBULA XXXVI

### *O Jumento, que levava as Relíquias*

CARREGADO um Jumento, com Relíquias,  
Se encasquetou que a ele é que adoravam.  
Ei-lo, que assim cuidando, se espaneja,  
Tendo por seus os Cânticos, e o Incenso.  
Houve quem lhe deu no erro, e que lhe disse:  
«Despe, oh Jumento, asnáticas vanglórias;  
Que honras tais são do Ídolo, e não tuas;  
A ele a glória dão.» Num Magistrado  
Ignaro, a quem cortejam, é a Beca.



## FÁBULA XXXVII

### *O Veado, e a Vinha*

UM Veado tomou, por não ser morto  
Por couto, alta videira,  
Qual vês em certos Climas. Tão bom couto,  
Que os Caçadores punham  
Já culpa aos Cães de haver perdido o rasto;  
E já, a si, os chamavam.  
Crê-se o Veado então salvo de p'rigo:  
Na vide benfeitora  
Entra a roer. Ingratidão extrema!  
Fez ruído. Os Cães o ouvem,  
Voltam, dão-lhe corrida. Ao sítio mesmo  
Vem dar seu fim, dizendo:  
«Bem merecido, e justo é meu castigo.  
Escarmentai, Ingratos.»  
E cai logo. A matilha salta nele,  
Que inúteis prantos verte,  
Aos, que à morte lhe assistem, Caçadores.  
Imagem bem ao vivo  
De quantos os asilos profanaram,  
Onde amparo tiveram.

## FÁBULA XXXVIII

### *A Serpente, e a Lima*

CONTAM que uma Serpente era vizinha  
(Má vizinha!) dum Relojeiro. Ela entra  
    Na loge, e côdea busca.  
Por única iguaria acha uma lima,  
Lima de aço, e se põe a roer nela.  
    «Qual é teu pressuposto?  
(Diz com pachorra a Lima) Oh pobre tola,  
Com mais dura, que tu, havê-lo queres,  
    Serpentícula asnática.  
Antes que um só ceartil de mim desfalques,  
Te quebrarás os dentes. Os do Tempo  
    São dentes, que eu só temo.»  
Sp'ritos de baixa estofa, que só préstimo  
Tendes para morder, para o mais, nada,  
    A vós se atira a pela;  
A vós, que tanto afã vos dais inútil.  
Imaginais, que imprimem seus ultrajes  
    Vossos dentes, em tantas  
Obras úteis de Autores estimados?  
Para vós essas Obras são de ferro,  
    São de aço – de diamante.

## FÁBULA XXXIX

### *A Lebre, e a Perdiz*

**N**UNCA é bom motejar dos desgraçados.  
Quem dar-se por feliz pudera sempre?  
Esopo, em suas Fábulas, aponta  
Exemplos, que eu proponho, nestes versos.  
Concidadãs dum mesmo Campo, a Lebre  
Vivia, co'a Perdiz, em grão sossego.  
Eis que a matilha chega, e que a Primeira  
Se vê forçada a esquadrinhar asilo.  
Foge, a se pôr em salvo. Os cães perderam-lhe  
O faro. Até *Malhado* ali deu cinças; [xx]  
Mas a si, mesma se malsina a Lebre,  
Pelos eflúvios do esquentado corpo.  
Vem o cheiro a *Pardento*; e ei-lo Filósofo,  
Concluindo, que a Lebre não jaz longe.  
Deita-se a ela, com ardor extremo;  
E Lago, em quem jamais mentira coube,  
Diz, que a Lebre escampou. A triste Lebre  
Vem dar, junto do couto, cabo à vida.  
Diz-lhe a Perdiz, zombando: «Blazonavas  
De pé leve? E que é feito agora dele?...»  
No instante, que ela zomba: a vez lhe chega.  
Dão co'ela, que nas asas se confia,  
E crê, que a salvarão de todo o aperto.  
Contou mal a coitada; que em parcela  
Lhe esqueceu de meter. – *Do Açor as unhas.*

## FÁBULA XL

### *A Águia, e o Mocho*

DERAM às brigas cabo a Águia, e o Mocho;  
E foi a tanto, que ambos se abraçaram,  
E ambos juraram;  
Uma à Fé de Rainha, outro à de Mocho,  
Que um, nem outra os filhinhos (nem por sombras)  
Se gramariam.  
«Tens visto os meus?» (disse a Ave de Minerva)  
«Não.» (lhe diz a Águia) «É pena: (a Ave tristonha  
Lhe respondia)  
Se às unhas se te escapam, grão prodígio!  
Temo-lhe algum desastre: que és Rainha,  
E as dessa classe  
A seus caprichos só, mais nada atentam.  
Reis, e Rainhas levam tudo a eito,  
Sem mais resguardo,  
Por mais que lhe alegueis. São como os Numes:  
Adeus, meus filhos, se deparas co'eles.»  
(ÁGUIA) «Tens mais que dar-me  
Retratos deles, ou mostrar-mos vires?  
Prometo nem tocar-lhes.» (MOCHO) «São mimosos,  
Bem feitos, guapos,  
Mais formosos, que quantos passarinhos.  
São, para os conheceres, sinais certos.  
Oh! não te esqueçam!  
Não dês pé a que me entre em casa a Parca  
Maldita.» Ora Deus dera, ao Mocho, prole.  
Eis que acontece,  
Que, em certa noite, andando a corso essa Águia,  
De relance avistou lá nuns retretes  
De penhas duras,  
Ou nos negros buracos dum pardeiro,  
(Não direi quais ao certo) uns tais monstrosinhos  
Muito feiinhos,  
Tristonhos, mal streados, voz trombona.  
(ÁGUIA) «Não são do nosso amigo os filhos, estes.  
Papados sejam.»  
Dito, e feito. Que a guapa as ceias suas  
Não faz com *parvas quantitas*. O Mocho,  
Vindo de volta,  
Dos Queridinhos seus os pés só acha.  
Queixosas manda súplicas aos Deuses,  
Que à salteadora,  
Que assim a põe de luto, dêem castigo.  
Houve algum, que lhe disse: «A ti somente,  
Mais ninguém culpes.  
Culpa a comua <sup>[xxi]</sup> lei, que nos intima,

Que, o que a nós se assemelha, belo o achemos,  
    Bem feito, e amável.  
Do quadro, que pintaste de teus filhos  
À Águia, tinham eles, fala a ponto,  
    O menor rasgo?»

## FÁBULA XLI

### *O Leão, que vai à guerra*

TENDO o Leão, na ideia, certa empresa,  
Fez Conselho de guerra;  
E a todos animais mandou aviso,  
Por seus régios Alcaides.  
Cada um, por seu teor, entrou no alvitre;  
Às costas o Elefante  
Levar quantos petrechos importasse,  
E pelejar, como usa;  
Para os assaltos, o Urso, aparelhar-se;  
Engenhar-se o Raposo  
A ter inteligências no inimigo,  
E diverti-lo o Mono,  
Com suas mogigangas. Alguém disse,  
Que despedidos fossem,  
Por boto o Burro, e por medrosa a Lebre.  
«Oh não (disse o Monarca);  
Quero empregá-los: nem completo fora,  
Sem eles, nosso exército.  
De trombeta que espante sirva o Burro;  
E a Lebre de Correio.»  
Do mais ténue Vassalo o Rei prudente  
Tirar proveito sabe:  
Todo o talento emprega; nada é inútil,  
Onde o bom senso lavra.

## FÁBULA XLII

### *O Urso, e os dous Camaradas*

**D**OUS Maraus, cuja bolsa dera em seco  
Venderam ao vizinho Peleteiro  
Dum Urso vivo a pele:  
Vivo, mas cedo (ao que eles dizem) morto.  
«Vizinho, é o Rei dos Ursos. Co'a tal pele  
Fará grosso dinheiro;  
Que é pele, que ao mor frio dá de rosto.  
Dá que forrar dous guapos Jozezinhos.»  
Menos conta fazia  
Belirão c'os seus Capados, que eles c'o Urso.  
Um, que o entende (não, como o Urso o entende)  
Diz, que dentro em três dias,  
Lho traz à Loge; e justo o preço, partem,  
E dão c'o Urso, que a trote se avizinha.  
Aqui foi ela. Um raio  
Foi o Urso aos dous Maraus! Adeus ajuste.  
E o ganho, nem por sonhos. Trepá um deles  
Dum Freixo ao cucuruto;  
Mais frio o outro que pedra, e feito morto,  
Estira-se de borco, e o fôl'go oprime.  
Que ouvira, não sei onde,  
Que mui raro aporfia o Urso em corpo,  
Que não viva, e resfolgue, e que não bula.  
O Urso caiu no logro.  
Viu o corpo jazente, e o creu sem vida:  
Depois recebeu astúcia, e c'o focinho  
Lhe visitou o alento.  
(URSO) «Stá morto, stá cadáver. Fede. Vou-me.»  
Disse, e partiu para os vizinhos bosques.  
Um desses dous Tratantes  
Desce da árvore, e corre ao Companheiro;  
Diz, que milagre foi sair do transe,  
C'o susto só por custas.  
E disse mais: «Quejanda é a pele do Urso?  
Que te imbutiu no ouvido? Que bem junto  
Se coleou contigo,  
E te bandeou co'as garras?» – «Que me disse?  
(Torna o Morto) Não vendas pele de Urso,  
Que não jaz, no chão, morto.»

## FÁBULA XLIII

### *O Burro envolto na pele do Leão*

DEU susto, nos Contornos certo Burro,  
Que dum Leão a pele  
Envergara.  
E bem que era animal de fracos brios,  
Tudo tremia dele.  
Por desgraça  
Uma ponta da orelha, que saía,  
Malsinou toda a léria,  
E todo o engano.  
Quantos, nesse erro, e astúcia, estavam néscios,  
Pasmaram, quando viram  
Andar bordoadas  
Fazendo seu ofício, e dando caça  
A Leões, e recolhendo-os  
Para o moinho.  
Quantos não fazem rijo ruído, em França,  
Em quem encaixa o Apólogo!  
Cuja coragem  
Consiste, por três quartos, na mui guapa,  
Mui guerreira equipagem!  
Valor é o menos.



## FÁBULA XLIV

### *O Pastor, e o Leão*

**A**S Fábulas não são o que parecem.  
O mais simples animal é nosso Mestre.  
O Moral, se vem nu, nos causa enojo.  
Faz um Conto, que co'ele passe a Máxima.  
Nessas ficções, instruir, dar gosto, é o ponto.  
Motivo porque, o espírito espraiando,  
Autores celebérrimos,  
Escrevendo, esse género escolheram.  
Fugiam de longuras, e atavios,  
Nem palavra sobeja esperdiçavam.  
Tão sucinto era Fedro,  
Que alguns o criminavam;  
E Esopo inda acanhava mais os termos.  
De eloquência Lacónica blasona  
Certo Grego, que entala em quatro versos,  
E apura cada Conto. Se, em tal caso,  
Ele fez bem, ou mal, Doutos resolvam.  
Com Esopo o vejamos  
Tratar o mesmo assunto. Em sua Fábula,  
Um mete um Caçador; Pastor mete o outro.  
Eu, quanto a seu projecto, os sigo à risca;  
Bem que, daqui, dalém, meus rasgos lance.  
Ei-lo vai, como Esopo no-lo conta.  
Vendo um Pastor minguaem-lhe as Ovelhas,  
Quis dar caça ao Ladrão, com todo o empenho.  
Busca uma lapa, estende aos arredores,  
Redes, que apanhem Lobos, por suspeitas,  
Que nessa relé punha.  
(PASTOR) «Se antes, que o sítio deixe, me dás, Jove,  
Que o tratante na rede, ante mim, caia;  
Que esse gáudio eu desfrute:  
Escolha faço; e já daqui te of'reço,  
Dentre vinte Bezerros, o mais gordo.»  
Não acabava; quando grande, e forte  
Sai da lapa o Leão. Eis se acachapa  
Meio morto o Pastor. (PASTOR) «Nunca home' acerta  
C'o que deve pedir. Se fiz promessa,  
Oh Monarca dos Numes, dum Bezerro,  
Se o Ladrão, que destrue o meu rebanho  
Nos meus laços caísse,  
Dou-te um Boi, se o Leão de mim arredas.»  
O principal Autor assim o narra:  
Ver-se-á, como o outro o imita.

## FÁBULA XLV

### *O Leão, e o Caçador*

UM Caçador bazófia, que perdera  
Um Cão de boa raça,  
Com suspeitas, que um Leão, no papo, o tenha,  
Vendo um Pastor, lhe disse:  
«Vem mostrar-me onde mora o tal gatuno;  
Contas pedir-lhe quero.»  
(PASTOR) «Mora ao pé desse monte. C'um Cordeiro,  
Que cada mês lhe pago,  
Me quita; e a bel prazer, corro esses campos,  
Em sossego.» Inda falavam,  
Que sai o Leão, e a passo mais que cheio  
Toma as de Vila-Diogo,  
Gritando, o meu bazófia: «Oh Jove, aponta-me  
Guarida, que me salve.»

## FÁBULA XLVI

### *O Deus Febo, e o vento Bóreas*

**BÓREAS**, e o Sol à um Viandante viram,  
Que contra o tempo ruim se precatara.  
Ora, correndo estradas,  
Boas são precauções, mal que entra o Outono.  
Já brilha o Sol, já chove, e Íris avisa,  
Com a listrada banda,  
Que o capote, a quem sai, nos tais meses,  
(*Ambíguos* já por isso os nomeavam  
Os Latinos) val muito.  
Metendo em conta a chuva, armou o amigo,  
De camelão capote bem forrado.  
(BÓREAS) «Como se creu ladino,  
Contra todo o precalço, o meliante!  
Só lhe esqueceu prever meus rijos sopros,  
Com que presilhas quebro.  
Mal que eu queira o capote *bolaverunt*.  
Não me parece feio o brinco. Queres vê-lo?  
(FEBO) «E por forrar parlendas,  
Vá de aposta, a ver qual de nós primeiro  
Do Cavaleiro os ombros desguarnece.  
Começa: e já consinto,  
Que os raios me escureças.» Bastou isso.  
Começa o Soprador a inchar bochechas,  
Como duas borrachas,  
C'o vapor que ensacou: faz um ruído,  
Endiabrado; silva, assopra, estoura,  
E em vendaval desfeito,  
Tectos rotos, baixéis despedaçados  
Dão sinal de seus passos. Tal destroço  
Por causa dum Capote!  
Porque o tufão não faça nele bolso,  
Cinge-o consigo o Cavaleiro; e salva-se.  
Cincou com ele o Bóreas.  
Foi vão dar-lhe sacões à gola, às pregas.  
Findo o termo da aposta,  
Da nuvem rompe o Sol, recreia, e cala  
No corpo ao Cavaleiro, que já sua;  
Já o balandrau o anseia;  
Força é tirá-lo. O Sol não fez contudo  
Quanto podia. Olhai se é mais possante  
Brandura, que violência.

## FÁBULA XLVII

### *Júpiter, e o Fazendeiro*

**J**OVE, outrora, arrendou certas fazendas.  
Deitou Mercúrio o bando; acodem gentes:  
Uns dão tanto; outros põem-se ali à escuta.  
    Não faltou regateio.  
Punha-lhe um pecha, que era de ruim lavra  
A terra; outro senão lhe punha essoutro.  
Enquanto assim os lanços bandeavam,  
    Vem um mais abelhudo,  
(Não de mais siso) e os lanços todos cobre;  
Com tanto, que lhe Júpiter prometa  
Dar-lhe o governo do ar, e as sazões dar-lhe  
    A seu sabor, e alvitre.  
Dar-lhe calma, quando ele a desejasse,  
Dar frio, dar bom tempo, dar nortias,  
Chuvas, secura. A tudo anui Jove.  
    Passa em forma o contrato.  
Eis o Biltre, chapado Rei dos ares,  
Que venta, chove, e, que se engenha um clima,  
De que algum dos Vizinhos, mais não prova,  
    Que os que moram na América.  
Nem por isso pior se acharam: foi-lhes  
Esse ano de ampla ceifa, ampla vindima,  
E mui fraca a colheita do Abelhudo.  
    Assim, no ano seguinte,  
Muda todo o teor dos Céus: mas melhor fruto  
Lhe não dá a Terra; a dos Vizinhos rende,  
Frutifica. Então é, que ele confessa  
    Quanto imprudente obrara.  
Como brando senhor, se há Jove c'o ele.

Que convém, que infiramos deste Conto?  
Que melhor, do que nós, a Providência  
    Sabe o que nos compete.

## FÁBULA XLVIII

### *O Galo novo, o Gato, e o Ratinho*

UM Ratinho novinho, que ainda nada  
Tinha visto, se achou quasi gualdido; [xxii]  
E à Mãe contava assim sua aventura:  
«Tinha eu transposto as serras  
Que este Estado limitam, e ia trotando,  
Qual Ratinho, que folga, e toma largas...  
Eis que em dous animais emprego a vista.  
Gracioso, afável, meigo  
Era um; mas o outro turbulento, e trêfego; [xxiii]  
Áspera, e aguda a voz; tope de carne  
Do toutiço lhe sai; tem como uns braços,  
Com que aos ares se arroja,  
Como que enceta o voo; e um bom penacho  
Lá na cauda alardeia.» Ora um Galinho  
Era o que, como uma Ave lá da América,  
Ratinho à Mãe pintara.  
«C'os ditos braços açoutava as ancas:  
Tal algazarra, e tal motim fazia;  
Que eu, que (graças a Deus) não sou um fona,  
Me pus, medroso, em fuga.  
De escacha o amaldiçoei, que me empecera  
A fala vir co'esse animal, que eu cria  
Meiguinho, e como nós, aveludado,  
Rabudo, e mosqueado,  
De comedido aspeito, olhar modesto,  
Bem que lhe os olhos luzam. Dou por firme,  
Que simpatiza com Messieurs os Ratos;  
Porque tem as orelhas  
Parecidas co'as nossas no feitio.  
Eu me ia ter com ele, quando um grito  
Do outro animal, c'um retintim mui aspro  
Foi causa que eu fugisse.»  
«Meu filho (disse a Mãe) esse é um Gato,  
Que esse vulto hipócrita concentra,  
Contra todos os teus Parentes, ódio  
Figadal; quando do outro  
Animal, ao revés, tanto está longe  
De nos vir mal, que pode ser, que um dia,  
Nos sirva de banquete. Quanto ao Gato,  
Esse, em nossa vianda  
Funda a sua cozinha. Enquanto vivas,  
(Deste conselho meu te lembres sempre)  
Nunca julgues em bem, nem mal, da gente,  
Somente pela cara.»

## FÁBULA XLIX

### *O Raposo, o Bugio, e os Animais*

**M**ORTO o Leão, que em vida, ali reinava,  
Juntam-se os Animais, para elegerem  
Rei novo (assim o contam)  
Tiram do estojo a C'roa, que em custódia,  
Certo Dragão guardava; e vão provando  
Em qual dessas cabeças  
Ela assenta. Em nenhuma. Esta é mui grande,  
A outra é pequena; aquela até tem cornos.  
O Mono, todo risos,  
Se diverte, encaixando o Diadema,  
Mil monarias faz, e mil caretas,  
Volteios de maroma;  
Dum pulo enfia a C'roa, e espicha fora.  
De tanto ingenho os Animais pasmados,  
Por Monarca o nomeiam;  
E eis todos se lhe ajoelham. Só o Raposo,  
(Sem demonstrar, contudo, o que pensava)  
Sentiu mal dado o voto.  
Faz seu cumprimentinho; e ao Rei informa,  
Que ele só sabe, onde há certo tesouro;  
Que aos Reis vem de direito,  
Todo o tesouro achado. O Rei eleito,  
Que almeja por dinheiro, vai correndo,  
Ele mesmo, no intuito  
De que o não logrem. Ei-lo cai num laço,  
Que lhe armara o Raposo; e que ali diz-lhe  
Em nome do Congresso:  
«Tens ainda a intenção de governar-nos,  
Tu, que a ti mesmo governar não sabes?»  
Logo ali foi deposto;  
Convindo a flux os Animais votantes,  
Que a mui poucas cabeças vêm de molde  
Cobiçados Diademas.

## FÁBULA L

### *O Mulo, que gaba a sua Genealogia*

**B**AZOFIANDO nobreza;  
Certo Macho dum Bispo, não cessava  
De palrar da Mãe Égua,  
Cuja infinda proeza alardeava.  
(MULO) «Lá se achou. Lá fez isto.»  
E o filho, abrir-lhe praça pertendia,  
Por feitos tais, na História.  
Creu, que o ser Mu de Médico o aviltava.  
Mas, quando envelhecido  
Foi vendido a um Moleiro, então lembrou-se,  
Que seu Pai fora um Burro.  
Quando a mais a Disgraça não servisse,  
Que a dar júzo a um Tolo,  
*Mal há, que vem por bem.* Que santo Adágio!

## FÁBULA LI

### *O Velho, e o Burro*

**M**ONTADO no seu Burro,  
Certo Velho avistou, perto da estrada,  
Prado ervoso, e florido.  
Lá solta o Burro, e o Burro avança co'a erva  
Fresquinha e ali se espoja,  
Ali escava, e se roça, ali dá pulos;  
Vai cantando, e pastando,  
Deixando bem clareiras limpas de erva.  
Eis surge hoste inimiga...  
(VELHO) «Fujamos.» (BURRO) «E porquê?  
Pôr-me-ão mor carga?  
Pôr-me-ão dobrada albarda?»  
«Não.» (disse o Velho, que ia já fugindo)  
(BURRO) «Que perco em mudar de Amo?  
Salva-te tu; e deixa-me ir pastando  
E em bom francês te afirmo,  
Que o inimigo que temos, é nosso Amo.»



## FÁBULA LII

### *O Veado, que se espelha na água*

**N**O cristal duma fonte se mirava,  
Há dias, um Veado;  
Gabava a sua airosa cornadura:  
Só, com pesar, sofria  
Ver as pernas delgadas, como fusos,  
Que, quasi, na água clara,  
Se fugiam da vista. E então lastima-se  
De ver quanto desmente,  
Da figura dos pés, a da cabeça.  
(VEADO) «Pela cima dos troncos  
Roço co'a fronte; e os pés, em nada, me honram.»  
Ele que assim falava...  
Eis que um Libréu lhe faz tomar o *tolle*,  
E procurar guarida.  
Deita-se aos bosques; mas a cada encontro,  
Seu empecilho enfeite,  
(Os cornos) o retêm, falsam o ofício,  
Que os pés, dos quais lhe pende  
A vida, lhe granjeavam. Já des-gaba,  
Já maldiçoa o mimo,  
Com que, cada ano os céus o presenteiam.  
Despreza-se o que é útil,  
E namora o que é lindo; e infindas vezes,  
Nos destrue o que é lindo.  
Dos pés, que ágil o fazem, mofa o Veado  
E ama os cornos, que o tolhem.

## FÁBULA LIII

### *A Lebre, e a Tartaruga*

**P**OUCO é correr, tocar na meta é o ponto.  
Sejam-me abono a Lebre, e a Tartaruga.  
«Apostemos (disse esta) que não tocas,  
Quando eu, nessa baliza.»  
(LEBRE) «Quando tu? oh Comadre estás de siso, tu?  
Toma alguns golos de Heléboro e te purga;  
Que o necessitas bem.» (TARTARUGA) «Tenha, ou não siso;  
Inda estou pela aposta.»  
Dito, e feito. Ambas põem, junto da meta,  
Seus envites. – E quais? – Não é do caso;  
Nem quem tomam por Árbitro. Ora a Lebre  
Canjava-o em quatro passos;  
Dos passos falo, que ela dá no aperto  
De se afastar dos cães, e remetê-los  
Às Calendas, ou dar-lhes boa estafa  
Pelo estirão do arneiro.  
Tempo, e de sobro, de pascer lhe fica,  
De dormir, de inquirir que vento corre.  
Deixa ir a Tartaruga a passo grave,  
(Senatória andadura!)  
Que por si tira, e lenta se afadiga.  
A Lebre, que vitórias tais desdenha,  
E a aposta ingloriosa, se fez timbre  
De partir tarde. Pasta,  
Descansa, sem que a aposta lhe dê freima. [xxiv]  
Só, quando viu, que ao termo a outra apontava,  
Arranca, a pulos: parte como a flecha;  
Mas balda arranco, e pulos;  
Que a Tartaruga abica. (TARTARUGA) «Tinha eu siso?  
Ligeireza que val? ganho? ou não ganho?  
Como te houveras, se, como eu, trouxesses  
A tua casa às costas?»

## FÁBULA LIV

### *O Burro, e seus Donos*

**D**UM Jardineiro o Burro  
Queixava-se aos Destinos,  
De que ao lavor, antes da Aurora; o punham.  
(BURRO) «Quão cedo os Galos cantem;  
Madruço eu mais do que eles.  
E a que efeito? A levar erva ao mercado.  
Desnecessária causa,  
Porque o sono me quebrem!»  
Deu-lhe outro Dono a Sorte compassiva:  
O Jardineiro o vende,  
E um Surrador o compra.  
Pesadas peles, peles mal cheirosas  
Em breve prazo enjoam  
Da alimária o melindre.  
(BURRO) «Saudoso estou do meu primeiro Dono;  
Que, quando ele voltava  
A cara (inda me lembra)  
Lá trincava na couve, a nenhum custo.  
Mas cá precalços, c'ó este?...  
Só precalços de arrocho.»  
Eis que o escambam. Derradeiro Dono  
Sortiu-o um Carvoeiro.  
Novas queixas. «E como!  
(Diz colérica a Sorte) O tal Burríco  
Me leva tanto tempo,  
Que Reis cem me consomem!  
Crê-se ele o único, que anda descontente?  
Que outros, que os seus, não tenho  
Negócios, em que eu cuide?»  
Tinha a Sorte razão. Tais são os homens.  
Nunca nos contentamos  
Do estado, que nos coube.  
Por peor temos sempre o em que nos vemos.  
Com rogo o Céu cansamos.  
Dê Jove quanto lhe oram;  
Que inda a cabeça irá cada um quebrar-lhe.

## FÁBULA LV

### *O Sol, e as Rãs*

**N**AS vodas dum Tirano, todo o Povo,  
Em vinho, as mágoas mergulhava alegre.  
    Único achava Esopo,  
    Que essa gente era besta,  
Em se ostentar tão leda; e lhes dizia:  
«Lá teve ideia o Sol de ter Esposa.»  
    As Cidadãs dos charcos,  
    Mal que o souberam, entram,  
De voz comum, a lastimar seus fados:  
    «Que há-de ser de nós outras,  
    Se lhe acudirem filhos?  
(Contando assim à Sorte seus queixumes)  
    Poude atéqui apenas  
    Sofrer-se um Sol, sendo único;  
Meia dúzia de Sóis porão em seco,  
O Mar e os que lá moram. Adeus, Juncos,  
    Adeus, Lagos. Destruída  
    Será nossa progénie.  
Cedo nos tolherão nadar noutra água,  
Que ondas da Stix». Segundo meu sentido  
    Acho não ser mui peço  
    Das Rãs o razoamento.

## FÁBULA LVI

### *O Camponês, e a Cobra*

**M**AIS mavioso, que agudo  
Certo Aldeão (conta Esopo)  
À roda do seu prédio passeiando,  
Num dos dias de inverno,  
Deu vista dum a Cobra,  
Estirada na neve, enteiriçada  
Transida, entorpecida,  
Imóvel, que pudera,  
Ao muito, um quarto de hora, ter de vida.  
Toma-a o Aldeão, e a leva  
Mal consid'rado a Casa,  
Sem ver que galardão dessa obra pia  
Alcance, a aquece ao longo  
Do lar, e a ressuscita.  
Mal que a torpente cobra o calor sente,  
Restaura, co'a alma, as iras;  
Entona a frente, silva,  
Arqueia o lombo, e ao Benfeitor, se enfeita  
A atirar-se, de pulo.  
(ALDEÃO) «Morrerás.» Justa cólera  
Nas mãos lhe embebe uma acha, que em dous cortes,  
Três Cobras fez só de uma.  
Andam saltando os troços  
No alcance de se unirem, mas falharam.  
Bom é ser caridoso,  
Mas com quem? Com Ingratos?  
Bem é que Ingratos miseráveis morram.

## FÁBULA LVII

### *O Leão enfermo, e o Raposo*

O Rei dos Animais, vendo-se enfermo,  
Publicou, num Edito,  
Que os seus Vassallos todos lhe enviassem  
Cada um, segundo a espécie,  
A fazer-lhe visita, em sua lapa;  
Com promessa de serem  
Deputados, e sua Comitiva  
Bem tratados: que a firma  
*Real fé de Leão* – claro o rezava.  
Contra unhas, contra dentes,  
Vinhão salvos-condutos. Já se cumpre  
C’o Edito do Monarca;  
Seus Deputados cada espécie manda.  
Eis que, olhando os Raposos  
A pousada, um dentre eles, assim fala:  
«De quantos fazer corte  
Ao Doente vão (sem que um se excepte) os passos  
À furna vão de encontro  
Nem um nessa poeira indica a volta.  
Dá-nos desconfiança.  
E dispense-nos sua Majestade.  
Bom seja o passaporte;  
Agradeço. Reparo, que entram todos:  
Que saia um só, não vejo.»

## FÁBULA LVIII

### *O Passarinheiro, o Açor, e a Calhandra*

INJUSTIÇAS de maus bem vezes servem  
    Às nossas de pretexto  
    Tal é a Lei do Mundo:  
*Poupa os outros se queres que te poupem.*  
    Certo Aldeão tomava  
    Pássaros com espelhos.  
O Luze-luze engoda uma Calhandra.  
    Sobre terras lavradas,  
    Nos ares peneirava-se  
Um Açor: este a vê. Eis baixa, eis fende,  
    Eis se atira, à que, perto  
    De seu brete, cantava.  
Eis que, escapando à pérfida armadilha,  
    Cai nas malvadas unhas  
    Do Açor, que lhe entram na alma.  
Enquanto o Açor, se ocupa em depená-la,  
    Ei-lo, que o emalha a rede;  
    E diz em suas falas:  
«Eu nenhum mal te fiz, Caçador; solta-me.»  
(PASSARINHEIRO) «Que mal te tinha feito  
    Esse animal coitado?»

## FÁBULA LIX

### *O Cavalo, e o Burro*

**B**OM é, que neste Mundo,  
Uns aos outros se ajudem.  
Vem-te a carga, se o teu vizinho morre.  
Acompanhava um Burro  
A um não cortês Cavalo,  
Que o seu jaez, por mera carga, tinha;  
E o Burro fraqueando,  
Com carga de sobejo,  
Dela, ao Corcel, pedia algum alívio.  
(BURRO) «Nem mal polido é o rogo,  
Que é para ti joguete  
Metade deste peso.» Não responde  
O tal Cavalo; e solta-lhe  
De traques traquinada.  
Mal viu morrer do encargo o Camarada,  
Deu fé do mal, que obrara.  
Nem foi tudo; a mais monta.  
Não só lhe põe nos lombos a Carreta,  
E quanto ela levava;  
Mas põe-lhe em cima dela,  
Inda a pele do Burro, por crendice.



## FÁBULA LX

### *O Cão, que, pela sombra, larga a presa*

**M**UITA gente, por cá, se engana. Vemos  
Tanta gente correr trás sombras, que erra  
(A mor parte do tempo) quem os conta.  
Bom fora ao Cão de Esopo remetê-los,  
Que, vendo a presa, na água, afigurada,  
A deixa pela image; E indo-se, ao fundo  
(Que alvorotado o Rio empolou súbito)  
Com susto o Cão, sem presa, e sem a sombra,  
Abica, a salvo, à margem.

## FÁBULA LXI

### *O Carreiro, atolado*

DUMA carga de feno o Faetonte,  
Vendo o Carro atolar-se-lhe;  
Longe o pobre homem do melhor socorro;  
Descampada a Comarca,  
*Quimper-corentin*, na Bretanha baixa,  
A chamam; bem sabido  
É, que lá manda o Fado a gente, quando  
Lá quer, que a gente enraive.  
De tal jornada queira Deus livrar-nos!  
A fim, porém, de virmos  
Ao Carreiro, e seu Carro lá atolado...  
Pragueja à língua solta;  
Des-adora, em furor, contra os barrancos,  
Contra os Bois, contra o Carro,  
Té contra si. Por fim invoca o Númem,  
Que tão claros no Mundo  
Seus trabalhos deixou. «Hércules (disse)  
Vem-me ajudar. Se às costas  
Sustentaste esta Máquina redonda,  
Manda aqui um braço: acode-me.»  
Feita a Oração, ouviu descer das nuvens  
Certa voz, que assim clama:  
«Hércules quer que alor se dê aos braços;  
E então ajuda a gente.  
Vê primeiro de donde nasce o estorvo;  
De em torno, a cada roda,  
Despega o barro mau, maldita lama,  
Que as enloda até os eixos;  
Toma o picão, e esse calhau, que empece,  
Quebra, e o carril entulha.  
Fizeste-o?» (CARREIRO) «Sim.» (VOZ)  
«Agora é que eu te ajudo.  
Pega no aguilhão, pica.»  
(CARREIRO) «Já pico... Pois que vai!!! Como se leva  
O Carro, às maravilhas!  
Louvado, Hércules, sejas.» (VOZ) «Bem vês como  
Os teus Bois facilmente  
Te tiraram de lá. A ti te ajuda,  
E o Céu virá ajudar-te.»

## FÁBULA LXII

### O Charlatão

NUNCA faltaram Charlatães, no Mundo.  
Mui fértil essa Ciência  
De Lentes abundou, em todo o tempo.  
Ora um, em seu tablado,  
Faz roncadas a Aqueronte; outro se ufana  
Que é um Desbanca-Cíceros.  
Gabava-se, na Corte, um desses últimos,  
De ser tão grande Mestre  
De Eloquência, que a um Rústico, a um Mazorro  
Um Patau, um Pascácio,  
Discretos os daria. (CHARLATÃO) «Sim, senhores:  
E tragam-me um Labrego,  
Um Animal, um Burro. O mais burríssimo;  
Dou-lho Lente de borla;  
Murça, e loba lhe envergo.» Ora El Rei soube-o.  
Manda vir o Retórico  
(REI) «Tenho, da Arcádia, em minha estrebaria,  
Mui formoso Jumento,  
Quero, que dele um Orador me ingenhes.»  
(CHARLATÃO) «És Rei, e podes tudo.»  
Dão-lhe certa quantia; e obriga-se ele,  
Que dentro de dez anos,  
Iria o Burro às Aulas: consentindo  
Ir ele, em praça pública,  
Com barço, e pregão, sofrer garrote  
Bem apertado e estreito,  
Orelhas d'Asno, rótulo *Retórico*.  
Um Cortesão lhe disse:  
«Irei ver-te, que te acho mui airoso,  
Para dançar na forca.  
Mas não fales mormente, em lá nos dares  
A todos os Ouvintes,  
Oração, em que estendas a tua Arte;  
Oração bem patética  
Que aos Cíceros Ladrões modelo seja.»  
(CHARLATÃO) «Antes que o prazo finde,  
Tem de morrer El Rei, ou Eu, ou o Burro.»  
Teve razão; que é erro  
Com dez anos de vida fazer conta.  
Comamos, e bebamos;  
Dum de nós três, aqui, dentro em dez anos,  
Nos é credora a Morte.

## FÁBULA LXIII

### *A Discórdia*

TENDO a Deusa Discórdia  
Os Numes malquistado,  
Travando grão processo, lá nos altos,  
E por uma maçã!.. Ihe foi mandado,  
Que dos Céus despejasse.  
O Animal, que se ufana do nome *Homem*,  
A largos braços a acolheu em Casa  
E a *Sim-e-Não* também, que era Irmão dela;  
E a seu Pai *Teu-e-Meu*. Que cá no Mundo  
Ela, ao nosso hemisfério, fez a honra  
De o preferir a essoutro,  
Que habitam homens, que nos são opostos;  
Pouco civilizada, e tosca gente;  
Gente, que indo casar-se,  
Sem Tabela, nem Cura,  
Não dão azo à Discórdia.  
Ora, a fim que, nos sítios, em que o caso  
Pedia a sua presença, ela se achasse,  
(Tendo o cuidado de a avisar a Fama)  
Mui depressa a Discórdia  
Se agenciava, e corria  
Onde havia o debate e a Paz peiando;  
Duma faísca ateava largo incêndio,  
Prolixo de apagar. Por fim a fama  
Começou-se a queixar que nunca a achavam  
Em sítio fixo, e certo;  
Que, às vezes, lidas vãs eram buscá-la;  
Que era bem ter morada não vadia,  
Morada, em que pudessem  
De lá chamá-la todas as famílias.  
É de saber, que não havia ainda  
Convento algum de Freiras;  
E isso deu que entender. Eis convieram  
Sinalar-lhe aposento na estalagem  
De Himeneu, por em tanto.

## FÁBULA LXIV

### *A Viuvinha*

**S**EM suspiros não vai perdido Esposo.  
Muito alarido! Após vem vindo o Alívio:  
Sobre as asas do Tempo,  
Toma a Tristeza o voo;  
E o Tempo, que a levou, traz os Prazeres.  
Gran diferença corre entre a Viúva  
Dum ano, e a dum dia.  
Que ela é a pessoa idêntica  
Ninguém jamais o crera. Uma afugenta  
Toda a gente de si; na outra há mil prendas.  
Essa aos prantos se entrega,  
(Verdadeiros, ou falsos)  
Sempre, no mesmo tom, igual queixume,  
E sempre inconsolável.  
(Ela o diz, mas é história)  
Na Fábula seguinte, e em que há mais veras  
Que Fábula, o vereis. O amado Sposo  
De certa formosura  
Para o outro Mundo se ia.  
Gritava à ilharga dele a Sposa sua:  
«Ah! não te vás, sem mim; a tomar voo,  
Como a tua, está pronta,  
Esta alma minha. O Sposo  
Pôs-se a caminho, e só. Tinha a Formosa  
Um Pai cordato, e sábio, que à torrente  
Deixou vazão. «Sobejo,  
(Lhe disse ele por cabo)  
Oh Filha, é o teu chorar. Que lhe aproveita,  
Que os atractivos teus em pranto afogues,  
Ao teu defunto Sposo?  
Pois que inda há tantos vivos,  
Tonta é a que cuida em mortos. Eu não digo,  
Que logo, e já, garrido Casamento  
Essas lágrimas troque  
Em nupciais festejos.  
Mas corra o tempo, e sofras, que te falem  
Num guapo Sposo, apessoado, e moço,  
Doutro jaez, que o morto...»  
A Viúva o atalha. «Um Claustro  
É o Sposo, que, por ora, me compete.»  
Deixou-lhe o Pai moer o desconforto;  
Deixou, que um mês se escoe;  
Inda outro mês (gastado  
Em mudar cada dia algum capricho  
No traje, nos volantes, no toucado.)  
Enfeite é já o luto,

Na atenção de outras galas.  
Torna ao pombal o bando dos Amores  
Inteiro; os Jocos, e co'a Dança, os Risos,  
Tomam, por fim, seu turno.  
Mergulhos noite, e dia,  
Nas águas do Jordão. Já o Pai não teme,  
Que o tão querido Morto ponha estorvos.  
Ora a linda Viúva,  
Que vê, que em tal Esposo  
Lhe não boqueja o Pai, já, há mais dous meses,  
Aventura-se, e diz-lhe: «Então, Paizinho,  
Que é feito desse Moço,  
Marido, prometido?»

## *EPÍLOGO*

LIMITEMOS aqui nossa carreira;  
Que sempre longas obras me assustaram.  
Não estancar o assunto é mui valioso;  
Dele a flor se dedique.  
Tempo é, que para urdir novos projectos,  
Tome eu forças, e alento. Esse tirano  
Da minha vida, o Amor, quer, que eu varie  
De assunto; e me compete  
Seu gosto contentar. Volte-se a Psyquis.  
Tu me exortas, Damon, a que eu dibuxe  
Suas Ditas, seus Desastres. Já consinto.  
Talvez, que, à mercê dela,  
Se aqueça este estro meu. Serei ditoso  
Se esta fadiga minha é o derradeiro  
Torcedor, que na vida queira dar-me  
O Marido de Psyquis.

## *PRÓLOGO*

### *A MADAMA DE MONTESPAN*

O Apólogo foi dádiva dos Numes:  
Ou quem nos fez tal dom merece altares,  
Se Homem foi, quem nos quis brindar, com ele.  
E todos, como a um Deus, alçar devemos  
O Sábio, que inventou essa Arte guapa;  
Que é vero encanto, e atenta (antes cativa)  
A alma nos tem, prendendo-a com tais Contos,  
Que a seu sabor, os corações, e ingenhos  
Levam. Oh vós que o trasladais, Olímpia,  
Se à minha Musa, que sentou-se às vezes  
À mesa Celestial, e aos dons que ela houve,  
Dignais os olhos inclinar, benignos,  
E os brincos bafejar, com que o meu sp'rito  
Se entretém, esse Deus, que tudo estraga  
(O Tempo) respeitando o amparo vosso,  
Me outorgará transpor, nesta Obra, as eras.  
Autor, que após, ter larga vida anseie,  
Tem de obter vosso auxílio. O valor todo,  
De vós, meu metro o espera. Em nossa escrita,  
Formosura não há, que o menor rasgo  
Dela vos seja oculto. Quem conhece  
Melhor que vós a formosura, as graças?  
Falas, olhar, é tudo em vós encanto.  
Bem quisera alargar-se a minha Musa  
Mais ainda em assunto tão donoso; ...  
Para outros se reserve esse árduo empenho;  
Que é de Artífice, mor do que eu, partilha.  
Basta que Olímpia, ao meu trabalho extremo  
Seja abrigo, e muralha o nome vosso.  
Protegido por vós, vosso valido  
O Livro, aguardar-lhe-ei segunda vida.  
Mau grado à Inveja, sob vosso auspício,  
Dos olhos do Universo serão dignos  
Estes meus versos. Não, que eu vos mereça  
Favor tão grande, mas, porque, em seu nome,  
A Fábula o requer. Sabeis qual crédito  
Em nós ganha a Mentira. Se em meus versos  
Ela busca a fortuna de agradar-vos,  
Por galardão dever-lhe creio um Templo.  
Templo? só para vós fundá-lo eu quero.

FIM DO LIVRO SEGUNDO



# LIVRO TERCEIRO

## FÁBULA PRIMEIRA

### *Os Animais envidados de peste*

UM mal, que aterroriza, e que furioso  
O Céu compôs, para punir os crimes  
Do Mundo: – a Peste (por dizê-lo claro)  
Capaz de enriquecer, num dia, o Inferno  
C’os Animais guerreava.  
Não que todos morressem, porém todos  
Andavam envidados:  
Nem viras, que cuidassem  
Em pôr esteio à moribunda vida.  
Nenhum manjar lhe armava ao apetite;  
Nem Lobos, nem Raposos  
Espreitavam a presa  
Das inocentes meigas Ovelhinhas.  
Uma de outra fugiam  
As Rolas; Amor nenhum lavrava nelas.  
E sem Amor não há cumprido gosto.  
A Conselho chamou o Leão, e disse:  
«Permite (creio) o Céu este infortúnio  
Pelos pecados nossos.  
Sacrifique-se aos tiros  
Da cólera celeste, o mais culpado  
Dentre nós; que, talvez, assim granjeemos  
Salvamento a nós todos.  
Dá-nos ensino a História, que em tais casos,  
Votações desse lote feitas foram.  
Não caiba aqui lisonja: a Consciência  
Esquadrinhe cada um severamente.  
Eu dou princípio. A meus glutões desejos  
Dando rédea cabal, muitos Carneiros  
Devorei. E que mal me haviam feito?  
Nenhum. Lance houve em que eu ao Pastor mesmo  
Traguei. Eu pois me voto, se assim cumpre.  
Mas, como eu fiz, bom é cada um se acuse;  
Que é mui justo, que o mais culpado, morra.»  
«Senhor (disse o Raposo)  
Que bom Rei, que vós sois! Quanto melindre  
Não revê desse scrúpulo!  
Crer, que é culpa trincar nesses papalvos,  
Relé de vil jaez, zotes Carneiros!

Muita honra lhes fizestes em comê-los,  
Quanto ao Pastor... Talvez que o merecesse,  
Se era duns tais, que impérios, sobre o povo  
Dos Animais, se arrogam, na ouca ideia.»  
Disse o Raposo e aplausos dá a Lisonja.  
Do Tigre, do Urso, e de outras tais Potências  
Tão miúdas perluxas venialidades  
Cousa é que passa em claro.  
Todos esses brigões, e os Mastins mesmos  
Eram uns Santinhos, no dizer de todos.  
Chega o turno do Burro.

#### BURRO

«Lembrança tenho, que indo atravessando  
Certo prado duns Monges,  
A Fome, o Ensejo, a Ervagem tenra... e creio  
Que Tentação de Demo... me impeliram  
A tosar desse prado  
Tamanho desta língua,  
Ao qual não tinha eu jus, bem o declaro...»  
*Aqui de El Rei (a tais palavras clama  
A turba, contra o Burro)*  
Um Lobo letradete, arrazoando  
Provou, que dever cumprira, e logo  
Esse animal maldito,  
E pelado, e sarnento;  
Que dele vinha todo o mal. Com pena  
De força, foi julgado o pecadilho  
*Erva alheia comer!... Que infando crime!  
Que é só capaz a Morte  
De expiar tal flagício.*  
O Asno o sentiu à sua custa. Ao jeito  
Que poderoso, ou mísero tu sejas,  
Branco, ou negro serás, de pleno Acórdão.

## FÁBULA II

### O Mal-casado

DE mãos dadas c'o Bom venha o Formoso  
E amanhã busco Noiva  
Mas, não é o divórcio novo entre eles;  
Se em poucos lindos Corpos;  
Vi morar lindas almas,  
Que em firme nó se apertem,  
A mal não levem, que eu não busque Noiva.  
Bastante Hímen já vi: – Nenhum me tenta.  
E quasi as quatro partes dos humanos  
Ao mor azar se expõem afoutamente.  
Mas também se arrependem  
Deles as quatro partes.  
Um vos vou já alegar, que arrependido  
Não lhe achou outro jeito  
Mais, que o de despedir a sua Esposa  
Zelosa, avara, ralhadora... Nada  
Lhe era a contento: e em razão disso.

MULHER

*Como se deitam tarde! e se erguem cedo!*  
*Já diz: «É branco – é preto – É assim – é assado –*  
*Gasta muito o Senhor – Não cuida em nada.*  
*De casa nunca sai. – Ei-lo anda à tuna.»*  
Tanto ralhava, e tanto  
Que alfim cansado o Sposo  
De ouvir tão bravo Trasgo  
Ao Campo a impõe, em casa dos Parentes.  
Ei-la, em rancho, co'as Fílis,  
Que os Peruns pastoreiam,  
E c'os que os Porcos guardam.  
Passou tempo – e cuidando-a já mais mansa,  
O Sposo a casa a chama, e lhe pergunta  
Como entretinha a vida, e que fazia;  
Se a simpleza dos Campos lhe agradava?

MULHER

«Não mal. Só me afligia  
Vê-los mais perguiçosos  
Que os de cá; sem dos gados ter cuidado,  
Por mais que lho eu dizia, ganhando o ódio  
Desses desmazelados...»

MARIDO

«Senhora, se o teu génio, é tão azedo  
Que os que te aturam só pequeno prazo,  
    Já de te ver se cansam;  
Dos servos que será, que o dia todo  
Contra eles te verão sempre agastada?  
Que será do Marido, que tu sempre  
Pendurado quiseras à cintura?  
    Adeus. Torna-te à Aldeia;  
E, se enquanto eu viver, a mim te chamo;  
E tal querer me entoje, <sup>[xxv]</sup> tenha eu sempre,  
    Junto às minhas ilhargas  
Duas tais, como tu, por meus pecados.»

## FÁBULA III

### *O Rato, que se retirou do Mundo*

DIZEM na sua lenda os Levantiscos,  
Que cansado das lidas cá do Mundo,  
Se retirara, longe do bulfício  
Lá, num Queijo de Holanda, certo Rato.  
Profunda solidão! que se estendia  
    Por amplos arredores.  
Dentro o novo Ermitão pôs pouso; e tanto  
C'os pés, c'os dentes fez, em poucos dias  
    Que, no fundo da Ermida  
Engenhou ter comida, e ter pousada.  
Que é o que lhe falta? Olhai-o gordo, e nédio  
Deus prodiga seus dons a quem faz voto  
De ser seu. À devota Personagem  
Deputados do Povo Rato, um dia,  
    Vêm pedir, fraca esmola,  
    Como indo a estranhas terras  
Buscar auxílio contra o Povo Gato,  
Que a Ratapólis tinham posto assédio.  
    E, no aperto se viram  
    De partir sem dinheiro;  
    Visto o indigente estado  
    Da investida República.  
Pouco pediam, fiados no socorro  
Que, em quatro, ou cinco dias, lhes chegava.

#### ERMITÃO

«Meus amigos, das cousas lá do Mundo  
Depus todo o cuidado. Em que valer-vos  
    Pode um pobre Cartuxo!  
Pedir ao Céu, que vos ajude; e espero,  
Que algo fará por vós.» E, assim falando,  
A porta lhes fechou o novo Santo.  
    Quem credes, que eu designo  
Nesse Rato, tão pouco caridoso?  
Frade? – Não. – Dervis? – Sim. Que eu sempre em Frades  
    Caridade suponho.

## FÁBULA IV

### *A Garça Real, e a Moça*

**S**OBRE dous longos pés não sei onde ia,  
Em certo dia, a Garça,  
(Que encava, em longo colo, o longo bico)  
Vai costeando um Rio  
(Cristal as águas, como em guapo dia)  
Nelas mil remeneios  
Fazia Dona Carpa, com Dom Lúcio.  
Fácil tirara de ambos  
Ganância a Garça; que eles bem das vezes  
Co'a margem vizinhavam.  
E ela os colhera; mas, em sua pachorra,  
Quer, que a vontade avulte.  
Convalescia; e tinha horas regradas  
Para comer. Eis chega,  
Depois de alguns momentos o apetite  
Chega-se então à praia  
A Garça, e vê vir Tencas à flor da água,  
Que saem de aquosas lapas.  
De invencioneira, a tal manjar faz beiço;  
Por melhor prato espera.  
Qual do bom Flaco o Rato . «Eu comer Tencas?  
Que jantar para Garças!  
Mal me conhecem.» Deu desquite às Tencas.  
Avista alguns Cadozes.

#### GARÇA

«Cadozes! Para Garça, ai que comida!  
Eu descerrar meu bico,  
Para miuçalho tal? Deus tal não queira.»  
E abriu-o para menos.  
Que o Fado quis que o peixe todo escoasse;  
E a fome indo apertando,  
C'um Caracol acerta. Oh Dita! oh Júbilo!  
De tão ruim contento  
Não sejamos. Que tem grão siso, e manha  
Os que a tudo se ajeitam:  
Quem muito quer ganhar arrisca, e perde.

Não desdenheis; mormente,  
Quando orçais c'o que o vale. E oh quantos caem  
Nessa rede? Eu co'as Garças  
Não falo. Homens, ouvi neste outro Conto,  
Lições, que de vós tiro.

Pertendia uma Moça, (altiva um tanto)

Achar mancebo Esposo,  
Bem apessoado, e lindo, airoso o termo,  
Não frio, não cioso.  
(Dous pontos que notar.) Que fosse rico,  
E fidalgo, e discreto,  
Completo em tudo. E em quem se encontra tudo?  
Eis que a bem serve o Fado.  
Eis que Maridos de primor lhe acorrem;  
Eis que a Mocinha os acha  
Mui somenos para ela.

MOÇA

«Eu, com tal gente?...  
Quem mos propõe bem creio  
Que caduca. Olhai-me esses desastrados.  
Bela droga de Esposos!»  
Um não tinha finuras nos colóquios.  
De outro ao nariz põe pecha,  
Este tem isto, aquele tem est'outro.  
Vai tudo assim: que as Guapas  
Em tudo acham desar. Bem que, após estes  
Bons acertos, os medíocres  
Tomam. Zomba ela.

MOÇA

«E oh que bondade é a minha!  
Que a porta lhes franqueio!  
Crêem os tais, que eu de mim, não sei, que faça?  
Bem que a sós, no meu leito,  
Passo (a Deus graças) sem disgosto, as noites.»  
Neste conceito a Guapa  
Se compraz. Mas foi minando-a a Idade;  
E os Amantes vão-se indo.  
Volve um Ano, volve outro; e o Des-sossego  
Traz-lhe o Pesar nas ancas.  
Cada dia ela sente ir-se esquivando  
Ora um Joco, ora um Riso;  
E trás eles o Amor. Supre alvaiade  
E rebiques, as que antes  
Foram lindas feições, que hoje desprazem.  
Mas que valem disvelos,  
Se ao Tempo (ladrão fero) nada escapa?  
Que pode a Casa velha  
Reparar-se; mas ruínas do semblante  
Não têm esse conforto.  
Sua guapice então mudou de língua;  
Que lhe dizia o spelho:  
*Casa-te azinha*, e *casa-te* diziam  
Também certos Desejos.  
(Numa Guapa morar Desejos podem.)  
Crereis qual foi a escolha,

Que ela fez, mui contente, mui ditosa?...  
Casou-se c'um mostrengo.



## FÁBULA V

### *Os Desejos*

HÁ, no Mogor, Duendes prestadios  
Que às Casas dão limpeza, como uns Servos;  
    Cuidam nas Carruagens,  
    E nos Jardins, às vezes.  
No que obram não toqueis, que estragais tudo.  
Houve tempo, em que um desses, junto ao Ganges,  
    O Jardim cultivava,  
    Dum Burguês de bom lote.  
Sem arruído, e com bastante indústria,  
Lidava nele, amando o Dono, e a Dona;  
    E o Jardim mais que tudo.  
    Zéfiros (Deus o sabe)  
Povo amigo do Trasgo, na tarefa  
Lhe davam mão. E de seu cabo o Duende,  
    Sem descanso, abundava  
    Seus Amos de prazeres.  
Por mor sinal de zelo, para sempre  
Co'a tal gente, de grado, ficaria,  
    (Apesar da leveza,  
    Que em Trasgos pôs Natura)  
Os Espr'itos porém, consócios dele  
Tanto dessa República apertaram  
    C'o Cabo, que ou já fosse  
    Por capricho, ou política,  
Logo o mudou de posto; e veio-lhe ordem  
De ir, da Noruega à gema, ter cuidado  
    Duma Casa, coberta  
    De neve, em toda a quadra;  
E de Índio, que era o Trasgo, ei-lo Lapónio.  
A seus Hóspedes disse, antes que parta:  
    «Deixar-vos é forçoso,  
    Pois que a partir me obrigam.  
Porque culpas, não sei. Mas assim cumpre.  
O prazo é curto. Um mês. Talvez não tarde  
    Além duma semana.  
    Empregai-a. Dai ausos  
A três Desejos, que eu cumprir-vos posso:  
Três, não mais. Desejar, não é fadiga  
    Nova, nem strana entre Homens.»  
    Ora o que de primeiro  
Os Amos pedem, Abundâncias foram.  
E Abundâncias lhe espargue ele às mãos cheias;  
    Abarrotava em tudo,  
    Vinho pelas adegas  
Dobrões nos cofres, trigo nos celeiros.

Não sabem dar-se acordo em tanta cópia.  
Que fainas, que registros  
Que tempo não precisam?  
Ei-los, no enleio, como ninguém steve!  
Eis os Ladrões, que tramam dar-lhe assalto;  
Eis Magnates, que acodem  
A requerer empréstimos;  
E o Príncipe, que quer grosso tributo.  
Ei-la essa triste gente desgraçada,  
Por sobeja riqueza;  
E que Amo, e que Ama dizem:  
«Tapa-nos destes bens o jorro incómodo.  
Quanto um Pobre é feliz! Mais val Pobreza,  
Que riquezas, como estas;  
Adeus, Tesouros; ide-vos.  
Oh tu, Númen dador da mente boa;  
Oh Mediania, oh sócia do Descanso,  
Vem, vem.» A tais palavras  
Deu volta a Mediania.  
Dão-lhe assento, e com ela se congraçam.  
Dous Desejos lá vão. Como eles eram  
Tão mudáveis, e como  
O são como eles, quantos  
Desejam sempre, e estragam em quimeras  
Tempo, que a seus negócios melhor dessem:  
Disso o Duende ria  
Com ambos. Então eles  
Por irar lucro de seus dons tão raros,  
Quando o viram em pontos de partida,  
Lhe pediam, Sapiência,  
Tesouro não incómodo.

## FÁBULA VI

### *A Corte do Leão*

QUIS-SE inteirar um dia  
Sua Majestade Leoa,  
De que Nações o Céu Dono o fizera.  
Por circular aviso,  
Que selou Real selo,  
Mandado publicar por toda a parte  
Fez saber aos Vassallos  
Omnígenos, que acudam,  
Deputados à Corte plena que ele  
Teria, um mês durante;  
E que em sua abertura,  
Daria festas rijas e por cabo,  
Peloticas do Mono.  
Mui magnífico lanço,  
Com que, aos Vassallos seus, fazia o Príncipe  
De Do seu poder alarde.  
No seu Louvre os convida.  
E que Louvre!... Um Carneiro fedorento  
Que empesta. Tapa súbito  
O Urso o nariz, e fora  
Põe o focinho. Oh quem nunca o torcera!  
Raiva o Rei, , do melindre,  
E em mimo a Dite o manda.  
Severidade foi, que o aprovou muito  
Sobejo Lisonjeiro  
O Mono, que a ira Régia  
Gabou; gabou do Príncipe a gadanha,  
Gabou a furna, o cheiro...  
Âmbar, nem Flor havia  
Que a aposta c'ó ele o preço não perdesse.  
Lisonjaria tonta!  
Tão mal aventurada,  
Que até punida foi. Que de Calígula  
O tal Monsenhoraço  
Foi parente. Ao Raposo,  
Que lhe era perto, diz: «A que te cheira  
E dize-o sem reбуço.»  
Por desculpa o Raposo;  
Alega um grão defluxo; e que faltando-lhe  
O olfacto, não tem voto.  
Tirou-se, como pode.  
Tomai daqui doutrina. Em caso de irdes  
À Corte, e pordes fito  
Em agradar, vós nunca  
Ensosso adulator, nem mui sincero  
Sejais, em vossos ditos;

Ponde as posses bem vezes  
Em responder, como os Normandos fazem.

## FÁBULA VII

### *Os Abutres, e os Pombos*

**T**ODO o Ar pôs Marte, outrora, em reboiço;  
Disputa certo ponto ergueu nas Aves:  
Não, nas que Primavera fazem corte,  
Que com suaves trinos, com o exemplo,  
    (Debaixo da ramada)  
    Vénus em nós despertam;  
Nem nas que a Mãe do Amor ao carro junge.  
    Mas sim no Povo Abutre  
De torto bico, e acicaladas unhas.  
Dera um Cão morto assunto à guerra (dizem).  
Choveu sangue; não julguem, que exagero.  
Que a querer eu por pontos, por miúdo  
Pôr todo o caso, o fôl'go me faltara.  
Lá morreu muito Cabo, e muito Herói.  
Prometeu esperou, no seu rochedo,  
    Ver fim às penas suas.  
Era gosto observar tantos esforços;  
Era mágoa tanta Ave cair morta.  
Valor, Destreza, Astúcia, Sobressalto  
Tudo ali se empregou. Os dous exércitos,  
    Ardendo em sevas iras,  
    Nenhuns meios pouparam  
    De povoar os ares,  
    Com que os Manes respiram.  
Ao vasto encerro dos sombrios Reinos  
Remete Cidadãos todo Elemento.  
A Compaixão de tal furor deu toques  
Na alma de outra Nação colo-cambeante,  
De fígados lavados, que se ofrece  
    Mediar enternecida  
    Por que se aplaque a guerra.  
Escolhe o Povo Pombo Embaixadores;  
    E esses lidaram tanto,  
Que os Abutres de combater cessaram.  
Tréguas houve; após Paz. À custa, ai míseros!  
Da raça a quem Abutres graças devem.  
    Relé amaldiçoada,  
Que súbito aferrou nos Pombos todos,  
    Fez neles tal destroço,  
Que os desbastou, por Campos e Povoados.  
    Com pouco siso os tristes  
Foram reconciliar tão bruto Povo!  
Tende sempre os ruins entre discórdias;  
Daí pende do Mundo a segurança.  
    Semeai entre eles guerras;  
Que, co'eles, paz nunca a tereis. Seja isto

De passage aqui dito. Eis ponto em boca.

## FÁBULA VIII

### *O Churrião, e a Mosca*

POR areal difícil, costa acima,  
E sol que arde, tiravam  
Um Churrião Cavalos seis possantes.  
Velhos, Damas e Frades  
A pé seguiam todos. Os três tiros  
Suavam, e bufavam;  
Esbaforidos vinham, vinham mortos.  
Eis, que acode uma Mosca,  
Se avizinha aos Cavalos, e forceja  
C'ó zumbido animá-los,  
Pica um, pica outro; e a cada instante cuida  
Que ela é quem ala o carro.  
Pousa no assento, e em ventas do Cocheiro;  
E mal que o Churrião marcha,  
E a Gente vai andando, se atribui  
A si só toda a glória.  
Ei-la adiante, ei-la atrás muito açodada.  
Um sargento a dirias,  
Que no ardor da peleja, a toda a parte  
Corre, empuxa, acorçoa  
Os Soldados, por dar pulso à Vitória.  
Nessa comum tarefa  
Ralha a Mosca: «Sou só, e hei toda a lida.  
Ninguém esses Cavalos  
Ajuda a despejar-se desta areia?»  
Rezava o officio o Frade,  
(E em que ensejo!) Londuns cantava a Dama  
Londuns de que serviam?  
Dona Mosca às orelhas lhes zunia,  
Fazia mil trejeitos.  
Sobe o Churrião, por fim, com custo infindo  
Acima. Eis diz a Mosca:  
«Tempo é de respirar; que fiz eu tanto,  
Que pus a minha gente  
Em strada Coimbrã. Senhores Urcos  
Pagai-me o meu trabalho.»

Certos há hi, que espertos, aguçosos  
Em tudo se entremetem;  
E fazem com que deles se precise.  
Fora, importunos, fora.

## FÁBULA IX

### *A Saloia, e a bilha de leite*

C'UMA bilha de leite, bem assente  
Numa sogra, à cabeça, Briolanja  
Pretendia à Cidade  
Chegar, sem sorte aziaga.  
Leve, e trajada ao curto,  
Largas pernadas dava.  
Vestiu simples saiote,  
Calçou sapatos rasos nesse dia;  
E assim arregaçada  
Somava já na ideia  
Quanto rendia o Leite,  
E em que empregasse a soma.  
Comprava um cento de ovos,  
Chocava três Galinhas. Tudo lhe ia  
Às maravilhas, pondo ela os disvelos.  
«Fácil me é (vai gizando)  
Nos redores de casa, criar Pintos.  
Será gíria a Raposa, se não deixa  
De tantos Pintos, com que eu compre um Porco,  
Que com farelo, a pouco custo engordo.  
E quando uma vez medre,  
E encorpe bem medrado  
Torno-o a vender, e val-me grossa chelpa, [xxvi]  
E quem me tolhe (visto o bom barato),  
Que no curral não meta  
Vaca, e seu Bezerrinho?  
Que pule, e que retouce entre o mais gado!»  
Nisto salta a Saloia, e cai a Bilha.  
Adeus, Choca, Bezerra, Porca, e Vaca.  
A Dona desses bens, ao afastar-se  
De riqueza tamanha ali vertida,  
Tristes olhos lhe põe. Vai desculpar-se  
C'ó Marido, entre os sustos  
De ser zurzida. Farsas se fizeram  
Do tal caso; e a Saloia obteve a alcunha,  
– *Dona Bilha de Leite*. –  
Quem há, que não desvaire? ou que não trace  
Torres de vento? Pirro, ou bem Picrócolo,  
E a Saloia também; também nós todos.  
De siso, ou não de siso  
Sonhamos acordados.  
Nada há mais meigo, que a Lisonja errática,  
Que as almas nos enleva.  
Nosso é quando há no Mundo;  
Todas as Honras, todas as Mulheres.  
Só estou? Faço roncas a Valentas.



Num devaneio, expulso  
O Sofi do seu trono;  
Rei me elegem; adora-me o meu Povo;  
Vêm-me à frente coroas, como chuva.  
Haja o menor precalço, eis que a mim torno;  
Torno ao que dantes era.

## FÁBULA X

### *O Cura, e o Defunto*

**T**RISTEMENTE ia um Morto tomar posse  
Do seu último alvergue;  
E o Cura ia enterrá-lo  
Bem contente, e aguçado.  
Mui bem condicionado ia o Defunto,  
Num tal roupão envolto,  
Que se chama *caixão*; roupão de Inverno.  
E roupão, de verão, que os Mortos nunca  
Despem: e ao lado lhe ia  
O seu Pastor, rezando (como é o uso)  
Mui devotos *Oremus*,  
Psalms, Versos, Lições, e Responsórios.  
Senhor Defunto, o desempenho da obra,  
(Fie-se em nós) tê-lo-á completo e guapo,  
Contanto, que alto o pague.  
Misser Cura, c'os olhos sorve o Morto;  
Qual tesouro, que teme, que lho furtem,  
E c'os olhos, parece estar dizendo:  
«Largareis, Dom Defunto,  
Tanto de Oferta, tanto para as tochas,  
Para as custas miúdas, tanto.» As linhas  
Lançava o Cura já a comprar um Quarto  
Do, daqueles contornos, melhor vinho.  
Também gizava já para a Sobrinha  
(Moçoila assaz gamenha )  
E, para a serva Sirigaita, saias.  
Indo embebido nesta grata ideia  
Tropeçam rijo as Andas, e escangalham-se;  
Tomba o Morto, sobre o toutiço, ao Cura;  
De rondão, c'o freguês o Pastor cai.  
E vai, c'o seu Senhor, de companhia,  
Jazer na sepultura.

Como arranja, c'o Morto o Cura as contas,  
E as do leite a Saloia,  
Nós, desta vida, as nossas arranjamos.

## FÁBULA XI

### *O Homem que corre após a Fortuna, e o Homem que no seu catre a aguarda*

QUEM há, que atrás não corra da fortuna?  
Tomara eu ver-me em sítio,  
Donde folgado eu visse  
O tropel importuno  
Dos que de Reino, em Reino, andam à spreita  
Dessa ilha dos Fados;  
Desse Fantasma Cortesãos assíduos.  
Qual eles quasi o prazo tocam próspero,  
Ei-la, que abala, e os deixa  
Em seu alcance aguados.  
Coitados! tenho pena. Que hei de loucos  
Mais dó, que enfado, e cólera.  
– Esse homem (dizem) que plantava couves,  
Ei-lo Papa! Somos-lhe nós somenos? –  
Valeis mais mil vezes.  
Mas, que vos servem méritos?  
Tem olhos a Fortuna?  
Vale o Papado o que largais, por ele?  
O Descanso?  
O Descanso! tesouro tão precioso;  
Que outrora aos Numes sós se atribuíra.  
Raro, aos hóspedes seus Fortuna o outorga.  
Deusa é, que se a não buscas, busca-te ela.  
Tal do seu sexo é o sestro.  
De Amigos certo par, que alguns bens tinham,  
De seu, lá nessa ilha, em que moravam,  
Suspirando, contino, após Fortuna,  
Disse um ao outro, um dia:  
«Nossas pousadas, porque as não deixamos?  
Ninguém, na sua terra foi Profeta;  
Bem o sabes. Buscar ventura vamos  
Fora daqui.» – «Vai tu (disse o outro amigo);  
Que eu melhor clima, ou Fados não desejo.  
Contenta-te; e o teu génio inquieto segue.  
Tu cedo tornarás. Em tanto eu faço  
Voto de bem dormir, até que voltes.»  
O Ambicioso, ou (se o quereis) o Avaro  
Vai correr *Seca e Meca*  
E chega, em certo dia,  
A sítio, em que usa mais morar, que noutra  
A variável Deusa:  
E o tal sítio é a Corte.  
Lá põe morada fixa, um certo prazo;  
Lá aparece ao Deitar, e Erguer, e às horas:  
Tidas por mais favónias:

Em suma acontece a tudo, e nada alcança.

AMBICIOSO

«Não pegou. Outro rumo  
Para obter cabedais se nos depare.  
Todavia a Fortuna por cá mora,  
Que em casa dum, e de outro  
Vejo-a entrar cada dia.  
De que vem, que, na minha, a destampada  
Hospedar-se não quer? Bem me disseram  
Que não se amam aqui cúpidas almas.  
Senhoritos de Corte,  
De Corte Senhoritos,  
Adeus; segui a sombra que vos foge.  
Pois me dizem, que há Templos  
À Fortuna, em Surrate,  
Vou-me lá.» Mal o disse: ei-lo embarcado.  
Homens, almas de bronze! De diamante  
Armado foi, por certo, o que essa estrada  
Tentou primeiro, e provocou o Abismo.  
Mais duma vez, os olhos  
Voltou à Aldeia sua  
Esse home', enquanto enfiou a tal viagem,  
Quando aturava os p'rigos  
Dos Ministros da Morte,  
Quais são Piratas, Ventos, Scolhos, Calmas;  
Morte, que imos buscar a longes praias.  
Quando, dentro de casa, à mão a temos.  
Chega ao Mogor esse Home', onde lhe dizem  
Que então distribuía as mercês suas  
Fortuna no Japão. Lá corre logo.  
Já os mares se cansavam  
De andar com ele aos ombros.  
Que frutos colheu ele  
De tão longas viagens?  
Esta lição, que ensinam os Selvagens:  
– *Doutrine-te a Natura,*  
*E em teu País te queda.* –  
Nem lhe foi o Japão mais fortunoso,  
Que lhe o Mogor já fora.  
Em suma concluiu, que grão dislate  
Fez em sair da Aldeia. Já põe termo  
A ingratas correrias. Volta à Aldeia.  
Mal, que de longe avista os caros Lares,  
Chora de gosto, e exclama:  
«Feliz quem vive em sua Terra, e emprega  
Todo o tempo em regrar os seus desejos;  
Que só de o ouvir dizer, sabe o que é Corte,  
Oh Fortuna, o que é o Mar, e o teu Império;  
Tu, que aos humanos olhos alardeias  
Cabedais, Dignidades,  
Que aos confins do Universo  
Vão buscar, sem que o efeito

Corresponda às promessas,  
Doravante daqui não movo; entendo  
Que muito melhor faço.»  
Assim discorre, assim contra a Fortuna  
Neste aviso estribando, a encontra à porta  
Do Amigo seu, que, regalado sono,  
Dormia mui folgado.

## FÁBULA XII

### *Os dous Galos*

**A**MBOS em paz viviam  
Dous Galos – Vem de novo uma Galinha.  
Eis a guerra atejada!  
Amor, quem ruinou Tróia? Tu. Tu mesmo  
Empeçonhaste a briga,  
Quem com sangue tingiu Divino, ao Xanto.  
Largos tempos susteve-se  
Rijo o combate, entre ambos os dous Galos;  
Por toda a vizinhança  
Lavrou o ruído. Rubri-cristata gente  
Acudiu ao espectáculo.  
Mais que uma Helena lindi-pluma obteve  
O Vencedor por prémio.  
O Vencido escoou-se, e foi sconder-se  
Lá num retiro escuso  
Onde amores roubados, brasões rotos  
Chora – Amores, que, ufano  
Com a Vitória, o seu Rival desfruta  
Diante de seus olhos.  
Tal quebranto, cada hora, lhe inflamava  
A valentia, a raiva.  
Armado o peito de ásperos ciúmes  
Contra os Ventos se exerce;  
Bate os quadris, o ar bate, o bico aguça.  
Não empregandas iras!  
Que, indo o seu Vencedor empoleirar-se  
Em cima dos telhados,  
E à Vitória cantar os Epinícios,  
Ouviu-lhe o canto um Buitre:  
Adeus, toda a bazófia, adeus, amores.  
Toda essa soberbia,  
Nas unhas do Buitre, achou seu brete. [xxvii]  
Já, por fatal retruque,  
Volta o outro Galo e arrasta a asa vencida  
À Helena do duelo.  
Julgai, que falatório ali não houve,  
Num bando tal de fêmeas!  
Folga a Fortuna, em nos pregar tais surras.  
Vencedor insolente  
Trabalha em perda sua. Desconfiemos  
Dos Fados. Mui de préstimo,  
Ganhada já a batalha, é a Cautela.

## FÁBULA XIII

### *A ingratidão, e a injustiça dos Homens acerca da Fortuna*

**S**OBRE as águas do mar, um Negociante,  
Depois de bastas viagens,  
Dos Ventos triunfando  
Foi venturoso, e rico.  
Bancos de areia, rochas, nem voragens  
Lhe pediram portagem de algum fardo;  
Francos lhos deu a sorte.  
Cobrou de quantos Camaradas teve  
Átropos, e Neptuno seus direitos,  
Enquanto se esmerava  
Em pôr o seu Mercante  
Fortuna em salvo porto.  
Sócios, Caixeiros, todos leais lhe foram.  
Vendeu, pelo que quis, Tabaco, Açúcar,  
Canela, e Persolana:  
Que o Luxo concorreu c'ò Desassiso,  
A engrossar-lhe o tesouro.  
Só de Dobrões se lhe falava, em casa.  
Ei-lo, que tem matilhas, coches, urcos;  
Seus dias de jejum eram noivados.  
Certo amigo, que via  
Comezana tão splêndida,  
Requer, donde lhe vinha tão bom pasto?  
«Donde é que me há-de vir? Da minha agência;  
Tudo se deve a mim, ao meu talento  
Ao meu disvelo, e a aventurar ao tempo  
O meu dinheiro a juros, com bom tino.»  
Como achasse em tais lucros  
Sabor mui de seu gosto,  
Quanto ganhado havia, arrisca *in totum*.  
Mas nada, desta vez, lhe veio a salvo.  
Quem foi causa? A imprudência.  
Foi-se ao fundo um Navio,  
Que ele não segurara.  
Falto de armas, tomado por Corsários,  
Outro Navio foi. Surgiu no porto  
O terceiro, e não teve  
A fazenda consumo.  
Desvairara de Norte  
O Luxo, e o Desassiso.  
Feitores o lograram;  
E ele mesmo, c'ò estrondo, e escapate  
De banquetes sumptuosos,  
Grande gasto em prazeres  
E em edifícios grande,  
Súbito se achou pobre, e o seu Amigo

Que tão caído o viu...

AMIGO

«D'onde vem isso?»

HOMEM

«Ai de mim! Da Fortuna.»

AMIGO

«Consolai-vos; e se ela não consente  
Que gozeis de ventura  
Tende juízo ao menos.



## FÁBULA XIV

### *As Adivinhas*

DUM acaso a Opinião surge a miúdo;  
E sempre a Opinião é quem dá a voga.  
Pudera em gentes eu de todas classes  
Meu Prólogo fundar; que neste Mundo  
É tudo prevenção, porfia, cábala. [xxviii]  
Justiça? pouca ou nada:  
Tal foi, tal será sempre.  
Pois vai, como enxurrada, abram-lhe passo.  
Pitonisa em Paris era uma Velha,  
Que em cada ensejo a consultar corriam  
Quem frangalho perdeu, quem tem Amante,  
Quem, sobejo em viver, Marido, tinha,  
Quem incómoda Mãe, quem ciosa Sposa,  
À Adivinha acudiam,  
Por que anúncios lhes dê do que apetezem.  
Fundada em boa lábia,  
E nalguns termos da Arte, e em grão descoco,  
De acaso alguma vez (tudo entra em conta)  
Tudo, por milagrosa a apregoava.  
Bem que ignorante mais que cem papalvos,  
A tinham por Oráculo,  
(Orác'lo encafuado em sujo sótão)  
Lá, sem outra benesse, amuava loiras,  
Com que a boa Velha ao Sposo alcança um posto,  
No Ofício, que lhe compra; e compra casas.  
Nova Inquilina vem pejar o sótão:  
E vem toda a Cidade,  
Moças, Casadas, Servos;  
Vêm, graúdos Senhores, por fim tudo  
Tomar faro ao Destino, como dantes.  
Torna-se, em furna da Sibila, o sótão,  
Que bem afreguesado a Velha o tinha.  
Por mais que a nova fêmea  
Se esconjurou, que nunca adivinhara,  
Eram chanças. – «Senhores,  
Mal soube eu o A, B, C, pela Cartilha.»  
Foi-lhe forçoso Orac'lisar às turbas,  
Empilhar bons dobrões mal de seu grado,  
Mais dinheiro ganhar que dous letrados.  
De grande auxílio os móveis,  
E cacaréus de casa lhe serviam;  
Quatro aleijados bancos  
E um cabo de vassoura,  
Malsinam a senzala, e a metamórfose.  
Mil verdades, que em salas bem armadas  
Dissesse a tal Mulher dariam riso;

Perdida tinha a voga;  
No sótão só jazia todo o crédito;  
E a primeira Adivinha estava às moscas:  
Que a freguesia se grudou c'o rótulo.  
Vi, na Cúria, , uma toga mal traçada  
Ganhar minas; tomando-a os Demandistas  
Por toga de Beltrão, , que tinha a frouxo  
Após si multidão de litigantes.  
Perguntai-me ora a causa?

## FÁBULA XV

### *O Gato, a Doninha, e o Láparo*

DONA Doninha, em certa madrugada  
Se, apossou mui matreira,  
Do Palácio dum láparo; (acto fácil!)  
Que estava ausente o Dono.  
Lá seus Penates trouxe, em certo dia,  
Em que ele a Aurora fora  
Cortejar, entre o Orvalho, e entre o Tomilho.  
Depois que João Coelho  
Pastou, trotou, fez toda a sua andança,  
Eis volta aos térreos Paços;  
À janela dos quais Dona Doninha  
Pôs seu nariz ao vento.  
«Que é o que eu vejo, oh Numes hospedeiros!»  
Diz, da paterna toca  
O Láparo, esbulhado. «Olá, Madama,  
Despeje, vá-se. (Moita.)  
Ou grito a quanto Rato há nos contornos.»  
A Dama nariguda  
Lhe torna, que a Terra é *primi occupantis*.  
Alto assunto de guerras  
Uma toca, em que mal se entra de rastos!  
Um Reino que isso fosse  
Tomara eu bem saber, por qual Decreto,  
Para sempre o outorgaram  
A Gil, filho ou Sobrinho d'Álv'ro ou d'Inigo,  
Ou, mais que a mim, a Estêvão?  
João Coelho alegou uso e costume.  
«As Leis me dão domínio  
Desta Casa; que a posse transmitiram  
Dela, de pais a Filhos,  
Pedro a Simão; Simão a mim Joanne.  
A de *primi occupantis*  
Crês, que é Lei de mais siso?» Aqui o atalha  
Dona Doninha, e diz-lhe:  
«Sem mais motins, por Árbitro, o Bichano  
Se escolha.» Era ele um Gato  
Duma vida Eremítica, e devota,  
Dissimulado, e sonso;  
(Alma santa de Gato) gordo, e nédio  
Grande, e tércio-peludo,  
E em qualquer caso Julgador experto.  
Por Juiz o aceita o Láparo.  
Ei-los ante a felpuda Majestade,  
E Bichano, que fala:  
«Chegai mais perto, oh Filhos; que eu sou surdo;  
Males, que os anos trazem!»

Chega um, chega outro, nada receiosos.  
Logo, que os pleiteantes  
Viu junto a si Bichano, bom Apóstolo,  
Finca dum lado, e doutro  
Unhas neste, e naquele, e põe, mascando-os  
De acordo, os Demandistas.  
Muito este caso quadra, c'os debates,  
Que, às vezes, têm com outros  
Certos pequenos Príncipes, que acodem  
Aos Reis, que lhos decidam.

## FÁBULA XVI

### *A Cabeça, e a cauda da Serpente*

TEM dous membros a Cobra,  
Que são da humana prole as inimigas:  
São a Cabeça, e Cauda,  
Que granjeado têm famoso nome,  
Entre as tiranas Parcas.  
Ora debates crus aconteceram  
Outrora a entrambas, sobre  
Precedências. Tinha a Cabeça andado  
Sempre diante da Cauda.  
Queixou-se disso a Cauda ao Céu, e disse:  
«Como lhe apraz a esta,  
Despejo infindas léguas. E ela cuida  
Que eu sempre esse uso abrace?  
*Nec semper Lilia forent.* Eu fui feita,  
(Graças a Deus se rendam)  
Para ser sua Irmã, não sua Serva.  
Vimos dum mesmo sangue;  
Encerro em mim peçonha igual à dela,  
Tão pronta, como activa;  
E a minha petição só quer que d'ambas  
Se iguale o tratamento.  
Mandai (e ela mo assine) que preceda  
Eu Cauda a ela Cabeça,  
De modo a guiarei, que se não queixe.»  
Teve cruel bondade  
Com seu desejo, o Céu. Bem ruins efeitos  
Tem seu comprazimento  
Não raras vezes! A desejos tontos  
Melhor fora ser surdo.  
Mas não o foi então. A nova Guia,  
Que à luz de Sol mais clara  
Melhor não vira, que num forno escuro,  
Topava aqui num mármore,  
Além num tronco, ou já num Viandante,  
Levou em direitura  
A Irmã ao Lago Stígio. Assim sucede  
Aos desafortunados  
Estados, que em tal erro descaíram.

## FÁBULA XVII

### *Um animal na Lua*

QUANDO afirma um Filósofo, que aos homens  
Logram sempre os sentidos,  
Nos jura outro Filósofo, que nunca  
Os sentidos nos logram.  
Têm razão ambos eles. Diz verdade  
Filosofia, quando  
Diz, que em tanto os sentidos nos enganam,  
Enquanto os homens julgam,  
Pelo que eles relatam; porém logo  
Que nós rectificamos,  
Sobre a distância, e meio que o circunda  
Sobre órgãos, e instrumentos,  
A imagem desse objecto; seus sentidos  
Então a ninguém logram.  
Tais cousas ordenou sábia Natura!  
Dia virá, que eu fale  
Delas, com mais largueza. O Sol avisto.  
Qual é sua figura?  
Visto de cá, três pés tem de redondo.  
Ah! que se eu lá o visse.  
Quão grande, aos olhos meus, fora então esse  
Olho da Natureza!  
Pela distância, julgo-lhe a grandura,  
Sobre os lados e o ângulo,  
Que, c'o a mão determino. Assenta um néscio  
Que o Sol é corpo plaino;  
Mas eu lhe encorpo a redondez, e o pouso  
Imóvel, e a caminho  
Ponho a Terra, e por essa inteira Máquina  
Tanto os olhos desminto  
Que, em nada, me é nociva a ilusão sua.  
Minha alma, em todo o lance,  
Do seio da aparência, o exacto colhe.  
Co' olhar, talvez mui lesto  
Me não conluio, nem co' ouvido lento.  
Em me acudir co' sóido.  
Quando na água o bordão me faz um ângulo,  
Recto a Razão mo torna.  
Magistral a Razão me dá a certeza.  
Com tal auxílio, os olhos  
Mentindo sempre, não me enganam nunca.  
Se o que eles dizem, creio,  
Fêmeo rosto há no côncavo da Lua.  
Jaz lá tal rosto? (É logro.)  
Donde procede pois? De altos, e baixos  
Que encerra em si a Lua,

Não tendo a face lisa, sim montuosa,  
Em partes, noutras plaina;  
Onde, co'a luz, e a sombra, em si debuxa  
Homens, Bois, Elefantes.  
Pouco há, que engano igual viu a Inglaterra:  
A esse belo Astro o óculo  
Assestando, se avista animal novo:  
*Prodígio!* (grita a gente)  
*Mudança aconteceu lá nas alturas*  
*Que, certo, nos agoura*  
*Grandes casos. Talvez, que é seu efeito*  
*A guerra, que entre tantas*  
*Potências anda ateadada. – El Rei acorre*  
(Rei é, que mui grandioso,  
Essas altas ciências favoneia)  
El Rei viu, por seu turno,  
Esse monstro, na Lua. E era um Ratinho  
Agachado entre as lentes;  
E o Ratinho agourava as grandes guerras.  
Riu-se, e mais riu-se. – Oh quando,  
Feliz Povo, a tais usos os Franceses  
Qual tu, dar-se-ão a frouxo?  
Marte faz, que ampla glória nós ceifemos  
Temer nossas pelejas  
Nossos Contrários devem, nós buscá-las;  
Bem certos, que a Vitória  
Amante de Luís, lhe segue os passos.  
Far-nos-ão nas Histórias  
Famosos, seus lauréis. As nove Piérides  
Não deixam estes sítios.  
Prazeres desfrutamos. Paz queremos,  
Mas, sem ansiar por ela.  
Sabe lográ-la Carlos; e na guerra  
Assinalar soubera  
O seu valor; levar a tais discrimines  
Essa Inglaterra, que hoje  
Mui repousada os vê. Também pudera  
Aplacar a contenda.  
Que incenso de Elogios não colhera!  
Nada há mais digno dele.  
Foi de Augusto a carreira menos bela,  
Que as ínclitas façanhas  
Do primeiro dos Césares? Ditoso,  
Oh mui ditoso Povo!  
Quando, inteiros, virá, como tu, dar-nos  
A paz às boas Artes?

## FÁBULA XVIII

### *A Morte, e o Moribundo*

**A** Morte nunca ao Sábio sobressalta;  
Que sempre a partir pronto, soube dar-se  
Aviso, como cumpre,  
Para a partida, se aviar, com tempo.  
Ai, que esse tempo abrange os tempos todos!  
Em dias o partimos,  
Em horas, em momentos, sem que aí haja  
Um só, que na fatal coima não colha.  
Domínio seu são todos:  
E o prazo, em que dos Reis os Filhos abrem  
Olhos à luz do dia, é talvez prazo,  
Que, para sempre, os fecha.  
Alega, que és um Duque, ou que és virtuoso,  
Que és moço, que és gentil, sem pejo a Morte  
Te rouba. Virá dia,  
Que os cabedais lhe aumente o Mundo inteiro!  
Nada é menos sabido... e hei-de dizê-lo,  
Nada se avia menos.  
Mais, que anos cem contando, um Moribundo;  
De vir mui temporã taxava a Morte,  
E de que o constrangia  
A partir, sem ter feito testamento,  
Nem dantes o advertir. «E é bem que eu morra,  
Assim d'afogadilho?  
Espera um pouco. Pugna a minha Sposa,  
Que eu, sem ela, não vá. Tenho um sobrinho,  
A quem dar rumo importa.  
Sofre, que uma ala ajunte às minhas casas,  
Oh! que urgente, que és tu, Númen tirano!»  
«Velho (lhe diz a Morte)  
«Não te colho de salto; a queixa é injusta  
Do insofrimento meu. Cem anos contas.  
Depara-me dous homens  
Dessa idade em Paris, e dez em França.  
Devia eu (dizes) dar-te algum anúncio  
Para dispor-te ao transe:  
E então se achara o testamento feito,  
Arrumado o Sobrinho, a ala acabada?  
E não tens por anúncio  
O teu trôpego andar, teu mover lento,  
O senso, os sucos radicais falidos!  
O ouvido, o padar [xxx] botos!  
Não sentes, como tudo em ti desmaia?  
Disvelos toma o Sol, por ti, supérfluos.  
Bens, que já não desfrutas,



Lastimas? Fiz, que visses teus Amigos  
Moribundos ou mortos, ou enfermos:  
    Que fiz nisso? Avisar-te.  
Vamos, Velho; e sem réplica. À República  
Que importa, que tu faças testamento?»  
    Tinha razão a Morte.  
Quisera eu, em tais lances, que saíssemos  
Da vida, qual saímos dum banquete,  
    Agradecendo-o ao hóspede,  
Entrouxando o fatinho. E que tardança  
Pode a jornada ter? Murmuras, Velho?  
    Vê morrer esses Moços,  
Como vão, como correm. Buscam Mortes;  
Mortes formosas sim, mortes ilustres  
    Mas todavia certas,  
E bem vezes cruéis. Por mais que eu clamo  
(Baldado zelo!) Quem mais semelha a um morto,  
    Mais repugnante morre.

## FÁBULA XIX

### *O Remendão, e o Rendeiro Real*

UM Remendão cantava todo o dia.  
Gáudio era vê-lo; e ouvi-lo, era outro gáudio.  
Que gargantear! Nenhum dos sete sábios  
Teve maior contento.  
Não assim seu vizinho; que cosido  
Em ouro, mal cantava, mal dormia.  
Era Rendeiro Real. Se, na alvorada,  
Tosquenejava às vezes,  
O Remendão, cantando, o despertava.  
Queixava-se o Rendeiro, de que em tendas  
Como o Pão, como o Vinho, não vendesse  
A Providência o sono.  
Manda a seus Paços vir o Cantarino.

RENDEIRO

«Quanto ganha você, Beltrão, por ano?»

REMENDÃO

«São contas, meu Senhor, que eu nunca faço:  
Que nunca ponho em monte  
Dia, sobre outro dia; e me é sobejo  
Ter, cada dia pão, té São Silvestre.»

RENDEIRO

«Mas quanto, cada dia?»

REMENDÃO

«Uns mais uns menos.  
Mas o pior da história  
(Bem andara sem esse empeço o ganho!)  
Dias de guarda, o são. Senhor as Festas  
Nos deitam a perder. Dana uma à outra.  
E sempre o Senhor Cura  
Traz santinho de novo, na Folhinha.»  
Desta simpleza, rindo-se, o Rendeiro:

RENDEIRO

«Quero pôr-te hoje em trono. Eis dez moedas;  
Guarda-as, com bem sentido,  
Que em precisões te valham.» Cuidou nelas  
Que via o Remendão, quanto ouro a Terra.  
Em dez anos produz, para uso humano.

Tornando a casa, enterra  
Na *adega* (à uma) as loiras, e a alegria.  
Não cantou mais; perdeu a voz, no instante  
Que empolgou o que causa as mágoas nossas.  
De casa o Sono foi-se-lhe;  
E os Cuidados, por hóspedes lhe entraram,  
Suspeitas, Sustos vão. Com o olho alerta,  
Todo o dia, – se o Gato o menor ruído  
Fazia à noite, – o Gato  
Lhe levava o dinheiro. – Alfim, coitado!  
Sai, corre, e vai-se ter c’o tal Rendeiro,  
Que falhou de acordar, e assim lhe fala:  
«Ah! Senhor, restitua-me  
Os garganteios meus, meu rico sono;  
E as suas dez moedas arrecade-as.  
Que o meu cauto, o meu sono, e alegre vida  
Mais, que dez moedas, valem.»

## FÁBULA XX

### *O Leão, o Lobo, e o Raposo*

**G**OTOSO um Leão, decrépito, manente,  
Quer que para a Velhice achem remédio.  
Abuso é crerem Reis, que há impossíveis.  
Médicos mandou vir de todo o lote;  
    Que os há em cada espécie!  
De toda a parte ao Leão acodem Médicos.  
Fervem gentes, que a flux lhe dêem receitas:  
Só se forra às visitas Gil Raposo,  
    Que em casa se encantoa.  
Por fazer corte, o Lobo, no Raposo,  
Seu Camarada ausente, a malha, e o Príncipe  
Manda logo afamar na sua toca  
    O Raposo; e que o tragam.  
    Trazem-lho, e lho apresentam.  
Ele soube que o Lobo urdira a trama.

#### RAPOSO

«Creio, que com razões pouco sinceras  
Vos coraram, Senhor, minha tardança  
    Em vos render meus cultos.  
    Mas eu ia em romagem,  
Porque vós melhoreis, cumpria um voto.  
Na romage, até gentes mui sabidas  
Consultei, sobre a languidez, que vossa  
Majestade, com bem razão, receia  
    Que consequências tenha.  
Calor é o que lhe falta; a longa idade  
Lho desfalcou. Dum Lobo a pele quente,  
    Bem esfolado em vida,  
Aplicai-vo-la, ainda fumegando.  
    Para quem desfalece  
    É Soberano tópico.  
O Senhor Lobo de roupão vos sirva.»  
Tomou-lhe a El Rei o aviso. Eis já, que esfolam  
    Que talham, que desmembram  
    Misser Lobo; e o Monarca  
Da pele faz roupão, das carnes ceia.  
Senhores Cortesãos, não se destruam:  
Façam corte, sem que uns empeçam outros.  
    Entre vós, em quadrobo  
    Do Bem, o Mal se paga:  
Duma, ou doutra maneira são cascados  
Os que cascam. Correis por tal vereda,  
    Em que nada perdoam.

## FÁBULA XXI

### *O Poder das Fábulas*

**P**ODE abaixar-se a ler vulgares contos  
De Embaixador o entono?  
Meus versos, leves graças of'recer-vos  
Posso? ou temerários  
Os clamareis, se alquando se revestem  
De certo ar de grandeza?  
Outros negócios tendes de outro porte,  
Que, do Coelho, e Doninha  
Debates deslindar. Lede-os, não os lede.  
Tolhei porém, que a Europa  
Toda, não venha pôr-se-nos aos ombros.  
Consinto, que inimigos  
Nos acorram de mil confins do Mundo.  
Mas, que Inglaterra queira,  
Que ambos os Reis, de amigos ser, se cansem,  
Custa-me a digeri-lo.  
Inda o prazo não vem, que, qual outro Hércules,  
Lasso de arcar co' essa Hidra,  
Repouse Luís? Tem inda ela de opor-lhe  
Outra nova cabeça  
A seu pulso, e valor? Se o vosso ingenho  
Subtil, cheio de indústria  
Com destreza eloquente adoçar pode  
Os peitos, e esse golpe  
Desviar, Capados cem lhe sacrificio.  
Cem?... para um Inquilino  
Do Pindo... passa as marcas. Todavia  
Tomai-me, em dom, por graça,  
Este mesquinho incenso; agasalhando  
Meus ardentes desejos,  
E a narração, que em versos vos dedico.  
O assunto vos compete:  
Mais não digo. Escorar-se em vãos louvores  
É contra o agrado vosso  
Inda quando confessa a Inveja mesma  
Quanto vos são devidos.

No Povo leve, e vão da antiga Atenas  
Certo Orador, que a Pátria, em p'riço, via,  
Corre Tribuna, e arroja-se violento  
A impelir os ânimos Repúblicos.  
No comum salvamento falou rijo.  
Não se vendo escutado, o Orador vibra  
Os atrevidos tropos que revolvem  
Ronceiras almas. Fez falar finados,  
Troou, disse o que pode. Tudo o vento

Levou. Ninguém tugiou . O Animal frívolo,  
Usado a rasgos tais, nem o escutava;  
Para os lados olhava. Vendo-o fito  
Nas brigas infantis, nada em seus tropos,  
Que faz o Orador? Mudou de rumo.

ORADOR

«Ceres, co'a Eirós, e co'a Andorinha, um dia,  
Indo em jornada as atalhou um Rio:  
A Andorinha voando, a Eirós nadando,  
Passam presto dalém...» Eis já que o Povo,  
Voz em grita, pergunta: – *E que fez Ceres?*

ORADOR

«Que fez?... Súbito na alma iras lavraram-lhe  
Contra vós. Que o seu Povo se embasbaque  
Em contos pueris! Dos Gregos todos  
Seja ele só, que do ameaçado p'rigo  
Se descuide! Clamai: – *Que fez Filipe!*»  
Espertou-se c'o Apólogo a assembleia;  
E ao que o Orador bem quis, se entregou toda.  
Logrou essa honra um rasgo só da Fábula.  
Vós sois de Atenas, todos; e ainda eu mesmo  
No instante, que em moral assim discorro,  
Contem-me *Pele d'asno*, extremo gosto  
Ouvindo-o tomarei. O Mundo é velho  
(Dizem) e eu creio, que inda diverti-lo  
Compete, como as Crianças se divertem.

## FÁBULA XXII

### *O Homem, e a Pulga*

COM importunos votos fatigamos  
Os Numes, por objectos, muitas vezes,  
Indignos, até de homens.  
Como, se adicto o Céu, sem sueto, fora  
Aos olhos fixos ter sobre nós todos;  
E que da mortal prole  
O mais minino deva azoar o Olimpo  
Por cada bagatela, e a cada instante;  
Nem que aí se tratara  
Da anciã guerra dos Gregos e Troianos.

Mordido um Zote, no ombro, duma pulga,  
Que do lençol nas pregas  
Se aposentou, gritava: «*Porque, oh! Hércules,  
Desta Hidra, que nos vem co'a Primavera,  
A Terra não purgaste?  
Que faz Jove, que, do alto dessas nuvens,  
Tal relé não destrue, e me não vinga?»*  
Apenaria todas  
Do Olimpo as Divindades, a que os raios,  
A que a Clava de Alcides lhe cometam,  
Para estourar a Pulga.

## FÁBULA XXIII

### *As Mulheres, e o Segredo*

**S**EGREDO! Nada há hi, que pese tanto.  
Levá-lo ao longe, oh quanto às Damas custa!  
Muitos homens sei eu, que neste ponto  
Mulheres são. Para tentar a sua,  
Certo Marido, ao lado dela, grita,  
Alta noite: «Que é isto! Oh Céus! Rasgaram-me.  
Pus um ovo.»

MULHER

«Pões ovos, Carlos?»

MARIDO

«Ei-lo,  
Fresco, e quentinho. Antónia, oh não o digas.  
Chamar-me-iam Galinha. Não boquejes.»  
No caso, como em muitos outros, nova  
Creu o feito, e fez juras mais de marca.  
(Que co'as sombras da noite esvaneceram.)  
Mal raia o dia, a linguaruda Esposa,  
Se ergue, corre, e vai ter com a Vizinha.

MULHER

«Ai! Comadre... Não sabe o que sucede? »  
Se não me quer zurzida, oh não o diga.  
Pôs meu Marido um ovo... mas tamanho!  
Por Deus que tal segredo não divulgue.»

VIZINHA

«É zombar. Fui sempre arca eu de segredos.  
Não me conhece; vá mui descansada.»  
Mal volta à casa a Esposa do *Põe-ovos*,  
Que já ferve a vizinha a ir pôr a nova,  
E em mil lugares corre a assoalhá-la;  
Nem diz, que um ovo, diz que três pusera.  
Não stá hi tudo; outra Comadre conta  
À orelha, (inútil precaução!) pôs quatro.  
Favoneando a Fama a soma aos ovos,  
Tanto de boca, em boca foi medrando,  
Que já montava a um cento, ao pôr do dia.



## FÁBULA XXIV

### *O Cão, que leva em coleira o jantar de seu Dono*

À prova de beldade olhos não temos;  
Nem mãos à prova de ouro,  
Bem pouca gente, com leal disvelo,  
Guarda bem um tesouro.  
Certo Cão, que a ração trazia a casa,  
Do jantar de seu Dono  
Se fez coleira; e (em que pese ao apetite,  
Quando olha côdea fina)  
Se continha. Por cabo, comedia-se.  
E nós?.. Com todos falo,  
Deixamo-nos tentar do bem, que vemos.  
Aos Cães... (É cousa estranha!)  
Se ensina a Temperança, e em vão aos Homens.  
Indo o Cão, co'esse arreio  
Sai-lhe um Mastim, que o tal jantar investe.  
Não teve todo o gáudio,  
Que esperou de primeiro. Que o Cão, pouca,  
(Por que melhor a salve  
Descarregado) a presa. É rija a bulha:  
Eis outros Cães, que acorrem;  
(Cães, que vivem de públicos precalços,  
Que pouco as taipas temem)  
O Cão, que contra todos se viu fraco,  
E o p'rito manifesto,  
Que a carne corre, quis seu quinhão nela.  
Tinha juízo: e disse-lhes  
«Paz, Senhores. Eu tiro o meu tassalho;  
Lograi-vos do restante.»  
Disse: e empolgou um naco, antes que os outros.  
Entram, a quem mais lestes,  
Mastim, e a mais canzoada, a tirar todos,  
E a dar festejo à pança.  
Que tomou cada qual quinhão no bolo.  
Debuxo-me aqui ver uma Cidade,  
Onde em poder da Câmara,  
Caíu dinheiro. O Presidente, e Becas  
Enchem papo: o mais destro  
Abre aos outros exemplo. É divertido  
Ver, como alimpam monte  
De dobras! E se algum de scrupuloso  
Por frívolas ideias,  
Põe cobro no ouro, ou diz o menor dito:  
Bem lhe mostram, que é tolo;  
Não lhe custa o render-se, e mui lampeiro,  
Lança o gadanho logo.

## FÁBULA XXV

### *O Faceto, e os Peixes*

**B**USCAM Facetos; e eu, por mim evito-os.  
Arte é, que quer, mais que outra, insigne mérito.  
Só para os néscios criou Deus ensossos  
Tendeiros de pilhérias. Numa Fábula  
Aí meto um. Talvez também, que julguem,  
Que sai bem do empenho.  
Certo Faceto, à mesa dum Ricaço.  
Via no prato seu só cagarria;  
Peixe grosso ia longe.  
Pega pois no miuçalho, (e arremedando  
Falar-lhe ó ouvido) logo põe à escuta  
O ouvido próprio, a receber resposta.  
Pasmam todos, e os ânimos suspendem-se-lhes,  
Té que o Faceto diz, com tom de siso:  
«Temo que um meu Amigo naufragasse  
Na Carreira da Índia;  
Quero destes peixinhos informar-me;  
E respondem, que, sendo tão Crianças  
Nada sabem do antigo; que os chorudos  
Mo dirão. Ser-me-á, Senhores, lícito  
Que o pergunte a algum grande?»  
Dizer, se a graça aprouve à Companhia,  
Duvido. Mas, por fim, pode empenhá-los  
A mandar-lhe uma posta  
Dum Monstro, que por velho, lhe daria  
Razão de quantos buscam  
Desconhecidos Mundos,  
E nunca mais voltaram;  
E que, há cem anos, lá no abismo viram  
Os Anciões do amplo Império.

## FÁBULA XXVI

### *O Rato, e a Ostra*

ERA hóspede dum campo, um certo Rato,  
Rato de pouco siso;  
Que, um dia, se enfatiou dos pátrios Lares.  
Campo, e grão, e gavela,  
E toca deixa tudo, e vai dar volta ao Mundo.  
Mal sai fora do alvergue:

RATO

«Que grande! Que espaçoso é o Universo!  
Ei-los os Apeninos!  
Ei-lo o Cáucaso!» E a menor Toupeirempola;  
Era a seus olhos monte.  
Chega o Viandante (a cabo de alguns dias)  
Ao país, em que Tétis  
Deixara, pela praia, muitas Ostras,  
Quando as viu o tal Rato,  
(De intróito), as julgou Naus de alto bordo.

RATO

«Meu Pai era um pobre homem;  
Nunca ousou de medroso, correr terras.  
Eu que o salgado Império  
Vi já, palmeei sertões, sem beber neles.»  
Dum Mestre-scola Aldeano  
Tão guapas cousas aprendera o Rato;  
Que a troxe-moxe enfiava;  
Por não ser desses Ratos, que roendo  
Livros, se fazem sábios  
Até à dentuça. Uma Ostra, entre as mais todas  
Que eram fechadas, uma  
Viu bocejar ao Sol, e regalar-se  
Co'as meiguices do Zéfiro.  
Tomava ar, respirava, espanejando-se;  
Gorda, alva, e à vista de olhos,  
De sabor sem igual. Mal, que de longe  
Vê a Ostra, e seu bocejo:

RATO

«Que avisto! Se eu não erro, o comezinho  
Da cor dá ali bom pasto:  
Faço hoje, (ou nunca a faço) boa chira. [xxx]»  
E nisto, Misser Rato  
Todo esperanças lindas, chega à casca,

Alonga um tanto o colo.  
Eis, que a Ostra o colhe, e na alçaprema o aperta,  
Precalços da Ignorância!  
Mais lições que uma, cabem nesta fábula.  
*Primo*, vemos, que aqueles,  
Que nenhuma experiência têm do Mundo,  
Da menor cousa pasmam;  
Seja a lição segunda, que o que cuida  
Colher, esse é o colhido.

## FÁBULA XXVII

### *O Urso, e o Curioso de Jardins*

UM Urso montanhês, semi-lambido,  
Que a sorte em brenhas ermas confinara,  
Novo Belerofonte, só, e oculto  
Vivendo, endoudecera. De ordinário  
Em gentes que do Mundo se sequestram,  
Mui longos prazos, a Razão não mora.  
Falar é bom – melhor inda é calar-se.  
Lá, nenhum animal negócios tinha  
No sítio, em que morava; em modo, que o Urso,  
E mui Urso entrava já a enojar-se  
De tão tristonha vida. E ora, enquanto ele  
Se dava a tal tristura, de seu cabo,  
Um velho seu vizinho enojos tinha.  
Antífite de Flora, e de Pomona  
Ama os frutos tão bem como ama as flores.  
São dous empregos bons; mas eu quisera-lhe  
Brando, e discreto Amigo. Os Jardins falam  
Pouco, excepto aqui, neste meu livro.  
Enjoado de viver com gente muda,  
Põe-se em campo, certa manhã este homem,  
Vai buscar companhia. Ora impelido  
De intento igual, deixara as brenhas o Urso.  
Ei-los, que ambos se encontram (caso estranho).  
Num volteio da brenha. Ei-lo o Home' em sustos.  
Como lhe há de escapar? Porque Arte ou manha?  
Saíu, como um Gascão: valeu-lhe a treta;  
Soube o susto encobrir. O Urso, que é (de uso)  
Soez cumprimenteiro, diz-lhe a secas:  
«Vem-me ver.» – «Meu senhor (respondeu-lhe o Homem)  
Minha Casa é além. Se me quisesse  
Fazer tanta honra, que aceitasse nela  
Um jantar camponês de Leite, e Frutas...  
Não é, talvez, dos Ursos Nós-Senhores  
Comida usual; mas o que eu tenho of'reço.»  
O Urso lho aceita, e amigos francos, partem.  
Amigos, e antes já que a casa cheguem  
Ei-los ambos já bem, ei-los chegados.  
Por mais bem, que se veja (ao que parece)  
Mais val só, que viver com gente tola.  
Não dava o Urso dous verbos, em vinte horas;  
E dar-se o Homem podia a seus labores.  
O Urso ia à caça, e co'ela o regalava:  
E como era também bom Caça-moscas,  
Quando o Amigo dormia, lhe enxotava  
Do rosto, esse Animal mui parasito,  
Que apelidamos Mosca. Em certo dia,

Que alto dormia o velho, veio a Mosca,  
Na ponta do nariz aposentar-se-lhe.  
Desespera-se o Urso: enxota-a... (Irrório).

#### URSO

«Aguarda; sou contigo.» E dito, e feito  
O fiel Caça-moscas um seixo empolga,  
E rijo lho arremessa. Esborrachando  
A cabeça do Velho, esmaga a Mosca:  
E tão mau razoador quão bom Besteiro,  
Calmou c'o ele no chão, morto, e bem morto.  
Nada há mais arriscado, que um amigo  
Ignorante; mais val douto inimigo.

## FÁBULA XXVIII

### *Os dous Amigos*

VIVIAM dous Amigos,  
No Monomotapa; Um não possuía  
Cousa, que não tocasse  
Iguamente ao Amigo. Os desse Império  
(Dizem que) os nossos valem.  
Uma noite, em que rédeas davam ambos  
Ao sono, e a tirar lucros  
Das ausências do Sol, um dos Amigos  
Sai da cama assustado  
Corre ao cordial Amigo, acorda servos  
(Morfeu tocado às portas  
Tinha do tal solar. ) O Amigo espanta-se;  
Ergue-se, toma a bolsa,  
Arma-se, e vem ter co'outro. Diz-lhe: «É raro  
Nesta hora, em que se dorme,  
Correrdes vós! Vós tendes visos de homem  
Que entende melhor uso  
Fazer do tempo, que foi dado ao somo.  
Perdestes, por acaso,  
Vosso dinheiro ao jogo? aí stá dinheiro.  
Nalguma briga entrastes?  
Trago esta espada; vamos. Dá-vos tédio  
Contínuo só dormires?  
Stava a meu lado uma assaz bela Escrava.  
Quereis vós, que eu a chame?»  
«Nada tal me atormenta (disse o Amigo),  
Sou grato ao zelo vosso.  
Em sonhos vos vi turvo, e entristecido;  
Receoso, que assim fosse,  
Corri presto. O maldito sonho é a causa.»

Leitor, qual te parece,  
Que melhor ama, desses dous Amigos?  
Dificuldade é esta,  
Que bem val, que a proponham. Linda cousa  
É um verdadeiro Amigo,  
Que no seio da alma scruta o que faz falta;  
E que te forra o pejo  
De lho apontares tu! Um sonho, um nada  
O estremece, e o assusta,  
Quando se trata do que mais estima.

## FÁBULA XXIX

### *O Porco, a Cabra, e o Capado*

NUM carro iam montados, para a feira  
Cabra, Capado, e Porco a ser vendidos  
(Diz a História) e não a diverti-los;  
Que não tinha o Carreiro  
Intenção de levá-los à Comédia.  
Grunhia Dom Cochino, pela estrada;  
Bem que cem Magarefes o acozassem.  
Gritava – a strugir surdos.  
Os outros Animais, criaturas mansas,  
Boas gentes pasmavam de tais prantos;  
Nada vêem que os assuste. O Carreiro  
Diz agastado ao Porco:  
«De que te queixas, de que assim me aturdes?  
Porque te não tens quedo? Mais honrados  
Que tu, deveram esses dous fulanos  
Dar-te civil doutrina:  
Ensinar a calar-te, ao menos. Olha  
Esse Capado. Sola ele um só verbo?  
É sisudo.»

PORCO

«É um tolo. Se soubesse  
O que o spera, gritara  
Como eu, com toda a força das goelas.  
A outra honrada pessoa dera berros,  
A abrir-se do toutiço; persuadidas,  
Que vão desonerá-las,  
Capado da lã, do leite a Cabra.  
Não sei se têm razão. Quanto ao meu fardo,  
Que a comer é só bom. Hei certa a morte.  
Adeus, casa, e pocilga.»  
Discorria subtil o Dom Cochino.  
Que lhe valeu? O Mal, quando ele é certo,  
Prantos não torcem Fados. Ver mui longe,  
Nem sempre é de mais siso.



## FÁBULA XXX

### *Tirso, e Amarilis*

**P**OR me dar a Bocácio, todo inteiro,  
Tinha eu deixado a Esopo,  
Mas certo Númen quer ver, sobre o Pindo,  
De minha lavra Fábulas.  
Ora ir-lhe dizer – *Não*, – sem valiosa  
Desculpa, não é o uso,  
Que c’os Númens se tem, mormente, quando  
São das que, por formosas,  
O ceptro embutiam do alvedrio nosso.  
Sillery, (o arcano rasgo)  
É quem, por fim, se empenha, a que de novo  
Misser Lobo, Misser Corvo  
Faça eu, que, em verso falem. Quem nomeia  
Sillery, disse tudo.  
Poucos, em sua estima, lhe denegam  
O posto mais subido.  
Denegar-lho quem pode? Para entrarmos  
No ponto, que ora importa,  
Diz, (que a seu ver) meus Contos são escuros;  
Que não compreendem tudo,  
Os Bem-falantes. Demos narrativas,  
Que ela, sem glosa, alcance.  
Venham Zagais: Depois versejaremos  
Ditos de Anhos e Lobos.  
A Amarilis dizia, um dia, Tirso:  
«Se como eu, conheceras,  
Certo mal, que nos praz, que nos encanta!  
Nada há, que igual lhe seja,  
De quanto cobre o Sol. Crê-me; e consente  
Em que eu to comunique.  
Tens medo, que eu te engane? Eu, que me esmero  
Em sentir na alma, quanto  
Há Amor de mais leal?»

AMARILIS

«E com que nome  
Mo denotas?»

TIRSO

«Amor.»

AMARILIS

«Que lindo nome! E eu conhecê-lo

Por quais sinais o posso?  
Como se sente?»

TIRSO

«Mágoas dá tão doces,  
Que o prazer dos Monarcas  
É ensosso, e enfastiado, à vista dele.  
De si mesma esquecida,  
Compraz-se a alma, na solidão dos bosques.  
Se te olhas, num ribeiro,  
Não és tu, quem lá vê; é certa imagem  
Que sempre te aparece,  
E segue, em toda a parte. Nem tens olhos,  
Que, no de mais, empregues.  
Na Aldeia há um Zagal, que só de vê-lo,  
De ouvi-lo, ao rosto, cores  
Te faz subir: suspiras, mal te lembra,  
Sem que o motivo alcances.  
Suspiras vê-lo; e ao vê-lo te intimidas,  
Bem que o desejes muito.»

AMARILIS

«E esse é o Mal, que tanto me encareces?  
Não m' é novo; antes creio,  
Que o conheço.» Por si o tomou Tirso;  
Mas eis que a Guapa ajunta:  
«É o que eu por Dafnis sinto.» Morreu quasi  
De pejo, e de iras Tirso.  
Muitos há, como Tirso: assopram fogo, lume  
A que outros vêm quentar-se.

## FÁBULA XXXI

### *As Exéquias da Leoa*

MORREU ao Leão a Esposa; e acorrem todos  
A dar a El Rei os pêsames; que acréscimos  
Põem sobre a dor. Avisam-se as Províncias,  
Que em tal sítio, em tal dia,  
Exéquias se farão. Os Mestres-salas  
Se acharão lá, que o enterro em ordem ponham,  
Que a comitiva arrumem. Ninguém falha  
Ali; podeis julgá-lo.  
Gritos soltava o Príncipe que estrugem  
A furna (nem Leões têm outro Templo.)  
Ouviu-se, a exemplo dele, em seu vasconço  
Os Cortesãos rugirem.  
Defino a Corte, cena, em que Pessoas  
Ledas, tristes, e a tudo indiferentes,  
A quanto apraz ao Príncipe, estão prontas;  
E se obrá-lo é difícil,  
Forcejam parecê-lo. São um Povo  
Cameleão, Macaco de seus Amos;  
Mil corpos cuidas ver, que uma alma anima.  
Lá é, que a gente é máquina.  
Para tornarmos pois ao nosso ponto;  
O Veado não chorou. Que tinha a Rainha  
Esganado-lhe a Esposa, o Filho. A Morte  
Lhe seca o pranto, e o vinga.  
Corre, a dizê-lo, um lisonjeiro, e afirma  
Que o vira rir. Diz Salomão que a cólera  
Dum Rei é horrenda, e em Rei Leão desbanca,  
(Não leu tal texto o Veado.)  
Diz-lhe El Rei: «Nossos flébilis gemidos  
Não segues? tu, bronco hóspede das selvas?  
Não mancharei nos teus Profanos membros  
Minhas sagradas unhas.  
Lobos, vingai a Rainha, imolai todos  
Esse traidor, aos seus augustos Manes.»

VEADO

«Passou, Senhor, das lágrimas o prazo,  
E a dor ora é supérflua.  
Daqui não longe, eu vi a vossa Esposa,  
Numa cama de flores. Conheci-a;  
E me disse: *Não vás derramar prantos,  
Em meu enterramento;*  
*Pois que aos Deuses me vou. Já, nos Elísios,  
Gozei de mil encantos, conversando,  
Co's que, como eu, são Divos. Obrar deixa  
N'El Rei, por algum tempo,*

*O desespero seu, que me contenta.»*  
Mal que acabou, – «Milagre» – (todos gritam)  
Apoteose. Bem fora de castigo,  
    Teve um presente o Veado.  
Passatempei os Reis, lisonjeai-os  
Com sonhos, com mentiras aprazíveis:  
Bem que iras volvam na alma, bebem o ópio;  
    E os tendes por amigos.

## FÁBULA XXXII

### *O Rato, e o Elefante*

É mui trivial, em França,  
Ter-se em conta de grande personagem,  
Crer-se homem de importância,  
Sem ser mais que um Burguês, o mais das vezes;  
É o mal francês em chefe;  
Que é nosso lote a louca vaidade.  
É vã de Espanha a gente,  
Dum certo modo; e o seu orgulho inclina  
Mais a doudo, que a tolo.  
Do nosso, que val (certo!) qualquer outro,  
Demos alguma ideia.  
Um dos Ratinhos mais miúdos, vendo  
Elefante grandíssimo;  
Do andar ronceiro da fadiga besta  
Motejava; e dizia:  
«Vai, como em procissão.» Que bem levava  
O animal de três altos  
Guapa Sultana, e o seu Cãozinho e o Gato,  
E o Papagaio e a Mona,  
E a Velha e a Casa inteira; que iam todos  
De romage. O Ratinho  
Pasmava, que atentasse a gente, a verem  
Essa enorme bisarma.  
Como, se o ocupar mais, ou menos área,  
Avulte em importância.

#### RATINHO

«Que é o que em tal corpanzil, vos pasma, oh Homens ?  
Que faz coco às crianças?  
Pequenos somos, sem nos prezar menos  
Um ceutil, que Elefantes.»  
Inda ele mais dissera: mas um Gato  
Que safu de gaiola,  
Lhe demonstrou, em menos dum momento,  
Que corre gran diferença  
Entre o elefante, e um mínimo Ratinho.

## FÁBULA XXXIII

### O Horóscopo

BEM vezes, pela via, que tomamos,  
Para escapar à nossa sina, nessa  
Com ela deparamos.  
Um Pai, que um Filho só, por tudo, teve,  
E a quem sobejo amou, foi tanto avante,  
Que sobre os filiais Fados,  
Consultou, quantos dizem *buena dicha*.  
Disse-lhe um, que seu Filho preservasse  
De Leões, até os vinte anos.  
Vinte anos, e não mais. Porque lhe surta  
Cautela, em que do Filho tão querido  
Livrava a vida, tolhe  
Que os pés lhe deixem pôr, fora da porta.  
Que brinque e encha à vontade o dia todo;  
Mas da porta não saia.  
C'os Camaradas seus, que salte, e corra;  
Que passeie. Quando apontou a idade,  
Em que o caçar contenta  
Ideias juvenis, esse exercício  
Retratado lhe foi com menosprezo.  
Mas, por mais que aí lidem,  
Insinuações, conselhos, nem doutrinas  
Não mudam naturais. Des-socegado  
Ardente, cheio de ânimos,  
Mal da idade o fervor sente esse Moço,  
Por tal prazer anela. Quanto o empecem,  
Tanto lhe arde o desejo.  
Da defesa fatal sabia a causa;  
E estando as casas cheias, e magníficas  
Em quadros, em tecidos  
Onde os pincéis, e as lãs tinham sem conto  
Traçado nos salões, países, caças,  
Personagens, e Feras;  
Viu o Moço um Leão pintado, e eis brama  
Agastado: «E tu és, quem tens a culpa  
De eu viver sempre à sombra,  
E nestes cepos?» Disse; e todo entregue  
Aos assomos violentos da ira, um punho  
Calma na inóxia fera.  
Dá num prego espinhado na parede,  
Trás do pano de raz, que o fere e lhe entra  
Até o âmago da alma.  
Fez a Arte de Esculápio quanto pode;  
Mas a cara cabeça achou seu brete,  
Nesses mesmos disvelos,  
Pela salvar tomados. Tal cautela

Nos dizem, que empecera a Ésquiles vate,  
A quem ameaçara  
Co'a queda duma Casa um Adivinho.  
Deixou logo a Cidade, é em campo aprico,  
Pôs leito, além de telhas.  
Voando uma Águia, c'uma Tartaruga  
Empolgada, ao passar, deu fé dum Homem  
Cuja cabeça calva  
Seixo se lhe antolhou; e a casca à preia  
Querendo-a ali quebrar, cair a deixa.  
Aos dias seus tal cabo  
O triste Ésquiles deu. Destes exemplos  
Que nos resulta em suma? Que, se é certa  
Tal Arte, ela nos transes  
Que ao consultante assustam lhe dá queda.  
Por falsa a dou, e faço-lhe justiça;  
Nem creio, que Natura  
Se atou as mãos, ou quis atar as nossas.  
Nem lá nos Céus se estampe a nossa sina.  
De certas conjunturas,  
De lugares, de tempo, de pessoas,  
Depende, e não das Conjunções, que alegam  
Quantos Charlatães haja.  
Nasce o Rei, e o Pastor sob um Planeta;  
Do Cajado trava um, o outro do ceptro;  
Que assim o arbitrou Jove.  
E Jove, que é? Um corpo sem sentido.  
Porque influi nos dous, com tal dif'rença?  
Como penetra Jove  
Até nós, através de Oceâneos ares,  
E de Marte, e do Sol, do Vácuo imenso,  
Desviar-lhe o influxo um átomo  
Pode na estrada: e então, Horoscopistas,  
Onde ireis dar c'ó influxo? O actual stado,  
Em que vemos a Europa,  
Merece, no menos, que eles o antevissessem;  
E por que o não disseram? Nenhum o soube.  
Por seu imenso longe,  
Seu ponto, e seu veloz, por paixões nossas,  
Pode esse fraco influxo inspirar todas  
Quantas acções obramos?  
Pender do influxo a arte nossa! O curso  
Entre-seguido seu vai, como o nosso  
A sempre iguais passadas?  
Querer os tais riscar-nos c'um compasso  
Da nossa vida o curso! Oh não nos prendam  
Dous factos duvidosos,  
Que acabei de contar. Ao nosso caso  
Nada o mui caro Filho faz, nem Ésquiles  
Mui boa criatura.  
Que cega, como ela é, e Arte enganosa  
Uma vez, entre mil acerta no alvo,  
Por efeitos do Acaso.

## FÁBULA XXXIV

### *O Burro, e o Cão*

É Lei da Natureza  
Que nos entre-ajudemos.  
Contudo, em certo dia,  
Dessa lei zombou o Asno.  
Gravemente indo andando,  
C'o Cão, por companheiro,  
Seguia o Dono de ambos,  
Sem o menor cuidado.  
Este a dormir se encosta,  
Põe-se a pastar o Burro,  
Pois que se achou num prado  
Com erva de seu gosto.  
Nesse *interim* só cardos  
Para o debique faltam.  
Nem sempre é bom que um Burro  
Tão delicado seja,  
Que se esse manjar falha  
Lhe não medre o banquete.  
Mas essa vez, nosso Asno  
Não quis ser tão perluxo.  
O Cão, que se finava  
De fome, diz ao Burro:  
«Querido Companheiro,  
Abaixa-te um pouquinho,  
Porque eu, do pão, na cesta,  
A minha ração tome.»  
Resposta ao Cão?... Nenhuma:  
Da Arcádia o Rossinante  
Fez longo tempo aos rogos  
De Mercador ouvidos;  
Que, se um instante perde,  
Crê, que perde dentada.  
Mas por cabo responde:  
«Eu te aconselho, Amigo  
Que esperes, que noss'Amo  
Ponha a seu sono termo.  
Tens certa, mal que acorde,  
Tua pitação usada,  
Nem tardará, que esperte.»  
Nesse em tanto, dos bosques  
Sai, e vem lá um Lobo.  
(Outro esfaimado bruto)  
Pede ao Cão, que lhe acuda  
O tal Burro; mas ele,  
Sem se mover, retruca:  
«Eu te aconselho, Amigo,



Que fuja entretanto,  
Que noss'Amo desperte:  
Não tardes, corre, abala.  
E se te alcança o Lobo,  
Tens ferraduras novas,  
Estronca-lhe as queixadas.»  
Entre tão guapos ditos  
Dom Lobo, ao Burro esgana,  
Sem remissão. – Concluo  
Que é bem entre-ajudar-se.

## FÁBULA XXXV

### *O Baxá, e o Mercador*

UM Mercador fazia em certo sítio  
Seu comércio, e pagava  
Como a Baxás é dado, o auxílio, e esteio  
Que do Baxá lhe vinha.  
É um Protector caríssima fazenda!  
Do mui caro que ela era  
Se lastimava a toda a gente o Grego.  
Ofrecer-lhe vieram  
Seu amparo comum três outros Turcos  
De poder mais miúdo;  
Mas mais somenos gratidão pediam,  
Que lhe o Baxá custava.  
Ouve-os o Grego, e co'eles se contrata.  
Soube-o o Baxá de plano.  
Té lhe disseram, que alto logro lhe arme,  
Prevenindo-os, e enviando-os,  
Rumo do Paraíso, c'um recado  
(Sem tardar) a Mafoma.  
«Olha, que unidos hão-de prevenir-te,  
Se os não prevines. Certo,  
Que te rodeiam gentes sempre alerta  
Em vingar-se. Um veneno  
(Dizem) te mandará lá, no outro Mundo,  
Proteger Mercadores.»  
Como Alexandre, se houve, co'este aviso  
O Turco. Em direitura  
Cheio de confiança sai, e busca  
O Mercador, em casa.  
E, posto à mesa, o viram tão seguro  
No gesto, e no discurso,  
Que julgaram, que nada suspeitava.  
«Eu sei, Amigo (disse)  
Que me deixas: e uns certos conseguintes  
Querem mesmo que eu tema.  
Creio-te homem de bem; nem me tens cara  
De quem dá beberagens.  
Mais não digo. Essas gentes, que prometem  
Dar-te apoio... Hás-de ouvir-me,  
Sem arengas, ou falas, que te enojem  
Contar-te eu este Apólogo.»

Tinha um Pastor um Cão, tinha um Rebanho.  
Houve quem perguntasse,  
De que lhe serve um Cão, que um pão inteiro  
Engole cada dia?  
Devera esse animal, mui lindamente,

Dá-lo ao Senhor da Aldeia;  
E o Pastor (por poupar) ter três Cachorros  
Que despendendo menos,  
Melhor, que um só Mastim guardem o gado.  
*Mais do que os três comia:*  
Mas na triple dentuça não falavam,  
Com que renhia os Lobos.  
Desfez-se o Pastor dele, e três Cães toma  
De pitaça mais curta;  
Mas, que a brigas se escoam. Sente-o o Gado.  
E tu, tens de senti-lo;  
Que tal canalha escolhes. Se bem fazes,  
Tens de inda a mim volveres.»  
O Grego assim o creu. Por fim de contas,  
Províncias, mais vos vale  
De boa fé confiar-vos e amparar-vos  
Monarca poderoso  
Que tomar por esteio muitos Príncipes  
De Estados diminutos.

## FÁBULA XXXVI

### *A Vantagem do Saber*

TIVERAM grão debate,  
Numa certa Cidade, dous Burgueses;  
Pobre, mas sábio um deles,  
O outro tanto ignorante, quanto rico.  
Levar lampas ao pobre  
Ele julgava; e tinha, que era dívida  
Dar-lhe honra todo o sábio,  
(Quer dizer) todo o Tolo. Que respeito  
Caber pode a riquezas,  
Quando méritos falham? Razão fraca!  
(Segundo meu conceito)  
«Meu Amigo, por homem de alto porte  
(Dizia muitas vezes  
O Rico ao Sábio) julgas-te; mas dize-me:  
Dás lauta mesa? Aos vossos  
Semelhantes que val ler de contínuo?  
Morais junto aos telhados,  
Em Junho vos vestis, como em Dezembro;  
Do vosso corpo é a sombra  
Vosso lacaio. Credes faça  
Grão caso uma República  
De quem pouco despende? Eu, só por homem  
Necessário no Mundo,  
Tenho quem, com seu luxo, esparge dobras,  
Como (Deus sabe) eu uso.  
Ocupo Oficiais e Mercadores  
Em me lograr da vida;  
E à que a saia coseu, e a quem a veste.  
Aos Milords dinheirosos  
Ruins Livros dedicais, sobejo pagos.»  
Bem merecida sorte!  
Deu castigo a convícios insolentes.  
Assaz que dizer tinha,  
Mas nada o sábio disse. Veio Guerra,  
Que o vingou mais, que Sátiras,  
Que o sítio, em que moravam, deixou raso.  
Da Cidade ambos saem.  
Em vez de asilo o Néscio achou desprezos:  
Por toda a parte o Sábio  
Favores recebia, um após outro.  
Findou co'isso o debate.  
Falai, Tolos; Ciência é de valia.

## FÁBULA XXXVII

### *Júpiter, e os Trovões*

OLHANDO Jove, um dia as nossas culpas,  
Diz, lá do alto dos ares: «Povoemos  
De hóspedes novos as partidas do Orbe,  
Que ora essa raça habita; que me cansa,  
E me importuna. Vai, Mercúrio, ao Tártaro,  
Traze-me a Fúria mais cruel de todas.  
Prole, que eu tanto amei! Tu, desta feita,  
Fenecerás.» Assomo foi, que Jove  
Não tardou de aplacar. – Oh vós, Monarcas:  
Que ele árbitros criou da sorte nossa,  
Deixai, entre a ira, e entre a sequaz tormenta,  
Duma noite o intervalo. O Deus alígero  
Suaviloquente vai-se às Irmãs fuscas,  
A Megera, e Tisífone prefere  
(Dizem) a Alecto ímpia. Entufa-a a escolha  
De orgulho tal, que, por Plutão jurava,  
Toda a humana relé pôr dos domínios  
Das divindades das Tartáreas furnas.  
Jove, às juras da Euménide, não cede.  
Despede-a e vibra súbito um corisco  
Contra esse Povo infido. O Raio, tendo  
Por guia o Pai dos mesmos, que os seus lumes  
Ameaçam, se cifra em lhes dar susto;  
Queimando o âmbito só dum ermo inóspito.  
Dão golpe em falso os Pais. E qual resulta  
Deu de si? Tomou pé dessa indulgência  
Nossa relé. Queixou-se o Olimpo inteiro.  
O ajunta nuvens Jove lhes promete  
E jura pelo Stix, que formaria  
(Fiquem certos) inda outras trovoadas.  
Sorriram-se, e – *És seu Pai* – (os Numes dizem )  
*Consente, por melhor, que um de nós outros*  
*Fabrique essas trovões.* – Vulcano o empreende;  
Enche as forjas, compõe bifários raios.  
Um que nunca se esgarra; esse é o que o Olimpo,  
Em junta, cá nos manda; o outro trasvia:  
(Lá o pagam montes) e se perde às vezes.  
Só esse último, a nós, Jove arremessa.

## FÁBULA XXXVIII

### O Falcão, e o Capão

TRAI DORA voz, nos chama assaz de vezes.

Não te aferventes. Oh que não foi tolo  
De João Nivelle o Cão. Dai-me ora crédito.

Um Cidadão do Mans

Capão de sua argênciã, era citado

A vir comparecer

Ante os Lares do Dono

Ao pé dum Tribunal, *fogão* chamado.

Por disfarçar o caso

Toda a gente o careava: – *Pio, Pio*.

Mas o Normão-e-meio,

Tão pouco, em tal se fia,

Que os deixa bem piar; e só lhes rosna:

«Sou seu moço: esse engodo é mui grosseiro

Com ele não me apanham:

E os porquês cá os sei.» Um Falcão via,

Da alcandora, o do Mans, ir de fugida.

Ou lhes venha de instinto, ou de experiência,

Têm os Capões, em nós confiança pouca.

Na Noite, que seguia

Colhido o tal, com custo, entrar devia,

Mui à larga num prato, em lauta ceia:

(Honra, de que o Capão se dispensara)

Diz-lhe a Ave caçadora:

«Muito me pasma o teu juízo curto.

Capões são ruim relé; são gente bronca,

Sem cachimónia, ineptos para estudos.

Eu sei caçar; volver a apitos do Amo.

Não o vês à janela, que te chama,

Que te espera? És tu surdo?»

#### CAPÃO

«Oh que eu bem ouço.

Que quer ele dizer-me?

E o guapo Cozinheiro

Que o facalhão empunha

São engodos, que empenhem, que eu lá volte?

Fugir me deixa, e aos risos teus põe termo,

De que indócil me vês, de que me escapo,

Quando, com voz mimosa assim me chamam.

Se pôr no espeto viras

Falcões, um dia, e outro,

Como eu pôr Capões vejo,

Nunca assim me arguiras, como o fazes.»

## FÁBULA XXXIX

### *O Gato, e o Rato*

QUATRO Animais diversos,  
O Gato grama-queijo,  
O Mocho, Ave tristi-feia,  
Doninha talhi-longa  
E o Rato-trinca-malha,  
Frequentavam o tronco  
Assalvado, e podre,  
E velho, dum Pinheiro,  
E tanto o frequentaram,  
Que um Homem, certa noite  
Em torno dele as redes  
Estendeu. Sai o Gato,  
De madrugada, à caça.  
Como as relíquias últimas  
Das sombras lhe tolhiam  
Ver a rede, cai nela,  
Ei-lo em p'riço de morte!  
Grita: vem logo o Rato.  
Um, mui desesperado;  
O outro, folgando muito,  
De ver nos laços preso  
Seu mortal inimigo,  
Disse-lhe o triste Gato:  
«Caro Amigo, os penhores  
Da tua bem querença,  
Em meu pró, são frequentes,  
Vem-me ajudar; que eu saia  
Da trempe, em que ignorante  
Caí. Por bom direito,  
Com singular efeito,  
Entre os teus todos, sempre  
Te preservei! que te amo,  
Como olhos meus. Nem disso  
Me pesa. A Deus dou graças;  
E agora ia eu rezar-lhe,  
Como insta a todo o Gato  
Devoto, as manhãs todas  
Fazer. Tais nós me prendem:  
Vem quebrar-me estas malhas,  
Tens nas mãos minha vida.»

RATO

«Que prémio é o que me espera?»

GATO

«Jurar-te aliança eterna;  
Dar toda a segurança;  
Dispõe das minhas unhas:  
Por ti, e contra todos  
Empenho o meu amparo.  
Comerei a Doninha,  
Mais a mulher do Mocho,  
Que ambas mui mal te querem.»

RATO

«Como és tolo! Eu soltar-te!  
Assim seria eu asno!»  
Volve-se ao seu cubículo,  
Que é ao pé da Doninha;  
Trepas mais alto o Rato,  
E dá c'o Mocho. P'rigos  
Em toda a parte encontra.  
O mais instante o vence.  
Ao Gato o Trinca-malhas  
Desce, e se ajeita em modo  
Que trinca um nó, trinca outro,  
Trinca tantos, que a cabo  
Desempecilha o Hipócrita.  
Nisto aparece o Homem;  
Fogem os dous Aliados.  
Passam tempos. Vê o Gato  
De longe o Rato alerta,  
Bem que afastado; e diz-lhe  
«Vem-me beijar; vem Mano;  
Me ofende o teu receio,  
Como inimigo olhares  
O teu aliado! Cuidas  
Que me esquece dever-te,  
De Deus abaixo, a vida?»

RATO

«Cuidas, que eu do teu génio  
Me esqueço? Há hi tratado,  
Que a nenhum Gato obrigue  
A ser agradecido!  
Eu fincapé, na aliança,  
Que armou necessidade!»



## FÁBULA XL

### *A Torrente, e o Rio*

COM gran levada, e atropelado ruído,  
Dos montes despenhada uma Torrente,  
Tudo ante ela fugia.  
Vinha traz ela o Horror; estremeciam  
C'ó fragor dela os Campos. Não ousavam  
Transpor os Viandantes  
Tão possante barreira. Um só, que vira  
Ladrões, posto em tal transe, pôs em meio  
Essas minaces ondas  
Entre eles, e entre si. O tal amigo  
Tomou sustos em vão. Ameaços, ruído,  
Sem profundez, só eram.  
Dali saindo bem, cobrou coragem;  
Tanto mais, que os Ladrões lhe vêm no alcance.  
Eis que encontra c'um Rio  
Que deslizando plácido e pelúcido  
Parecia dormir. Cuidou ser fácil  
De o vadear, sem risco.  
Não lhe viu alcantiz; antes as margens,  
De fina, e limpa areia o empenham, que entre  
Ele e mais o Cavallo.  
Dos Ladrões se salvou; não de ondas negras:  
Que ambos do Stix beberam. Disgraçados  
Na sua nadadura,  
Té o Reino tenebroso mergulharam;  
Onde outros Rios, vários destes nossos,  
Ambos atravessaram.  
Gente mansinha, que não faz ruído,  
É gente perigosa. A que estrondeia  
Não é de tanto p'rigo.

## FÁBULA XLX

### *A Educação*

**R**AMALHO, e César, Cães irmãos, provindos  
De Cães famosos, belos, e atrevidos,  
Bem talhados, dous Donos sortearam  
Diversos; um folgava em correr matos,  
Outro em ir à cozinha. Ambos outrora  
Tinham dif'rente nome: os alimentos  
Fortificaram num a feliz índole;  
E a corromperam no outro. O nome a este  
Pôs de *Ramallo* o Bicho da cozinha.  
Mas seu Irmão, que muita árdua façanha  
Concluiu, que pôs muito Corso às últimas,  
Filou muito Javardo, foi um César,  
César primeiro da canina gente.  
Disvelo foi do Dono pôr estorvos,  
Que haja, de indigna Amante, prole César;  
Que dos Avós desminta o nobre sangue.  
Por descuidos, Ramallo, o seu afeito  
Inculcando a vulgares cadelonas,  
De gozos (relé sua) povoou tudo.  
Fez triviais em França, os Vira-espetos.  
Antípodas dos Césares, à parte  
Fazem rancho, e são gente foge-p'rigos.  
Nem sempre a Avós, nem sempre ao Pai seguimos.  
Descai tudo c'ó tempo, c'ó descuido,  
Se os seus dons, se a Natura não cultivas.  
Oh quantos nobres Césares  
Virão, c'ó tempo a serem vis Ramalhos!

## FÁBULA XLII

### *Os dous Cães, e o Burro morto*

**B**OM fora, que as Virtudes Irmãs fossem;  
Como Irmãos são os Vícios.  
Dês-que um deles se apossa de nossa alma,  
Vêm todos mais, em fio!  
Não falha um só. Dos que não são contrários  
Entre si, poder juntos  
Morar no mesmo alvergue, é que eu o entendo.  
Quanto às Virtudes, vemo-las  
Todas, bem raro, ter pouso eminente  
Num só sujeito, e darem-se  
Sem despartir-se, as mãos, entre elas juntas.  
Assomado é o Valente,  
Frio o Cordato. O Cão, que se faz timbre  
De leal, e disvelado,  
Por seu Dono, é glutão, falha no siso:  
Por testemunha tomo  
Dous Mastins, que avistaram de bem longe,  
Boiando um Burro morto,  
Que o Vento mais e mais dos Cães desviava.

#### UM MASTIM

«Tu, que tens melhor vista  
Deita os olhos, por esse fundo pego,  
Que não sei que lá avisto.  
Boi? Cavalos?»

#### OUTRO MASTIM

«Vejo Animal,... que importa  
Com tanto que dê côdea!  
O havê-lo é o ponto: que a travessa é larga.  
E nadar contra o Vento?...  
Bebamos toda essa água. A goelas secas  
Fácil será esgotá-la.  
Posto esse corpo em seco, há hi pitança  
Para a semana toda.»  
Põem-se Cães a beber, té perder fôlego,  
Perder c'o fôlego a vida,  
Tanto assim, que em bebendo, arrebutaram.  
São dessa laia os homens;  
Desluzem-se-lhes d'alma os impossíveis.  
Se por algo se inflamam,  
Que passos, que não dão? votos não fazem!  
Excedem se a si mesmos,  
Por haver cabedais, adquirir fama.

*Se me arredondo o Reino...*  
*Se atulho de ouro os cofres. Se eu o Hebraico,*  
*Se as Ciências, e a História*  
*Aprendo... O mar beber tão fácil fora.*  
Nada aos homens lhe abasta.  
Para alvitres fartar, que a alma lhes pede,  
Quatro corpos é pouco;  
E, inda, em vez de bastar-lhes, ficariam  
Creio, que a meia estrada.  
Quatro Matusalém, que vidas suas  
Enfiassem umas noutras,  
Mal dariam vazão às vontadinhas,  
Que se erguem num só peito.

## FÁBULA XLIII

### *Demócrito, e os de Abdera*

QUANTO às ideias sempre odiei o Vulgo;  
Que o cri profano, e injusto,  
Temerário, que põe entre ele, e o objecto  
Falsa atmosfera, e mede  
O que nos outros vê, pelo seu côvado.  
Bem o aprendeu o Mestre  
De Epicuro, quando o creu doudo Abdera.  
Vede, que grandes néscios!  
Ninguém Profeta foi, na sua Pátria.  
Abdera é que era a douda;  
Demócrito o sisudo. E foi esse erro  
Tanto ao longe, que a Hipócrates  
Abdera o convidou, por Deputados,  
Por Cartas, e Embaixada,  
E chorando pediu-lhe, que viesse  
Compor do enfermo o siso.  
«Nosso grão Cidadão perde o juízo;  
Derrancou-lho a leitura.  
Nós, antes, ignorante o estimaríamos.  
Diz, que não há algarismo,  
Que dê cômputo aos Mundos. Dar-se-ia caso  
Que de infindos Demócritos  
Cheios estejam? Não farto de tal sonho,  
Inda átomos lhe acresce,  
De ouco cérebro filhos, aventesmas  
Invisíveis. E quedo,  
Sem se bulir daqui, os Céus medindo,  
Conhece este Universo,  
Sem conhecer-se a si. Já tempos houve,  
Que concordar debates  
Sabia: agora fala só consigo.  
Vinde, oh Mortal divino.»  
Hipócrates não creu muito em tal gente;  
Porém partiu, não menos.  
Ora vede, que encontros causa a sorte  
Na vida! Chega Hipócrates  
No prazo, em que esse havido ali por tonto,  
Desjuizado – esquadrinha  
No homem, no Bruto, onde é que a Razão mora:  
E à beira dum regato,  
Sentado, os labirintos o ocupavam  
Do Cérebro; e aos pés tinha  
Muito livro, e ali fixo (a seu costume)  
Não deu fé da chegada  
Do Amigo seu. Como o pensais, mui curtos  
Os cumprimentos foram;

Que o sisudo, as palavras poupa, e o tempo.  
A entretimentos frívolos  
Dando de mão, ao longo discorreram  
Do Homem, e também do Ânimo:  
No Moral descambando... Não releva  
O que um, o que outro disse  
Assoalhar. Bem basta o que é já dito,  
Para mostrar, que o Povo  
É rejeitável Juiz. Em que sentido  
Fica pois verdadeiro  
O que eu li: – *Voz de Deus é a voz do Povo* –  
Num certo Cartapácio?

## FÁBULA XLIV

### *O Lobo, e o Caçador*

FUROR de amuar! Oh Monstro! a cuja vista,  
Quanto o Céu dá, se acanha, e fica nada!  
Hei-de investir-te, a fio (e em vão) nesta Obra?  
Para ouvir-me as lições, que prazo assinas?  
Não dirás nunca – *Basta?* – *É bem, gozemos?*  
Homem surdo à voz minha, à voz do Sábio,  
Dá-te pressa; que a vida se te encurta.  
Por que um livro val bem, repiso o texto.  
Goza «(*Fá-lo-ei.*)» Mas quando? «(*Amanhã.*)» Pensa  
Que te pode até então colher a Morte.  
Goza hoje. Sorte igual temer te cabe,  
Que ao Lobo e ao Caçador caiu na Fábula.

Tinha este c'ó arco seu stirado um Gamo.  
Passa um Gaminho; ei-lo do morto à ilharga,  
E na erva ambos de borco. Arrazoada  
Era a preia. Gaminho, e Gamo! Alegre  
Co'ela tornara um Caçador modesto.  
Neste entretanto passa um Monstro enorme,  
Soberbo Javali, que tenta o nosso  
Besteiro, amigo dessas gulodices.  
Manda-o morar na Stix. Da Parca os gumes  
Mordiam mal na coira: a infernal Deusa  
No Monstro cortes dava, e lhe re-dava;  
Deu c'ó ele em terra o tiro, que foi forte.  
Bem vai téqui. Mas a amplidão não enche  
Das vontades do avaro Conquistante.  
Enquanto entra a cobrar-se o Porco, avista  
Perdiz correr num rego. Pouquidade,  
Se c'os Gamos, c'ó Porco se confronta!  
Não menos o Besteiro atesa a besta.  
Da vida o Javali envida os restos,  
Investe co'ele, as carnes lhe descose;  
Sobre o corpo lhe morre assaz vingado;  
E a Perdiz lho agradece. Aos cobiçosos,  
Se endereça esta parte do meu conto:  
Porém o resto aos Aventos cabe.  
Passa um Lobo, e o mavioso estrago vendo:

LOBO

«Fortuna, um Templo te ergo. Quatro corpos  
Estirados! Que cabedais ! Contudo,  
Poupemo-los; que encontros destes são raros.  
(Disculpas da avareza!) Se eu bem conto,  
Há côdea para um mês. Um, dous, três, quatro

Corpos, que me encherão quatro semanas  
Cabais. Dentro em dous dias as começo.  
Deste arco a corda vou-me já trincando;  
De boa tripa (o cheiro o diz) foi feita.»  
Disse: e lançou-se ao arco; o arco desfecha-se  
Voa a seta, as tripas rompe ao Lobo, e o mata.

Torno ao meu texto. Sim; gozemos, digo:  
Dous tais glutões nos sejam bons abonos,  
Quando igual sorte os pune. Um por cobiça  
Se perde; e perde-se o outro, por avaro.



## FÁBULA XLV

### *O desleal Depositário*

CANTEI (graças às Filhas de Mnemósine)  
Os Animais. Talvez, que menos glória  
Outros Heróis me houvessem granjeado.  
Fala, em língua dos Numes,  
Nesta Obra, o Cão, e o Lobo. Os Brutos fazem,  
A qual melhor, cada um, papéis diversos:  
De siso uns, de bobo outros: mas de sorte  
Que bobos os desbancam  
E a medida acumulam. Também ponho  
Na cena Embaidores, e Malvados,  
E Tiranos, e Ingratos, com infinda  
Cópia de alvares Zotes,  
De Parvos imprudentes; Lisonjeiros  
A flux, aos quais juntar mui bem pudera  
Legiões de Mentirosos. Diz o Sábio  
Que os homens todos mentem.  
Se ele ao vulgacho só metesse em conta  
Dar-se-ia jeito, a que erro tal nos homens  
Se sofrera: mas pôr no rol pequenos  
Grandes, a troxe-moxel...  
Opunha-me, a ser outro, que o dissera:  
Que tenho, que quem mente, como Esopo,  
Como Homero, não val dizer, que mente.  
Traçado com linda arte  
É encanto infindo sonho, que nos trajos  
Do Engano, mostra a face da verdade.  
Homero, e Esopo livros compuseram  
Que eu dignos de que vivam  
Sem fim, e além (se é dado), os considero.  
Não mente assim quem quer. Mentir ao modo  
Dum tal Depositário, e em mentir pago,  
Só o faz um Mau, um Zote.  
Foi o caso. Indo um Pérsio a seus negócios;  
Depôs, um dia em casa do vizinho  
De ferro barras cento  
Quando voltou.

PÉRSIO

«E as barras?»

VIZINHO

«As barras?... Todas as comeu o Rato.  
Digo-o com dor. Ralhei com toda a casa.  
Há num Celeiro tocas:

Que remédio há, que dar-lhe?»  
De tal prodígio pasma o Negociante:  
Até finge, que o crê. Deixa ir uns dias.  
E o Menino sonega  
Do pérfido Vizinho,  
Que convida a ceiar. Disculpa-se este  
Chorando: «Dispensai-me, vos suplico.  
Perdi tudo o que é gosto  
Quando um Filho, que amava  
Mais que a vida (Ai! que digo?) já o não tenho.  
Roubaram-mo. Carpi meu infortúnio.»

PÉRSIO

«Onte', ao cair da noite,  
Roubar veio um Morcego  
Vosso Filho. Eu o vi para um pardeiro.  
Levá-lo.»

VIZINHO

«E quereis vós, que isso vos creia?  
Tamanha força a um Mocho!  
Que arrebate um Menino!  
Fora, antes, do Rapaz, preia o Morcego.» –

PÉRSIO

«Não vos direi o como: mas eu vi-o  
Co'estes olhos (vos digo).  
Nem assunto aí vejo,  
Que induzir possa a tropeçar em dúvidas  
Do que afirmo; nem que estranheis compete,  
Morcegos deste Clima  
(Em que um só Rato come  
Quintais de ferro) empolguem um Menino,  
Que meio quintal pesa.» Bem viu o outro  
Onde a ficção feria.  
Restituiu-lhe as barras  
Ao Mercador, que o Filho entregou logo.  
Passou igual disputa entre dous Homens,  
Indo ambos de jornada;  
Um, que por microscópio,  
Tudo via, e o que via agigantava.  
Coalhava (a ouvi-lo) a Europa tantos monstros,  
Quantos a África encerra.  
Um diz, que vira Couve tão tamanha  
Como umas casas: o outro vira um tacho  
Grande, como uma Igreja.  
Mofou deste o da Couve.  
«Devagar!... (Ihe diz o outro) nesse tacho  
Cozer-se havia a Couve.» Foi gracioso  
O do tacho; e foi hábil

O Mercador de ferro.  
Sobeja honra, em sobejo absurdo estraga  
Quem, com razões se empenha em desterrá-lo.  
Requintá-lo é mais curto;  
E não se esquenta a bÍlis.

## FÁBULA XLVI

### *Os dous Pombos*

COM terno amor, dous Pombos  
Se amavam. Eis que um deles,  
Tomando tédio à Casa,  
Empreende, de mui louco,  
Ao longe ir, peregrino.  
«Mano, que é o que intentas?  
(O outro pombo lhe disse)  
Qués-me deixar? A ausência  
É o mor dos males todos.  
Não para ti, inhumano;  
Menos, que da jornada  
Teu valor não cerceie  
Cuidado, afã, perigos.  
Se, ao menos, mais vingasse  
A estação, e que os Zéfiro  
Vindos fossem... Quem tanta  
Pressa te dá? Um Corvo  
Inda agora anunciava  
Desastre a uma Ave nossa.  
Mais sonhos d'ora em diante  
Não terei, que aziagos  
Encontros, Falcões, Redes.  
Ai! (darei quando chova)  
Terá meu Mano quanto  
Lhe peça o seu desejo?  
Bom agasalho, e ceia?  
E o mais?» Este discurso  
No peito do imprudente  
Viandante fez abalo;  
Mas levou-o de vencida  
Por fim o grão desejo.  
E assim lhe diz: «Não chores;  
Que dias três me bastam  
Por que a alma me contente.  
Virei depois contar-te  
As minhas aventuras,  
Pontinho por pontinho:  
Terás divertimento.  
Que, quem vê pouco, ou nada,  
Pouco, ou nada nos conta.  
Terás prazer extremo,  
Quando eu conte a jornada;  
Aqui me achei, lá estive,  
Sucedeu-me tal caso;  
Crerás ser lá comigo.»  
Isto dito, despedem-se

Ambos chorando. Vai-se  
O Viandante. Uma nuvem  
Corre, e a que asilo busque  
Nalguma parte, o obriga.  
Uma árvore... que ao Pombo  
Mal gasalhou, nas folhas  
De que a despia o sopro  
De tormentosos Euros.  
Torna a azular-se o Céu;  
Molhado, e frio o Pombo,  
A um campo, em que vê trigo  
Desparzido, dá o voo,  
E ali se aquece, e seca:  
Já desejos o assaltam  
De ir-se ver c'o outro Pombo:  
Ei-lo preso num laço  
Suposto ao grão doloso.  
Co'asa, c'os pés, c'o bico  
Tanto lidou o Pombo,  
Que espedaçou, por cabo,  
O laço velho e gasto,  
Penas por lá deixando.  
Por piorar de Fados  
Dá vista dum abutre  
De despiedosas unhas.  
O Pombo desgraçado  
C'o cordel inda a rojo,  
E espedaçados troços  
Do laço, em que caíra,  
(Qual viras um forçado,  
Que das Galés escapa)  
Vê, que a aferrá-lo desce  
O Abutre... Mas, das nuvens  
Uma Águia rui. O Pombo  
Se val da bem travada  
Briga dos assassinos,  
Voa, desce a um pardeiro;  
E crê, se desta sai,  
Co'essa última aventura  
Pôr fim a seus desastres.  
Mas um travesso infante  
(Não tem dó essa idade)  
Toma uma funda, e impinge  
Mais do que meia morte,  
À mísera Avezinha;  
Que amaldiçoando o sestro  
Curioso, e co'a asa a rastos,  
Coxeando, à pousada,  
Direito se encaminha:  
Onde, sem mais azares  
(Tal qual) chega, e sossega.  
Ei-los de novo juntos;  
E a consid'rar vos deixo

Se alegres se desforram  
Das penas e saudades.

Quereis, oh Amadores,  
(Amadores ditosos)  
Ir de jornada, às margens  
De vós vizinhas ide.  
Um Mundo sempre belo,  
Sempre variado, e novo  
Um ao outro vos sede,  
Tende, por nada, o resto.  
Eu também vos confesso,  
Que amei meu tanto ou quanto  
Por Louvre, e seus tesouros  
Por Céus, e azul abóbada,  
Não trocara, em tais tempos  
Bosques, sítios, que honraram,  
Que lustraram pés e olhos  
Da minha amável Filis,  
A quem (sob as bandeiras  
Do Filho de Acidália)  
Servi, com fé jurada.  
Ai! momentos tão meigos,  
Quando vireis de volta?  
Tais, tantos, tão donosos  
Objectos, têm, a arbítrio  
Do ímpio Desasossego  
Desamparar esta alma?  
Mais de sentir não tenho  
Esse encanto que enleva?  
Transpus de amar a quadra!

## FÁBULA XLVII

### *O Mono, e o Leopardo*

NA feira o Mono, e co'ele o Leopardo  
Ganhavam guapa chelpa,  
Este, em seu Edital, assim dizia:  
«Senhores meus, na Corte,  
Onde El Rei me quis ver, são bem notórios  
Os meus braços, e méritos.  
E eu morto, quer El Rei da minha pele  
Manchada, mosqueada,  
Vergoada, marchetada, ter manguito.»  
O Variogado agrada.  
Toda a gente foi vê-lo; e toda a gente,  
Visto uma vez, deixava-o.  
Bradava o Momo. «Venham, meus Senhores  
Acudam aqui todos.  
Verão habilidades primorosas.  
Falam de variedades?  
No corpo as tem Leopardo; eu, no juízo.  
Vosso Criado Gilles,  
Que é primo de Beltrão, que é vitalício  
Mono do Papa, chega  
Pela Posta escuteiro, a vir falar-vos.  
Fala, e o que diz se entende,  
Dança e baila, e dá voltas num peneiro.  
Faz outras mocanqueies.  
Tudo por um vintém; e inda por menos.  
Por dez réis, meus Senhores.  
Se não sois satisfeitos, restituímos  
Logo, à porta, o dinheiro.»  
Tinha o Mono razão. Não é, nos trajes  
Que eu amo a variedade;  
Sim, no juízo, que objectos aprazíveis  
Presenta, e não essoutra;  
Que uma vez vista, enfada a quem a encontra.  
Quantos Grandes Senhores  
Ao Leopardo assemelham? Galões, Cruzes  
São todo o seu talento.

## FÁBULA XLVIII

### *A Lande, e a Abóbora*

**B**EM faz Deus quanto faz. Sem buscar provas  
Por esse Mundo além, acho-as na Abóbora.  
Contemplava um Pastrano  
Quanto avultado é o fruto,  
E quão delgado o talo.

PASTRANO

«Em que pensava  
O Autor de tais amanhos? Esta Abóbora  
Eu punha-a nesta Enzinha,  
Arrazoadado gancho  
Para tal dependura; e vinha a pêlo  
Para Pêssego tal, tal Pessegueiro.»  
Foi pena, lá não stares,  
C'o Criador, no Conclave,  
Tudo iria melhor.

PASTRANO

«Certo que iria!  
Laivos tenho de ouvir contá-la ao Cura,  
Um Domingo ao sermão. Vamos ao ponto.  
Quando muito, a Bolota  
Orça, c'o meu membrinho.  
Porque a pôs numa Enzinha? Deus deu cincoas.»  
Quanto mais cisma nos mal postos frutos,  
Mais porfia o Bieito,  
Que houve erro ali, nos pousos.  
Como esta reflexão lhe dava tratos:

PASTRANO

«Saber sobejo estorva que se durma.»  
Para dormir escolhe  
A sombra duma Enzinha.  
Caem Bolotas, e o nariz o paga.  
Acorda, e logo vai co'as mãos ao rosto,  
E nos pêlos da barba  
Depara inda co'a Lande.  
Fez-lhe mudar de língua o piparote,  
E o sangue, que lhe escorre dos narizes.

PASTRANO

«E, se em vez de Bolotas,  
Me chovessem Cabaças,



Que as queixadas, caindo, me estroncassem!  
Deus, que o não quis assim, andou com juízo.  
Agora é que eu atino  
C'o motivo acertado.»  
Louvando a Deus do bem que obrara tudo,  
Veio de volta a casa o nosso Bieito.

## FÁBULA XLIX

### *O Escolar, o Pedante, e o Dono da Quinta*

RAPAZ esturdiu (qual cursante de Aulas  
Com seu forro de zote, e de gatuno,  
Já pelo verdor de anos (já por foro,  
Que têm Pedantes de estragar juízos)  
Furtava a um seu Vizinho, flores, fruta.  
Ao Vizinho, que (dizem) pelo Outono,  
Dos dons mais guapos, que Pomona ofrece,  
Tinha o mimo, e o primor; refugo os outros.  
Cada Estação trazia seu tributo,  
E a Primavera mesma o deleitava  
C'os presentes de Flora. Eis vê, um dia,  
Esse Escolar, trepando, sem mais tento,  
Numa Árvore de fruta, e destruindo  
Os botões tenros, (esperança frágil,  
Núncios dos mimos, que a Abundância inculca)  
Viu, que este, e aquele ramo lhe escachava,  
Que tanto fez, por fim... Manda queixar-se  
Ao Mestre dos rapazes. Ei-lo que chega  
C'um bando de marmanjos, e a Quinta é cheia  
De gado inda pior do que o primeiro.  
O Pedante, ao mal deu mores ensanchas,  
Co'a récua que ali traz mal ensinada;  
(Mercê sua!) Porém (segundo disse)  
A fim que esse castigo seja exemplo,  
Seja lição, para o futuro, a todos.  
Ei-lo, que cita Cíceros, Virgílios,  
Sobrados rasgos de eruditas plumas.  
Tão longa ele estirou sua parlenda,  
Que a maldita relé, teve azo, e folga,  
De o vergel, em mil partes, destruírem.  
Eloquências, que vêm fora de encaixe,  
E não têm cabo, eu sempre as aborreço.  
No Mundo não conheço mais ruim besta,  
Que um Escolar; mais que este, só o Pedante.  
E a dizer a verdade, o melhor deles  
Nunca eu quisera tê-lo por vizinho.

## FÁBULA L

### *O Statuário, e a Státua de Júpiter*

TÃO bom lhe pareceu ao Statuário,  
Certo troço de mármore,  
Que o comprou.

STATUÁRIO

«Meu cinzel, que farás dele?  
Deus, Bacia ou Mesa?  
Seja Deus. E até quero, que na dextra  
Sopese raio. Humanos,  
Tremei, ao Senhor do Orbe enviai votos.»  
Tanto o carácter do Ídolo  
O Artífice exprimiu, que só faltava  
A voz a Jove, (dizem)  
E inda mais; que custara à Imagem  
Pôr fim o Obreiro. Que ele  
Foi quem, de susto, estremeceu primeiro  
Ante o Deus, que esculpira.  
Nada, ao scultor, ficou devendo, o Vate  
Que teve medo da Ira,  
E Ódio dos Deuses, que inventara.  
Tão criança um, e outro  
Como essas, a quem morde agro disvelo,  
Que a Boneca lhe agastem.  
O Coração, de grado, ao sp'rito segue.  
Pois que esse error gentio,  
Que tanto Povo inçou, vem dessa fonte,  
Quando cruéis puniram  
Pelos foros de tal Quimera sua.  
E Pigmalião, da Vénus  
Cujo Pai fora, veio a ser Amante.  
Aos sonhos, que tivemos,  
Damos polpa. Às verdades somos gelo.  
Somos fogo às Mentiras.

## FÁBULA LI

### *A Rata transmutada em Rapariga*

Do bico dum Morcego  
Veio ao chão uma Rata:  
Eu não a erguera; ergueu-a bem um Brâmene  
Cada país, cada uso. Achou-se a Rata  
Alquebrada do tombo.  
De semelhante Próximo  
Cuidamos pouco nós. Irmãos os julga  
A Brâmene Nação, encasquetada,  
Que a alma dum Rei, que morre,  
Num Oução se embetesga  
Ou noutro bicho, qual lho alvitra a Sorte.  
É artigo da sua Lei. Colheu Pitágoras  
Esse mistério, entre eles.  
Firme, em tão firme base,  
Creu o Brâmene ser muito acertado  
Pedir a um Feiticeiro, que a alojasse.  
No mesmo corpo, a Rata,  
Que outrora a hospedara.  
Fez dela o Feiticeiro, uma Moçoila  
De quinze anos, e tal, e tão gamenha,  
Que por ela, tentara  
Mais de Priamo o Filho,  
Que tentou pela Grega Formosura,  
O Brâmene pasmou do estranho facto,  
E disse ao lindo Objecto:  
«A bel prazer escolhe;  
Que ser teu Sposo cada qual cobiça.»  
«Nesse caso (disse ela) dou-me Sposa  
Ao que, entre esses Amantes,  
Mais possante se ostente.»  
«Oh Sol (bradou ajoelhado o Brâmene)  
Serás meu genro.»

SOL

«Não: que o Nevoeiro,  
Meu brilho encapotando,  
Mais que eu é poderoso:  
Que o tomes te aconselho.» Ao Nevoeiro,  
Volante diz o Brâmene: «Nasceste,  
Para haver-me por Sogro?»  
«Não: (disse o Nevoeiro)  
Que o Vento, quando quer, me dá corridas,  
De Clima em clima, e escuso empreender algo  
Contra os foros de Bóreas.»  
Agoniado o Brâmene,

Grita ao Vento: «Pois que assim vai, oh Vento,  
Aceita os braços da Beldade nossa.»  
    Vinha-se o Vento a eles...  
    Eis que um Monte lhe empece.  
Passando ao Monte a péla, este a rechaça,  
E diz: «Tive, c'o Rato escarapela;  
    E a quem furar-me pode  
    Louco eu fora, se o ofendo.»  
Mal a Menina ouviu falar em Rato  
Abriu a orelha, e – Ai! ai! Um Rato... um Rato...  
    E o quis por seu Consorte.  
    São dessas travessuras,  
Que Amor faz. Haja vista a Nise, a Clóris...  
Fique entre nós. Ressabe sempre a fruta,  
    À terra, em que nascera:  
    Bem o prova esta Fábula.  
Se bem o olhamos, tal, ou qual sofisma  
Nestes rasgos ressumbra. Qual é o Sposo,  
    Que ao Sol não preferamos?  
    Direi, se assim discorrem,  
Que uma Pulga é mais forte que um Gigante;  
Pois que o morde. E mandar podia a Guapa  
    O Rato ao Gato, e o Gato  
    Ao Cão, e o Cão ao Lobo  
Por meio deste círculo vicioso:  
Pilpay até ao Sol remontaria,  
    E o Sol gozado houvera  
    Da louçã Formosura.  
Bem é, que à Metempsicose voltemos.  
Cousa fez o tal Mágico Braménico,  
    Que, em vez de prova, inculca  
    Do feito a falsidade;  
E de lá, contra o Brâmene argumento.  
Pois que a comum tesouro (em seu sistema)  
    Homem, Rato, e inda o Verme,  
    Cada um vai buscar alma;  
Duma têmp'ra são todas, só a arbítrio  
Do molde orgânico obram: uma se alça,  
    Outra se arrastra em terra.  
    Donde vem que esse corpo  
Tão bem organizado a Hóspeda sua  
Forçar não pode a que c'o Sol se case,  
    E que a cativa um Rato?  
    Bem ponderado tudo,  
Almas das Ratas, almas das Formosas  
Diferem entre si; de força cumprem  
    Cada uma seu destino,  
    E a Lei, que Céu fundara:  
Falai c'o Diabo, dai acção à Mágica,  
Não desviareis ninguém do fim, que o espera.

## FÁBULA LII

### *O Doudo, que vende siso*

**N**ÃO posso aviso dar-te mais sisudo,  
Que de sempre esquivar dum Doudo o alcance.  
Fugir de gente eivada do miolo  
Foi sempre sã receita.  
Na Corte há Bobos: Reis, com eles, folgam,  
E c'os remoques lépidos, que largam  
A Velhacos, a Tolos, a Ridículos.  
Um Doudo, pelas ruas, pelas praças,  
Dizia, em seu pregão: – *Quem compra siso?*  
E os sempre crentes homens acudiam  
À compra diligentes.  
Primeiro, de barato, dava o Doudo  
Muita careta, muita monaria;  
Mas, logo, que ensacava, na algibeira,  
Dinheiro dalgum zote,  
C'um bofetão, que vinha rebolindo,  
Lhe dava duas braças de barbante  
Aos tais fregueses, em lugar de siso.  
Uns se agastavam; – mas que val irar-se?  
Ser, por iras, de todos mais zombado  
Rir, como os outros fora mais acerto;  
Ou safar-se, sem chuz, nem buz, levando  
O bofetão, e o fio.  
Quer bem levar de tolo a surriada  
Quem squadrinha sentido figurado  
No proceder dum louco.  
Que razão há que dar de doudarias?  
Quanto chocalha em testos desvairados  
A mão do Acaso o volve.  
Mas fio, e bofetão davam tortura  
A certas cachimónias.  
Um dos Logrados vai-se ter c'um sábio,  
Que logo lhe emborcou, sem muito empacho,  
O Oráculo seguinte:  
«Hieroglíficos meros vende Doudo.  
Deve o Prudente, duas braças pôr-se  
Longe, de quem tem eiva no miolo,  
Se afagos tais não quer recolher dele.  
Bom siso vos vendeu. Não sois logrado.»

## FÁBULA LIII

### *A Ostra, e os Pleiteantes*

**D**OUS Peregrinos,  
Um dia encontram,  
Na praia, uma Ostra,  
Que o mar lançara.  
Já c'os olhos a sorvem, já c' o dedo,  
A apontam um ao outro.  
Pôr-lhe dente? – isso é pouco contestado.  
Um se debruça  
A colher preia,  
E o outro o arreda,  
E diz: «Saibamos  
A quem compete  
Ter dela o gozo.  
O que a avistou primeiro, a trinque; e o outro  
Veja-a com o olho,  
Coma-a co' a testa?»  
«Se o negócio (diz o outro) assim se julga  
Tenho (graças a Deus) esperto o lúzio.»  
«Nem os meus são ruins; (disse o Primeiro)  
Que antes, que tu, a vi; por vida o juro.»  
«Se a viste, a mim cheirou-me.»  
Neste comenos,  
Chega ao pé deles,  
Juiz da Casinha.  
Nele se louvam.  
Mui grave o Juiz recebe a Ostra e – papa-a,  
E os dous a olhar. Refeição feita,  
«Tomai (lhes diz, em tom de Presidente)  
Cada um sua casca,  
Salva de custas;  
E vão-se andando.»  
Contai quanto hoje custa uma Demanda,  
E o que a muitas famílias depois fica;  
E vereis, que o Juiz vos leva o bolo.  
E vós ficais c' o saco, e c' os trebelhos.

## FÁBULA LIV

### *O Lobo, e o Cão magro*

**P**OR mais que outrora bem pregou, bem disse  
Certo solho, frigiou-o a frigideira.  
Lá mostrei, que largar o que a mão prende  
Era imprudência mera.  
Siso o Pescador teve;  
Nem lerdo foi o Solho.  
Cada um diz o que sabe  
Por defender a vida.  
O que então lá screvi, bem é que o escore  
Aqui com mais um rasgo.  
Certo Lobo, tão Zote  
Achando além da aldeia  
Um Cão, aferra nele.  
Eis que lhe alega o Cão sua magreza:  
«Oh não lhe apraza a Vossa Senhoria  
Cevar-se em tais pelhancras:  
Aguarde, que meu Dono  
Case a sua Filha única;  
E que hei-de eu ser da voda claro fica,  
E nela hei-de engordar, em que me pese.»  
O lobo o crê, e o solta; dias passam.  
Torna, e vem ver se o Cão dá melhor preia.  
Mas o traste, (que se acha  
Então em casa) ao Lobo,  
Por detrás duma rótula, assim fala:  
«Já saio, amigo; e se por mim esperas,  
Eu e o Guarda-portão.» (era um enorme  
Canzarrão, que em dous trancos,  
Nos despachava um Lobo.)

LOBO

«Senhor Guarda-portão, sou seu criado.»  
Disse; e safou-se. Era ágil, mas não hábil  
O Lobo, e em seu mister era ignorante.



## FÁBULA LV

### *Ne quid nimis*

CRIATURA não vejo comportar-se  
Comedida: e em tudo há um temperilho,  
Que o Autor da Natureza  
Quer que se guarde, em tudo.  
Quem é que o faz? Ninguém. E que ora seja  
Em bem, ou mal, mui pouco assim sucede.  
O trigo (rico mimo  
De Ceres loura) as jeiras  
Estanca, se é mui basto, e de ordinário  
Ao desferir-se, medra em folha inútil  
Medra sobejo, e à espiga  
Sonega os alimentos.  
Assim das folhas dá contento o luxo  
Aos troncos. Mas a fim que emende o trigo,  
Deus consentiu, que os gados  
Agorentem o excesso  
De pródiga seara. Ei-los que a esmo  
Arremetem c'o trigo, e tudo estragam,  
Tosando tudo. Aos Lobos  
Deu largas, que trincassem  
Alguns deles, o Céu. Trincaram todos.  
Se o não fizeram, não lhes faltou gana.  
O Céu disse aos humanos  
Que aos últimos punissem:  
E o Home' abusou do Divinal mandado.

Mais, que todo o Animal, pendem os Homens,  
A cair nos excessos.  
Relevava pôr pleito  
A pequenos, e a grandes. Há vivente,  
Que em sobejo não peque? *Ne quid nimis*  
Tema é, que anda na baila,  
Mas que nunca se observa.

## FÁBULA LVI

### O Círio

DA habitação dos Numes  
Abelhas nos vieram.  
Foram pousar no Himeto  
E lá fartar-se à larga  
Dos tesouros, que o Zéfiro  
Nesses sítios resguarda.  
Quando dos ricos Paços  
Dessas Celestes Filhas  
Espremeram a ambrósia  
Cerrada em miúdos claustros...  
E porque o entendam todos;  
Quando as Colmeias, nuas  
Do Mel, só tinham cera,  
Dessa infindas moldaram  
Velas, rolos, círios.  
Vendo um destes, no fogo,  
Vir Barro a ser Ladrilho,  
Que zomba das idades;  
Antojou igual sorte:  
E Empédocles de cera,  
Às chamas condenado  
Por desatino puro,  
Se lançou nelas. Péssimo  
Arrazoou o Círio!  
Como quem nem migalha  
De Filósofo tinha.  
Tudo é diverso, em tudo.  
Tirai-vos do juízo  
Que Ente algum foi composto  
Pela regra do vosso:  
O Empédocles de cera,  
Não mais louco, que ess'outro,  
Fundiu-se no braseiro.

## FÁBULA LVII

### *Júpiter, e o Passageiro*

QUE ricos que seriam  
Os Deuses, se dos votos,  
Que nos arranca o p'riço  
Tivéramos lembrança!  
Mas, passa o p'riço, e vai co' ele a memória,  
Do voto feito ao Céu. Nós só contamos  
C'o que à Terra se deve.  
*Jove é credor bonacho* – (diz o Ímpio) –  
*Nunca nos manda Alcades.*  
E, aos Trovões, que lhe chamas?  
Como achas tais avisos?  
No estrondo da tormenta, um Passageiro,  
Ao que os Titãs venceu, cem Bois votara.  
(E um só não possuía!)  
Quando votado houvera  
Um cento de Elefantes  
Não fora mor o custo.  
Põe pé na praia, e queima achados ossos,  
Cujo fumo, ao nariz subiu de Júpiter.  
«Senhor Jove, ei-lo vai, meu voto aceita.  
Tua superminência  
Cheirou bovino fumo.  
Teu lote é o fumo; e estou contigo quite.»  
Fez Jove, que sorria  
Mas deixou correr tempos  
E pregou-lhe um bom logro.  
Um sonho lhe mandou, que o prevenisse  
Donde um tesouro estava.  
Ei-lo que acode logo,  
Como ao fogo se acode.  
No sítio achou Ladrões. Como não tinha  
Mais que um pinto na bolsa, sem mais soca,  
Prometeu largo cem talentos de ouro  
Luzentes, chocalhantes  
Do sonhado tesouro  
Tesouro, em certa aldeia sepultado,  
Saindo à luz do dia.  
Parecendo, aos ladrões, suspeito o sítio;  
Disse ao Prometedor assim um deles:  
«Zombas de nós, Amigo? Morre, e vai-te  
Fazer mimo a Plutão dos cem talentos.»

## FÁBULA LVIII

### O Gato, e o Raposo

**G**ATO, e Raposo, como dous santinhos  
(Dous bons Tartufos!) iam de romage,  
Dous arqui-mocanqueiros, peludi-pedes;  
Que por, a quem melhor, se desferrarem  
Do custo da romage, iam trincando  
Basta galinha, e gatunando queijos.  
Longa, e por longa, enfastiosa a estrada;  
Para a encurtar, travaram de disputa.  
Socorro é o altercar; senão dá o sono.  
Já bem esganiçados co'a disputa,  
No próximo morderam os Romeiros.

RAPOSO

«Tu, gírio? És tu, como eu, tão cheio de artes?  
Levo, himpando de astúcia, os meus alforges.»

GATO

«Eu, na minha sacola, tenho uma única;  
Mas que vale por mil.» Ei-los começam  
De novo a disputar. – *Mas sim – mas contra.*  
Nisto, lhe abafa a briga uma matilha...

GATO

«Cata no alforge, busca, na matreira  
Cachimónia, segura alicantina.  
A minha, ei-la.» E vai trepando lindamente  
Numa árvore. O outro deu mil vira-voltas,  
Entrou em mil covis, logrou cem vezes  
De Ramalho os Consócios; palpou coutos  
Aqui, ali; mas sempre malogrados.  
Que do primeiro pulo tudo baldam  
Os alípedes Cães; seguindo o faro,  
Ao sair dum covil lhe deram morte.  
Sobejo expediente estraga às vezes  
Os negócios, e o tempo se desperdiça  
Na escolha, aqui tenteia, ali de tudo  
Se lança mão. Basta um, mas de bom préstimo.

## FÁBULA LIX

### *O Marido, sua Mulher, e o Ladrão*

UM Sposo muito amante,  
(Muito amante da Sposa)  
Se carpia infeliz, dela gozando.  
Nunca o olhou terna a Dama; nunca um dito,  
Gracioso, e lisonjeiro, uma meiguice,  
Um sorriso, que ao pobre descontente  
Endeusasse, lhe deu vento, ou suspeita  
De que era amado. Eu creio  
Que era por ser Marido.  
Nem pendia de Hímen, que ele não desse,  
Dos Fadros seus contente, aos Numes graças.  
Mas... e ainda mas... Se Amor não assazoa  
Os prazeres de Hímen, fracos prazeres!  
Ora forjada a Sposa co'essa têmpera,  
E nunca em sua vida  
Acariciando o Sposo,  
Queixou-se uma noite ele... Eis que as queixas  
Lhe interrompe um Ladrão. A Sposa mísera  
Tanto se assusta, que do Sposo em braços  
Busca a seu susto alívio. O sposo grita:  
«Ladrão, Amigo, a tu não teres vindo,  
Eu nunca o conheçera  
Tão meigo afago. Em prémio,  
Toma quanto aches, que a teu gosto seja,  
Toma a Casa também.» Nem acanhados,  
Os Ladrões são, nem são escrupulosos,  
Este fez seu fardel. Do Conto infiro,  
Que a mais forte paixão é o Medo; e que ele  
Faz que a Aversão vençamos,  
E ainda ao Amor, às vezes.  
Venha por prova o Amante, que pôs fogo  
Às Casas, porque a sua Dama abraça,  
Co' ela, em braços, rompendo pelas chamas.  
Gosto de arrojados tais. Sempre este Conto  
Me agradou muito; e só na alma Espanhola,  
Mais grande ainda, que louca,  
Essas finezas cabem.

## FÁBULA LX

### *O Tesouro, e os dous Homens*

**S**EM regresso, e sem que ache quem lhe fie,  
Certo Homem, que na bolsa tinha o Diabo,  
    Não cobres (como a minha  
    Que nem real coalha)  
Achou bom acabar sua miséria,  
Enforcando-se: a Fome, sem falência,  
    Lhe faria outro tanto.  
    Há muito guapa gente,  
A quem morte de força não agrada.  
Ele, com má tenção, busca um pardeiro  
    Para terreiro, e alarde  
    Da mísera aventura.  
Leva uma corda, e um cravo, com que prenda,  
No mais alto do muro, o seu baraço.  
    A cada martelaço  
    O muro, em tal contenda,  
Fraco e velho, abanando, ameaçava...  
Caiu por fim. Rebenta-lhe um tesouro.  
    O meu desesperado,  
    A colher o ouro aguça,  
Esquecido da corda, a pô-lo em Casa,  
Sem contar quanto soma a dinheirama,  
    Se há nela, ou não, quebrados,  
    Se dá por mui contente.  
Já dali se ia longe o endinheirado;  
Chega o Dono da chelpa, e a vê ausente.

DONO

«E não dou fim à vida,  
Vendo o fim do meu ouro!  
E não me enforcarei? Oh sem falência.  
Só se corda faltar.» Mete com jeito  
    A cabeça no laço;  
    E até teve o gostinho,  
Que fosse outrem, quem despendeu na corda.  
Consolado morreu. E neste lance,  
    O dinheiro, e o baraço  
    Acertaram com Dono.  
Sem pranto, um avarento raro acaba,  
Que é, quem, do que entesoura, menos logra;  
    Para Ladrões o amua,  
    Para Parentes; e inda  
Para a Terra. Que hei-de dizer das trocas  
Que a travessa Fortuna faz? São brincos,  
    Com que ela se diverte,

Se toma passatempo.  
Quanto é mais vário o brinco, mais a Deusa  
Inconstante se alegra. Tinha em mente  
Pôr nesse lado um Homem  
De avarenta mania:  
E houve quem se enforcou. Não que pensado o  
Levasse quem se pôs à dependura;  
Nem quem lá pôs o laço,  
Pensasse achar tesouro.

FIM DO LIVRO TERCEIRO

## LIVRO QUARTO

### FÁBULA PRIMEIRA

#### *O Bugio, e o Gato*

**B**ICHO, e Beltrão (um, Gato, outro, Bugio.)  
Servos dum mesmo Dono,  
Ambos seus comensais, e par completo  
De Animais malfazejos;  
Nada temendo lá, se alguma cousa  
Danificada viam  
Os da Casa, não tinham, que pôr culpa  
Alguma à vizinhança.  
Beltrão furtava tudo; enquanto a Bicho,  
Esse atentava menos  
Aos Ratos, do que ao queijo. Um dia, vendo  
Os dous finos gatunos,  
Junto do lar Castanhas, que se assavam;  
E que pilhá-las fora  
Machucha preia: e vendo os dous tratantes,  
Na moça, dous proveitos,  
O de a si fazer bem, o mal a outrem;  
Disse Beltrão a Bicho:  
«Mano, faze hoje lanço de Mestraço:  
Pilha-me essas Castanhas.  
Se Deus me houvera aptado a dentre brasas  
Tirar Castanhas, como  
Castanhas dançariam!» Dito e feito.  
Muito ingenhosamente  
Bicho arreda co'a mão, de em roda, as cinzas,  
E, recolhendo as unhas,  
Torna-as ao Lar, gatuna uma Castanha,  
Duas, mais três. No entanto  
Beltrão as trinca... Eis que aparece a Moça...  
Adeus Gatunos. Dizem,  
Que Bicho se não deu por mui contente.  
À mor parte dos Príncipes  
Compete esse quinhão, quando adulados  
De emprego semelhante,  
Em favor dalgum Rei, vão escalfar-se  
Ao lume das Províncias.



## FÁBULA II

### *O Milhano, e o Rouxinol*

**T**ENDO rebate dado  
A todo esse arrabalde,  
Posto em grita os Rapazes,  
Milhano, ladrão fino;  
Um Rouxinol lhe cai  
Nas garras, por desastre.  
Da Primavera o Arauto  
Pede, lhe outorgue a vida;  
E mais: que manjar dera,  
Quem, som, não mais, possui?

ROUXINOL

«Ouve-me, antes, Endechas  
De Téreu, e Filomela.»

MILHANO

«E Téreo é iguaria,  
Que dê pasto a Milhanos?»

ROUXINOL

«Não, senhor; foi Monarca,  
De cujo amor violento  
Senti o ardente vício.  
Cantar-lhe-ei um Endecha  
Tão linda, que arrebatava.  
Meu canto agrada a todos.»

MILHANO

«Bem vem asado o canto!  
Vir cravinar com solfas  
A mim, que o jejum mata!»

ROUXINOL

«Cantando c'os Reis falo.»

MILHANO

«Quando os Reis te colherem,  
Conta essas maravilhas.  
Milhanos!... zombam delas.  
Ventre com fome é surdo.»

## FÁBULA III

### *O Pastor, e o Rebanho*

«**Q**UE desta relé párvua ache eu de menos  
Sempre algum! Sempre o Lobo algum me grame!  
Conto-os, reconto-os... Mais de mil já sendo;  
Nosso pobre Robin roubar deixaram.  
    Desse eu de pão pedaço  
    Robin, que ele as ruas  
Palmilhava trás mim, pela Cidade.  
E até ao fim do Mundo seguir-me-ia.  
Da gaita me atinava c'os sons todos:  
Longe, e de passos cem me pressentia.  
Ai! mísero!» Quando Bieito  
À sua Oração fúnebre pôs cabo,  
Uma fala desfiou ao Gado todo,  
    Aos Cabos, e à mais plebe,  
    E até ao menor Anho:  
Conjurando-os a que intrépidos se mostrem  
Ante os Lobos, bastante a quebrar-lhe ausos. [xxxii]  
    Todos assim prometem,  
    À fé de gado de honra,  
    Ser mais firmes, que um Termo.

#### REBANHO

«Esse glutão havemos de esganá-lo;  
Ladrão! que o bom Robin daqui levou-nos.»  
Pôr nisso a vida, cada um deles jura.  
Fiando em juras Bieito lhes deu gabos.  
    Mas, antes de ser noite,  
    Novo embeleco [xxxiii] aponta.  
    É um Lobo, que se avista:  
    Eis todo o Gado foge.  
A soldados ruins fazei-lhes falas:  
Eles, altas façanhas vos prometem;  
Mas, mal que assoma o p'rito, os brios morrem;  
    Sem que a contê-los bastem  
    Vossos brados, e exemplo.

## FÁBULA IV

### *Os Dous Ratos, o Raposo, e o Ovo*

**D**OUS Ratos, indo buscar vida, acharam  
Um Ovo, que jantar daria farto  
    À gente dessa laia,  
Que de acertar c'um Boi não necessitam.  
De apetite, e folgança mais que cheios,  
    Cada um já se dispunha  
A ter no Ovo quinhão. Mas, eis que avistam  
Um Fuão, que se diz Misser Raposo.  
    Aziaga aventura!  
Salvar o Ovo era o ponto enfardelá-lo,  
Ir, c'os dianteiros pés, levando-o a pino,  
    Rodá-lo, ou já arrastá-lo,  
(Sobre arriscado,) era África impossível.  
Necessidade é astuta, é inventiva.  
    Mede a distância à toca,  
Mede a distância ao sôfrego Raposo,  
(Obra de mais de légua.) Eis que um se abraça  
    Co'Ovo, e se põe de costas,  
Tombos sofre, sofre ásperos caminhos,  
Enquanto o outro o reboca, pelo rabo.  
    Meditem neste Conto,  
E então venham clamar, que é nulo o Juízo  
Nos animais; quando eu, se em mim coubesse,  
    Lho dera, igual à infância.  
Pensam na prima infância os Filhos nossos?  
Antes de conhecer-se, há hi quem pense?  
    Usando deste exemplo  
Dera a Animais Razão, Razão do lote  
Não da nossa: mas nunca Ingenho cego.  
    De matéria um nó-nada  
Subtilizara eu tal, que a Mente apenas  
Com esforço a ideasse, quinta Essência  
    De Átomos, da Luz fósmea .  
Mais nobre, mais activa, do que o fogo,  
Cousa, eu não sei; pois que dá luz à lenha.  
    Ora apurando a flama,  
Não nos vislumbram nela uns rasgos de alma?  
Das entranhas do Chumbo não luz o ouro?  
    À minha Obra eu daria  
Tino, para sentir, julgar, mas imperfeito;  
Não digo eu Monos, que urdam silogismos.  
    Quanto, a nós outros Homens  
Dera eu melhor quinhão; quinhão amplíssimo,  
Tesouro dobre, uma alma igual a quantos  
    Hóspedes deste Mundo,  
C'o nome de Animais, entram na pauta,

De Infantes, de Idiotas, Sábios, Tontos.  
Outro tesouro, uma alma,  
Entre Anjo e nós, comum, a certos visos;  
Tesouro, que criado senão à parte,  
Seguisse, pelos ares,  
As Celestes falanges; que sem ver-se  
Em apertos, coubesse bem, num ponto;  
Que, tendo seu princípio,  
Nunca tivesse fim. Estranhas cousas,  
Muito reais porém! Enquanto a Infância  
Dure, essa do Céu Filha  
Dará clarões de luz bem tenra, e fraca;  
A Razão, quando for o órgão mais forte.  
Tem de romper as trevas  
Da matéria, que lhe há-de envolver sempre  
Essa menos perfeita, essa mais bronca  
Alma, aos animais dada.

## FÁBULA V

### *O Homem, e a Cobra*

VENDO uma Cobra um tal Fulano, disse  
«Tal obra te farei, malvada fera,  
Que a todo o Orbe contente.» O ruim Bicho,  
(Da Serpente é que eu falo, e não do Homem  
Que o engano era aqui fácil).  
Deixada, a vozes tais colher a Cobra,  
Colhida, ei-la num saco; e pior que isso  
(Culpada ou não) sentenciada à morte,  
Por corar, com razões a tal sentença,  
Proferiu-lhe o Fulano este discurso:  
«Ser bom com ruins, oh Símbolo de ingratos,  
É ser tonto. Assim, morre.  
Teus dentes, tuas iras  
Não mais têm de empecer-me.»  
Como ela melhor pode  
Assim lhe respondeu. «Se a todos, cumpre,  
Ingratos, que há no mundo, condená-los,  
Quem obterá perdão? Tu, a ti mesmo,  
Autuas o processo; e em ti me fundo,  
Nas tuas lições próprias. Lança os olhos  
A quanto fazes. Tens da minha vida  
O fio, nessas mãos. Corta-o, se queres.  
O teu útil, o teu capricho, e gosto,  
(Leis, pelas quais bem podes condenar-me;)  
Valham Razão, Justiça;  
Mas franqueza me dá, que antes, que eu morra  
Te diga, ao menos, que Homens, e não Cobras,  
São símbolos de ingratos.»  
Ditos foram, que recuar fazendo  
Ao tal dous passos, disse:  
«Razões dizes lá fúteis. Bem pudera  
Dar decisão; que é jus, que mui me cabe:  
Mas Árbitro se chame.» Anui a Cobra.  
Vem chamada uma Vaca  
Que ali pastava; à qual propõe o pleito.  
E ele proposto, a solução vem presto.

VACA

«Para isso é que me chamam? Claro é o ponto.  
A Cobra tem razão. Calá-lo é nulo.  
Eu o alimento, há já bem longos anos,  
Nem dia há, que algum bem de mim não colha,  
Para ele é quanto eu valho:  
O meu Leite, os meus Filhos,  
Dão, que ele a Casa volva co'as mãos cheias.

Até lhe restaurei a, que a Velhice,  
     Saúde, lhe alterara.  
 Têm suas precisões, ou seus prazeres  
     Por alvo as minhas penas.  
 Eis-me Velha, e num canto, onde, sem erva,  
 Me deixa. E se pastar me deixe ao menos...  
 Mas tem-me presa. Se eu por Dono houvera  
 Uma Serpe, pudera ela mais longe  
 Levar a ingratidão? Disse o que entendo.  
     Adeus.» O Home', atónito,  
 Co'a sentença, que ouviu, disse à Serpente:  
 «E crês no que ela disse? Ela caduca:  
 Transtornou-se-lhe o siso. O Boi nos julgue.»  
 «Julgue» (disse o réptil). Foi dito e feito.  
 A passo lento chega o Boi, e quando  
 Na mente o caso ruminou, lhes disse,  
 Que, do labor anual, quem estancava  
     As mais duras fadigas  
 Era ele só; que a fio decorrendo  
 O círc'lo de trabalhos prolongados,  
     Que (sobre si volteando)  
 Ressurgem e renovam, quanto Ceres  
 Bem vende aos Animais, se o dá aos Homens.  
 A tal série de lidas dão por prémio,  
 Os Homens pouco agrado, e muitos golpes.  
     Quando o Boi envelhece  
 Compram, c'o sangue dele (honra ao Boi dada!)  
     Dos Numes a indulgência.»  
     Aqui diz o Homem: «Cale-se  
 Esse Declamador, que me dá tédio  
 Seu falar campanudo; ele em vez de Árbitro  
 Se mete a Acusador. Por tal o escuso.»  
     Pior sucede ainda  
 Quando, escolhe por Juiz, esse Homem, a Árvore.  
     Que uma Árvore é abrigo  
 Contra fúrias de Ventos, Chuvas, Calmas;  
 Orna os nossos Jardins, enfeita os Campos.  
     Nem só se acanha a sombras  
     O Bem, que dar-nos sabe.  
 Ajouja-se de fruta; e por salário,  
 Um a derriba. Ei-la bem paga!  
     Do liberal, que fora  
     Em dar-nos todo o ano,  
 No Verão flores, e no Outono frutos;  
 No Estio sombra, gosto ao Lar, no Inverno!  
 Decotem-na, machado lhe não deitem;  
 Que substância lhe fique, com que viva.  
     Vendo-se o Home' enfadado  
     De o convencerem sempre,  
 Quis sair, do processo com vitória:  
 «Sou mais que bom, que ouvir tais cousas soffro.»  
 Bate, no sacco, a Cobra, contra um muro,  
     E Animal dá cabo.

Quando a Razão os vexa,  
Tal é dos Grandes o uso:  
Para eles cuidam tudo haver nascido,  
Serpes, Quadrúpeos, Gente;  
E se há quem lhes retruque,  
Tolo o chamam. Convenho; e, nesse caso,  
Que fazer cabe? Digo, que falar-lhes  
De longe, ou star calado.

## FÁBULA VI

### *A Tartaruga, e dous Patos*

TENDO uma Tartaruga leve o miolo,  
E já tédio tomado à toca sua,  
    Quis correr Mundo.  
Prezam-se em muito as estrangeiras terras.  
De usança têm os Coxos ódio à Casa.  
    Ora dous Patos,  
A quem nossa Comadre o grão projecto  
Comunicou, lhe dizem ter a frouxo,  
    Com que a contentem.  
«Vês essa larga estrada? Nós à América  
Pelo ar te levaremos. Tens de veres  
    Muitas Repúblicas,  
Muitos Reinos, e muitos Povos; deles,  
De seus costumes, e usos, que observares,  
    Tirar proveito;  
Que assim Ulisses fez.» Ninguém sperara  
C'ó Ulisses cá topar, neste negócio.  
    A Tartaruga  
No envite concordou, no ajuste, e em tudo.  
Engenham os dous Patos certa máquina,  
    Em que transportem  
A Romeira. Atravessam-lhe na boca  
Um Pau. «Aperta bem, c'os dentes (dizem)  
    Ferra, e não soltes.»  
Pega então cada Pato numa ponta  
Da travessa, ao ar sobe; e a Tartaruga  
    Assim alçada  
Dá pasmo a quantos vêem (por tal maneira)  
Ir o tardo Animal, e a Casa co'ele,  
    Entre uma, e outra Ave.  
Gritam: milagre! – *Vinde ver, nas nuvens,  
Passar das Tartarugas a Rainha.*  
    «A Rainha!»

#### TARTARUGA

«Rainha sou, por certo, sim Senhores.  
Não há hi que zombar.» Melhor fizera,  
    Se se calasse,  
E seu caminho andasse. Eis abre os dentes  
Eis solta o pau, eis vem ao chão de baque,  
    E lá arrebenta,  
À vista dos Mirones. Foi motivo  
Da sua ruína o dar à taramela  
    Por vaidade.  
Curiosidade vã, presunção tola,



Falatório, imprudência  
Têm entre si estreito parentesco:  
Vêm de igual cepa.

## FÁBULA VII

### *Os Peixes, e o Corvo Marinho*

EM todo esse contorno,  
Lago, nem tanque havia  
Que páreas não pagasse  
A um Fuão, Corvo marinho.  
Também cobrava tenças  
De viveiros, reservas,  
Que a panela abastavam.  
Mas quando a idade longa  
Gelou do Corvo o sangue,  
Lazarava a panela.  
Ora os Marinhos Corvos  
De Comprador não usam;  
Vão à tenda eles mesmos.  
O Fuão, que é velho, e relho  
Não vê já o fundo da água:  
Não possuindo redes,  
Nem covo, padecia  
(Coitado!) grandes fomes.  
Nessa penúria extrema,  
Como a Necessidade  
É grande Mestra em artes,  
Lhe acudiu co'a seguinte.  
Viu, na borda dum Lago  
O Corvo, um Caranguejo:

CORVO

«Compadre, já e logo  
Leva importante aviso  
À piscativa gente,  
Que lhe é iminente a morte.  
Que deste Lago o Dono,  
Dentro desta semana  
Fará redonda pesca.»  
Correndo, vai o caso  
Contar o Caranguejo.  
Grão reboliço se ergue.  
Já correm, já se ajuntam,  
Já Deputados mandam  
A Dom Corvo marinho,  
Que – *donde vem* – (perguntam) –  
*Tão aziago aviso.*  
*Se muito o afirma, e abona,*  
*Se disso está seguro,*  
*Se com refúgio acerta;*  
*E que convém que façam.*

CORVO

«Mudar pousada.»

PEIXES

«E como?»

CORVO

«Não se aflijam. Eu todos  
Levarei, um trás outro,  
Lá para o meu retiro,  
Que é, mais que algum, escuso;  
E a senda, que lá leva  
Só Deus, e eu a sabemos.  
Salve a vossa República,  
Viveiro, que cavara  
Com suas mãos Natura.»  
Creu nisso o Povo aquático  
Foi levando, um trás outro  
À rocha infrequentada;  
E os pôs em certo sítio  
Claro, estreito, e não fundo,  
Onde, sem custo, os pesca  
O Corvo bom meliante,  
Hoje um, amanhã outro;  
E à sua custa aprendem,  
Que nunca em Papa-gentes  
É bom pôr confiança.  
Pouco nisso perderam;  
Pois que a relé dos Homens  
Gramar gran parte houvera.  
Que vai em quem vos coma?  
Que, Lobo, ou que, Homem seja?  
Mais cedo, ou já mais tarde  
Parar vai tudo à pança:  
(Se há variedade, é pouca!)

## FÁBULA VIII

### *O Soterrador, e seu Compadre*

UM Morde-cunhos tinha amuado tanto,  
Que, onde pôr tanta chelpa, ânsias lhe dava.  
    Avareza, e Ignorância  
    São Irmãs, e andam juntas.  
Ambas o embelecavam sobre a escolha  
De fiel Depositário; e ele um quisera.  
    Dava ele por motivo  
    Quão muito a chelpa tenta.

AVARENTO

«O monte minguará, se em casa o deixo.  
Do meu dinheiro eu mesmo o Ladrão fora.»  
    Ladrão! Sim; que a si rouba  
    Quanto em prazeres gasta.

COMPADRE

«Doo-me, Amigo, do teu error extremo,  
Toma-me esta lição: – *Os Bens, são Bem,*  
    *Se bem os distribuis.*  
    *Aliás, Mal.* – Tu queres  
Fechá-los, para quando te não sirvam?  
Perde o ouro (que tão útil crês) seu preço  
    Co'as lidas de adquiri-lo,  
    Co'as penas de guardá-lo.»  
Podia o Avaro achar leais pessoas  
Que, em tal caso, os disvelos lhe forrassem!  
    Tendo escolhido a Terra,  
    Co'a ajuda dum Compadre,  
Nela o tesouro encovam. Passam tempos;  
E indo o seu ouro ver, viu só a cova.  
    Justa cai a suspeita  
    No Compadre, a quem disse:

AVARENTO

«Prepare-se, que inda alguns cobres quero  
Juntar aos outros.» O Compadre aguça;  
    Vai por no mesmo sítio  
    A roubada importância;  
Co'a tenção de levar outra vez tudo.  
Mas o outro, mais esperto, a bom recado,  
    Tudo guardou em casa,  
    Resoluto em lograr-se  
Da vida. Amuar?... nunca. Encovar?... menos.  
Foi patinho o Compadre; achou-se em branco.

Creiam, que assaz é fácil  
O lograr um Logreiro.

## FÁBULA IX

### *O Lobo, e os Pastores*

UM Lobo, (Lobo humano,  
Se há Lobos tais, no Mundo!)  
Reflexão fez profunda, em certo dia,  
Sobre a crueza sua; dado que ele,  
Por precisão a exerça.  
«Aborrecem-me! Quantos?  
Todos. – que têm teiró, c'o Lobo, todos.  
Juntam-se em dano meu Cães, Caçadores,  
Vilões. Lá em cima, a Jove  
Azoinam, com seus brados,  
Razão, porque Inglaterra erma é de Lobos.  
Prémio tem quem nos mata. Nem lá vive  
Pelão, , que não publique,  
Contra nós, bando, e prémio.  
Chora o Filho, a Mãe logo o ameaça  
C'o Lobo. E a razão disso? Porque fome  
Matei com ronha de Asno,  
Com Anho lazarento?  
Pois bem; não mais comamos cousa viva.  
Paste-se erva, ou se morra antes de fome.  
Tão cruel cousa é a Morte!  
Val mais, alvo tornar-se  
Da universal aversão?» Viu (dizendo isto)  
Comer Pastores, por assado, um Anho.

LOBO

«Oh! Oh! Lançar-me em rosto  
Eu dessa raça o sangue?  
Escrúpulo eu fazer do que os seus Guardas  
Para si, para os Cães repasto fazem?  
Voto a tal, que é ridículo.  
Passarás por meu gasnate,  
Anho, Branquinho, sem que vás ao speto:  
Não só tu, mas a mesma Mãe, que chupas;  
E o Pai, que te engendrou.»  
Achei razão ao Lobo.  
Dir-se-á, que banquetemos, com manjares  
De quanto Animal vive; e a toda a força  
Querer, que eles só comam  
Comeres da áurea idade!  
E que eles, nem panela, nem fateixa  
Tenham? Pastores meus, oh meus Pastores,  
Não tem razão o Lobo,  
Quando, somente quando  
Mais forte ele não é. Quereis, que viva  
Como Ermitão, um Lobo, que tem posses?

## FÁBULA X

### *A Aranha, e a Andorinha*

«**J**OVE, que do teu cérebro pudeste,  
(Por novo arcano de alta paridura)  
Palas, tirar, (minha inimiga outrora)  
Ouve, uma vez, meu pranto, em tua vida.  
Rondeando, rastejando, águas, ou terras,  
Me vem Progne roubar minhas migalhas,  
Preiar-me, à minha porta, as minhas Moscas.  
Minhas chamar-lhes posso; e a minha rede,  
Sem essa Ave maldita, cheia fora;  
Que eu de fio a teci, não quebradiço.»  
    Co' essa insolente fala  
Se doía Aracne. outrora tapeceira,  
    E que fiandeira agora  
Todo o Insecto voador preiar queria.  
A Irmã de Filomela atenta ao roubo,  
    Mau grado o animalejo,  
Caçava Moscas no ar. Impia folgança,  
    Para ela, para os filhos!  
Para os Filhos gulosos, que c'o bico  
Sempre aberto, ninhada tartamuda,  
    Com mal ouvidos guinchos,  
Em mal formado som, pediam pasto  
A triste Aranha, que não mais já tinha  
    Do que a cabeça, e pernas.  
    Artífices supérfluos!  
Também preiada foi, pela Andorinha,  
    Que, na revoada, a teia,  
E a Aranha, pendurada, por um fio,  
    Dum lanço, arrebatou.  
Jove duas mesas pôs, para os dous lotes  
    Da gente deste Mundo:  
O Destro, o Esperto, o Forte estão sentados  
    À primeira; os pequenos  
Comem os seus sobejos, à segunda.

## FÁBULA XI

### *A Perdiz, e os Galos*

ENTRE incivis, pouco galanes Galos,  
Sempre brigosos, sempre turbulentos  
Pascia uma Perdiz; e esperava ela,  
Em razão do seu sexo, e da hospedagem,  
Da parte desses Galos, do Amor servos,  
Sobejas atenções, e que fariam  
As honras do tal pátio. Era não menos  
Relé, que andavam quasi sempre em fúria;  
Pouco respeito usando  
Co' a estrangeira Senhora.  
Davam-lhe a miúdo horríveis picadelas.  
Afligiu-se, de intróito; mas logo  
Ao vê-los mutuamente espicaçar-se,  
E os quadris retalhar-se, consolou-se.

PERDIZ

«São talvez, seus costumes:  
Não os criminemos; antes  
Dó tenhamos dos Galos.  
Não moldou uma forma os génios todos.  
Génios há de Perdiz, de Galos génios  
A depender de mim, passara a vida  
Com mais cortês família; mas diverso  
Corre o teor do Dono da pousada,  
Que nos colhe, na enfunilada rede,  
C'os Galos aboleta-nos,  
As asas agorenta-nos...  
Dos Homens, e não d'outrem nos queixemos.»



## FÁBULA XII

### *O Cão des-orelhado*

**E**U, que fiz? Porque assim me mutilasse  
Meu próprio Dono? Eis-me ora em lindo estado!  
E hei-de, ante outros Cães, assim mostrar-me?  
Oh Reis dos Animais! (antes Tiranos!)  
Se insulto semelhante vos fizessem!...»  
Assim clamava Mufle, um Doguezinlo,  
Sem que, os que lhe cortaram, despidosos,  
As orelhas, compadecidos fossem  
De seus gritos agudos, doloridos.  
Mufle as creu perda enorme; mas, c'o tempo,  
Viu, que muito lucrara. Tendo génio  
De pilhar seus iguais, desastre infindo  
Pudera acontecer-lhe, e vir a casa  
Co'a orelha lacerada em mil retalhos.  
Cão ralhador, nunca a conserva inteira.  
Quanta ansa menos dás a estranho dente,  
Maior bem para ti. Quando um só flanco  
Te fica a defender, melhor o guardas,  
Por que mal lhe não venha. Seja abono  
Com férreas pontas Mufle encoleirado  
Tão rente, e plana a orelha, como a palma,  
Lograva os Lobos, não lhe dando pega.

## FÁBULA XIII

### *O Pastor, e El Rei*

NOSSA vida, entre si, dous Demos partem;  
E a Razão repeliram  
Do património seu. Nem peito vejo  
Que não lhes renda culto.  
Chamo um Amor; o outro Ambição nomeio,  
Que estende, inda mais longe  
Que Amor, o império seu. Ser-me-ia fácil  
Mostrar, que se entremete  
Nos foros do Amor mesmo. Mas meu fito  
É contar, como manda  
Certo Rei vir um tal Pastor à Corte.  
Contos de *in illo tempore*,  
Não desta era, em que somos! Um rebanho  
Viu El Rei, que cobria  
Toda aquela Campina, pastejando  
Bem medrado, e rendendo  
(Disvelos do Pastor) grossas quantias.  
Diligentes disvelos,  
Tanto ao gosto de El Rei, que assim lhe disse:  
«Deixa esses teus Cordeiros,  
Que mereces melhor, ser Pastor de homens.  
Juiz supremo sejas.»  
Eis que o nosso Pastor libra as balanças.  
Dado, que pouca gente,  
Salvo o Ermitão, conheça, e os Cães, e o Gado,  
E o Lobo, e eis aí tudo;  
Bom senso tinha: o mais o tempo o vence;  
E em suma, conseguiu-o.  
Corre o Ermitão vizinho, e vem dizer-lhe:  
«Sonho eu? ou stou desperto?  
Tu, valido? tu Grande? Desconfia  
Dos Reis: que assaz resvala  
Seu valimento esconso, e o pior inda  
É, que esse caro custa:  
E errores tais, ilustres desventuras  
Produzem. Não conheces  
O pérfido atractivo, que te empenha.  
Como amigo te falo.  
Teme tudo.» Ri-se o outro; e o Fuão prossegue:  
«Vê já, quão des-sisudo  
A Corte te há tornado. Em ti ver creio  
O Cego, que, por caso  
Topou, co'a mão, entorpecida Cobra,  
Com frio; e que fez dela,  
Açoute, e a par, um cingidouro,  
Que o outro pérfido supre,

Que lhe caiu da cinta. Ao Céu deu graças  
Pelo feliz acerto.»  
Passa um, que grita: – *Oh Numes! que é o que cinges?*  
*Bicho é traidor, nocivo,*  
*Serpe... Lança-a de ti.*

CEGO

«É açoute.»

PASSAGEIRO

«É serpe,  
Digo. E que lucros ganho  
Em me esfalgar gritando? E é teu intento  
Guardar esse tesouro?»

CEGO

«E porque não? Já tinha uso sobejo  
O açoute meu perdido;  
E este, que achei é bom. Falais, de inveja.»  
Não quis o Cego, crê-lo,  
E a vida lhe custou. Des-torpecida  
Picou-o no braço a Cobra.  
Desventura pior te pronostico.

PASTOR

«Inda pior? A Morte?...»

ERMITÃO

«Virão disgostos mil.» E tais lhe vieram,  
Que o Ermitão foi Profeta.  
A peste ruim das Cortes, por mil máquinas  
Tanto fez, que a candura,  
Que do Juiz o mérito, em suspeita  
Caíram, do Monarca.  
Eis conluios, eis peitas, eis falsários,  
Eis causas mal julgadas.  
*De nossos bens ergueu Palácio.* (o acusam)  
Riquezas tão notáveis  
Qui-las El Rei ir ver. Só medianias  
Achou, por toda a parte,  
Louvres do ermo seu, e da Pobreza.  
E eis em que consistiam  
Suas magnificências. *Mas* (instavam  
Os que lhe mal queriam)  
*Um Cofre, aferrolhado a vinte chaves,*  
*Encerra pedrarias.*  
Abre o Cofre o Pastor, deixa pasmados  
Do engano os Urdidores.  
Que é o que viram, dentro? as rotas vestes

Do Pastor do rebanho.  
Surrão, monteira, saio, e seu cajado,  
E creio, que até a gaita.

PASTOR

«Ricas jóias, penhores caros, nunca  
Por cortejo trouxesteis  
Invejas, nem embustes; vinde, vinde;  
Saíamos destes Paços,  
Como quem sai dum sonho. Perdoai-me  
Este meu desafogo.  
Quando subi, Senhor, a auge tão grande,  
Bem antevi a queda.  
Assaz me comprazi; mas quem, dum toque  
De Ambição se ressalva?»

## FÁBULA XIV

### *Os Peixes, e o Pastor que toca flauta*

TIRSO, que a voz, e os sons da flauta sua,  
Só ressoar fazia por Enália,  
Sons, com que as penhas abrandar pudera:  
Cantava, um dia, ao longo das ribeiras  
Duma linfa, que matizava os prados  
De boninas, e dava hospício ao Zéfiro.  
Pescava, em tanto, Enália, e nenhum peixe  
À Cana lhe acudia. Inúteis lidas!  
O Pastor, que teria com seu canto  
Amolentado desumanos peitos  
Cantou assim: «Deixai a vossa Naia,  
Em sua gruta, oh Cidadãos do Rio,  
Um rosto vinde ver mais lindo que ela,  
Em seus lindos grilhões entrai sem susto.  
Só comigo é cruel; não o é convosco.  
Nem vossa morte quer; sereis tratados  
Com brandura: um Viveiro vos espera  
Mais claro, que o cristal; e se a alguns fosse  
Fatal o engodo, a Morte, às mãos de Enália,  
Sorte é, que eu invejara.» Grande efeito  
Não fez essa Eloquência; que o auditório  
Tão surdo era quão mudo. Em vão pregava  
Tirso; levou-lhe o Vento a voz de açúcar.  
Mas lança a rede e os peixes se lhe emalham.  
Oh vós, Pastores de Homens, não de Gados,  
Reis, que em razões, fundais ganhar os ânimos  
De estranha multidão: por esse meio  
Nada alcançais, usai doutra maneira:  
Rede, Rede. O Poder consegue tudo.

## FÁBULA XV

### *Os dous Papagaios, El Rei, e seu Filho*

DOUS Loiros, Pai e Filho, dos assados  
De Sua Majestade  
Faziam seu repasto. Um Pai, e um Filho,  
Terrestres Semideuses,  
Aos dous Pássaros tinham por Validos.  
A Idade atava entre eles  
Amizade sincera: amavam-se ambos  
Os dous Pais, e os dous Filhos;  
E, em despeito do frívolo carácter,  
Uns e outros congraçavam-se,  
Juntos na criação, juntos na Escola.  
E que honras para os Loiros  
Que era Monarca o Pai, e o Filho Príncipe.  
Pela índole, que a Parca  
Lhes deu, amavam Aves. Quinhão tinha  
Nas delícias do Príncipe  
Um Pardal, mui galã, e o mais amante  
De toda essa comarca.  
Um dia, que esses dous rivais brincavam,  
Como entre crianças se usa,  
Passou o jogo a bulha; pouco atento  
Fez o Pardal colheita  
De certas picadelas, que o deixaram  
De asa caída, e exânime.  
Julgaram-no sem cura. Irado o Príncipe  
Deu morte ao Papagaio.  
Chega o boato a El Rei. O infeliz Velho  
Grita, e se desespera,  
Em vão. Supérfluos gritos! Já na barca  
O bem falante Pássaro  
De viagem vai. E por melhor dizer-vos,  
Da Ave, que é morta, e muda,  
Cobra o Pai tal furor, que vai-se ao Filho  
D'El Rei, cava-lhe os olhos,  
E põe-se em salvo. Toma por asilo  
O cimo dum Pinheiro.  
Lá, no seio dos Numes, quedo, e forro,  
Saboreia a vingança.  
Corre El Rei em pessoa a apaziguá-lo:

EL REI

«Torna a Palácio, Amigo.  
Que val chorar? Ponhamo-los à porta  
O Ódio, a Vingança, os Nojos.  
Forçoso é que eu declare (bem que seja

A minha dor bem agra)  
Que o agravo de nós vem; que foi meu Filho  
O agressor. Ruins Fados,  
(Que não Meu Filho) os criminosos foram.  
A Parca tinha escrito,  
Em seu livro (eras há) que um Filho nosso  
Cegasse, e outro morresse.  
Consolemo-nos ambos; torna a casa.»

PAPAGAIO

«Cuidas, Senhor Monarca,  
Que, após ultraje tal, em ti me eu fie?  
Vens-me alegar c'os Fados!  
E nessa fé, pretendes, que eu ao logro,  
Co' engodo dessa lábia,  
Me entregue? Sejam Fados, Providência,  
Quem rege do Orbe a andança;  
No Céu stá scrito, que eu no cucuruto  
Deste Pinheiro, ou cima  
Dalgum bosque, findarei meus dias,  
Longe do aziago assunto,  
Que te dê justa causa a fúrias, e ódios.  
Que eu sei, que a Reis, que vivem  
Como Deuses, vingança é Real bocado.  
Qués-te esquecer da ofensa?  
Creio-to assim. Mas cabe, que eu evite  
Tuas mãos, e teus olhos.  
Amigo, e Senhor Rei, vai-te; que frustras  
Teu trabalho; nem fales  
Nunca de eu lá voltar. Tanto remédio  
A Ausência é contra o Ódio,  
Como o é (valha o rifão) um lenitivo  
Das amorosas Penas.»

## FÁBULA XVI

### *A Leoa, e o Urso*

**P**ERDERA a Mãe Leoa o seu Cachorro;  
Roubou-lho um Caçador. Triste e mesquinha,  
Soltava tais rugidos,  
Que importunava os bosques. Nem a Noite,  
Com seu silêncio, e tantos atractivos,  
Da Imperatriz das brenhas  
Tolhia os alaridos: e ora visitas  
A nenhum Animal, fazia o Sono.  
Por fim lhe disse a Ursa,  
«Comadre, uma só fala, e mais não digo.  
Quantos filhos teus dentes têm mascado  
Pai, Mãe não tinham eles?  
Oh, que os tinham. Pois que eles as cabeças  
Nos não quebraram, por seus Filhos mortos;  
Se essas Mães se calaram,  
Que não te calas tu?»

LEOA

«Eu! eu calar-me?  
Eu que o Filho perdi, mesquinha e mísera?  
Que hei-de arrastar dorida  
Velhice?»

URSO

«E quem te obriga?»

LEOA

«Ai triste! O Fado,  
Que me aborrece.» Sempre estas palavras  
Na boca andam de todos.  
Miseráveis humanos, tal discurso  
Bem se endereça a vós. Quantos clamores  
Não lhes ouço eu, tão frívolos?  
Se, em caso tal, te crês dos Céus odiado,  
Contempla-me a triste Hécuba; e então graças  
Terás que dar aos Numes.



## FÁBULA XVII

### *Os dous Aventureiros, e o Talismã*

À glória não conduz flórida estrada:  
Dão-me Alcides, e seus rivais a prova.  
Hoje, o Nume, em tais lidas, mal se ocupa.  
Poucos veio na Fábula,  
E na história, inda menos.  
Inda acho um, a quem Talismãs surrados  
Lançaram, no país lá das Novelas,  
A aforoar Fortuna.  
Ora ele, e um Companheiro, que levava,  
Acertaram c'um poste, em que era scrito:  
Senhor Aventureiro, se te cresce  
Auso de ir ver o que outrem nunca vira,  
Errante Cavaleiro;  
Atravessa a torrente, e toma em braços  
O marmóreo Elefante, que deitado  
Em terra jaz, e leva-o  
Dum fôl'go até ao tope desse monte,  
Que co'a fronte orgulhosa os Céus ameaça.  
Um dos tais Cavalheiros  
Não assinou, e disse:  
«Se quanto é rápida, a corrente é funda;  
(Inda suposto, que franqueá-la possam)  
A que vem o empecilho do Elefante?  
É ridícula a empresa.  
Por arte, o fez o Sábio e por tal jeito  
Que o levem quatro passos;  
Mas ao cimo do monte, e dum só fôlego...  
Não cabe a algum mortal – menos, que Aborto,  
Anão, Pigmeu não seja esse Elefante;  
Que possa ir pendurado,  
Num bordão, qual cabeça de Romeiro.  
Então, que honras ganhais, nessa aventura?  
Quis-nos dar ópio o Sábio, nesse anúncio;  
Enigma é, com que só crianças logre.  
Assim, lá vos avinde co' Elefante.»  
Ido o tal Discursista,  
O ousado Aventureiro os olhos fecha.  
E atira-se à torrente;  
Sem que altura, nem rapidez o atalhe.  
Segundo reza o anúncio, vê na praia,  
Fronteira, esse Elefante  
Estirado no chão. Já o toma, e o sobe  
Ao pinác'lo, do monte, e lá depara  
C'um terreiro, e depois, c'uma Cidade.  
Então solta o Elefante um fero grito,  
Ao qual acode o Povo armado e forte.

Fugido houvera ao ruído entrepitoso  
Qualquer Aventureiro,  
Que ele não fosse; mas mui fora, o nosso,  
De voltar costas, quis vender a vida,  
E morrer como Herói.  
Ei-lo atónito, ouvindo essa caterva  
Chamá-lo Rei, no posto de El Rei morto.  
Mas fez-se de rogar.

#### AVENTUREIRO

«O encargo é duro.»  
Xisto outro tanto disse,  
Quando o nomearam Papa.  
Ser Papa, ou Rei será miséria? Claro  
Se viu logo a má fé, com que o dizia.  
Fortuna cega ampara a Audácia cega.  
Bem faz o Sábio, em pôr por obra, às vezes,  
O feito, sem consulta, sem reparos,  
Antes que a Sapiência, e o Tempo o estorvem.

## FÁBULA XVIII

### *Os Coelhos*

MUITAS vezes me eu disse (vendo o modo,  
Com que os Homens procedem, e com que obram  
Em mil ocasiões, bem como os brutos)  
    «O Rei lá dessas gentes  
    Não tem menos defeitos  
Que os seus Vassalos. Pôs a Natureza  
    Em cada criatura  
    Um grão daquela massa,  
Donde os Esp'ritos sacam – Eu o entendo  
    Dos Espíritos corpos,  
    Plasmados de matéria.»  
Provo assim o que digo. Posto à espera,  
Nessa hora, em que os seus raios precipita  
A luz, no undoso Império, ou quando enceta  
    O Sol sua carreira,  
Que noite já não é, nem inda é dia;  
Trepado em tronco, à raia de algum bosque,  
E do alto desse Olimpo, novo Jove,  
Fulmino, a bel prazer certo Coelho,  
    (Que em tal não punha tento.)  
Foge logo a Nação Coelhoal, que sobre  
O arneiro, olho apontado, orelha alerta  
    Retouçava, e o banquete  
    Com tomilho odorava.  
Vai, c'o estampido, o bando todo, em busca  
De couto, na Cidade subterrânea.  
    Mas, passa o p'rigo, e esquece,  
E ei-lo presto esvaiu o grande susto.  
    Torno a ver os Coelhos,  
    Mais contentes, que dantes,  
Vir-me cair nas mãos. Quem não conhece,  
Em tal lance, os humanos? Derramados  
    Por qualquer tempestade,  
    Mal entram pelo porto,  
    Eis que a arrostar-se correm  
C'os ventos, c'os naufrágios. Como os Coelhos  
Cair nas mãos, os vemos, da Fortuna.  
Caso trivial a exemplo tal juntemos.  
Quando um Cão doutro bairro passa a sítios  
    Fora de sua alçada,  
Dou-vos a idear que linda festa lhe armam  
Os Cães bairristas, que põe só na gula  
Todo o fito; e que a ladros, e a dentadas,  
Té do bairro aos confins lhe dão corrida.  
Interesse de bens, grandeza, e glória  
    Aos Regentes dos Povos,

A certos Cortesãos, aos Rivais na Arte,  
O que os Cães fazem, faz, que eles o façam.  
E de ordinário vemos  
Investir os Novatos, e ir-lhe ao pêlo.  
Tem essa índole o Autor, tem-na a Loureira.  
Triste do Autor novato!  
Quantos menos, melhor, perto do bolo.  
Esse é o fito; e do jogo esses os foros.  
Com cem exemplos escorar pudera  
Este discurso meu. Mas quanto as Obras  
Mais curtas são, melhores as contemplo.  
Nisso, por Guias tomo  
Todos os Mestres da arte.  
Tenho, que nos assuntos mais formosos,  
Cumpre algo lhes deixar, que os outros pensem.  
Cesse pois o discurso.

## FÁBULA XIX

### *O Comerciante, o Fidalgo, e o Pastor, e o Filho d'El Rei*

QUATRO buscantes de encobertos Mundos  
Que às assanhadas ondas  
Quasi nus escaparam. Negociante  
Um deles era, um Nobre  
Era o outro; e os outros um Pastor, e um Príncipe.  
Ora ei-los reduzidos  
À Belisária angústia, e a quem passava  
A esmola requestando,  
Com que amansar os gritos da penúria.  
Contar-vos eu que acerto,  
De vários sítios, lá, juntara os Quatro,  
Longa fadiga fora.  
Sentam-se, enfim, à beira duma fonte  
Os Pobretes; e entre eles  
Travam conselho. Lástimas o Príncipe  
Solta acerca dos Grandes...

PASTOR

«Arredemos, por ora, o pensamento  
Do passado infortúnio.  
Cada um se empregue; e co'as melhores posses  
Valha ao comum sçobro.  
Queixumes não nos salvam. Trabalhemos;  
Trabalho dá sustento.»  
*Pastor, falar assim?* (dirão praguentos).  
Credes vós, que o bom senso,  
Que a Razão, a deu só o Céu clemente  
Às frentes coroadas?  
E que tanto ao Pastor, quanto às Ovelhas  
Deu limitado instinto?  
Os três que o mar lançara, mui cordato  
Acharam deste o acerto.  
Mui douto no algarismo, o Negociante,  
Por mês, lições a tanto,  
Irei dando aos sertões Americanos.

PRÍNCIPE

«Dá-las-ei de Política.»

FIDALGO

«E eu, de Brasão.» Nem que entre os bons Tapuias  
Coubesse ouca ufanía  
De ingrimanço tão frívolo!

PASTOR

«Olá Amigos,  
Quanto dizeis é guapo:  
Mas tem dias trinta o mês; e até que finde,  
Bofé, jejuaremos?  
Linda esperança dais, mas de bem longe.  
Mas a fome me aperta;  
E o jantar de amanhã, quem é que o avista?  
Melhor! E em que seguro  
Fundais a ceia de hoje? Ela é urgente!  
Vosso saber se acanha  
Nestes pontos? As minhas mãos o supram.  
E nisto, entra nuns matos,  
Faz feixes; vai vendê-los; e esse dia,  
Mais o dia seguinte  
Tolheu, que amplo jejum não viesse a cabo  
De imbuti-los a todos  
No outro Mundo, a dar obra aos seus talentos.  
Deste acaso concluo,  
Que tanto escapate não falece,  
Para alentar a vida.  
Gratos sede à Natura dadivosa,  
Que em mãos vos pôs socorro.

## FÁBULA XX

### O Leão

O Sultão Leopardo, (me disseram)  
Por muito bons caídos, teve outrora  
    Boiadas nos seus prados,  
Nos bosques veação, gado nas terras.  
Ora nasceu, nas próximas devesas,  
    Um Leão. Cumprimentos  
De cá, de lá; como entre Grandes se usa,  
Findos sendo, o Sultão c'o bom Político  
    Vizir Raposo, em manhas  
Bem curtido; falou.

#### SULTÃO

«Do Leãozete,  
Meu vizinho, hás tu medo? Seu Pai morto,  
    Que pode ele empecer-nos?  
Mais te doa o pobre Órfão; que assaz tráfego  
Lhe fica a deslindar. Se ele conserva  
    O que tem (sem pôr olhos  
Em Conquistas) muito é foreiro aos fados.»  
O Raposo, a cabeça meneando,  
    «Senhor; tais Órfãos (disse)  
    Dó me não causam. Conservar com ele  
Amizade é prudência, ou pôr o peito  
    Em destruí-lo, enquanto  
Não medrem garras, dentes, nem se ele ache  
No azo de nos dar mate. Um só instante  
    Se não perca. Eu o horóscopo  
Lhe tirei; e tem de ser raio na guerra.  
Para Amigos não há Leão, que o valha;  
    Tratai de ser um deles;  
Ou de quebrar-lhe as posses.» Vão discurso  
Com que o Sultão dormia; e em seus domínios  
    Alimárias, e gente.  
Dormia tudo: em modo, que crescendo,  
O Leãozete foi Leão. Já dele  
    Soa rebate súbito.  
Por toda a parte os sustos se derramam:  
E o Vizir, que consultam sobre o transe,  
    Arrancando um suspiro,

#### VIZIR

«Que val irar-se? O caso é sem remédio;  
Baldado é chamar mil em vosso amparo.  
Bons só para comer porções de gado.

Quantos mais, maior custo.  
Meigai o Leão; que, só, vence em pujança,  
Caterva de Aliados,  
Que à vossa custa engordem. Três Aliados  
Tem o Leão, que pada <sup>[xxxiv]</sup> lhe não custam;  
Força, Esperteza, e Brio.  
Deitai-lhe presto às unhas um Carneiro:  
E, se inda faz beicinho, deitai-lhe outros;  
Deitai-lhe inda um Boi mesmo;  
Gordo o escolhei, por que salveis o resto.»  
Des-prouve, e o bom conselho mal tomaram;  
E mal lhes veio. E muitos  
Estados comarcãos também sofreram:  
Nenhum deles ganhou, perderam todos;  
E por mais que lidaram  
Todo o bando inimigo, senhoreou-os  
Quem temiam. O Leão crescer deixasteis?  
Tomai-o por Amigo.



## FÁBULA XXI

### *Os Deuses, que se oferecem a instruir o Filho de Júpiter*

UM Filho teve Júpiter,  
Que, sentindo a alta origem donde vinha,  
Dum Deus tinha a alma *in totum*  
Dizem: – *Nada ama a Infância*; – a do Deusinho  
Punha o seu mor empenho  
Nas doçuras de amar, de agradar todos.  
O Amor, e a Razão, nele  
Precorreram o Tempo, que quanto antes,  
Nas mui ligeiras asas,  
Nos traz cada Estação, míseros Homens!  
Gesti-donosa a Flora  
Olhi-ridente a alma abalou, primeira  
Do Olímpico Mancebo.  
Quanta indústria a paixão inspirar pode,  
Mimosos movimentos,  
Ternas meiguices, prantos, e suspiros  
Tudo entrou de concerto.  
Mais que aos dos outros Numes, coube ao Filho  
De Jove, por nascença  
Sublime Ingenho, e Dons do Céu sublimes  
Disseras: *Quanto exerce,*  
*Quanto vês, são lembranças: noutros tempos,*  
*Já fez de Amante o ofício.*  
Tanto o faz com primor! Com tudo Júpiter  
Quis que instruído fosse.  
Junta os Deuses, e diz-lhes: «Eu, tégora  
Só, e sem camarada,  
Sube o Mundo reger; havendo aí postos  
Que preenchem novos Divos,  
Neste Infante, que eu amo, os olhos pondo  
(Que, por cabo, é meu sangue,  
E a quem, por toda a parte, aras já lhe erguem)  
Porque lugar mereça  
Entre Imortais, convém que tudo saiba.»  
Apenas teve dito  
O trovejante Jove, a flux o aplaudem.  
Mais que sobrado ingenho,  
Para tudo aprender tinha o Menino.  
«Quero (dizia Marte  
Eu mesmo ensinar-lhe a Arte, que granjeara,  
As honras deste Olimpo,  
A muito Herói, e a soma dos Celícolas  
Nos avultaram.» Febo  
O Louro, e douto Febo disse: «Eu Mestre  
Lhe quero ser da Lira.»  
Alcides Leoni-pele: «Eu, a mim tomo

Mostrar-lhe a domar Vícios,  
Vencer ímpetos, monstros venenosos,  
Que, como Hidras, pululam  
No peito, sem cessar. De mim aprenda  
A ter ódio a branduras,  
A delícias; e encete as mal trilhadas  
Veredas, que encaminham  
Às honras, pelo trilho das Virtudes.»  
Eis chega o Deus de Gnido:

AMOR

«A mim só cabe doutriná-lo em tudo.»  
Tinha razão Cupido.  
Queira o Ingenho agradar, vencerá tudo.

## FÁBULA XXII

### *O Rendeiro, o Cão, e a Raposa*

VIZINHOS tais e quais são Lobo e Zorra:

Perto donde eles morem  
Nunca erguerei eu casa.  
Espreitava a Raposa, a toda a hora,  
Dum Rendeiro as Galinhas;  
Mas não lhes dava alcance,  
Mau grado a tretas mil, que ela sabia.  
Como o apetite a aperta, e  
Daqui, dalém o p'riço,  
Viu-se a tratante em talas.

RAPOSA

«Boa é esta!  
Impune de mim zomba  
Tal relé? Vou e venho,  
Lido, e mil voltas dou ao meu júzo;  
E este Aldeão, mui concho,  
Sem que de casa saia  
De tudo chelpe faz; converte em louras  
Capões, Galinhas, Frangãos; [xxxv]  
Té no gancho os pendura.  
E eu Mestraça, se apanho um Galo velho,  
Sou no auge de folgança?  
Por que Monsenhor Júpiter  
Me sorteou o emprego de Raposa?  
Pelas do Olimpo, e Stige  
Altas Potências juro  
Que darei que falar.» Traçando na alma  
Vinganças, noite escolhe  
D'alto dormir machucha,  
Em que cada um no sono aboborado,  
Capões, Galinhas, Frangãos,  
Amo, servos, té mesmo  
O Cão guarda-portão. Deixara o Dono  
(Asneira mais da marca!)  
Aberta a Capoeira.  
Tanto a Ladra rondou, que entrou na moca.  
Degola, esgana, mata,  
Despova a Cidade.  
Co' a luz da Alva, os sinais apareceram  
Do cruel morticínio.  
Então se viu, o alardo  
Da degola e dos sangui-sparsos corpos.  
De horror esteve a pique  
De arripiar a estrada

O Sol, e remolhar, na plaga Eoa,  
Seu plaustro. Igual spectác'lo  
Deu Febo, quando iroso,  
Contra o Atrida feroz, juncou o Campo  
De mortos. Quasi extinta  
Se viu a Hoste dos Gregos.  
Também a alma de Ajax impaciente,  
Fez, em redor da Tenda,  
De Carneiros, de Bodes  
Ampla carnificina, imaginando,  
Que ao concorrente Ulisses,  
Que aos do conluio iníquo,  
Que o prémio lhe roubavam, dava a morte.  
Funesta aos tais voláteis,  
Nova Ajax, a Raposa  
Leva o que pode, e deixa o mais a rodo.  
Não lhe acha outro refúgio  
O Dono, que ir ralhando  
C'os Criados, c'o Cão; (já uso usado!)

#### RENDEIRO

«Triste animal maldito,  
E não te esgano, e mato!  
Porque de estrago tal não deste senha!»

#### CÃO

«Porque o não evitaste?  
E era mais presto feito.  
Se Amo, e Rendeiro, e a quem mais doer cabe,  
Dormes sem mor cuidado  
De ferrolhar a porta;  
Queres, que eu, Cão, meu sono perca; eu que Amo  
Não sou, de meu não tenho  
Nada, nem ganho nisso?»  
Falou com juízo o Cão. Bom, seu discurso,  
Na boca do Amo, o fora:  
Mas nenhum valor teve  
Por que o dissera um Cão. Levou pancadas  
A pobre Criatura.  
Oh tu, Pai de família,  
Quem quer sejas (honra é, que eu não te invejo)  
Erro é, quando tu dormes,  
Fiar-te em olhos de outrem.  
Deita-te último, e sê quem feche a porta.  
*Quem quer, vai, (diz o Adágio)*  
*Quem não quer, esse manda.*

## FÁBULA XXIII

### *Sonho dum Habitante do Mogor*

CERTO Mogor, há tempos,  
Viu um Vizir, (em sonho)  
Nas Elísias Campinas  
Desfrutar um deleite  
Puro, quanto infinito  
Em valor, como em dura.  
O mesmo Sonhador  
Viu, em diferente sítio,  
Um Ermitão, ardendo  
Em circunfusas chamas,  
Que entranharia dó  
Nos próprios desgraçados.  
Des-ordinário, e estranho  
Lhe pareceu o caso.  
Dava ares, que esbarrara  
Minos, nesses dous mortos.  
Desperta-se assombrado  
O Dormidor; suspeita  
Contudo ali mistério.  
«Não pasmes (disse o Intérprete)  
Se em sonhos tino eu tenho,  
Conceito há no teu sonho.  
Aviso há hi dos Numes.  
Enquanto andou no Mundo  
Esse Vizir, às vezes,  
A solidão buscava;  
Talvez que o Ermitão ia  
Fazer aos Vizires sala.»  
Se eu ao dito do Intérprete  
Juntar ousasse um ponto,  
Inspirara o retiro;  
Retiro, que ama o Sábio;  
Que ofrece aos que bem o amam,  
Bens puros, dons, que o Céu  
Faz, que ante os pés lhe brotem.  
Oh Solidão! em que acho  
Encoberta doçura,  
Sítios, que eu sempre amei,  
Não poderei eu nunca  
Longe do Mundo, e tráfego,  
Gozar sombra, e frescura?  
Oh quem me represara  
Em teu opaco asilo!  
Querido é que as nove Inuptas  
Virão, longe das Cortes,  
E longe das Cidades,

Toda a mente ocupar-me;  
Ensinar-me os diversos  
Movimentos dos Céus  
Que ignoram nossos olhos?  
Os nomes, as virtudes  
Desses Luzeiros vagos,  
Que os Fados nos variam,  
Variam os costumes.  
Se eu não nasci para esses  
Altíssimos projectos,  
Mostrem-me objectos brandos,  
Ao menos, os regatos!  
Pintar possa eu nos versos  
Algum florido arroio.  
Não me urdiram as Parcas  
De fios de ouro a vida;  
Não dormirei sob tectos  
Artesoados de ouro:  
Mas perde sua valia  
O Sono, em um tugúrio?  
É lá menos profundo?  
Lá menos deleitoso?  
Eu novos sacrificios  
Na solidão lhe voto,  
Quando assome o momento  
De ir morar c'os finados.  
Vivi, mas sem cuidados,  
Morro, mas sem remorsos.

## FÁBULA XXIV

### *O Leão, o Mono, e os dous Jumentos*

QUERENDO, um dia, o Leão moral ciência  
Aprender, para seu melhor governo,  
Mandou chamar o Mono,  
Mestre em Artes, entre a animália gente.  
A, que o Rector lhe deu, lição primeira  
Foi esta. «Oh grão Monarca,  
Para reinar prudente, a todo o Príncipe  
Lhe convém preferir do Estado o zelo  
A certo movimento,  
Que *Amor próprio* é chamado; Autor, e Pai  
De quanto, em Animais, error se nota.  
Nem cousa é tão pequena  
Dum tal sentir *in totum* descartar-se,  
E, um dia, acabar co'ele; já faz muito,  
Quem moderá-lo alcança.  
Vossa augusta Pessoa não admita  
Nada, que injusto seja, nem ridículo.»

LEÃO

«Dá-me claros exemplos  
Dum, como de outro objecto.»

MONO

«Toda a espécie  
(Pela nossa entrarei) toda a Arte, e Ciência  
Tem-se a si mesma em stima;  
Trata as outras de ignaras, e as apoda  
De impertinentes, e outras tais ferretes  
Lhes marca, a pouco custo.  
Pelo avesso, o Amor próprio, no pináculo  
Aos de seu bando põe, traça inventiva  
De elevar-se a si mesmo.  
Do que é dito, argumento, que no Mundo  
Talentos há, que são trejeitos meros,  
Mera treta, e certa arte  
Com que se dão valor; e que Ignorantes  
Sabem melhor que os Sábios. Outro dia,  
Seguindo pela pista,  
Dous Asnos, que um ao outro se incensavam  
Louvando-se, por turnos, como é moda;  
Ouvi dizer a um deles:  
«Não achais muito injusto, e muito besta,  
Que esse animal, que tão perfeito clamam,  
*O Homem*, Senhor, profane

O nosso nome agosto, e que chame *Asno*  
A qualquer Zote, de mazorro esp'rito?  
E abuse até dos verbos,  
Chame *Zurrar* ao nosso riso, e falas?  
Facetos homens! Desbancar-nos cuidam.  
Como se enganam! Cabe  
A nós falar. Seus Oradores calem-se:  
Que eles são os que zurram. Mas deixemo-los.  
Senhor, stais no que digo?»

#### OUTRO ASNO

«Bem vos compreendo. Basta; e esses portentos  
Com que me encanta o ouvido, e me arrebatam  
Vosso divino canto:  
Filomela é noviça (à vista vossa)  
No cantar. Vós vanceis a Lambert mesmo.»  
Responde-lhe o outro Burro:  
«Em vós admiro iguais Prerrogativas.»  
«Não contentes do bem que se coçaram,  
Os dous Asnos se foram  
Pelas Cidades, dando-se elogios  
Um ao outro, na ideia, que com isso  
Fariam bom negócio:  
Dando estima a iguais seus, e pertendendo  
Que sobre eles chovessem honrarias.  
Muitos conheço eu hoje,  
Não entre Burros, sim entre Magnatas,  
Que o Céu quis pôr nos postos mais sublimes,  
Que entre eles, se o ousassem,  
As simples Excelências trocariam  
Por Majestades. Mais talvez, que muito  
Digo, Senhor: Mas julgo  
Que a Majestade guardará segredo.  
Ela saber queria algum transunto,  
Em que visse o Amor próprio  
Dar ridículo à gente. Por seu turno  
Virá o Injusto: a tempo o trataremos.»  
Assim falou o Mono.  
Nunca eu ouvi porém, que essoutro ponto,  
(Ponto bem melindroso!) ele o tratasse.  
E o nosso Mestre em Artes,  
Nunca tolo, bem viu, com agudeza,  
Que o teria de haver c'um Leão Monarca.  
Terrível criatura!



## FÁBULA XXV

### *O Lobo, e o Raposo*

**S**EM poder dar com ela, a razão busco,  
Pela qual ao Raposo outorga Esopo  
Que a palma leve em tretas, e em maranhas.  
Quando a vida amparar precisa o Lobo,  
Ou no assaltar a alheia, não sabe ele  
Tanta arte, como essoutro? Inda mais sabe  
(Creio) e ousara eu talvez, e bem fundado,  
Contradizer meu Mestre: que houve lance,  
Em que lhe coube ao Morador das covas  
Toda a honra. Uma noite avista a Lua  
Lá no fundo dum poço, alva e redonda;  
Creu, que era um queijo fresco. A linfa líquida;  
À volta um de outro hauriam com dous baldes.  
Gasto o Raposo de canina fome,  
Se ajeita no que é junto da roldana,  
A quem suspende em cima o que jaz na água.  
Ei-lo que desce, e lá c'o engano acerta.  
Vê-se em ânsias, vê perto o seu trespassso;  
Que o remontar é nulo; menos que outro  
Tão esfaimado que ele, não se encante  
Co'a beleza do queijo, e substituindo-o  
No mísero cadoz, por igual via  
Dessa mofina o tire. Eram passados  
Dous dias já, sem vir ninguém ao poço;  
E o Tempo, (que anda sempre), em duas noites,  
Tinha, a seu uso, do Astro argenti-fronte  
Chanfrado um naco da redonda face.  
Dava-se a perros Monsieur Raposo  
Eis que passa por lá, co'a goela seca  
O seu compadre Lobo.

#### RAPOSO

«Camarada,  
Quero-te regalar. Vês-lo tu? vês-lo?  
É queijo de primor. Fê-lo o Deus Fauno,  
Com leite de lo, a vaca. A Jove enfermo  
Apetite crescera, só, c'o cheiro.  
Comi-lhe o chanfro, e inda há com que te fartes.  
Desce, no balde, que lá pus adrede.»  
Bem que urdido, o melhor que poude, o conto  
Foi tolo, em crê-lo, o Lobo. Desce, e arriba  
Guinda, c'o peso seu Misser Raposo.  
Não zombemos do Lobo. Nós deixámo-nos  
Lograr, com tanto, ou menos fundamento.  
Crente é cada um no que ama, ou no que teme.

## FÁBULA XXVI

### *O Vilão do Danúbio*

**P**ELA aparência, a gente, nunca a julgues.  
Bem que novo não seja, é bom conselho.  
Já, do que eu digo, me serviu de prova  
O engano do Ratinho; e agora a Esopo  
Tenho, em quem bem me funde, e inda o bom Sócrates;  
E um Vilão, lá das ribas do Danúbio,  
Cujo retrato pinta fielmente  
Marco Aurélio. Os primeiros são sabidos;  
Do outro resumirei índole e gesto.  
Nos queixos basta barba alimentava.  
Piloso em todo o corpo, dava ideia  
Dum Urso; mas dum Urso mal lambido.  
Espessa a sobrancelha, olhos sumidos,  
Vesgo o olhar, nariz torto, grossos lábios,  
Saio caprino, algosos juncos o atam.  
Este Home' assim trajado deputaram  
Cidades, que águas lavam do Danúbio;  
Que não havia então algum asilo,  
Que a Romana avareza não quebrasse.  
Chega pois, e assim ora o Deputado:

VILÃO

«Romanos, vós, Senado,  
Sentados para ouvir-me,  
Suplico, antes que tudo  
Aos Deuses, que me assistam.  
Praza aos Deuses, que regem  
Minha língua, que nada  
Digno de emenda eu diga.  
Nada, sem seu amparo  
Entrar no juízo pode,  
Senão mal, e injustiça.  
Quem não recorre a eles  
As suas leis quebranta.  
Nós testemunhas somos  
Que a Romana Avareza  
Nos castiga; e que é Roma,  
(Mais por nossos flagícios,  
Que por seus altos feitos)  
Desse castigo o açoute.  
Temei, temei, Romanos,  
Que o Céu não vos traspasse  
Misérias tais, tais prantos:  
Que em nossas dextras ponha

(Por merecido turno)  
As armas que ora a sua  
Mui severa vingança  
Irada em nós emprega;  
Vos faça escravos nossos.  
Nós, por que causa o somos  
De vós? não vós os nossos?  
Que valeis mais (dizei-me)  
Que tantos outros Povos?  
Que jus vos fez Senhores  
Deste Universo? E vires  
Turvar singelas vidas!  
Nossos ditosos Campos  
Lavrávamos pacíficos;  
Aptadas as mãos tínhamos  
Para Artes, e Lavouras.  
Que ensinaste aos Germanos  
De si destros, briosos?  
Dai-lhes, quais vós as tendes  
Violência e Cobiça;  
Talvez, que esse, que agora,  
Poder, tendes seu fosse,  
E usar dele soubessem  
Com mais humanidade.  
O que, os vossos Pretores  
Sobre nós exerceram  
Na ideia apenas cabe.  
Das vossas almas mesmas  
Se ofende a Majestade.  
Sabei, sabeis, que os Numes  
Fitam em nós a vista.  
Fazem vossos exemplos  
Que só ante seus olhos  
Tenham de horror objectos;  
Desprezo seu, desprezo  
Dos Templos, e avarezas,  
Que por furores orçam.  
Nada, aos que vêm de Roma  
Já abasta; nem a Terra,  
Nem de Homens os trabalhos,  
E esforços mui sobejos  
Conseguem saciá-los.  
Dentre nós retirai-os:  
Cultivar nossos Campos  
Para eles não queremos.  
Fugimos das Cidades,  
Para as brenhas fugimos:  
As queridas Consortes  
Deixando, temos trato  
Só com medonhos Ursos.  
Dar à luz nos enoja  
Desventurosos Filhos;  
Povoar para Roma,

Terras, que Roma oprime.  
Aos Filhos procriados,  
Que os fouce a Morte, amamos.  
Juntar Vossos Pretores  
Crime à desgraça obrigam.  
Retirai-os, que ensinam  
Só vícios, só branduras.  
Como eles, os Germanos  
Serão Ladrões, e Avaros;  
Que é quanto eu vi em Roma  
Aqui chegado apenas.  
Não tens (que dê) presentes?  
Refúgio em vão procuras  
Nas Leis, e mil demoras,  
Antes que as cumpram, tecem.  
Esta não branda fala  
Talvez já vos enoja!  
Dou fim; puni co'a morte  
Queixas mais que sinceras.»

Disse; e prostrou-se . Assombra-os, maravilha-os  
Alma tão grande, tão cabal juízo,  
E a Eloquência do Rústico prostrado.  
Criado foi patricio: a só vingança  
Que a sua fala merecer julgaram.  
Mudam Pretores: e requer a Cúria  
Que o que disse o Vilão por Norma escrita,  
Fique para futuros Oradores.  
Mas não souberam, longo tempo, em Roma  
Entreter Eloquência desta espécie.

## FÁBULA XXVII

### *O Velho, e os três Mancebos*

PLANTAVA certo Velho de outenta anos.  
Plantar! – (diziam certos Mancebinhos  
Vizinhos, e bairristas.)  
Plantar!... Edificar tinha seu passe.  
Por certo caducais. Ora vos peço  
Pelos Numes do Olimpo  
Que fruto ideais colher desse trabalho?  
Menos que envelheçais como Matúsala.  
Que val cargar a vida  
C’o empenho dum porvir, que há-de escapar-vos?  
Doravante cuidai nas vossas culpas:  
Deixai speranças longas,  
Vasto assunto, que a nós convém somente.  
VELHO

«Tão pouco a vós: que quanto estab’lecemos,  
Vem tarde, e pouco dura.  
Zomba igualmente a mão das fuscas Parcas  
Dos meus, dos vossos dias. Na curteza  
Vão iguais nossos termos.  
E qual dia nós, da abóbada estelífera,  
Verá último a Luz? Há hi momento  
Que nos dê por seguro  
Um segundo de vida. Os meus Bisnetos  
Dever-me-ão esta sombra. E bem? ao Sábio  
Tolhereis vós disvelos,  
Que aos outros dêem prazer? Fruto é, que eu logro  
Já desde hoje; e amanhã, e inda outros dias  
Talvez que ainda o goze,  
E que inda, sobre as vossas campas, possa  
Algumas vezes vir saudar a Aurora.»  
Razão o Velho tinha;  
Que um dos três Moços se afogou no porto,  
Partindo para a América; o segundo,  
Armando aos grandes postos,  
Servindo o Estado, em Marciais empregos,  
Golpe imprevisto lhe cortou o estame  
Dos dias seus; e o último,  
Caíu do tronco, em que enxertava um garfo.  
Chorando, o Velho lhes gravou nas campas  
O que eu aqui vos conto.

## FÁBULA XXVIII

### *O Ratinho, e a Coruja*

**NUNCA** digas à gente:  
– *Ouvi um dito bom, gracioso, ou guapo.*  
Sabes tu, se os Ouvintes  
Farão apreço igual, que dele fazes?  
Este que ora vos conto  
Lá merece excepção. Dou-o por prodígio,  
E bem que verdadeiro,  
Nos ares, nas feições parece Fábula,  
Por Velho, ao chão derribam  
Um Pinheiro, dum Mocho alcáçar, (triste  
Retiro escuro, da Ave,  
Que para Intérprete Átropos tomara.)  
Em seu cavado tronco,  
Que carcomera o Tempo, aposentavam-se  
(Entre outros Inquilinos)  
Muito Rato sem pés, quais bolas, gordos;  
Que os sustentava o Pássaro,  
Dentre medas de trigo. O tal rebanho  
Tinha-o ele aleijado  
C'o bico: Confessai, que era bom Lógico.  
Em seu tempo o Tunante  
Andara à caça; e como lhe escapassem  
Os que caçou primeiros,  
Por não cair na mesma, estropeava  
Quantos depois colhia.  
Descalçados dos pés, ia a seu cómodo,  
Hoje um, amanhã outro,  
Trincando neles; sendo-lhe impossível  
Todos tragar dum golpe  
Juntai-lhe inda cautelas de saúde  
Iguais às que alguns temos.  
Juntai, que era o bargante tão ladino,  
Que, para alimentá-los,  
Saía a corso, a lhes buscar vivenda.  
Teime o Cartesiano  
Em tratar como máquina, ou relógio  
O Mocho; qual é a mola,  
Que a aleijar lhe ensinou Povo, que muda.  
Ou há aqui raciocínio,  
Ou eu, em raciocínios não me entendo.  
Olhai, que de argumentos!  
*Fogem-me, após que os colho; pois comamo-los*  
*Todos?... É impossível.*  
*Val mais guardá-los, para atalhar fomes*  
*Em resguardo os tenhamos.*  
*Como? – Corto-lhe os pés. – Quem há que me ache*

Homem, que mais a jeito  
Um argumento enfie? Os Aristóteles  
Bofé! e os seus sequazes,  
Outra Arte de pensar nos não ensinam.

## FÁBULA XXIX

### *Os Companheiros de Ulisses*

DE Ulisse os Companheiros, já passados  
Dez anos entre sustos, ao capricho  
Dos ventos, errabundos, duvidosos  
De seus Fados, abicam  
Praias, em que, Febeia prole, Circe  
Tinha a sua Corte então. Certa bebida  
Deleitosa, mas farta de venenos  
Lhes deu em cheia taça.  
Perdem logo o juízo; e após instantes,  
Eis que os corpos, que as caras feições tomam  
De vários animais. Uns ei-los Ursos,  
Leões, Elefantes outros;  
Estes de enorme corpanzil, essoutros  
De feitios diferentes; e até houve  
Tamaninos... *exemplum ut Talpa*.  
Só escapou Ulisses,  
Que à pérfida bebida deu de rosto.  
Como ele à Sapiência, brandas falas,  
Vulto de Herói juntava, fez que a Maga,  
Bebesse outro veneno  
Pouco vário do seu. Quanto tem na alma  
O dizem Deusas. Circe o amor põe claro;  
E Ulisses, de mui fino tira lucro  
Da fausta conjuntura;  
Obtém que o vulto antigo aos Gregos torne.

CIRCE

«Vai-lho propor, se o querem.» – Corre Ulisses.

ULISSES

«Inda há remédio à taça envenenada;  
E eu venho oferecer-vo-lo.  
Quereis, Amigos meus, inda ser homens?  
Já o falar vos é dado...» O Leão cuidando  
Rugir, lhe diz: «Tão leve dos miolos  
Me crês tu, que rejeite  
Os dons, que recebi? Tenho unha, e dente;  
E a quantos me acometem despedaço.  
Sou Rei; e tu me queres Burguês de Ítaca.  
Talvez simples soldado!  
Não troco.» Ulisses vai do Leão ao Urso.

ULISSES



«Qual te ora vejo, oh Mano! Eras tão lindo...»

URSO

«Eis-nos lá? (responde o Urso, a seu feitio)  
*Qual te ora vejo? É boa!*  
Qual cabe que Urso ostente. E quem te disse  
Tal forma é mais gentil que essoutra forma?  
Tens, pela tua, de julgar a nossa?  
Tomo por Juiz os olhos  
Duma Ursa, Amores meus. E se eu te enfado  
Vai teu caminho. Deixa-me. Sou livre,  
Contente, sem cuidados, que me anseiem.  
Claro, e limpo to digo.  
Não hei mudar de estado.» O Grego Príncipe,  
Ao Lobo foi propor o mesmo indulto,  
E arriscando-se às mesmas negativas;

ULISSES

«Camarada, eu me aflijo,  
Que uma linda Zagala conte aos Ecos  
Os glutões apetites que te instaram  
A comer seus Cordeiros. Tempos houve,  
Que tu blasonarias  
De salvar-lhe o redil. Honesta vida  
Vivias tu então. Deixa esses matos,  
Torna-te homem de bem, em vez de Lobo.»

LOBO

«Onde os há? Que os não vejo.  
Tu carnívora fera me nomeias?  
E tu que és? Fora eu, tu não comeras  
Os Animais, que toda a Aldeia chora?  
Bofé! que a ser um Homem,  
Teria eu menos sede de matança?  
Vós todos, por um dito, quantas vezes,  
Vos tendes esganado? Não sois Lobos  
Vós mesmos, uns contra outros?  
Se bem pesamos tudo, em suma infiro,  
Que ruim por ruim, mais val que eu seja Lobo  
Que ser Homem. Nem mudarei de estado.»  
Teve Ulisses com todos  
Igual prática, e teve igual resposta  
De Grandes, e pequenos. Liberdade,  
Florestas, e seguir seus apetites,  
Lhes era o mor contente.  
De acções guapas ao lote renunciaram:  
Suas paixões seguindo, se induziram  
Que eram forros. Escravos de si mesmos,  
Imaginava, oh Príncipe  
Acertar com assunto, (árduo projecto!)

Em que o útil, c'o gracioso congraçasse;  
Se fácil fora a escolha... Eis se deparam  
De Ulisse os Companheiros,  
Que, neste Mundo sublunar, têm muitos  
Semelhantes. Imponho, por castigo,  
A tal gente, por Vós ser censurados,  
Por vós aborrecidos.

## FÁBULA XXX

### *O Gato, e os dous Pardais*

UM Gato, coevo dum Pardal novinho,  
(Desde o berço) morava à ilharga dele:  
Tinham Cesto, e Gaiola, e iguais Penates.  
Incitava o Pardal ao Gato, às vezes;  
Este, co'as mãos esgrime, o outro c'o bico.  
Poupava o amigo seu, contudo o Gato,  
Dando-lhe só metade do castigo,  
Muito scrupulizando armar de bicos  
A palmatória.  
Mais travesso o Pardal o espicaçava:  
E o Senhor Gato comedido e cauto  
Perdoava as travessuras. Entre amigos  
Não compete dar rédea a irado impulso  
Nem ir ao sério.  
Longo hábito os mantinha em paz; e os brincos  
Nunca, em peleja, entre eles, desfecharam.  
Eis que vem um Pardal da vizinhança  
Visitá-los, e entrar também de rancho,  
C'o prudente Bichano, e Pardal trêfego.  
Eis entre os dous Pardais já se ergue crela,  
Em que tomou partido o Gato; e disse  
«Vir insultar o Estranho ao nosso Amigo!  
Irrório! E esse Pardal lá do vizinho  
Vir-nos comer o nosso! À fé de Gato...  
De quantos Gatos há!» Entra na briga,  
E trinca o forasteiro, Acha esquisito,  
Delicado sabor na Pardal polpa.  
Reflectiu nisso, e deu c'o outro na pança.

Que moral tiraremos deste feito?  
Sem moral, não há Fábula completa.  
Rasgos lhe avisto; as sombras mos confundem.  
Dum relance dareis co'eles, meu Príncipe.  
Para vós é nó-nada, o que é difícil  
À minha Musa,  
Mais siso tendes vós, que as Irmãs nove.

## FÁBULA XXXI

### *O Amuador, e o Mono*

AMUAVA certo Home': e é já sabido  
Que, às vezes essa balda  
Orça por frenesi. Ora as Marias;  
Ociosas amua;  
Bens, que em tesouro o Avaro põe seguro,  
E que eu contemplo frívolos.  
Certo sítio habitava, que Anfitrite  
C'os braços estendidos  
Estorvava aos Ladrões. Lá, com Volúpia,  
(Quanto a mim) bem mesquinha,  
Grande a seu parecer amuava sempre.  
Passava noites, dias,  
Em contas, somas, incessantes cálculos;  
Achando sempre falhas  
No algarismo. O seu Mono mais cordato  
(Segundo o meu juízo)  
Que o tal Amo, dobrões, de vez em quando,  
Pelos balcões deitava;  
Com que as contas se achavam desfalcadas.  
Que, quando, bons ferrolhos  
Fecham o quarto, fica lá sem susto,  
A chelpa, sobre a banca.  
Quando comparo os brincos do Macaco,  
C'os gostos do Avarento,  
Boamente não sei a quem dê a palma.  
Ingenhos há, que a deram  
A Dom Beltrão. . Razões deduzir disso  
Fora mui longo. Um dia  
Que em fazer mal só punha fito o Mono,  
Do monte despegando  
Ora uma dobra, um quartinho, um crúzio;  
Destreza, gala, e força,  
Provando, no arremesso dos pedaços  
De metal, que os humanos  
Cobiçam sobre tudo... Eis se não que ouve  
Meter na fechadura  
O Amuador a chave... Igual caminho,  
Semelhante aventura,  
Uma trás outra, as Dobras correriam;  
Da primeira até última  
Teriam de ir voando a tomar banhos  
No pego, enriquecido  
Por naufrágios sem conto. Deus preserve  
De azares semelhantes  
Tanto e tanto tacanho dinheiroso,  
Que assim do ouro faz uso.

## FÁBULA XXXII

### *As duas Cabras*

DESQUE hão pastado, as Cabras tomam largas:  
Nelas um certo amor de Liberdade  
Lhes faz buscar fortuna.  
Fazem digressões vastas  
A pastios, que humanos pouco trilhem,  
Se acham sítio, sem trilho, sem vereda,  
Algun serro, ou despenho,  
Lá vão as tais moçoilas  
Dar ala a seus caprichos. Nada estorva  
Esse animal trepante. Assim duas Cabras  
E ambas de pés mui alvos,  
Por dar c'um bom achado,  
Cada uma, de seu sítio, largam veigas.  
Esta, que vai de cá, dalém vinda outra,  
Deparam c'um Ribeiro,  
E por ponte uma prancha,  
Que, mal, duas Doninhas passariam,  
De frente, por tal ponte; e por mais sobras,  
Corria fundo, e rápido  
Da água o fio... Toldar-se  
De susto coube às duas Amazonas.  
Mau grado a tantos p'rigos, uma dessas  
Guapas o pé, na ponte,  
Planta – e planta-o a outra...  
Parece-me estar vendo Luís magno,  
Filipe quarto entrarem mesurados,  
Da Conferência a Ilha.  
Assim se adiantavam  
Nossas Aventureiras, barba a barba:  
Que, como ambas, de altivas caprichavam,  
Chegando a meia ponte  
Ceder não quis nenhuma.  
Por timbre seu, contavam na ascendência,  
Uma, a Cabra sem par, no ingenho, e arte,  
Que em mimo, a Galateia  
Dera *olim* Polifemo;  
Outra, a Cabra Amalteia, ama de Jove.  
Nenhuma quis recuar; ambas, dum tombo  
Entraram de mergulho  
No caudaloso Rio.

Azar, que não é novo  
Na estrada da Fortuna!

## FÁBULA XXXIII

### *O Gato Velho, e a Rata novinha*

UMA Rata novinha,  
Falta de experiência,  
Julgou que abrandaria um Gato idoso,  
Pedindo-lhe piedade,  
E com razões pagando  
A Rominagrobis:

RATA

«Deixa-me a vida.  
Tanto encargo uma Rata  
De meu vulto, e despesa  
Fará neste aposento? E, a teu juízo,  
Serei eu quem esfaimo,  
O Dono desta casa,  
A Dona, e inda a mais gente da família?  
Se uma nós me arredonda,  
Me nutre um grão de trigo?  
Bem me vêes magra; aguarda inda algum tempo;  
Reserva essa pitaça,  
Aos Senhores teus Filhos.»  
Responde o Gato à que entre as unhas tinha.

GATO

«A mim! (Como te enganas!)  
Vens tu, co' essas parlandas!  
Tanto te val, como dizê-lo a surdos.  
Gato perdoar! e Gato velho!...  
Tal nunca viu o Mundo.  
E segundo essa lei, desce ao meu ventre.  
Morre, e vai desse trote  
Às Irmãs fiandeiras  
Pregar esse sermão. Quanto a meus Filhos,  
Vir-lhe-ão outros banquetes.»

Ora a minha Fábula  
O sentido moral, que lhe compete,  
É, que se lisonjeia  
De obter a Mocidade  
Tudo; e é ser a Velhice despiedosa.

## FÁBULA XXXIV

### O Veado enfermo

CAÍU doente um Veado, em país cheio  
De Veados: infindo Camarada  
Correu *in continente* ao catre, a vê-lo,  
A socorrê-lo; ao menos consolá-lo.  
Corja importuna!

#### VEADO

«Deixem-me, Senhores,  
Morrer; e ao modo usado, lhe consintam  
Que a Parca me despache. Cessem prantos.»  
História! Os Consolistas, muito ao longo  
Cumprem co'esse dever. Quando a Deus prouve,  
Foram-se indo (não sem beber um trago)  
Quer dizer, sem tirar foro dos pastos;  
Tosando os matos convizinhos, todos;  
Muito a pitança desfalcando ao Cervo,  
Que nem rabisco achou: dum mal caindo  
Noutro pior... e viu-se reduzido  
A jejuar, e a enfim morrer de fome.  
Médicos da alma, Médicos do corpo,  
Custa, a quem vos reclama! Eu bem lhes grito:  
*O tempora! o mores!* Toda a gente  
Quer, de quanto vos faz, paga machucha.

## FÁBULA XXXV

### *O Morcego, a Garça, e o Ganso*

VENDO a Garça, o Morcego, e mais o Ganso  
Quão pouca, em seu país ganância havia,  
Fazem bolsa comum, e vão-se ao longe  
    Contratar. Feitorias,  
Feitores tinham já; tinham Agentes  
Tão entendidos, quanto cuidadosos,  
*Deve e Há-de haver exactos em registros;*  
    Tudo ia às maravilhas.  
Eis que a fazenda sua, que navegam,  
Por pegos abrolhados de cachopos,  
De estreita, difícilíssima passagem,  
    Desceu, toda atacada,  
Aos fundos armazéns, que são vizinhos  
Do Inferno. O nosso terno lamentava-se  
Com suspiros inúteis; ou suspiros  
    Nenhuns os três soltaram.  
Nisso dá sota, e Az o Traficante  
Mais somenos. Por bem salvar o crédito  
Cabe encobrir a perda. Foi desgraça  
    Não poderem os nossos  
Sumir a irreparável, que lhes veio.  
Foi público o desastre. Ei-los, sem crédito,  
Sem cobres, sem refúgio; e em pontos quasi  
    De encaixar touca verde.  
Bolsa ninguém lha abriu. Dinheiro e juros,  
Demandas, e Escrivães, Credor à porta,  
(Antes que aponte o dia) dão tarefa  
    Aos três, que inventem manha,  
Que contente a caterva. A Garça, a fio  
Espinhave os viandantes, e dizia-lhes:  
«Senhores, por mercê dissei-nos onde  
    Param nossas fazendas,  
Que uns certos sorvedouros nos bifaram?»  
O Ganso mergulhão buscava-as na água.  
Dar-se a ver o Morcego não ousava,  
    De dia. Sem pousada,  
Vexado, a cada instante, por Esbirros,  
la, à noite, esconder-se, nos buracos.  
  
Sem ser Gansos, nem Garças, nem Morcegos,  
    Infimos Devedores  
(Nobres de gran prosápia) e eu os conheço,  
Que se esquivam de Alcaldes, e Credores,  
Cada dia, saindo sorrateiros  
    Pela escadinha oculta.



## FÁBULA XXXVI

### *Pendência entre Cães e Gatos, e entre Gatos e Ratos*

A discórdia reinou sempre no Mundo.  
E exemplos nos dá mil o Mundo vários;  
E tributários mil em nós encontra  
A Deusa. Admirais vós os Elementos  
Ver sempre a si contrários? E além destes  
Quatro sob'ranos, quantos outros Entes  
De todo o lote, estão em guerra eterna?  
Pousada houve já cheia  
De Cães, de Gatos, onde  
Toda a crela findavam  
Cem arrestos, passados  
Em mui pública forma.  
Que empregos, e comidas  
Tinha o Dono regrado;  
E ameaçado açoutes,  
A quem erguesse arruído:  
E os Animais, entre eles,  
Viviam, como Primos.  
Esta união tão meiga,  
E quasi que fraterna,  
Edificava a toda a vizinhança.  
Porém cessou. Talvez de sopa um prato,  
Por preferência, qualquer osso dado  
A este, antes que àquele, deu motivo,  
Que o outro partido, extramontado viesse  
Queixar-se desse agravo. Eu li já Crônicas  
Que imputam esse arruído a uma injustiça  
Em pró duma Cadela sobre-parto.  
Como quer que ela fosse, a travaconta  
Pôs Sala, pôs Cozinha em desarranjo;  
Cada um, pelo seu Cão, pelo seu Gato,  
Se pôs em campo. Os Gatos se queixaram  
Do, que o Dono então fez, Regulamento,  
E todo aquele bairro amotinaram.  
Dizia o seu Letrado, que convinha  
Dar a antigos arestos força inteira:  
Mas debalde os buscaram. Houve Agentes  
Que os tinham sonegado; e enfim os Ratos  
Os comeram. Eis nasce outro Litígio,  
Em que o pato pagou a gente Rata.  
Infundo Gato velho,  
Subtil, matreiro, astuto  
(Sobre rancor antigo  
Contra essa relé toda)  
Se põem à espreita, os caça,  
E neles faz chacina.

Quem nisso lucrou muito  
Foi da pousada o Dono.  
E torno ao que eu dizia. Não se avista  
Cá no Mundo Animal, nem Criatura,  
Nem Ente, que não tenha seu contrário;  
Tal Lei Natura pôs. Supérfluo intento  
É buscar-lhe a razão. Dar por bem feito  
Quanto Deus fez, é tudo o que eu alcanço.  
O que eu sei, é que às vezes, sobre nada  
Ruins razões se soltam. Bom seria  
A vós humanos ir ainda à escola.  
Aprender (com cãs brancas) a ter siso.

## FÁBULA XXXVII

### *O Lobo, e o Raposo*

DISSE o Raposo ao Lobo: «Nosso Amigo,  
Um Galo velho, às vezes,  
Ou alguns frangãos éticos é quanto  
Por meu manjar consigo.  
Já tal manjar me enfada. A menos risco,  
Tens melhor ucharia.  
Chegas-te às casas; e eu, sempre ando ao longe.  
Por mercê, Camarada,  
Ensina-me a tua Arte. Eu, o primeiro  
Seja da raça minha,  
Que, orne a fateixa c'um Capado gordo.  
Não terás de contar-me  
Na pauta dos ingratos.»

LOBO

«Bem consinto.  
De meu Irmão, que é morto,  
Enverga-te na pele; e co'essa treta,  
Arredarás do Gado,  
Os Mastins.» Raposo, recordando  
Lições, que o Mestre dera,  
Saíu mal, de primeiro; depois menos,  
Logo melhor; por cabo,  
As maravilhas. Mal, que se acha destro,  
(Quanto em aprendiz cabe)  
Passa um Rebanho; o novo Lobo assalta-o,  
E esparge espanto em roda.  
Tal, nas armas de Aquiles, envergado,  
Patróclo pôs em sustos  
Campos, Cidades; Mães, Noras, e Velhos,  
Todos aos Templos correm...  
Da hoste balante o Povo creu, que via  
Cinquenta Lobos. Gado,  
Rafeiros, e Pastor, vão de fugida,  
Para a Aldeia; só deixam  
Por penhor uma Ovelha; e o Lobo a apanha.  
Eis que ouve, a poucos passos,  
Cantar vizinho Galo. O scolar despe  
A batina da Classe;  
A Ovelha olvida, e até as lições do Mestre.  
Lá se apressa, e lá corre.

Que val contra-fazer-se? É um engano  
Querer assim mudar-se.  
À primeira ocasião, que se ofereça,  
Repisa o trilho usado.

## FÁBULA XXXVIII

### *A Carangueja, e a Filha*

**M**UITAS vezes os Sábios,  
As costas dão ao porto, recuando;  
Como os Cangrejos fazem.  
Arte é dos Navegantes; também manha  
Dos que encobrir querendo  
Algum possante esforço põem a mira  
Em direcção contrária,  
Porque o inimigo seu corra ao engano.  
Escasso é o meu assunto,  
Mas o acessório é grande; e eu bem pudera,  
Aplicá-lo a um mui noto  
Conquistador, que por si só desmancha  
Liga de cem Potências.  
Quanto ele empreenda, e quanto não empreenda  
Segredo – é de primeiro;  
Depois conquistas são. Debalde à espreita  
Somos de que ele oculta.  
São decretos dos Fados. Nada os tolhe.  
E por cabo a Torrente  
Engrossa insuperável. Contra um Jove  
Fraqueariam cem Numes.  
Creio que Luís, e os Fados se ajustaram  
A levar, de mãos dadas,  
A rojo o Mundo. Venha a nossa Fábula.

Madre Cangreja, um dia,  
Dizia à Filha sua:  
«Que andar, meu Deus, é esse?  
Por que não vás direito?»

FILHA

«Oh Mãe, e vós como ides?  
Andarei eu diferente,  
Que anda a nossa família?  
Querer, que ande eu direita,  
Quando andam todos tortos?»  
Razão tinha. É Geral o poderio  
Do doméstico exemplo; prende em tudo,  
Tanto em mal, como em bem. Sábios dá, e tolos;  
E destes inda mais. Quanto a dar costas  
Ao alvo consid'rado, aí volto e digo:  
Que é bom método, e mais na Arte da Guerra.  
Mas fazê-lo a propósito, esse é o ponto.

## FÁBULA XXXIX

### *A Águia, e a Pega*

Dos ares Rainha, a Águia,  
Com Margarida a Pega  
De condição dif'rentes,  
De fala, e inteligência,  
E de traje.

Uma ponta do prado atravessavam;  
O Acaso as ajuntou num canto escuso;  
Susto cobrou a Pega.  
Porem a Águia, que bem jantado tinha,

A conforta, e lhe diz: «Vamos de rancho.  
«Se o Monarca dos Deuses,  
Que rege o Mundo inteiro  
Se anoja assaz de vezes,  
Bem posso eu anojar-me, eu, serva sua.  
Assim; conversa. Ao Demo as etiquetas.»  
Entra Mari-palreira  
A dar à taramela

Fala nisto, naquilo – fala em tudo.  
O Homem, que Horácio aponta,  
Mal, e bem parolando,  
A torto, e a direito, não sabia  
Quanto em bacharelize a nossa Pega.  
Saltarela, dum sítio, a outro sítio,  
Espia de alta raça,  
Se of'rece a dar-lhe conta  
De quanto por hi passa.  
Desagradou a oferta,

E a Águia agastada: «Oh não deixes teu pouso  
Linguarda Comadre;  
Adeus. Na minha Corte, as Bacharelas  
São de mesquinho préstimo,  
Ruim condição péssima.»  
Mais não ansiava a Pega.  
Ir conversar c'os Deuses,  
Não é como se cuida.  
Honra é, que muito a miúdo  
Brotam mortais angústias.  
Mexeriqueiros, spias,  
Carinhas prazenteiras  
Com peitos de outra laia,  
São lá aborrecidos.

Bem que, nesse país, muito convenha  
Vestir gabão de duas Freguesias.

## FÁBULA XL

### *El Rei, o Milhafre, e o Caçador*

UM Caçador tomou vivo um Milhafre,  
Do ninho seu possuidor antigo:  
E propôs dá-lo ao Príncipe, por mimo:  
Mimo raro, que sobe, assim, de preço.  
    Humilmente ofertando  
    O Caçador o Pássaro,  
    (Se o Conto nos não mente)  
Ei-lo, mui lesto, que lhe encrava as unhas,  
No alto nariz de sua Majestade,  
    De El Rei mesmo, em pessoa.  
Nem ceptro ali El Rei, nem c'roa tinha.  
Quando a tivesse... Vinha a ser o mesmo.  
O Real nariz, como um nariz mecânico,  
Unhado foi. Contar-vos o alarido  
Dos Cortesãos fora impotente afano.  
    El Rei, nem deu um grito:  
Num sob'rano, indecente é o alçar gritos.  
    Guardou a Ave a postura,  
    Sem dar menor abalo,  
    De ir-se um momento dantes.  
Chama-o seu Dono, grita, e faz-se em quartos,  
Mostra-lhe o logro, os punhos: – actos nulos.  
Houve quem creu, que inda apesar do arruído  
O maldito animal garri-insolente  
    Até ao dia seguinte,  
Pousasse lá, passando a noite inteira  
No sagrado nariz. Querer dali tirá-lo,  
    Assanhar-lhe-ia o capricho.  
    Largou a El Rei, por cabo.

REI

«Deixem ir o Milhafre, e a quem, com ele,  
Contentar-me intentou. Ambos cumpriram  
C'o seu dever cada um. Como um Milhafre  
A Ave; qual Cidadão das brenhas, o outro.  
Eu, que sei, como os Reis portar-se devem,  
    Do suplício os absolvo.»  
Toda a Corte pasmou. Estupefactos  
Os Cortesãos, exalçam tais façanhas  
    (Mal seguidas por eles):  
Poucos... Reis mesmos! tal modelo imitam.  
E o Caçador?... Oh que escapou de boa!  
A culpa tinham só o Pássaro, e ele  
    De ignorar o perigo,

Que corre o que ao Senhor mui perto chega.  
Um, nem outro não tinha inda aprendido,  
A conhecer, mais que hóspedes das Selvas.

E havia grão mal, nisso?

Pilpay põe a aventura, junto ao Ganges.  
Lá ninguém pensa em derramar o sangue  
Dos Animais. El Rei, de só tocar-lhes  
Fizera scrúp'lo. – *Sabes tu, se essa Ave,  
De rapina (vos dizem) não foi Príncipe,  
Não foi Herói no cerco já de Tróia?  
E dos graúdos? Qual então já fora,  
Quem veda, que hoje o seja. Com Pitágoras  
Cremos, c'os animais mudarmos formas;  
Já Pombos, Feras, Homens, já Milhafres,  
Tendo, nos ares lá, nossas famílias.*

Como do Caçador contam o caso  
De dous modos, lá vai doutro feitio.

Dizem que um Falcoeiro houve caçado  
Um Milhafre: o que, certo, é acerto raro.  
Quis dá-lo a El Rei, de mimo, como cousa,  
Singular, que em cem anos, não sucede;  
E que é da Falcoaria o *non plus ultra*.  
Por entre a mó dos Cortesãos penetra,  
Cheio de zelo, o Caçador; que acanho  
Tal, nunca, em vida, o teve:  
Co'este mimo dos mimos,  
Dava por feita, ali, sua Fortuna.  
Eis que a Ave porta-guizo, (inda selvática,  
E grosseira), co'as unhas de aço buído,  
Vai-se ao nariz, lho aferra: o ei-lo que grita,  
E os mais que riem. Cortesãos, Monarca....  
Quem não riria? Enquanto a mim, o digo  
Não dera o meu quinhão por um Império:  
Stou, em que o Papa ri. Bem desgraçado  
Julgo um Rei, que não ri, seu tanto ou quanto.  
Rir é o prazer dos Deuses. Que riu Júpiter,  
Mau grado à sua negra sobranceira;  
Riu com ele o celeste imortal Povo;  
E às gargalhadas riu (que o diz a História),  
Quando Vulcano veio coxeando  
Trazer-lhes a bebida. Se sisudo,  
Ou não, no caso, se houve o imortal Povo,  
Não é o scopo meu. Com justa causa  
Mudei o meu assunto; pois se trata  
De moral, qual será nossa doutrina,  
Que a fatal aventura  
De Caçador aponta?  
Que em todo o tempo vimos  
Mais Falcoeiros zotes,  
Que indulgentes Monarcas.

## FÁBULA XLI

### *O Raposo, as Moscas, e o Ouriço Cacheiro*

**P**OR Caçador ferido,  
Traçando, com seu sangue,  
Vestígios, pela terra,  
Um Raposo matreiro,  
Fino, subtil, outrora  
Enterrado na lama,  
A si acareara  
O alado parasito,  
Que, Mosca, nós chamamos.  
Arguindo os altos Numes  
Achava muito estranho,  
Que, a tal extremo, a Sorte  
Intentasse afligi-lo,  
Dando-o a comer às Moscas,

RAPOSO

«Pregar tamanha surra  
A mim! ao mais arteiro  
Dos hóspedes das brenhas!  
Raposos! desde quando  
São prato de gulosos?  
De que me serve a cauda?  
De me ser cargo inútil?  
Os Céus te dêem o pago,  
Animal importuno.  
Porque não vás cevar-te  
Em baldio alimento?»  
Um seu vizinho, o Ouriço  
(Novo hóspede, em meus versos)  
Querendo despená-lo  
Da sôfrega investida  
Desse alígero Povo:

OURIÇO

«Raposo, meu vizinho  
Vou-tos enfiar aos centos,  
Co'as minhas azagaias;  
E dar-te às penas cabos.»

RAPOSO

«Guar-te; não mas enxotes.  
Oh, deixa-as, te requeiro,  
Findar co'esse repasto:



Fartas estão já estas;  
Viria novo bando  
Mais cruel, mais faminto  
A mim arremessar-se.  
Cortesãos, e Ministros,  
Mais que sobejos, vemos  
No Mundo, Comedores.»  
Aplicava Aristóteles  
Aos Homens este Apólogo.  
Triviais são os exemplos,  
Mormente em nossas terras.  
Quanto mais fartos, menos importunos.

## FÁBULA XLII

### *O Amor, e a Loucura*

**N**O Amor tudo é mistério; as suas flechas  
Seu coldre, o facho seu, a sua infância:  
Nem se estanca num dia essa ciência.  
Não que eu me arme a explicar pontos tão fundos!  
Meu fito é só dizer, à minha moda,  
Como o tal Cego (que é um Deus) perdera  
A luz dos olhos, quais pariu sucessos  
Esse mal, que, talvez, um bem se julgue.  
Não decido: Juiz seja um Amante.  
Um dia, ambos brincando  
O Amor, com a Loucura,  
(Tinha inda o Amor seus olhos)  
Travam-se de disputa,  
O Amor quer, que sobre ela  
Se ouçam os Numes todos.  
Loucura, que é insofrida,  
Tão desmarcado golpe  
Lhe desanda, que o priva  
De ver, nem Céu, nem Terra.  
Vénus, que é Mãe, que é Dama,  
(Que motins não faria!)  
Pede vingança a brados,  
Aos aturdidos Numes.  
E Júpiter, e Némesis,  
E do Inferno os Juizes,  
E enfim toda a caterva...  
Vénus a enormidade  
Mostrou desse mau feito;  
Que, sem bordão, seu Filho  
Não possa dar um passo,  
Que a tal crime, nenhuma  
Pena seria grande;  
E que às perdas, e danos  
Reparo se devia.  
Quando bem consid'rado  
Foi o interesse público,  
E o da parte, por cabo  
Resultou do supremo  
Tribunal, que a Loucura  
Servisse a Amor de guia.

## FÁBULA XLIII

### *O Corvo, a Gazela, a Tartaruga, e o Rato*

**G**AZELA, Rato, Corvo, e Tartaruga  
Viviam junto em branda sociedade;  
E a Dita asseguraram, quando escolha  
Fizeram de pousada ignota aos Homens.  
    Que sítio há tão escuso,  
    Que os Homens não devassem?  
    Buscai sertões, deserto,  
    Lapas do mar profundo,  
    Inda alturas dos ares,  
Deles não evitais tramas ocultas.

Sem fraude, ia a Gazela esparecer-se;  
Eis que, do prazer bárbaro dos Homens  
Instrumento maldito, um Cão, dá, na erva  
Faro de seus vestígios. Ela foge:  
E às horas da comida diz o Rato  
Aos restantes amigos: «Donde nasce  
Que hoje somos só três os Convidados?  
Por que causa a Gazela nos des-lembra?»  
Quando tal ouve, clama a Tartaruga  
«Se eu alígera fosse, como é Corvo.  
Ia, ao menos saber em que contornos  
Stá nossa Companheira velocípede.  
Quanto ao bom coração, melhor julgai-a.»  
Parte o Corvo a voo solto, e ao longe avista  
A imprudente Gazela, presa em laços,  
E a debater-se neles. Volta, e avisa  
Os outros num instante. Perguntar-lhe  
Como? quando? porque caiu sobre ela  
Tal desgraça, em vãs falas consumira  
O tempo útil. (Qual fez da escola o Mestre).  
Tinha sobejo siso o Corvo. Voa,  
E revoa; os três amigos, sobre o anúncio  
Se aconselham. Parece a dous, que é acerto,  
Sem tardar, transportar-se ao sítio, aonde  
Presa a Gazela jaz.

#### CORVO

    «Guarde essa a casa.  
Quando é, c'ò lento andar, que ela lá chegue?  
Quando, morta a Gazela?» – Dito e feito.  
Vão-se ao socorro da fiel, e cara  
Companheira, montês triste Cabrinha.  
Também lá quis correr a Tartaruga.  
Como eles, pôs-se em campo, e amaldiçoando

Seus curtos pés (com causa) e o ser forçada  
A carregar co'a casa. Trinca-malhas  
(Jus teve o Rato à alcunha) os nós lhe rói.  
Quanta alegria! O Caçador vem, grita,  
«Quem me roubou a presa?» Numa toca  
Trinca-malhas se esconde; o Corvo na árvore  
Nas selvas a Gazela. Sem alguma  
Notícia, o Caçador meio estontado,  
Avista a Tartaruga, e enfreia as iras.

#### CAÇADOR

«Inquietar-me que val? Já para a ceia  
Me desquita esta moca.» – E ei-la no alforge.  
Por todos pagaria a Tartaruga  
Se à Gazela não desse aviso o Corvo.  
Do retiro ela abala, faz-se coxa.  
Foi fosca, que valeu. Vai-se trás ela  
O Homem, que atira ao chão toda a alforjada.  
Trinca-malhas destrue, com tanta ânsia,  
Do alforje os nós, que solta a Tartaruga,  
Gualdindo a ceia ao Caçador logrado.

Conta Pilpay, que assim passara o caso.  
Por pouco, que eu quisera invocar Febo,  
Por lhe agradecer, faria obra tão longa,  
Como a Odisseia, e Ilíada. O Herói primário  
Seria Trinca-malha. A bem dizê-lo,  
Bem faz o seu papel cada figura.  
A Infanta Tecto-às-costas dá tais falas,  
Que Milord Corvo é esmero, enquanto a Espia  
Gazela, ao Caçador fazendo foscas,  
Dá tempo a Trinca-malha. De seu lado  
Cada um, que entrou na empresa, a desempenha.  
A quem compete a palma? Se em mim credes,  
Ao coração. Impulsos da Amizade  
Que não podem? não ousam? Esse afeito,  
Que Amor chamam, não vale o preço dela.  
Eu, cada dia o canto, eu o celebro,  
Sem, por tanto ter a alma mais contente.  
Basta, que ampareis Vós a Irmã; que a ela  
Só cantará em todo o tom a Lira.  
Deixo o meu Amo, o Amor; vou, servindo outro,  
Levar pelo Orbe a sua, e vossa glória.

## FÁBULA XLIV

### *A Floresta, e o Lenhador*

QUEBRARA um Lenhador, ou já perdera  
O pau, que entra e se atocha na machada;  
Perda, que (enquanto bem se não restaura)  
Dava sueto, uns tempos, à Floresta;  
Pede à cuja humilhado, que lhe deixe  
Dispor dum ramo só, que amane um cabo;  
Que al iria empregar seu ganha-vida,  
Deixando em pé Abetes, e Carvalhos,  
Que esguardos clamam velhos e frondosos.  
De mui simples o Bosque o proveu de armas.  
De que bem lhe pesou. Que o desalmado,  
Mal que o cabo atochou a Benfeitora  
Começa a despojar de seus enfeites  
Mais primorosos. Com gemidos crebros  
De seus dons sente vir-lhe o seu suplício.

Tal vai o trem do Mundo, e seus Sequazes.  
Contra o que o fez, do feito Bem se servem!  
Já canso de o dizer. A quem não dói  
Alvo de ultraje as brandas sombras serem!  
Ai! que, por mais que eu clame, e que importune,  
Sempre anda em moda a Ingratidão, o Abuso.

## FÁBULA XLV

### *O Raposo, o Lobo, e o Cavalo*

**U**M Raposo inda novo  
Mas já dos mais matreiros,  
Nunca, em seus anos vira um só Cavalo.  
Eis diz a certo Lobo.  
Tão noviço como ele:

RAPOSO

«Vem ver; que anda pastando em nossos prados,  
Certo animal formoso,  
Grande... Inda embelezada  
Tenho a vista.»

LOBO

Vence-nos ele em forças?  
Pinta-me o seu duairo.  
Responde-lhe o Raposo:  
«Se eu Pintor fora, ou Pregador garraio,  
Dar-te-ia um antegosto  
Do que hás colher de vê-lo.  
Vem; quem sabe se ele é chorada preia  
Que nos depare a Sorte?»  
Vão lá; mas o Cavalo,  
Que ali foi posto ao verde, in-curioso  
De amigos dessa laia,  
Quasi tomara o tole.

RAPOSO

«Vossos humildes servos saberiam,  
E muito de vontade,  
Como o Senhor se chama.»  
O Corcel que não tem vazio o caco:

CAVALO

« No tacão podeis lê-lo  
Lá o pôs o Sapateiro.»

RAPOSO

«De Pais não tive ensino, e fiquei néscio.  
Vaidoso do que ouvira.  
Chega o Lobo, mas custa-lhe  
Dentes quatro a ufanía. Que o Cavalo  
Desanda-lhe c'um couce,

E abala. Ao triste Lobo  
Estirado no chão, e mal avindo,  
Ensanguentado, e sujo,  
Diz-lhe o Raposo: «Mano  
Teu caso justifica o que me hão dito  
Pessoas de alto ingenho;  
E o Cavalo, nos queixos,  
Te deixou estampada para sempre  
A mui sábia sentença.»  
*Cabe a todo o Prudente*  
*Dos que bem não conhece acautelar-se.*

## FÁBULA XLVI

### *O Raposo, e os Perunzetes*

DE cidadela uma Árvore servia  
A Peruns, contra assaltos do Raposo.  
Tendo o velhaco dado volta aos muros,  
Visto cada Perum, em sentinela;

RAPOSO

«E zombará de mim tal raça: Os únicos  
Serão, que à Lei comum escapem? (Logro)!  
Voto aos Numes do Céu...» Cumpriu palavra.  
Brilhava a Lua; como que quisesse  
Amparar a ninhada Perueira,  
Contra o bargante. Ele não sendo novo  
No mister de assaltadas fraudulentas,  
Recorre ao saco das maldosas manhas.  
Dá visos de trepar; c'os pés se guinda  
Faz-se morto; ressurgue. Arlequim mesmo  
Tais papéis não faria, e tão de molde.  
Alta a cauda, cambiava-lhe os reflexos;  
Mil outras mogigangas... Nesse em tanto  
Tosquenejar nenhum Perum ousava,  
Cansando-os o Inimigo, e assim cravando-lhes  
Sempre a vista no brilho. A pobre raça  
Encandeada alfim, vinha caindo.  
Tantos caídos, tantos apanhados,  
Fazem monte. Mais de ametade cai;  
E o Marau foi depô-los na despensa.

A sobeja atenção fita nos p'rigos  
Nos faz neles cair bastantes vezes.



## FÁBULA XLVII

### *O Macaco*

**E**M Paris há um Mono,  
A quem Consorte deram.  
O Mono (arremedando  
Certos Maridos) dava-lhe  
Suas taponas. Ela  
(Dona coitada!) tanto  
Se angustiou, que, em termos,  
Estendeu o molambo. .  
Chora o Filho, em Endechas  
Desentoadas; guincha  
Com supérfluo esganiço.  
O Pai ri, de que a fêmea  
É defunta: e se arranja  
Novo conchego, que ele  
Sempre (como é bem crível)  
Fartará de taponas.  
Já da taverna é espeque,  
E toma a miúdo a gata.  
Dum Povo imitador  
Cousa boa não speres;  
Ou já que seja um Mono,  
Ou seja Autor de Livros.  
Sempre a de Autor é a mais ruim espécie.

## FÁBULA XLVIII

### *O Filósofo Scita*

UM austero Filósofo, e nascido  
Lá na Scítia, assentando  
Viver mais branda vida, vem-se à Grécia,  
E vê num certo sítio  
Um sábio igual, ao Velho de Virgílio:  
Homem que achega aos Deuses,  
Que os iguala, e que também como eles  
Contente e quedo vive;  
Cuja felicidade consistia  
Nas beldades dum horto:  
Lá, c'um podão, na dextra o encontra o Scita,  
Deitando, a longe, o inútil  
Do frutífero tronco; decotando,  
Mondando, corrigindo,  
A Natureza, que excessiva paga  
Com usura os disvelos.

SCITA

«Porque destróis? Mutila Homem sisudo  
Tais pobres habitantes!  
Deixa o podão, de estragos utensílio;  
Deixa-os do Tempo à fouce:  
Que a margem negra irão bordar, não tarde.»

VELHO

«Só lhes corto o supérfluo,  
Porque mais vingue o resto.» À sua triste  
Pousada indo de volta,  
Toma o Scita o podão, talha, e retalha;  
E aconselha aos vizinhos,  
Aos Amigos, cabal, e inteiro corte.  
O seu vergel destronca-o,

A esmo, e sem razão, sem tomar tino  
De estação, nem de tempos,  
Lua nova, nem velha. Tudo langue,  
Tudo perece. O Scita  
Debuxa ao vivo o Stóico indiscreto.  
Este, da alma decota  
O Mau, e o Bom, Paixões, Desejos,  
E inda inocentes votos.  
Gente é contra quem sempre pugno, e clamo;  
Que os corações nos privam  
Do elástico reforço; e antes da morte,  
Nos descartam da vida.

## FÁBULA XLIX

### *O Elefante, e o Macaco de Júpiter*

**P**LEITEANDO outrora a Abáda c'o Elefante  
Os direitos do Império, e o passo, assentam  
Concluir essa crela, [xxxvi] na estacada.  
Adiado o dia, veio algum dizer-lhe,  
Que se avistou no Céu de Jove o Nico,  
C'um Caduceu nas mãos. E diz a História  
Que Egídio se chamava o tal Bugio.  
Deu-se o Elefante a crer, que, à sua grandeza  
Com carácter de Enviado, Egídio vinha.  
Ufano, com tal glória, põe-se à espera  
De Monsenhor Egídio, que de Crença  
As Cartas tarda a vir apresentar-lhe.  
De passagem saúda a sua Excelência  
Egídio Monsenhor, mas de Embaixada  
(Para a qual o Elefante se empavona)  
Nem luz, nem buz. Da que, supunha, aos Numes,  
Atenção aplicada ao seu duelo,  
Nem novas, nem rumor lavra no Olimpo.  
Que importa aos que lá vivem sem cuidados,  
Que um seja Mosca, ou que um seja Elefante.  
Ei-lo forçado a começar a prática.

ELEFANTE

«Meu Primo Jove, e a guapa Corte sua,  
Cedo, co'ele, hão de ver, lá do alto sólio,  
Um formoso, bem pelejado duelo.»  
Com cenho austero lhe pergunta o Nico,  
«Que duelo?»

ELEFANTE

«E tu não sabes que pleiteia  
O passo a Abada, a mim! Que andam em guerra  
Rinócera, e Elefantide Cidades,  
Sítios de fama, e de que tens notícia?»

NICO

«De lhes saber os nomes folgo muito:  
Assuntos são, em que se não boqueja  
Nos artesoados amplos tectos nossos.»  
Vergonhoso o Elefante diz atónito:  
«A que desceste pois?»

NICO

«Duma hástea de erva  
Fazer quinhões a certas formiguinhas.  
Pomos disvelo em tudo. Nada soa  
Do teu caso, no Conclave Divino:  
Iguais vemos os Grandes, e os pequenos.»

## FÁBULA L

### *O Doudo, e o Sábio*

**C**ERTO Doudo, às pedradas  
Avexava a um sisudo;  
Este se volta, e diz-lhe:  
«Fazes mui bem; aceita  
Este escudo. Assaz te cansas;  
Mereces melhor paga.  
Todo o trabalho (dizem)  
Digno é de seu salário.  
Esse Homem, que lá passa  
Vês-lo? tem com que pague.  
Convida-o c'os teus mimos;  
E terás bom retorno.»  
Engodado c'o prémio,  
Atira-se o tal Doudo  
Ao Burguês, que em dinheiro,  
Esta vez, o não paga.  
Lacaiio infindo acode,  
Que me agarra o tal Doudo,  
Que o derreia, e desanca.

Têm os Reis Bobos, que dão azo a rirem,  
À vossa custa, os Amos. E é-vos dado  
(Por lhe estorvar as chufas) maltratá-los!  
Falhais em forças. Açulai... que invistam  
Pessoas, que vingar-vos deles possam.

## FÁBULA LI

### *O Raposo inglês*

UM malvado Raposo, vindo a transes  
De extremo p'riço, e quasi,  
Por Cães de activo faro, vindo às últimas;  
Passa junto a ama forca.  
Lá Teixugos, Raposos, Bufos, raça  
De animais de rapina,  
Com queda para o mal, dependurados  
(Para exemplo dos outros)  
Instruíam peregrinos. Seu Confrade  
Pôs-se em rancho, c'os mortos.  
Creio, que avisto Aníbal, que apertado  
Pelos Romanos, troca  
Ao General as cartas, logra-o, e sabe  
Como um Raposo velho,  
Escapar-lhe das mãos. Vindos ao sítio  
Os Cabos das matilhas,  
Onde o Traidor se pendurou por morto,  
Fendem os Céus, ladrando.  
Bem que a ladros as nuvens aturdissem,  
O Caçador, não dando  
Na linda treta, os Cães dali retira.

#### CAÇADOR

«Salvou-se o meliante  
Nalgum covil. E longe dos pilares,  
Que tem pendente tanta  
Gente honrada, meus Cães não dão latidos.  
O tunante virá.»  
Veio: e por dano seu. Eis os podengos,  
Que grulham; e o Raposo  
Que trepa, e cuida, que entre os enforcados  
Escapará, como antes,  
Quando já lhe engenhou tal falcatrúa.  
Mas esta vez, coitado!  
A ossada lá deixou. Tanto é preciso  
Mudar de stratagem!

Talvez que o Caçador, co'essa venida  
Não atinasse, em lance  
De segurar a vida; não por falta  
De ingenho. Ninguém nega  
Bastante cabedal dele, aos Ingleses.  
Mas esse amor escasso  
Que à vida eles consagram, lhes empece  
Em ocasiões não poucas.

## FÁBULA LII

### O Sol, e as Rãs

DO Rei dos Astros protecção, socorros  
Tinhão do lodo as Filhas;  
Nem guerras, nem pobreza,  
Nem mil outros desastres  
Perto, nem longe à tal Nação chegavam,  
Nação, que em mil lameiros,  
Seus poderes blasona.  
As Rainhas dos Charcos, das Rãs falo,  
(Que custa às cousas dar honroso nome?)  
Contra o seu Benfeitor conluio tramam,  
Fazem-se insuportáveis.  
A Imprudência, co' Orgullo, e o Esquecimento  
Dos benefícios, (Filhos da Aura próspera)  
Impeliram os brados  
Desse bando importuno.  
Ninguém dormia em paz. Se dessem crédito  
Ao que elas murmuravam, já teriam  
Aos Grandes, aos pequenos rebelado,  
C'os seus gritos, contra o Olho do Universo.  
O Sol (ao que diziam)  
*la dar cabo de tudo.*  
Importa armar-se, e presto  
Levantar grosso exército.  
Mal dava um passo o Sol, já despediam  
Grasnantes Embaixadas.  
A crê-las, todo o Mundo,  
E a Máquina redonda  
Rodam sobre interesses  
De quatro pílios Charcos:  
Dura inda hoje essa queixa temerária.  
Calar-se as Rãs, não murmurarem tanto,  
Contudo, lhes cumpria:  
Que lho fará sentir o Sol, se ele se agasta:  
E mui bem poderia arrepender-se  
A aquática República.

## FÁBULA LIII

### *A Liga dos Ratos*

UMA Rata pequena  
Tinha medo dum Gato,  
Que desde longo tempo  
A espreitava à passagem.  
Que faria, em tal transe?  
Como sábia, e prudente,  
C'um Rato de mão cheia,  
Seu Vizinho consulta;  
Rato, que, em bom alvergue  
Tinha alojado a sua  
Ratona senhoria.  
Que se gabava (dizem)  
Que a Gatos, nem a Gatas  
Medo tinha; zombando  
De unhas, e dentadas.  
Ora esse tal Bazófia  
Lhe disse: «Dona Rata,  
Bofé, por mais, que eu cuide  
Só por só nunca posso  
Dar uma surra ao Gato  
Que a traz ameaçada.  
Mas ajuntemos quantos  
Ratos há, nos contornos;  
Co'eles nos será fácil  
Pregar-lhe uma de maço.»  
Com reverência humilde  
O gratifica a Rata;  
E o Rato corre presto  
Ao que Despensa chamam,  
Onde harto Rato junto  
Comendo, à custa do Hóspede  
Faziam boa chira.  
Chega açodado e turvo,  
Arrebeçando os bofes.  
«Que tens? (diz-lhe um dos Ratos)  
Fala.»

RATO

«Em duas palavras  
Direi o porque venho.  
Convém socorro súbito  
Dar à mesquinha Rata;  
Que Murganho, sem conto  
Destroços faz *ubique*.  
Esse Asmodeu dos Gatos,



Se lhe as Ratinhas minguem  
Virá cevar-se em Ratos.»  
Cada um exclama: «É certo:  
Sus, sus, corra-se às armas.»  
Contam, que algumas Ratas  
Lagrimijaram – *Transeat*.  
Um tão nobre projecto  
Nada haja aí, que o estorve.  
Cada um se apresta, e ensaca  
De queijo um bom pedaço:  
Cada um, enfim, promete  
Aventurar-se a tudo.  
Com espírito constante,  
Com coração gaiteiro,  
Como que a festas corram,  
Iam todos. Contudo,  
Mais que eles fino, o Gato,  
Ferrados tinha os dentes  
Na cachola da Rata,  
Já quando, a passos prestes,  
Se avançavam em socorro  
Da sua boa amiga.  
O Gato, sem largá-la,  
Rosna, e marcha ao encontro  
Do exército inimigo.  
A tal estrondo os nossos  
Prudentíssimos Ratos,  
Temendo os ruins Destinos,  
E sem levar mais longe  
O seu pretense arruído,  
Enfiam resolutos  
Ditosa retirada.  
Cada um, na sua toca  
Entra; e se algum se atreve  
A sair, ponha cobro,  
Que o não salteie o Gato.

## FÁBULA LIV

### *O Juiz árbitro, o Hospitaleiro, e o Solitário*

TRÊS Santos, igualmente cobiçosos  
Da sua salvação; que um mesmo espírito  
Regia, e ao mesmo fim os inclinava,  
Diversa estrada todos três corriam.  
Vai toda a estrada a Roma: assim bem creram  
Os nossos concorrentes, que podiam  
Fazer escolha de caminhos vários.  
Movido um, dos disvelos, das longuras,  
Dos travezes, que anexos às demandas,  
São como seu morgado, ofereceu-se  
A julgá-las, sem recompensa alguma.  
De ajuntar cabedais, cá neste Mundo,  
Pouco cioso. Apenas leis houveram,  
Por seus pecados, o Homem condenado  
A metade, se viu, da vida, a pleitos.  
A metade? Os três quartos. Toda inteira!  
Creu o Conciliador, que alcançaria  
Curar doudice tal, cobiça feia.  
Escolheu Hospitais essoutro Santo.  
Louvo-o; e o disvelo de aliviar enfermos  
É caridade, que eu prefiro às outras.  
Os Doentes de então, tais como os de hoje,  
Ao Pobre Hospitaleiro afã granjeavam.  
Tristes, indóceis, sem cessar, queixosos,

#### DOENTES

«Todo é disvelos, para os de seu seio:  
Neles o alívio, em nós o desamparo.»  
Tais queixumes são nada, se os confrontas  
C'os apertos do Aplacador de crelas.  
Ninguém era contente: a nenhum de ambos  
A sentença arbitral jamais convinha:  
Nunca o Juiz librava iguais balanças,  
A gosto deles. Ditos desse lote  
Desprazendo ao tal árbitro, arremessa-se  
Aos Hospitais. Vai ter c'o Hospitaleiro.  
Mas, como ambos só queixas, só murmúrios  
Recolhiam; de aflitos, de forçados  
A deixar tais empregos, vão-se às selvas  
Seus males confiar. Lá, junto às rochas  
Alpestres, junto às águas cristalinas,  
(Sítios, que ignora o Sol, respeita Eolo,)  
Deparam co' outro santo, a quem conselho  
Pedem. «Cabe (Ihes diz o Santo amigo)

Tomá-lo de vós mesmos. Quem conhece  
Melhor que vós, o que vos mais convenha?  
Entrar a conhecer-nos a nós mesmos  
É o primeiro cuidado, que a suprema  
Majestade aos mortais impôs. No mundo  
Que habitastes, pudesteis conhecer-vos?  
Nos sítios só, que a Mansidão habita,  
Vos cumpre achá-lo; além é erro extremo.  
Se turvais a água, ver-vos-eis vós, nela?  
Movei esta: é possível nela ver-nos?  
O lodo, a spessa nuvem que opusemos  
Ao terso do cristal. Irmãos dai tempo  
Que ela remanse, e a imagem vereis vossa.  
Se quereis meditar-vos, vivei no ermo.»  
Assim falou o Solitário. Creram-no,  
E o conselho saudável lhe seguiram.  
Não, que eu tolha a cada um, que empregos busque.  
Convém, que haja Letrados que haja Médicos;  
Quando há Doentes, Mortos, Demandistas.  
Socorros são que (a Deus graças) não faltam  
Bem mo persuado. Há nisso honra e ganância,  
Descuido às vezes há, nesse uso, e urgência.  
Oh Magistrados, Príncipes, Ministros  
Que o sentido apontais só no bem público,  
Sós, a quem mil sinistros acidentes  
Vêm perturbar, vós que os desastres curvam,  
Que a Dita empesta, vós... oh não vos vedes,  
Nem vedes a ninguém. Se um bom instante  
Vos pende a cuidar nisso; um Lisonjeiro  
Vem lá, que ao que cuidáveis quebra o fio.

Co' esta lição pus fim às minhas Obras.  
Se ela útil fosse aos séculos futuros!  
Aos sábios a proponho, aos Reis a of'reço.  
Qual fim pudera eu dar-lhes mais cordato?

## EPÍLOGO

**A**SSIM, às abas de ondas transparentes,  
Vertia a minha Musa, em sons divinos  
Quanto hão dito esses entes sublunares, ,  
Co'a voz, que lhe emprestou a natureza.  
Truchemão de Nações tão variadas,  
Como em cena, eu, nesta Obra, os faço Actores.  
Tudo, no Mundo fala, e nada há nele,  
Que de língua não use; e mais (entre eles)  
Eloquente, que em meus (tais quais) versinhos.  
Se os que escolhi, pouco fiel me encontram;  
Se a minha obra não é cabal modelo;  
Abri-lhe a estrada, ao menos; e outros podem  
Pôr-lhe a última mão. Oh vós, das Musas  
Validos, dai-lhe fim à minha empresa.  
Dai as lições, que (certo) hei omitido,  
E nestas invenções também se envolvem.  
Mas harto em que ocupar-vos, ora tendes;  
Que enquanto a minha Musa doce canta,  
Doma, com mão pujante, Luís a Europa;  
E aos mais nobres projectos põe remate.  
Tais nunca Rei formou. Vós, oh mimosos  
Das nove Irmãs inuptas, eis assuntos  
Vencedores das Eras, e das Parcas.

FIM DO LIVRO QUARTO